

Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Comunicação - FAC
Departamento de Audiovisual e Publicidade - DAP

Relatos de uma Experiência de Comunicação Comunitária:
como a comunicação comunitária influencia na constituição discursiva da identidade
dos e das jovens do Varjão participantes da oficina de rádio

Estudante: Juliana Soares Mendes

Matrícula: 02/86630

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tânia Montoro

Monografia apresentada à Faculdade de
Comunicação da Universidade de Brasília como
exigência para obtenção do título de Bacharel
em Comunicação Social.

Brasília

1º/2006

“Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes”

Metamorfose Ambulante – Raul Seixas

Colaboradores:

Acácio Costa

Edilmar Souza

Elizena Rossy

Fábio Santarém

Fernando Paulino

Flávio Cremonese

Francis Santos

João Costa

Leyberson Lelis

Manuel Carlos Montenegro

Margareth Mota

Maria José de Souza

Martinelli Silva

Michelle Mattos

Natalia Veil

Rosiane Silva

Sabrina Frontina

Tatiana Jebrine

Weiler Lima

Wilson Ximenes

Agradecimentos

Antes de mais nada, agradeço aos que participaram diretamente no processo de tornar esta monografia parte do mundo real. Obrigada a todos e todas que se dispuseram a responder minhas perguntas, em especial Marli Souza e Roselane Silva que nem ao menos me conheciam. Obrigada à Prof^a Tânia pela presteza com que leu minha monografia, por seu carinho e por seus comentários.

Agradeço aos meus avós José e Isméria que estão aqui comigo, se preocupam e se orgulham de sua neta. Também agradeço aos meus avós que já foram Jaime e Inayá, espero que estejam me vendo e protegendo como estrelas no céu.

Agradeço a minha família. Agradeço aos meus pais e minha irmã. Especificamente, agradeço minha mãe por ter me ajudado a transcrever as fitas e me tranquilizado. Agradeço meu pai por ter revisado a monografia, feito sugestões e se interessado pelo trabalho.

Obrigada também às minhas outras duas mães, a Tia Divina e a Alice. Obrigada também ao Rob, meu pai canadense.

Obrigada ao meu namorado por acreditar que eu terminaria esta monografia ainda quando nem eu mesma acreditava.

Obrigada à Escola Cooperativa Gralha Azul por ter ido além mesmo de Paulo Freire e fundamentado toda a minha educação.

Agradeço à Ralacoco que me mostrou parte do caminho que eu tanto procuro e foi um espaço de aprendizagem ímpar. Agradeço também aos projetos e movimentos que seguiram esse meu despertar. Obrigada ao CACOM, à ENECOS, ao SOS Imprensa, ao CINETEMA, ao Interagir e obrigada ao Varjão.

Obrigada aos funcionários da FAC e de toda UnB por manterem a universidade funcionando em detalhes que nem sempre percebemos.

Obrigada aos amigos, aos professores, aos professores amigos e aos amigos professores que me acompanharam enquanto estive na FAC.

.Resumo

A pesquisa investiga as influências da comunicação comunitária na constituição discursiva da identidade dos jovens moradores do Varjão que participaram da oficina de rádio proposta pelos estudantes da UnB na disciplina optativa Comunicação Comunitária. O objetivo do estudo foi identificar as formas de socialização e os conflitos gerados pela oficina.

Combinando a metodologia da pesquisa participante e da etnografia, foram realizadas entrevistas em profundidade com oito estudantes da UnB e dez moradores do Varjão que participaram das atividades da oficina de rádio. Os professores voluntários que ministraram a disciplina Comunicação Comunitária na época de análise da oficina, Prof. Fernando Paulino e Prof^a Elizena Rossy, responderam questionários sobre a oficina e sua relação com a disciplina.

Por meio da investigação, identificou-se que a oficina de rádio produziu capital social a partir da relação entre os estudantes da UnB e os moradores do Varjão. Isto é, a experiência da oficina de rádio estimulou a formação de laços afetivos entre estudantes da UnB e moradores do Varjão, a desconstrução de preconceitos, o relacionamento baseado na horizontalidade, a participação na oficina e em outros espaços, e os sentimentos de pertencimento e liberdade dos estudantes da UnB na comunidade do Varjão.

Palavras-chaves: Pesquisa Participante, Etnografia, Rádio Comunitária, Varjão.

Sumário

1 – Apresentação	1
2 – Referencial Teórico	
2.1. Comunicação e Comunicação de Massa	8
2.2. Comunicação Comunitária	9
2.3. Comunidade	10
2.4. Comunicação para Mobilização Social	11
2.5. Comunicação e Educação	12
2.6. Extensão	13
2.7. Juventude e Protagonismo Juvenil	14
2.8. Identidade Social	15
3 – Metodologia	
3.1. Pesquisa Participante	16
3.2. Etnografia	19
3.3. Entrevista em Profundidade	21
3.4. Análise do Discurso Crítica	22
4 – Análise dos Dados	25
4.1. Perfil dos estudantes da UnB	26
4.2. Perfil dos moradores do Varjão	27
4.3. Divulgação da oficina de rádio	28
4.4. Descrição da oficina de rádio	31
4.5. Aspectos do desenvolvimento metodológico da oficina de rádio	34
4.6. A experiência vivida	38
4.7. Objetivos da oficina de rádio	47
4.8. Planejamento da oficina de rádio	55
4.9. Implementação do planejamento da oficina de rádio	63
4.10. Motivações e frustrações dos moradores do Varjão na oficina de rádio...	67
4.11. Motivações e frustrações dos estudantes da UnB na oficina de rádio.....	70
4.12. Conflitos gerados na oficina de rádio	73
4.13. Extensão ou Comunicação?	78
4.14. Fatores que auxiliam ou dificultam a extensão na universidade	84
4.15. Capital Social	88
5 – Conclusão	93

6 – Referência Bibliográfica	97
7 – Anexos	
7.1. Mapa do Planejamento 2º/2004	103
7.2. Mapa do Planejamento 1º/2005	106
7.3. Mapa do Planejamento 2º/2005	108
7.4. Mapa do Planejamento 1º/2005	109
7.5. Ofício solicitando o espaço da Escola Classe do Varjão	111
7.6. Clipping: Comunicação Comunitária na Mídia	112
7.7. Roteiros de Entrevista	124
7.8. Transcrições das entrevistas realizadas com os estudantes da UnB e os moradores do Varjão	128
7.9. Gravações produzidas nas oficinas de rádio	

1. Apresentação

A inspiração inicial desta pesquisa foi o texto *A alfabetização de adultos na perspectiva da consciência lingüística crítica* de Elenita Rodrigues¹. O texto descreve a experiência de um programa comunitário de alfabetização de adultos no Paranoá. O programa foi resultado de reivindicações dos moradores, sendo uma parceria do Centro de Desenvolvimento e Cultura do Paranoá (Cedep) e a Universidade de Brasília (UnB). Durante as aulas de alfabetização, foi proposto aos estudantes que realizassem a análise crítica do discurso de algumas peças publicitárias. A turma chegou à conclusão de que as peças publicitárias remetiam ao consumo, à padronização do modelo de beleza e ao tratamento da mulher como um bem de consumo. Dessa maneira, a pesquisa relatada pelo texto relacionava o ensino, a pesquisa e a extensão.

A oficina de rádio analisada foi parte integrante da disciplina de extensão Comunicação Comunitária – ministrada então pelo professor Fernando Paulino e pela professora Elizena Rossy, ambos voluntários. A disciplina da Faculdade de Comunicação que atua no Varjão com o apoio da Associação Olhos d'Água de Proteção Ambiental (AOPA)², e também nas quadras 115 e 314 norte. A AOPA no Varjão serviu como abrigo para as atividades da disciplina de Comunicação Comunitária, tendo se tornado parceira que ofereceu local e energia elétrica todos os sábados de manhã para as atividades da disciplina Comunicação Comunitária. A parceria com a AOPA iniciou-se porque, na época da criação da disciplina Comunicação Comunitária, a AOPA era a organização responsável por estimular o Fórum de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável³ (DLIS) do Varjão e estava realizando articulações com lideranças da comunidade.

¹ RODRIGUES, Elenita. *A alfabetização de adultos na perspectiva da consciência lingüística crítica*. In: MAGALHÃES, I e LEAL, Maria Christina D. (orgs) *Discurso, gênero e educação*. Brasília: Plano Editora: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003, pp.65-98

² A AOPA foi criada no dia 8 de março de 1995 com uma assembléia de 33 pessoas em uma chácara à margem do rio Urubu. Seu objetivo era promover a proteção do meio ambiente e, mais especificamente, da cachoeira do Urubu. A organização realizou atividades de educação ambiental, mutirões de limpeza, e publicou artigos de denúncia e conscientização. Em 1999, a AOPA percebeu que as ações de educação ambiental deviam envolver também os moradores do Varjão, cidade próxima à microbacia do Urubu. Promoveu, assim, cursos e oficinas de informática, atividades comunitárias e educação ambiental.

³ O Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável (DLIS) é uma estratégia para promoção de desenvolvimento humano, social e sustentável por meio de um processo descentralizado de parcerias entre organizações da sociedade civil e por vezes de órgãos do governo. O termo surgiu a partir de um processo de rodas de interlocução conduzido pelo Conselho da Comunidade Solidária entre 1996 e 2002. Desse diálogo, surgiu o programa Comunidade Ativa (estratégia governamental para promover o DLIS) e o Fórum DLIS (cujo intuito era articular lideranças interessadas em promover esse desenvolvimento e

A disciplina surgiu no primeiro semestre de 2002 como instrumento para institucionalizar as atividades da Ralacoco (Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária)⁴. Foi inspirada na matéria de mesmo nome oferecida na Universidade Federal de Goiás (UFG) e ministrada pelo professor Nilton José dos Reis. Na Universidade de Brasília (UnB), a disciplina foi dividida em dois momentos. Primeiro os estudantes tiveram acesso a um referencial teórico sobre comunicação e mobilização social, depois realizam as atividades de campo⁵.

O recorte da oficina de rádio feito por essa pesquisa tem início no segundo semestre de 2004. Nesse período a AOPA se tornou um Ponto de Cultura⁶ e posteriormente se inseriu no Programa Cultura Viva⁷, uma parceira entre os Pontos de Cultura e o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE). Como Ponto de Cultura, a AOPA incluiu as oficinas da disciplina Comunicação Comunitária em seu planejamento, divulgando a disponibilidade de bolsas de auxílio financeiro para os jovens moradores do Varjão que participassem das oficinas da disciplina da Faculdade de Comunicação.

A oficina de rádio foi planejada para utilizar as mídias como meios para discussão de um tema específico. No caso, foi escolhida a ecologia. No entanto o conceito de ecologia era abrangente. Foi relacionado às questões sócio-ambientais, de forma a incluir os seres humanos de centros urbanos na discussão. O final da oficina foi interrompido com a necessidade exposta pelos participantes, moradores do Varjão, de

sensibilizar empresas privadas, terceiro setor e o governo para multiplicar as experiências de DLIS). Mais informações disponíveis em: <http://www.dlis.org.br>

⁴ A Ralacoco surgiu em 2001 após uma greve dos professores da UnB. Durante o período de manifestação, os professores utilizavam uma rádio comunitária para reivindicar seus direitos. Após a greve, primeiro, os estudantes se apropriaram dos equipamentos, e depois conseguiram um empréstimo com a ABRAÇO (Associação Brasileira de Rádios Comunitárias). Deu-se então origem à Ralacoco, uma rádio aberta para a participação de todos e todas, que se insere no movimento de democratização da comunicação e realiza atividades de comunicação comunitária.

⁵ Informações contidas em: Cartilha d@ Raladeir@. Brasília: Casa das Musas, 2003. Também disponível na internet no endereço: ralacoco.radiolivre.org

⁶ O Ponto de Cultura é uma rede horizontal de organizações. Essa rede foi formada pelo Ministério da Cultura para disseminar iniciativas criadoras na área de promoção da cultura.

⁷ O programa Cultura Viva tem por objetivo estimular o interesse de jovens em se profissionalizar futuramente em áreas relacionadas à produção cultural. Além da capacitação específica em profissões voltadas para a cultura, são oferecidas aos jovens cursos de educação popular, empreendedorismo cultural e microcrédito. Os jovens que participam do programa recebem uma bolsa de auxílio financeiro no valor de 150 reais por mês. O programa é uma parceria entre os Pontos de Cultura e o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego, cujo objetivo é diminuir a pobreza e a exclusão social gerando oportunidades de primeiro emprego para jovens por meio da parceria entre governo, sociedade civil e o setor privado. Mais informações disponíveis em: http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/cultura_viva e <http://www.trabalho.gov.br/FuturoTrabalhador/primeiroemprego>

ações para arrecadar fundos para a criação de uma rádio comunitária. Foram realizados dois bazares com esse fim.

A oficina continuou no semestre seguinte (1º/2005), contudo os participantes foram outros pois os do semestre anterior estavam ocupados com aulas de informática no mesmo horário. A oficina se reiniciou, focando mais a parte técnica da Comunicação, como pedido pelos participantes, o que levou ao abandono da discussão de um tema específico, como a ecologia. Com o prosseguimento da oficina, surgiu a oportunidade (após conversa com os pastores) de realizar um programa comunitário na rádio evangélica Shekná FM. O programa recebeu algumas ligações e os jovens moradores do Varjão demonstraram interesses específicos (como locução ou operação da mesa de som). Porém, devido aos valores da rádio evangélica, a escolha musical do *rap* não foi bem aceita pelos responsáveis da Shekná FM. Após a criação de *links*⁸ e o aumento do alcance da Shekná FM, o programa comunitário não foi mais bem-vindo e foi encerrado na rádio evangélica.

Já no segundo semestre de 2005, houve muitas mudanças estruturais e o público da oficina se modificou novamente. A AOPA se inseriu no Programa Cultura Viva, parceria entre os Pontos de Cultura e o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego. Dessa forma, novamente a AOPA divulgou que os participantes receberiam bolsas para participar das oficinas oferecidas aos sábados pela UnB. Como alternativa à Shekná FM, foi montada a rádio *web* com os recursos arrecadados nos bazares.

Após esse período, a oficina de rádio passou por uma grande desmobilização decorrente da falta de pagamento das bolsas do Programa Cultura Viva⁹. Fato que

⁸ Para realizar sua transmissão, as rádios possuem um centro de produção que coordena atividades como programação, entrevistas, debates, gravações, seleção musical, entre outras. Essa programação é gerada na forma de um sinal elétrico que é transformado em campo eletromagnético pelo transmissor e, então, disseminado pela antena. Contudo, essa transmissão possui recepção limitada pelo alcance do transmissor e pelas barreiras geográficas. Para aumentar o alcance de transmissão, rádios utilizam o que é chamado de link. Isto é, o centro de produção transmite o sinal para um repetidor (ou uma rede de repetidores) que redistribui, sem a necessidade de cabos, a programação do centro para outra região que anteriormente não recebia o sinal da rádio. Informação disponível em: www.elenos.com/servizi/ing_funziona_radio.php

⁹ “MTE justifica que atraso no repasse de bolsas a Pontos de Cultura é por falta de dados cadastrais

Bianca Paiva

Da Agência Brasil

Brasília – Movimentos e associações sócio culturais que trabalham em Pontos de Cultura têm reivindicado o repasse de bolsas (R\$ 150) para o programa Agente Cultura Viva. O atraso é de três meses. Segundo o secretário de Políticas Públicas de Emprego do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Remígio Todeschini, o atraso se deve à falta de dados no cadastro dos bolsistas, que é organizado pelo Ministério da Cultura (MinC) e repassado ao Banco do Brasil (responsável pelo pagamento).

O MinC é responsável pela qualificação profissional dos jovens para atividades culturais, por meio de atividades organizadas pelas comunidades nos Pontos de Cultura, e o recurso para as bolsas – para mais de 10 mil jovens – vem do MTE. O Agente Cultura Viva está ligado ainda ao programa Primeiro Emprego.”

causou frustrações e também a quebra da confiança dos moradores do Varjão participantes das oficinas da disciplina Comunicação Comunitária. Nesse período, houve ainda um assalto à AOPA, troca de sua coordenação no Varjão e mudança do local da organização.

Para o primeiro semestre de 2006, foi realizado o planejamento das atividades em conjunto com as participantes Sabrina Frontina e Rosiane da Silva. Porém, como as tentativas de retomar a oficina de rádio não funcionaram devido à desmobilização, decidiu-se mudar a estratégia da oficina e da disciplina Comunicação Comunitária. Nesse semestre, foram realizadas pesquisas para recolher dados para a oficina, tornando seus objetivos mais claros e envolvendo os jovens e lideranças comunitárias do Varjão. A produção da oficina de rádio deverá ser veiculada em rádio-poste, pela Ralacoco (Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária na UnB) e pela Radiola (rádio livre no Centro Universitário UniCEUB).

A motivação inicial que justificou a presente pesquisa foi relacionar uma das atividades de extensão da Faculdade de Comunicação da UnB – a oficina de rádio no Varjão – com a produção da pesquisa acadêmica para conclusão de curso. A proposta foi utilizar a metodologia científica respeitando os envolvidos como sujeitos (em vez de meros objetos) como defendido por Paulo Freire:

“Na perspectiva libertadora em que me situo, pelo contrário, a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta” (FREIRE, 1999, pp.35)

O objetivo da ação científica, nesses casos, foi revelar a realidade dos atores envolvidos. A produção científica se torna dinâmica em contato com a vida e a realidade social, ao contrário de estar isolada dentro da universidade e estéril para as transformações sociais. Assim, os resultados da pesquisa se apresentam como uma referência para o planejamento permanente das próximas oficinas de rádio. Esse fato possibilita, para o futuro da oficina, o planejamento baseado na reflexão constante acerca da ação empregada.

Portanto, esta pesquisa almejou relacionar o ensino, a pesquisa e a extensão, gerando com diversos atores sociais conhecimento útil para a ação comunitária.

Conhecimento esse que deve ser construído e difundido como um bem comunitário por meio da aprendizagem que surgiu da oficina de rádio tanto para os moradores do Varjão quanto para os estudantes da UnB, segundo os preceitos de Carlos Rodrigues Brandão:

“a educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar *comum*, como saber, como idéia, como crença, aquilo que é *comunitário* como bem, como trabalho ou como vida”
(BRANDÃO, 2005, pp:10)

Portanto, a importância da pesquisa foi gerar conhecimento que possa embasar a prática da disciplina e das futuras oficinas realizadas no Varjão e em outras comunidades. Além de ser um meio para que os atores envolvidos na oficina de rádio (moradores do Varjão e estudantes da UnB) possam construir, pelo conjunto do seu discurso, uma avaliação da atividade de extensão

A importância de se aliar ensino, pesquisa e extensão é que a vivência desses elementos como complementares acrescenta ao caráter público da universidade, pois o conhecimento gerado nessas três esferas se perpassa de forma transversal e serve à sociedade. Portanto, o ensino, a pesquisa e a extensão serão comprometidos com a sociedade e a transformação social. É importante ainda que a pesquisa se relacione com a extensão de modo que o fazer seja refletido durante seu processo e a prática possa ser modificada e aprimorada para atingir seus objetivos de mobilização social.

A pesquisa também se justifica por ser decorrente de uma das atividades formais de extensão existentes na Faculdade de Comunicação da UnB. Além da disciplina Comunicação Comunitária, a outra atividade formal de extensão é o SOS Imprensa, que mantém em seu projeto uma íntima relação com a disciplina, enfatizando a educação pela e para a mídia.

Ainda, a pesquisa serviu como registro de três semestre de atividades desenvolvidas na oficina de rádio no Varjão (que foi iniciada em novembro de 2004). Essa descrição poderá servir para outras atividades da disciplina Comunicação Comunitária e da Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária (Ralacoco). Além da possibilidade de que outros atores sociais utilizem o registro dessas práticas para atividades de extensão ou trabalhos comunitários em outras comunidades.

O registro durante a avaliação da oficina de rádio foi fundamental, pois muito pouco foi relatado da oficina. Foram resgatadas 11 gravações realizadas na oficina, várias fotos de câmara fotográfica e celular, além dos mapas de planejamento da

oficina. Como não houve certificação ou programação detalhada entregue aos participantes da oficina, seria difícil reconstituir a memória da oficina, os temas, os conteúdos e as técnicas abordadas se não fosse pelo trabalho de entrevistar os moradores do Varjão, os estudantes da UnB e os professores da disciplina. Afinal, o planejamento nem sempre é cumprido exatamente como foi pensado, portanto muitos elementos foram modificados ao longo das oficinas. Ainda, apesar de um registro considerável das atividades da disciplina Comunicação Comunitária (1 matéria de jornal impresso e 5 na internet), nada foi noticiado sobre a oficina de rádio especificamente.

Entre os objetivos fundamentais que suportam esta pesquisa podemos elencar:

Objetivo Geral:

- Identificar as formas de socialização e os conflitos gerados na prática de Comunicação Comunitária através do rádio.

Objetivos Específicos:

- Descrever as formas de inserção dos jovens do Varjão na oficina de rádio;
- Mostrar como se deu o processo de desenvolvimento da experiência grupal de Comunicação Comunitária;
- Demarcar os fatores positivos e negativos da experiência.

Esta monografia tentará ao longo da investigação responder às seguintes questões que se impõe como problema de conhecimento:

- Como a comunicação comunitária influencia na constituição discursiva da identidade dos e das jovens do Varjão participantes da oficina de rádio?
- Como se desenvolveu a oficina de rádio dentro da disciplina Comunicação Comunitária e em relação aos participantes do Varjão?
- Quais foram os fatores positivos e negativos gerados pela experiência?
- Como a oficina de rádio criou novas formas de mediação, conflitos e expectativas nos participantes da oficina e na perspectiva da interação grupal?

Os conceitos de comunicação comunitária, comunidade e extensão são explorados inicialmente no Capítulo 2 com o intuito de desenvolver um embasamento

teórico para responder às perguntas listadas acima acerca da oficina de rádio, uma atividade de extensão da disciplina Comunicação Comunitária. No transcorrer do referencial teórico-metodológico, também são definidos os conceitos de juventude e protagonismo juvenil, além do conceito de identidade social. Ainda se procura perceber a relação entre a comunicação e a mobilização social, e a comunicação e a educação. No Capítulo 3, a pesquisadora indica os principais autores e suas propostas para as metodologias utilizadas na presente pesquisa: pesquisa participante, etnografia, entrevista em profundidade e análise crítica do discurso.

No Capítulo 4, há a análise dos dados obtidos durante a pesquisa. Portanto, durante o Capítulo 4, se estabelece o perfil dos estudantes da UnB e dos moradores do Varjão participantes da oficina de rádio. Depois, se constrói a descrição da oficina, registrando como foi sua divulgação, metodologia de ensino e a experiência vivida pelos estudantes da UnB e moradores do Varjão na oficina de rádio. Ainda, se demarcam os objetivos da oficina de rádio e se explicita a forma como as oficinas de rádio foram planejadas e os planejamentos implementados. A pesquisa registra as motivações, frustrações e conflitos gerados durante a oficina. Além de realizar uma análise acerca do caráter de extensão da oficina de rádio e listar os fatores que auxiliam ou dificultam o desenvolvimento de atividades de extensão na UnB. Por fim, o conceito de capital social é definido para demarcar uma das influências produzidas pela oficina de rádio nos participantes do Varjão e nos estudantes da UnB.

2. Referencial Teórico

2.1. Comunicação e Comunicação de Massa

De acordo com Luiz Martins Silva (1997, pp. 28-31), a comunicação genuína é aquela que abrange argumentação, opinião e esclarecimento. Ressalta que o esclarecimento “é o uso da razão não tutelado por outrem” (SILVA, 1997, pp.30). A comunicação não é coerção, manipulação ou sedução. Também não é simples informação, pois se configura como troca, é diálogo:

“A comunicação [...] implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. [...] Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar *se comunicam* seu conteúdo” (FREIRE, 1977, pp.67)

Entretanto, como observa Silva, nem sempre há condições ideais para a comunicação. Por exemplo, no Brasil, 80% do conteúdo veiculado nos meios de comunicação de massa é controlado por sete grupos – Marinho, Civita, Abravanel, Frias, Igreja Universal, Saad e Mesquita. Ainda, a comunicação está inserida de tal modo no mercado que no ano de 1999, a TV aberta teve faturamento bruto de 4,4 bilhões de reais (CHRISTOFOLETTI, 2003). Wilbur Schram (1976, pp.242) concorda que haja um desenvolvimento unilateral da comunicação: “a tecnologia da comunicação de massa foi desenvolvida, primordialmente, para assistir ao *emissor*, e aos problemas do *receptor* só foi prestada atenção secundária”. Porém, Schramm também reconhece que a comunicação de massa não é uma força irresistível. Os receptores não são simplesmente acríticos e passivos diante dos meios de comunicação de massa, mas negam e modificam a mensagem a partir de seu contexto sociocultural. A mensagem, para ser aceita, depende dos grupos sociais e das relações interpessoais do receptor.

Mauro Wolf (2005, pp.101-105) destaca os meios de comunicação de massa como construções coletivas e também *locus* de significados e valores, bem como de práticas sociais. Wolf explica que há, nos meios de comunicação de massa, a negociação entre modelos aprovados e práticas sociais diferenciadas. Isto é, ao mesmo tempo em que os meios de comunicação trabalham para o controle social e a continuidade das estruturas sociais estabelecidas, os meios sofrem pressões e disputas de grupos da sociedade que visam transformações sociais. Portanto, a contradição está

presente no conteúdo midiático, que é dinâmico por comportar essa negociação entre modelos aceitos de práticas sociais que mantêm o *status quo* e também novos modelos alternativos de práticas sociais. Portanto, os receptores não se encontram passivos diante dos meios de comunicação de massa. Podem tanto modificar ou negar a mensagem, quanto aceitá-la. Além disso, os sujeitos se inserem na negociação para que modelos alternativos de práticas sociais estejam presentes na mídia, gerando transformações sociais. Os atores sociais também possuem a possibilidade de produção do conteúdo midiático a partir da utilização de meios de comunicação comunitários.

2.2. Comunicação Comunitária

Marcos Palácios (1997, pp.32-41) define a comunicação comunitária em função das sete teses equivocadas que geralmente são expostas sobre a comunicação comunitária. O autor afirma que a comunicação comunitária não necessita se opor aos meios de comunicação de massa. As mensagens alternativas não devem ser restritas aos meios alternativos e pequenos. Isso ocorre por causa da concentração dos meios de comunicação de massa nas mãos de poucos e do custo de produção e veiculação nos meios tradicionais. A comunicação comunitária pode ser feita por profissionais especializados em determinada área da produção, fato que não exclui de forma alguma a participação dos membros da comunidade.

Cicilia Peruzzo (2001, pp.111-127) também discorre sobre a comunicação comunitária, porém relaciona essa prática à educação informal. A autora reforça que a relação entre a *práxis* cotidiana e o interesse grupal pode levar os participantes envolvidos a gerar educação informal, que fortalece as culturas populares e a cidadania. A comunicação comunitária gera conhecimento por seu processo e conteúdo. O processo é o aprendizado de organização popular, bem como o conteúdo que divulga informações e manifestações culturais. Portanto, a comunicação comunitária produz conhecimento por sua prática, como também produz aprendizado de novas formas de se relacionar com a sociedade e com os meios de comunicação de massa.

Dioclécio Luz (2004, pp.16) lista alguns objetivos da rádio comunitária que também estão presentes na Lei 9.612/98 de Radiodifusão Comunitária. Dentre esses objetivos estão: oportunizar a difusão de idéias e de elementos socioculturais da comunidade; oferecer mecanismos que estimulem a integração e o convívio social; prestar serviços de utilidade pública; viabilizar o direito de expressão.

A comunicação comunitária se refere ao uso de meios de comunicação pelas comunidades. Comunidades que, por meio da comunicação comunitária, aprendem a se organizar, divulgam suas manifestações culturais e integram seus indivíduos.

2.3. Comunidade

Zigmunt Bauman (2003, pp.7-11) relaciona o conceito de comunidade ao paraíso perdido ou esperado. Isto é, a comunidade é a promessa de prazeres que se quer sentir. Assim, é representada como um local positivo, confortável e aconchegante. Na comunidade, os indivíduos não são estranhos, mas solidários. Todos buscam formas de melhorar a vida em comum, mesmo que possam surgir discussões sobre a melhor forma de se alcançar tal feito. Bauman alerta para a relação de segurança e liberdade dentro da comunidade. Afinal, a comunidade exige lealdade incondicional para os serviços prestados, o que pode significar uma diminuição de liberdade e autonomia.

Palácios (1997, pp.32-41) também conceitua comunidade a partir da contraposição às sete teses equivocadas que normalmente se oferece sobre comunicação comunitária. Palácios explica que o conceito de comunidade foi redescoberto com a consolidação do capitalismo industrial. Apesar de muitos postularem o fim da comunidade com a consolidação desse sistema, Palácios explicita que o conceito de comunidade, nesse momento histórico, se constrói relacionado com a livre vontade, com a racionalidade e com o contrato entre indivíduo e Estado.

O autor ainda desmistifica a idéia de que a comunidade é uma forma de resistência ao capitalismo. Afinal, o conceito de comunidade como a incorporação de indivíduos livres e racionais que se submetem ao contrato com o Estado surgiu da consolidação do sistema capitalista. Palácios argumenta ainda que a recriação do conceito de comunidade pelo capitalismo ocorre como uma maneira de resgatar a antiga ordem feudal, abolida pelas revoluções burguesas. Portanto, a comunidade não é estritamente sinônimo de resistência contra formas de opressão do capitalismo. Segundo Palácios:

“O que é claro é que os conceitos de comunidade e seus desdobramentos podem embasar idéias e projetos políticos voltados tanto para a transformação e o avanço social [...], quanto para o imobilismo e até mesmo a restauração, em seu sentido pleno.” (PALÁCIOS, 1997, pp.35)

Palácios ressalta também que a comunidade não necessita ser uma unidade social pequena, destacada pela proximidade entre os indivíduos. Esse conceito restringe a comunidade a vizinhanças, vilas e bairros. Porém, atualmente, existem comunidades globais que não podem ser vistas em um mapa. Dessa forma, a comunidade pode ser caracterizada por situações de vida, objetivos, problemas e interesses em comum a pessoas de vários pontos do mundo.

Augusto de Franco (2001, pp.59) complementa esse conceito ao definir comunidade como espaço social onde há valores compartilhados, sentidos de identidade e pertencimento, e atividades culturais, políticas e econômicas comuns. Além de ser local de existência do desenvolvimento de atividades voltadas para propósitos coletivos e da possibilidade, em algum grau, de autogoverno da comunidade. Portanto, o conceito de comunidade se relaciona também com a participação e a mobilização social de seus indivíduos.

2.4. Comunicação para Mobilização Social

Sobre a Comunicação voltada para a mobilização social, Tânia Montoro (1997, pp.25-27) ressalta o seu papel de gerar um imaginário que convoque à transformação. A Comunicação cria um imaginário apoiado no real com o intuito de transfigurá-lo. Isto é, o imaginário gera uma ação no sentido da construção de um novo mundo. Ao gerar um imaginário, “Dirige-se a comunicação para a mobilização social não mais para a manipulação e difusão de idéias e comportamentos, mas compartilhamento de interpretação de sentidos” (MONTORO, 1997, pp.25).

Bernardo Toro (1997, pp.26-40) também define a Comunicação para mobilização social por meio do imaginário. Segundo o autor, esse imaginário é a paixão em representações que podem tornar os objetivos compreensíveis para a sociedade. Assim, o imaginário revela o objetivo comum da mobilização social. De acordo com Toro, “Mobilizar é convocar voluntários a um propósito, com interpretações e sentidos compartilhados” (1997, pp.26). É, portanto, um ato de liberdade, em que os indivíduos são convocados segundo sua vontade de participação. Toro ressalta que a própria mobilização social pode ser compreendida como comunicação, pois é o compartilhar de sentidos.

Toro discorre também sobre a relação entre a mobilização social e os meios de Comunicação de massa. Esses meios podem servir para legitimar a mobilização, gerar a

coletivização e criar uma iconografia para os excluídos. Porém, Toro não se limita à Comunicação de massa, destacando ainda o papel do produtor social – algum coletivo com legitimidade para propor a mobilização – e o re-editor social – que recebe a mensagem e a interpreta ao mesmo tempo em que a divulga para outras pessoas. Assim, o re-editor social realiza uma leitura da mensagem de modo a inserir especificidades de sua realidade no conteúdo da mensagem. Ou seja, a reedição social é um processo educativo porque gera conhecimento a medida em que o re-editor interpreta e dissemina a mensagem.

2.5. Comunicação e Educação

O início da reflexão acerca da interface entre comunicação e educação remonta às décadas de 30 e 40, quando os meios de comunicação eram vistos como uma grande ameaça que afastava os jovens dos estudos e propunha conteúdos inadequados para sua faixa etária. Contudo, atualmente – percebendo o papel de outras instâncias influenciadoras do desenvolvimento social e cognitivo do jovem – destaca-se a importância da leitura crítica dos meios de comunicação. Afinal, a mídia cria consensos e legitima o poder estabelecido. Dessa forma, surgem experiências de produção e leitura crítica dos meios de comunicação tanto na escola quanto em outros espaços pedagógicos. Surge ainda a necessidade de profissionais que trabalhem com essa interface entre comunicação e educação, os “educadores” (CITELLI, 2000, pp.135-156).

Em experiências de movimentos sociais, a comunicação se configura em atividade educadora ao permitir a participação direta e a posição de sujeitos para quem antes se acostumara a ser simples receptor. O indivíduo, então, educa a si mesmo, pois está inserido em uma trama de interação comunicacional, aprendendo a desenvolver sua competência comunicativa. Produzindo comunicação, o indivíduo agrega novos elementos a sua visão de mundo, como o entendimento das relações sociais e das estruturas de poder. A produção também revela o processo de bastidores dos meios de comunicação de massa. O indivíduo percebe a edição, a influência do mercado, os conflitos de interesse, entre outros. Desenvolve, assim, por meio da atividade educadora, a leitura crítica dos meios de comunicação de massa (PERUZZO, 2001).

2.6. Extensão

Segundo Paulo Freire (1977), o termo extensão não pode ser aplicado à prática que objetiva a educação libertadora. Extensão significa estender um conhecimento técnico às pessoas da comunidade, ignorando seu contexto e visão de mundo e assumido que essas pessoas são ignorantes absolutas. Nesta lógica, a extensão parte de um sujeito ativo que seleciona o conteúdo para ser entregue messianicamente para alguém considerado inferior em relação ao conhecimento. Além de gerar uma verticalidade de relações, a extensão entendida dessa maneira é invasão cultural ao sobrepor o conhecimento acadêmico ao comunitário sem nem ao menos tentar adequá-lo ou problematizá-lo.

A extensão considerada sob esse ponto de vista não é efetiva, pois não permite o diálogo que gera conhecimento. Pelo contrário, o ato de estender a técnica não é crítico ou reflexivo. Afinal, o conhecimento exige a ação reflexiva e transformadora da realidade, como defende Paulo Freire:

“O conhecimento [...] exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer [...]” (FREIRE, 1977, pp.27)

Portanto, Freire (1977, pp.65-73) propõe que a atividade de extensão não seja feita de comunicados. Mas, de diálogo entre educador e educando, que seja comunicação. Para se configurar em comunicação, o processo de construir conhecimento deve partir de um acordo entre educador e educando. Ainda, para que não seja a extensão de comunicados, deve-se aproximar o sistema simbólico lingüístico do educador à percepção do educando. Ou seja, há que se problematizar o conhecimento para que seja crítico e próximo da realidade do educando.

Os educadores e educandos envolvidos na atividade de extensão da oficina de rádio analisada nesta pesquisa são em sua maioria jovens. Portanto, possuem especificidades dessa faixa etária que refletem na maneira como se dá sua participação na oficina de rádio.

2.7. Juventude e Protagonismo Juvenil

A juventude brasileira, faixa etária entre 15 e 24 anos, corresponde a 34 milhões de pessoas. Isto é, 20% da população brasileira (Projeto Juventude, 2004, pp.9). Helena Abramo (2005, pp.20-35) descreve quatro paradigmas diferentes para se entender os conceitos de juventude.

Primeiro, a juventude entendida como período preparatório, portanto como uma fase de transição da criança para o adulto. A educação assume caráter fundamental como um direito universal. Mas, não se pensa na adequação da educação para a diversidade dos jovens, pois a juventude é vista como homogênea. O segundo paradigma descreve a juventude como uma etapa problemática. Por essa concepção, são visados problemas que ameacem a ordem social e o déficit de desenvolvimento dos jovens. O terceiro paradigma descreve o jovem como ator estratégico do desenvolvimento. Se antes o jovem era o problema, agora é a solução. Afinal, a juventude é uma parcela grande da sociedade e o jovem tem potencialidade para responder às transformações produtivas decorrentes das inovações tecnológicas. Porém, esse paradigma coloca uma grande carga no jovem sozinho, ignorando suas necessidades e sua real possibilidade de intervir no sistema de desenvolvimento já proposto. O quarto paradigma é da juventude cidadã como sujeito das políticas. O jovem é visto como sujeito de direitos em uma etapa singular de desenvolvimento, não é mais considerado por seus desvios e faltas.

O conceito de protagonismo juvenil se relaciona com os dois últimos paradigmas, considerando o jovem como parte da solução das questões sociais. Assim, o jovem é sujeito e tem potencialidades para atuar na sociedade. Mas, esse fato não exclui o diálogo intergeracional.

“Protagonismo Juvenil é a atuação consciente e criativa do jovem na busca de soluções para desafios dos ambientes em que vive e convive. A pessoa protagonista busca liberdade para escolher a área de interesse e a forma de ação e de intervenção, tem iniciativa para a realização de suas escolhas e estabelece compromisso com os resultados e com a avaliação dos impactos gerados ou obtidos.” (Grupo Interagir)

Quanto à ação protagonista, é importante destacar que 85% dos jovens entrevistados pelo Projeto Juventude vêem a política como importante e 65% reconhecem que ela influi de forma direta em suas vidas (Projeto Juventude, 2004,

pp.15). Segundo a pesquisa Juventude Brasileira e Democracia, 28,1% dos jovens entrevistados participam em grupos sociais. Desses, 42,5% são de cunho religioso, 32,5% esportivo, 32,5% artístico (Juventude Brasileira e Democracia, 2005, pp.40-41). É a partir dessas formas de associativismo que o jovem realiza sua participação na sociedade e constitui sua identidade social.

2.8. Identidade Social

Izabel Magalhães (2003, pp.36-37) ressalta a dinamicidade na constituição da identidade, que resulta de processos discursivos. Afirmar que as identidades não são fixas e, portanto, se faz necessário analisar tanto as práticas sociais das quais resultaram, como também as possibilidades de transformação social que trazem em si. Os meios de comunicação e a globalização são fatores centrais na formação das identidades da modernidade tardia.

Stuart Hall (2003) aprofunda a compreensão do conceito de identidade ao descrever suas transformações ao longo da história. Portanto, explicita três concepções de identidade: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

O sujeito iluminista é centrado e unificado. Seu centro é caracterizado por um núcleo interior que remontaria ao seu nascimento. O sujeito sociológico é uma estrutura social que se relaciona com a cultura. É resultado da interatividade, da relação com o outro. O sujeito pós-moderno é contraditório na medida em que é formado por vários “eus”. Como é resultado das mudanças das estruturas e instituições sociais, o sujeito pós-moderno é considerado por alguns teóricos como fragmentado. Dessa forma, o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, mas em constante mudança.

3. Metodologia

3.1. Pesquisa Participante

O surgimento da pesquisa participante desconstrói e questiona a ciência tradicional, positivista. A pesquisa participante assume um compromisso popular por parte do intelectual. Seu objetivo é servir de reforço ao poder do povo, afinal, “mais do que nunca uma pesquisa ação visa à emergência de capacidades ao mesmo tempo de solidariedade e de responsabilidade” (BARBIER, 2004, pp.125). Dessa forma, o pesquisador participante se posiciona sob perspectiva humilde, pois reconhece que a ciência tradicional não é neutra, pois é produzida por seres humanos e carrega toda a sua carga ideológica. Ao se declarar neutra, a ciência tradicional não se pergunta para quem serve e por vezes a produção do conhecimento científico trabalha para a manutenção do *status quo*:

“Para o quê serve o conhecimento social que a minha ciência acumula com a participação do meu trabalho? Para quem, afinal? Para que usos e em nome de quem, de que poderes sobre mim e sobre aqueles a respeito *de quem, o que* eu conheço, diz alguma coisa?” (BRANDÃO, 1999, pp.10)

A ciência tradicional é criticada em face às novas perspectivas da ciência – como a pesquisa participante – por se apresentar muitas vezes como acabada. Isto é, a ciência é considerada a verdade totalizante e definitiva, renegando a dinâmica que existe na realidade. Outro fator reducionista da ciência tradicional, focada na temática social, é se fundamentar em causalidades tais quais as ciências naturais. Afinal, os movimentos sociais e os seres humanos são muito complexos para que a um estímulo específico corresponda uma única resposta. Também a compartimentalização é criticada, quando o objeto é dividido em partes de forma analítica para a compreensão do todo. Assim, a ciência oferece uma visão unidimensional e simplificada da realidade. Principalmente nas ciências sociais, para se compreender a realidade, é necessário considerar o contexto, por vezes esquecido pela ciência tradicional. Ainda, geralmente, a ciência tradicional decide unilateralmente os destinos da pesquisa e trata as populações pesquisadas como objetos. Na maior parte das vezes, essas populações são vistas como o problema a ser resolvido, em vez de sua situação ser o problema central a que se refere a pesquisa.

É importante destacar também a própria estrutura de poder que existe em torno da ciência tradicional. Isto é, a ciência se encontra circunscrita aos intelectuais e acadêmicos, à classe social hegemônica. Assim, dicotomizando o trabalho mental do trabalho físico, a ciência serve como forma de exclusão e dominação das camadas populares: “Classes sociais que com o tempo chegaram a ser ‘privilegiadas’ e separavam a *direção do trabalho* do próprio *exercício do trabalho*, separando com isso as forças produtivas mentais das físicas.” (BORDA, 2005, pp.48)

Já a pesquisa participante procura um caráter dialógico entre sujeito e objeto, de modo que as populações pesquisadas participem e sejam sujeitos dessa pesquisa em alguma etapa da investigação. Quanto a essa participação na pesquisa, ela pode se dar de várias formas:

“Há que se considerar a participação da pesquisa no projeto popular; a participação dos setores populares no processo de construção do saber, e a participação do pesquisador no projeto popular, numa ação conjunta com essas populações.” (SILVA e SILVA, 1986, pp. 161)

Como diálogo, a pesquisa participante se aproxima da educação libertária e da comunicação popular. Dessa forma, a pesquisa envolve a camada popular e a acadêmica em torno de uma problemática e se torna um processo educativo à medida que desmascara os mecanismos de dominação e revela novas facetas da realidade, produzindo conhecimento.

São muitos os nomes dados à pesquisa participante: “observação participante”, “investigação alternativa”, “investigação participativa”, “auto-senso”, “pesquisa popular”, “pesquisa dos trabalhadores”, “pesquisa-confronto”. Maria Ozanira da Silva e Silva (1986) agrupou em diferentes categorias as denominações de acordo com as nuances de intencionalidade e formas de participação. Já Carlos Rodrigues Brandão considera que “de escrito para escrito mudam os nomes daquilo que, na verdade, procede de origens, práticas e preocupações muito próximas e parece apontar para um mesmo horizonte.” (BRANDÃO, 1999, pp.15).

A pesquisa participante é, antes de mais nada, uma estratégia. Portanto, admite técnicas e métodos que não são tipicamente seus, desde que mantenha o compromisso social, a participação, o diálogo e a aproximação entre sujeito e objeto. Cabe ressaltar que não somente sujeito e objeto se aproximam, mas também a teoria da prática. Quanto às técnicas e métodos, são muito utilizadas as entrevistas livres (com destaque para as

que são realizadas em grupos, afinal são investigados fenômenos coletivos) e as histórias de vida. Geralmente, o investigador passa a conviver com determinado grupo para realizar a pesquisa participante. Nesse caso, o investigador deve se apresentar como quem é: alguém de fora que estará próximo para realizar um estudo e depois irá embora. É um erro o pesquisador pretender ser quem não é, imitando os costumes e expressões culturais do local onde a pesquisa é realizada. William Foote-Whyte comenta sobre um trabalho de campo:

“Descobri que as pessoas não esperavam que eu fosse igual a elas; na verdade, sentiam-se atraídas e satisfeitas pelo fato de me acharem diferente, contanto que eu tivesse amizade por elas. Em consequência parei de esforçar-me por uma integração completa.” (FOOTE-WHYTE, 1980, pp.82)

Ainda em relação à metodologia da pesquisa participante, segundo Fals Borda (1999, pp.49-56), no livro *Pesquisa participante*, existem seis princípios metodológicos desse tipo de investigação: autenticidade e compromisso social, antidogmatismo (que inclui a restituição sistemática do processo científico), *feedback* dos resultados para os intelectuais orgânicos, ritmo e equilíbrio de ação-reflexão (movimento em que a pesquisa e a prática social se retro alimentam), ciência modesta e técnicas dialogais.

A restituição sistemática, proposta por Orlando Fals Borda, ocorre após a realização da investigação. A intenção é que a pesquisa seja um processo contínuo que não termine após a conclusão da investigação e relacione teoria e prática social. René Barbier (2004, pp.117) reforça essa relação entre teoria e prática quando aborda a questão de realização e planejamento em espiral, o que significa uma constante reflexão acerca da ação, não existindo pesquisa sem ação e vice-versa.

Quando do retorno da pesquisa para os colaboradores, é preciso ocorrer a comunicação diferenciada. Isto é, os dados e conclusões devem ser apresentados às pessoas que participaram da pesquisa segundo seu nível de desenvolvimento político e de educação formal. O nível 1 pode ser a pesquisa em forma de história em quadrinhos, peça de teatro, música, entre outros. A autoria desses produtos deve ser do grupo participante da pesquisa. Posteriormente, no nível 2, a pesquisa é publicada mais detalhadamente para os núcleos de liderança. Já no nível 3, a pesquisa é publicada para os intelectuais envolvidos de forma mais descritiva e teórica.

Barbier (2004, pp.143) ressalta que a pesquisa participante suscita mais questões a respeito de sua publicação ou não que outras formas de investigação. Afinal, quem

tem interesse em publicar a pesquisa? Alguém pode vetar sua publicação? Pode-se vulgarizar a pesquisa para facilitar sua difusão? Esses, como outros conflitos, são inerentes à pesquisa participante. Segundo Barbier, o conflito criador, “necessário à vida” (2004, pp.110), é intrínseco à pesquisa participante.

3.2. Etnografia

A pesquisa participante requisita a convivência entre pesquisador e pesquisados. Dessa forma, é necessária a utilização do trabalho de campo. Nas ciências sociais, principalmente na antropologia, o trabalho de campo muitas vezes é realizado com a metodologia da etnografia, que é o estudo da cultura de uma população ou de um determinado local por meio da inserção do cientista nesse meio. Segundo Clifford Geertz (1989, pp.13-41) no livro *A interpretação das culturas*, a etnografia é a descrição densa dessa cultura. Como o autor, a partir de uma visão semiótica, reconhece a cultura como uma teia de significados, a função da descrição densa é perceber os significados simbólicos presentes em uma análise profunda dos comportamentos de determinada população.

Entre outros, a etnografia utiliza os seguintes instrumentos de investigação: estabelecimento de relações nos locais pesquisados, seleção de informantes entre a população, transcrição de textos, levantamento de genealogias, manutenção de um diário. Contudo, Geertz ressalta a importância da escrita para a ciência etnográfica. A descrição etnográfica busca fixar os comportamentos em texto de maneira que possam ser continuamente pesquisados. Também Bronislaw Malinowski (1984, pp. 17-34) discorre sobre a necessidade de um relato detalhado das observações do cientista para que as conclusões de seu trabalho etnográfico tenham validade.

Geertz afirma que o texto etnográfico é interpretativo, pois interpreta o discurso social. Dessa forma, a subjetividade do cientista perpassa a sua pesquisa. Ainda, diferente de outras ciências, como a sociologia, a etnografia não se preocupa com generalizações, mas com o microscópico. Isto é, o que interessa é o aprofundamento do entendimento da cultural local e de suas especificidades. Eunice R. Durham (1986, pp.17-34) problematiza e critica a idéia de que uma comunidade (parte do todo social) estabelece uma relação metonímica com a sociedade inteira (fato que justificaria generalizações). Questiona o pressuposto de integração cultural e social. Isto é, que a cultura e as relações sociais do todo se reproduziriam fielmente em suas partes (todas as

comunidades de uma determinada sociedade). Ao contrário, os aspectos da cultura, de acordo com Malinowski, não devem ser entendidos como esferas separadas e independentes, mas contextualizados.

Para atingir a compreensão da cultura local, Malinowski sugere a importância de se conhecer a linguagem da comunidade e tentar se despir das idéias preconcebidas (porém se baseando previamente nas teorias antropológicas). No caso da linguagem, transpondo para uma comunidade urbana, vale destacar não somente a língua, mas também formas de expressão, símbolos e gestos.

Durante a investigação, o pesquisador deve passar do concreto para o abstrato. Assim, deve registrar os comportamentos e costumes e complementá-los com o “pensar” e “sentir” dos habitantes da comunidade. É a mesma relação construída por Malinowski, que afirma ser preciso conhecer o esqueleto da comunidade (sua organização e estrutura social), sua carne e sangue (as práticas sociais) e o espírito (a mitologia e a cosmologia).

Recentemente, a antropologia tem se voltado para o estudo da sociedade ocidental. Dessa forma, o trabalho de campo é realizado focando um segmento social específico:

“Investigando esses ‘pedaços da sociedade’, as comunidades, como se fossem aldeias indígenas, era possível utilizar os métodos da observação participante, documentação censitária, histórias de vida, entrevistas dirigidas, etc., formulando um retrato multidimensional da vida social [...]” (DURHAM, 1986, pp.21)

A autora ressalta que nas pesquisas de campo urbanas a linguagem não é uma dificuldade, pois é comum ao pesquisador e aos que residem na comunidade. Portanto, se privilegia a entrevista como forma de coleta de dados e a análise do discurso desse material. Ressalta que, devido à semelhança do universo cultural, a observação do pesquisador é subjetiva:

“Na pesquisa que se faz nas cidades, dentro de um universo cultural comum ao investigador e ao objeto de pesquisa, a participação é antes subjetiva do que objetiva. O pesquisador raramente reside com a população que estuda (e, se o faz, é por breves períodos) e não compartilha de suas condições de existência – de sua pobreza, de suas carências, de suas dificuldades concretas em garantir a sobrevivência cotidiana. Mas busca, na intenção simbólica, a identificação com os valores e aspirações da população que estuda. A língua não constitui barreira e a comunicação puramente verbal predomina, ofuscando a observação do comportamento manifesto. A pesquisa se concentra na análise de depoimentos, sendo a entrevista o material empírico

privilegiado. Privilegiando-se dessa forma os aspectos mais normativos da cultura, a técnica de análise do discurso assume importância crescente.” (DURHAM, 1986, pp.26)

Contudo, ao analisar o atual panorama da etnografia e da pesquisa participante, Ruth C. L. Cardoso (1986, pp.95-106) aponta o perigo de se valorizar a análise do discurso de modo a isolá-la das estruturas sociais. O que é dito nas entrevistas e histórias de vida deve dialogar com os sistemas simbólicos e as estruturas de classe.

3.3. Entrevista em Profundidade

A entrevista em profundidade, como técnica, é direcionada a um determinado objetivo e constitui uma situação social em si mesma. Dessa forma, o entrevistador e o entrevistado se influenciam mutuamente, seja com a entonação da voz, gestos, olhares, entre outros. O entrevistador, portanto, deve estar ciente de sua influência e também, por vezes, reconhecer uma outra influência nos resultados finais: a incompreensão dos objetivos da pesquisa pelo entrevistado. Contudo, apesar dessas críticas à entrevista, essa técnica é muito importante para conseguir dados que não estão disponíveis em registros.

Após a primeira motivação para que o entrevistado fale, é importante deixá-lo falar livremente, sem muitas interrupções. A entrevista em profundidade, considerada como um diálogo aberto amplia o discurso social. Portanto, o entrevistador terá acesso a um material que não se restringe a fatos e opiniões bem delimitadas, mas “devaneios, projetos, impressões, reticências, etc.” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1999 ,pp.29).

Cremilda de Araújo Medina (1986) defende que a entrevista seja um diálogo. Em vez de uma técnica fria, que se configure em Comunicação humana que se realiza por meio de inter-relações. Dessa forma, a entrevista abrange uma diversidade de vozes e trabalha para a distribuição democrática da informação - entre entrevistador e entrevistado, e entre autor e leitor.

Ainda que tudo seja pertinente dentro do campo pesquisado, essa livre expressão deve ser guiada por um fio condutor. Como dito anteriormente, a entrevista em profundidade é uma situação social que engloba muito mais que palavras. Assim, não só os dados são importantes, mas também os gestos, entonações, olhares e especialmente o “não dito”. Afinal o “não dito” se baseia em razões e significados, como não ser dito

“por medo, por pudor, por desconfiança ou porque dizê-lo seria doloroso demais.” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1999.pp.30).

Durante a entrevista, o entrevistador estabelece uma relação de confiança para evitar que o entrevistado se sinta compelido a enganá-lo ou que seja criada uma situação hierárquica em que o entrevistador assuma um ar “professoral”. Para que sua ideologia não seja marcadamente refletida nos resultados da pesquisa, o entrevistador deve ser cuidadoso para que suas perguntas não sugiram a resposta “correta”. Isto é, as perguntas não devem conter suposições ou induzir determinada resposta. Medina (1986) percebe nessa relação de confiança um processo de identificação e vivência. Por meio da entrevista, os participantes se modificam, se revelam e crescem. Não há como exigir a objetividade do entrevistador. Pelo contrário, o entrevistador deve investir em sua personalidade.

A entrevista é discurso social. Nela estão inseridas as contradições sociais e as estruturas de dominação. Não é somente a realidade concreta que interessa ao entrevistador, mas a percepção que o entrevistado tem de sua realidade. Rosiska e Miguel Darcy de Oliveira (1999, pp.31) ressaltam que em grupos marginalizados os entrevistados expressam um sentimento vago de descontentamento com a estrutura social, pois um mecanismo de defesa utilizado pelos oprimidos é esquecer. Então, a entrevista em profundidade e a pesquisa participante devem penetrar nessa “cultura de silêncio”, para que os habitantes de determinada comunidade reconheçam as causas de sua opressão e possam lutar pela mudança.

Medina (1986) resalta fatores que perturbam a fluência da entrevista: regiões-tabu como sexo, religião e política; inibição; vontade de agradar o entrevistador; desatenção; exibicionismo; posição defensiva. Porém, quando a entrevista se configura como diálogo, se torna uma busca comum entre entrevistador e entrevistado para desvelar a realidade.

3.4. Análise de Discurso Crítica

A Análise de Discurso Crítica (ADC) é multidisciplinar, não se restringe à lingüística, mas abrange a sociologia, psicologia e política, entre outras ciências. Norman Fairclough (1998.), em seu livro *Discourse and social change*, descreve o discurso como constituído. O discurso também constitui sujeitos e objetos sociais. Assim, o evento discursivo é tanto texto quanto prática social. Dessa forma, à mudança

discursiva corresponde uma mudança social. Portanto, como afirmado por Isabel Magalhães (2003, pp.19-22), para a ADC o discurso é a linguagem como prática social. Isto é, incorpora códigos, normas e estruturas do contexto sócio-histórico. Simultaneamente, também constitui essas estruturas, assim como influencia a constituição de identidades. Pode reproduzir ou causar transformações sociais, ou seja, ao mesmo tempo em que é representação social, é também ação social. Afinal, as identidades estão em constante constituição, não sendo preexistentes e/ou preestabelecidas.

Eni Puccinelli Orlandi (1996, pp.36-37) considera o discurso como lingüístico e histórico. Isto é, os dois processos estão intimamente ligados na produção de sentidos e do sujeito do discurso, sendo “o sujeito [...] um *lugar* de significação historicamente constituído” (ORLANDI, 1996, pp.37). Para a autora, o ser humano produz a sua realidade por meio do discurso, que é passível de interpretação e legibilidade porque se baseia no já dito – na memória e no domínio do saber.

Segundo Fairclough (1998, pp.8-9), para que a análise do discurso possa ser usada como método de análise de mudanças sociais, quatro condições necessitam ser atendidas. Deve ser uma análise multidimensional. Isto é, deve ser levada em conta a relação entre texto e prática social. Também necessita ser uma análise multifuncional, que reconheça o discurso como representação da realidade, encenação de relações sociais, e constituidor de identidades sociais. A análise deve estar inserida em um contexto histórico e social, de modo que possa ser percebida a articulação de outros textos no discurso. Por fim, o método utilizado deve ser crítico, o que significa revelar intenções escondidas no discurso, como também fornecer material para intervenção e mudança.

Fairclough (1995, pp.27) afirma que uma característica dominante da formação do discurso ideológico é a naturalização da ideologia como senso comum. Dessa forma, o objetivo da análise do discurso é desconstruir essa naturalização, mostrando como estruturas sociais determinam propriedades do discurso, e como o discurso por sua vez determina as estruturas sociais. A análise do discurso torna evidente aos participantes as determinações e efeitos sociais do discurso.

Para a análise do *corpus* serão utilizadas algumas categorias, dentro da ADC, propostas por Fairclough (1998, pp.225-240): intertextualidade, coesão, gramática (transitividade e modalidade) e vocabulário. A intertextualidade é dividida em interdiscursividade e intertextualidade manifesta. Enquanto a interdiscursividade se

refere aos gêneros discursivos transpostos para o texto analisado, a intertextualidade manifesta se relaciona ao contexto sócio-histórico. A coesão revela uma lógica retórica devido à forma como as palavras, preposições, sentenças e outros são interligados. Dentro da gramática, a transitividade permite a análise de quem é o sujeito e quem sofre a ação, e a modalidade mostra os níveis de engajamento do discurso apresentado. O vocabulário está relacionado à escolha lexical e à re-significação de palavras.

Outra categoria analisada é o pressuposto, ou conhecimento adquirido anteriormente (FAIRCLOUGH, 1995, pp.43). O pressuposto emerge da interação presente no discurso, como crenças, valores, ideologias e conhecimento propriamente dito. Fairclough (1995) conceitua ideologia como a representação do mundo a partir de um interesse específico. O pressuposto confunde o fato com a representação ideológica, pois o fato aparece como autônomo e responsável por si mesmo, em vez de produzido pela ideologia.

Entretanto, Orlandi (1996, pp.42) defende que o processo e o produto do discurso são os dados para análise. Portanto, não se pode separar o processo do produto, como também não se separa a forma do conteúdo. A análise do discurso é uma interpretação das diferentes versões resultantes das relações de sentido e relações de força. As relações de sentido se referem à relação de um discurso com outro, e as de força à relação do discurso e do lugar de fala de quem o enuncia. Orlandi afirma que não existe sentido sem interpretação, pois:

“A relação com o simbólico, como tenho proposto, é uma relação com a interpretação. Ela está na base da própria constituição do sentido, já que, diante de qualquer objeto simbólico, o sujeito é instado a interpretar (a dar sentido) determinado pela história, pela natureza do fato simbólico, pela língua”. (ORLANDI, 1996, pp.133)

Portanto, a metodologia da análise do discurso buscará interpretações baseadas nos sentidos gerados pela memória e pelo contexto social e histórico. Porém, é uma interpretação que procura o sentido para além do sentido já dado, presente na superfície do discurso. Afinal, seu objetivo é tornar evidente os sentidos – as estruturas sociais e a ideologia – que estavam opacos.

4. Análise dos Dados

A pesquisa participante realizada considerou dois grupos diretamente envolvidos na oficina de rádio: os estudantes da UnB e os jovens moradores do Varjão que participaram da oficina de rádio. A demanda do tema da monografia surgiu do primeiro grupo, do qual a pesquisadora, autora da monografia, faz parte, e é a partir da participação nesse grupo que se estabelece a relação da pesquisadora com o processo de produção do conhecimento. Ainda que a oficina de rádio acontecesse devido à interação entre esses dois grupos, estudantes da UnB e moradores do Varjão, há que se reconhecer o espaço de fala da pesquisadora como estudante da UnB, integrante da disciplina Comunicação Comunitária. Portanto, a pesquisadora da UnB não pode ser percebida como uma possível representante das falas dos jovens do Varjão. Afinal, como já explicitado por meio dos escritos de William Foote-Whyte (1980, pp.82), a pesquisadora não deve buscar a integração completa no grupo social presente no trabalho de campo, mas colocar-se como uma pessoa externa disposta a interagir com o grupo.

Durante o processo de produção desta monografia, foram entrevistadas 22 pessoas. Os dois professores da disciplina Comunicação Comunitária, Fernando Paulino e Elizena Rossy, responderam ao questionário por e-mail. Os demais foram entrevistados a partir da metodologia de entrevista em profundidade. Participaram das entrevistas 8 estudantes de Comunicação Comunitária que planejaram a oficina de rádio no Varjão. Quanto aos participantes da oficina, foram entrevistados 10 jovens, considerando que apenas foi possível realizar duas entrevistas coletivas. A primeira, no dia 29 de maio, com Fábio Santarém, Francis Santos e Wilson Ximenes. E a outra, no dia 3 de junho, com Acácio Costa e Martinelli Silva. Cabe ressaltar que, ao final da primeira entrevista em grupo, os jovens Fábio, Francis e Wilson entrevistaram a pesquisadora. Portanto, no transcorrer da monografia é possível encontrar depoimentos da mesma.

O critério de escolha dos entrevistados se baseou nos vários momentos da oficina. Assim, buscou-se jovens e estudantes da UnB que participaram da oficina de rádio no 2º semestre de 2004, e no 1º e 2º semestres de 2005. A intenção era aumentar a diversidade de depoimentos para realizar a avaliação de maneira mais crítica possível. O quadro 1 explicita como os estudantes da UnB entrevistados participaram de cada fase da disciplina, bem como a inserção dos jovens moradores do Varjão em cada fase:

Quadro 1: Distribuição dos entrevistados segundo o grupo a que pertenciam (estudante da UnB e morador do Varjão) e o semestre em que participaram das atividades.

	2º semestre de 2004	1º semestre de 2005	2º semestre de 2005
Estudantes da UnB	Flávio Cremonese Manuel Carlos Montenegro Maria José de Souza	Leyberson Lelis Maria José de Souza Tatiana Jebrine	Maria José de Souza Tatiana Jebrine Leyberson Lelis Margareth Mota Michelle Mattos Natalia Veil
Jovens do Varjão	Edilmar Souza Fábio Santarém Francis Santos Rosiane Silva Wilson Ximenes	Acácio Costa João Costa Martinelli Silva Rosiane Silva Sabrina Frontina	Edilmar Souza João Costa Martinelli Silva Rosiane Silva Sabrina Frontina Weiler Lima

Além dos jovens do Varjão e estudantes da UnB entrevistados, no dia 5 de junho, durante saída de campo, foi realizada uma enquete simples com pessoas que estavam na rua próxima à AOPA se elas tinham conhecimento da oficina de rádio. De 10 pessoas entrevistadas, somente 2 responderam afirmativamente à questão: Roselane Silva (moradora do Varjão há 19 anos) e Marli Souza (moradora do Varjão há 29 anos). É importante ressaltar que Roselane Silva soube responder à maioria das perguntas do questionário por conhecer participantes da oficina. A entrevistada possui experiência com projetos sociais, pois trabalha no programa *Picasso não pichava* da Secretaria de Segurança Pública. Já Marli Souza somente ouviu comentários a respeito da oficina, mas não possuía mais informações, como se pode constatar por sua resposta acerca do que fazia a oficina de rádio: “Não, na verdade, não fiquei sabendo de nada. Só ouvi um comentário que tinha uma oficina de rádio” (Marli Souza, 50 anos).

4.1. Perfil dos estudantes da UnB

Os estudantes da UnB entrevistados que participaram da oficina de rádio possuíam na época das entrevistas idade entre 22 e 29 anos. Dentre os 8 entrevistados, somente Natalia Veil cursa Serviço Social. Dos estudantes que fizeram a entrevista e cursam ou cursaram Comunicação Social, 5 são da habilitação Jornalismo e 2 da habilitação Publicidade. Dentre os entrevistados, 5 ingressaram pelo vestibular, 1 pelo

PAS (Programa de Avaliação Seriado), 1 por transferência facultativa e 1 por transferência obrigatória. Maria José de Souza e Margareth Mota já estão formadas. Os demais estudantes da UnB estão entre o 7º e 8º semestres, com exceção de Natalia Veil (que está no 5º semestre) e Michelle Mattos (9º semestre). Quando cursaram a disciplina Comunicação Comunitária, os estudantes da UnB estavam entre o 2º semestre, ao 8º semestre. Dos 8 estudantes entrevistados, 6 já participaram ou participam de outro grupo, projeto ou movimento social.

4.2. Perfil dos moradores do Varjão

A idade dos jovens moradores do Varjão participantes da oficina de rádio variou entre 16 e 21 anos, quando da realização das entrevistas. Um dos entrevistados que passou pela oficina, João Costa, tem 28 anos de idade. Dos jovens entrevistados, 4 pararam os estudos; Martinelli da Silva foi quem parou há menos tempo (há 1 mês) e Fábio Santarém quem parou há mais tempo (há 5 anos). Dentre os motivos elencados pelos moradores do Varjão para terem parado de estudar estão a preguiça, a depressão, o fato da escola ser enfadonha e a falta de ritmo para acompanhar as aulas. Todos possuem uma religião, ainda que não sejam praticantes. Dos 10 jovens entrevistados, 6 se declararam evangélicos, 3 católicos e 1 cristão. A variação entre o período que os jovens moram no Varjão vai de 9 à 20 anos; a média entre os participantes é de 12,9 anos morando na localidade. A maioria dos participantes entrevistados mora com membros da família, com exceção de João Costa, que divide o aluguel com um amigo. Vale destacar que Rosiane da Silva é casada e mora com o marido e o filho. Dos 10 entrevistados, 4 jovens moradores do Varjão não trabalham. Com exceção de Sabrina Frontina, todos os jovens moradores do Varjão participam ou já participaram de alguma forma de associativismo. Das formas de associativismo indicada pelos jovens moradores do Varjão, a mais recorrente foi a participação em grupos culturais, (7 entrevistados participam em algum grupo cultural). Entre os jovens moradores do Varjão entrevistados, 8 indicaram o consumo cultural de programas de televisão e 7 indicaram rádio. Durante a entrevista, 2 pessoas indicaram a leitura de revistas e 1 pessoa, Rosiane da Silva, a leitura de jornal.

4.2. Divulgação da oficina de rádio

A oficina de rádio no Varjão surgiu como um dos grupos de trabalho de campo dentro da disciplina Comunicação Comunitária. Os outros grupos eram a oficina de jornal, a oficina de vídeo, o grupo responsável pela biblioteca comunitária na AOPA, o grupo responsável por trabalhar com as crianças que brincavam na praça da AOPA, o grupo que ajudava com a estrutura da creche *Criança Cidadã* e o grupo de comunicação comunitária que atuava na quadra SQN 314.

A inserção das ações da disciplina Comunicação Comunitária no Varjão ocorreu por meio da parceria com a AOPA “que à época era a entidade responsável por estimular o Fórum de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável do Varjão (Fórum DLIS, Programa Comunidade Ativa), começamos a conhecer as ‘lideranças locais’ e propor atividades, dentre elas a participação destes representantes na oficina de comunicação comunitária que realizamos na Semana de Extensão da UnB de 2002” (Prof. Fernando Paulino). O participante João Costa percebeu a criação da oficina de rádio como uma consequência das ações do Fórum DLIS:

“Entrevistadora: Como é que você ficou sabendo da oficina de rádio?
João Costa: Oficina de... Assim, fiquei sabendo primeiro através do professor...
E: Paulino?
JC: Fernando Paulino, que sempre... A primeira vez que eu encontrei com ele foi na escola no fórum de DLIS, tava formando um grupo, né? Desenvolvimento Loc... Integrado Sustentável da Comunidade Ativa. Então, o Fernando foi a primeira pessoa que eu fiquei sabendo foi através dele.
E: Então, quando surgiu a oficina de rádio foi através dele, também?
JC: Não, não entendeu. Foi ele que nos colocou em conexão com os estudantes...
E: Com a UnB?
JC: Com a Universidade de Brasília, né? Com os estudantes da Faculdade de Comunicação Comunitária e com isso a gente foi interagindo, e... e as divulgações foram feitas através dos alunos.
E: Tipo uma coisa consequência?
JC: Consequência, e com a companhia do professor sempre, o professor.
(João Costa, 28 anos)

O surgimento da oficina de rádio também fez parte do processo das oficinas realizadas na UnB em parceria com projeto de extensão *Saúde e Qualidade de Vida dos Adolescentes do Varjão*, coordenado pela Prof^a. Marilúcia Picanço do Departamento de Medicina. Assim, para a estudante da UnB Maria José de Souza, uma das mais antigas na disciplina da FAC, não é possível separar um momento do outro. Como pode ser

percebido na fala da estudante, a oficina de rádio surgiu como uma forma de continuidade do curso de comunicação desenvolvido pelos estudantes da UnB na disciplina Comunicação Comunitária, da FAC, em parceria com o projeto do Departamento de Medicina: “Eu, para mim, eu nunca separei muito, não. Essa questão de quando eu fazia o projeto de medicina e [de quando comecei a fazer a oficina] de rádio” (Maria José de Souza, 24 anos). Também para o participante do Varjão Wilson Ximenes foi um processo gradual.

“Não, eu acho que, eu comecei com, com esse pessoal da medicina da Marilúcia. [...] era mais pra debater sobre alguns assuntos, de cidadania, e aí fazia, aí a gente pegava alguns temas e a gente demonstrava qual era a nossa opinião para os outros grupos. [...] veio a informática, veio o teatro. E a Marilúcia junto com a galera foi conseguindo mais cursos pra gente e daí surgiu também a, o de comunicação, que o Paulino que trouxe.” (Wilson Ximenes, 19 anos)

Portanto, a oficina de rádio foi o resultado de um processo que se iniciou com a parceria entre a disciplina Comunicação Comunitária e a AOPA, que na época estava articulando o Fórum DLIS no Varjão. O processo continuou com o desenvolvimento de um curso de comunicação pelos estudantes da UnB na disciplina Comunicação Comunitária para adolescentes moradores do Varjão, que participavam do projeto de extensão do Departamento de Medicina: *Saúde e Qualidade de Vida dos Adolescentes do Varjão*. Outro acontecimento que faz parte do processo de elaboração e implementação da oficina de rádio no Varjão foi a mobilização da Associação Amigos da Cultura para conseguir uma concessão de rádio comunitária para o Varjão. O presidente da associação é o morador do Varjão e participante da oficina de rádio, João Costa. Como não há ainda aviso de abertura de canal para rádio comunitária na região do Varjão, as entradas de pedido de concessão de rádio comunitária por associações se configuram como demonstrações de interesse da comunidade do Varjão em implementar uma rádio comunitária. Porém, na época, devido à falta de informação, o documento de demonstração de interesse da Associação dos Amigos da Cultura foi compreendido como a possibilidade de se conseguir a concessão de rádio comunitária para a região do Varjão. A oficina de rádio surgiu em decorrência dessa possibilidade aparente de se conseguir concessão de rádio comunitária para o Varjão por meio da Associação dos Amigos da Cultura¹⁰.

¹⁰ No site do Ministério da Comunicação, existem dois registros de demonstração de interesse por concessão de rádio comunitária para a região do Varjão. Os processos foram iniciados pela Associação

Inicialmente, os estudantes da UnB tentaram divulgar a oficina por meio de uma atividade na *Semana Nacional pela Democratização da Comunicação*, realizada em outubro de 2004 pela Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (ENECOS). A atividade era uma oficina de rádio com a duração de um dia e foi divulgada por meio de duas faixas, uma em frente à AOPA e outra na rua central do Varjão. Entretanto, a atividade não atingiu o objetivo de divulgação da oficina de rádio, como relatado pela estudante da UnB Juliana Mendes:

“A maior dificuldade que a gente teve foi mobilizar, ‘Como é que a gente vai fazer pra chamar essa galera?’, que a gente tentou primeiro fazer uma oficina de um dia, que tinha a ‘Semana de Democratização da Comunicação’ e aí a gente pôs uma faixa na AOPA, uma faixa não sei aonde, e apareceram tipo duas pessoas do Paranoá, só. E a gente acabou dando oficina pro pessoal lá de, da UnB” (Juliana Mendes, 23 anos)

Como a tentativa inicial de divulgação da oficina de rádio por meio de uma atividade na *Semana Nacional pela Democratização da Comunicação* não funcionou, a estudante da UnB Maria José de Souza sugeriu ligar para os moradores do Varjão, antigos participantes do curso de comunicação do projeto *Saúde e Qualidade de Vida dos Adolescentes do Varjão*. Por outro lado, a AOPA inseriu a divulgação das oficinas da disciplina da FAC nas suas atividades como Ponto de Cultura. Na divulgação das oficinas de comunicação comunitária, a AOPA informou aos jovens moradores do Varjão que disponibilizaria bolsas para os que participassem das atividades culturais. Ainda que a oficina de rádio tenha se inserido nas atividades da AOPA e na divulgação dessa organização, os estudantes da UnB, com a orientação do Prof. Fernando Paulino tiveram o cuidado de tentar deixar evidente que não possuíam controle sobre a liberação da bolsa. Portanto, a divulgação da oficina de rádio ocorreu resgatando os contatos dos participantes do curso de comunicação, do antigo projeto de extensão do Departamento de Medicina e por meio da parceria firmada com a AOPA.

4.4. Descrição da oficina de rádio

Na primeira fase da oficina de rádio, no segundo semestre de 2004, o local escolhido para realizar as atividades foi a Escola Classe do Varjão, pois a AOPA estava

sempre muito cheia de pessoas devido a outras oficinas e atividades. Portanto, os estudantes da UnB entregaram um ofício à direção da escola e combinaram que o líder comunitário do Grupo dos Matutos (grupo de dança de quadrilha), Seu Bidê, abriria a escola.

Durante o planejamento do primeiro semestre da oficina de rádio, foi discutido qual seria o enfoque dos conteúdos e das atividades da oficina, pois é muito complicado trabalhar comunicação como um fim, em vez de um meio, como explicitado pela estudante da UnB, Juliana Mendes:

“E aí de início a gente discutia muito, ‘Mas, pô, como a gente vai dar uma oficina de comunicação, mas comunicação é meio não é fim, como é que a gente vai trabalhar comunicação pra ser um fim? Ser a oficina de comunicação? Aí a gente escolheu, ‘Vamo trabalhar meio ambiente e a partir disso a comunicação’. Foi isso.” (Juliana Mendes, 23 anos)

Como explicitado, a solução proposta foi de trabalhar o meio ambiente. Contudo, a idéia de meio ambiente era mais ampla, não restrita a fauna e flora. O conceito de meio ambiente escolhido incluiu o ser humano e suas relações sociais. Portanto, não era simplesmente preocupar-se com lagoas, matas e florestas, considerando os elementos distantes e que devem ser preservados intocáveis. Mas, preocupar-se com o que proporciona um meio ambiente saudável para os seres humanos também. Como, por exemplo, valorizar a cooperação, tratar bem os demais seres humanos, ou mesmo incluir elementos em determinada sociedade que gerem benefícios para todos, seja um novo espaço de convivência, seja o estímulo a grupos culturais, seja uma rádio comunitária.

Durante o primeiro semestre da oficina de rádio foi trabalhado o artigo *Ecologia Interior* de Frei Beto. O texto ressalta a necessidade de se perceber a si e a suas ações como uma parte da ecologia. Portanto, convida os leitores a esquecerem a poluição e a contaminação do ar, do mar, da terra e dos alimentos; refletindo acerca do seu equilíbrio ecobiológico. O autor sugere algumas perguntas motivadoras:

“Teus pensamentos são poluídos? As palavras, ácidas? Os gestos, agressivos? Quantos esgotos fétidos correm em tua alma? Quantos entulhos — mágoas, ira, inveja — se amontoam em teu espírito?” (BETTO, 2004)

Dessa forma, o debate se tornava próximo da realidade dos jovens do Varjão, já que estimulava o diálogo acerca do meio ambiente de sua comunidade. Por meio de dinâmicas de grupo e atividades lúdicas, se estimulava a fala e o diálogo deles. Aliás, na

descrição da oficina, são muito recorrentes as palavras “lúdico”, “dinâmica”, “vivência” e aparecem uma vez a palavra “brincadeira” e a palavra “palhaçadas”. Wilson explica que sua impressão inicial da oficina se modificou com o passar do tempo:

“Wilson: Mudou um pouco, né? Que eu vi que era mais que aquilo que eu achava. Eu gostei mais do que eu achei, porque como eu falei comunicação, falar sobre tema a gente acha uma coisa meio chato. ‘Falar sobre tal tema’, aí já dava aquela desmobilizada ‘Ah! De novo, ouço isso na escola, ouço na TV, ouço isso em todo lugar’. A gente fez isso de uma forma diferente. Então a gente falava o que a gente acha que era isso na nossa comunidade. A gente via aquilo, que você não perguntava ‘O quê que era?’, mas como que a gente fazia, a gente via aqui e era aqui. Gravidez na adolescência, não é só o pessoal de fora, é um negócio que acontecia aqui, se tinha muitas meninas grávidas, porque, qual que era a causa, a gente falava lá na frente, eu gostei porque eram as nossas idéias que tavam ali e não alguém que vinha dar uma palestra e nem aquele negócio chato, ‘Ah! 10% das mulheres tem isso e isso’.

Francis: Foi massa também porque, assim, nós discutimos os problemas daqui do Varjão e também discutimos...

Fábio: São muitos.

Francis: E discutimos também como se uma rádio poderia ajudar a solucionar algum desses problemas.” (Wilson Ximenes, 19 anos; Fábio Santarém, 21 anos; Francis dos Santos, 17 anos)

Portanto, a proposta não era minimamente discorrer sobre a realidade, mas pensar meios de ação e transformação - no caso, a proposta era a rádio comunitária. Segundo Paulo Freire (2005, pp.78-82), é importante que a realidade não seja somente referida de uma maneira abstrata, como se os seres humanos não fossem influenciados por essa realidade e estivessem desligados do mundo. Ao contrário, a educação libertária deve problematizar as questões próximas à realidade dos educandos de uma forma crítica, permitindo que se sintam desafiados a agir e transformar a sua realidade.

Dentro do diálogo da oficina de rádio surgiu o tema da violência, que foi citado na entrevista da participante do Varjão, Rosiane da Silva, e da estudante da UnB, Maria José de Souza:

“Eu lembro que a gente relatou um de violência, né? De violência.... Sobre a violência na comunidade. Se as pessoas... Se os malandros que matam, não sei o quê, deviam ter pena de morte, entendeu? Como lá nos Estados Unidos.” (Rosiane da Silva, 21 anos)

“Teve um grupo que viu a... a violência como uma alternativa forte e que a [...] se a gente mostrar uma crítica logo de cara, a gente pode fechar um canal. [...] A gente perguntou, questionou, mas também quando chegou em um limite que eles não... a gente parou. [...] A gente descobre que às vezes a gente acaba não tendo respostas, porque a realidade deles é diferente da nossa.” (Maria José de Souza, 24 anos)

Essas duas falas surgiram, pelo menos, um ano após o debate na oficina. Portanto, é interessante perceber a diferença entre a narração do evento por Maria José de Souza e sua percepção agora. O debate sobre a violência aconteceu durante uma atividade da oficina de rádio. Os estudantes da UnB pediram aos jovens moradores do Varjão que apontassem problemas da comunidade do Varjão. Depois da discussão sobre os problemas, foi pedido aos moradores do Varjão que fizessem em grupo um desenho apresentando soluções para os problemas debatidos. Um dos grupos apresentou a tolerância zero por parte da segurança pública como solução para os problemas relacionados à poluição do córrego do Urubu e a violência na comunidade. A estudante da UnB, Maria José de Souza, explicou que a proposta apresentada pelos moradores do Varjão de tolerância como solução para os problemas ambientais e de violência foi questionada várias vezes pelos estudantes da UnB. Porém foi preciso parar no momento “limite” em que não havia mais argumentos ou possibilidade de diálogo, pois nem o grupo do Varjão, nem os estudantes da UnB estavam dispostos a mudar seu posicionamento em relação à idéia apresentada. Foi necessário parar, em primeiro lugar, porque a imposição de uma idéia poderia impedir o diálogo futuro: “Se a gente mostrar uma crítica logo de cara, a gente pode fechar um canal”. Em segundo lugar, porque a imposição de uma idéia específica, não aceita pelo grupo, se configura como uma invasão cultural. E, como alerta Paulo Freire:

“Toda invasão sugere, obviamente, um sujeito que invade. Seu espaço histórico-cultural, que lhe dá sua visão de mundo, é o espaço de onde ele parte para penetrar outro espaço histórico-cultural, superpondo aos indivíduos deste seu sistema de valores” (FREIRE, 2002, pp.41)

Portanto, há que se respeitar a realidade dos jovens participantes do Varjão, como dito por Maria José de Souza: “A gente descobre que às vezes a gente acaba não tendo respostas, porque a realidade deles é diferente da nossa”. Essa relação com a violência também está presente na fala de Rosiane da Silva: “Se os malandros que matam, não sei o quê, deviam ter pena de morte, entendeu?”. A escolha do termo “malandro”, de cunho pejorativo, pode revelar certa naturalização para a situação de violência, pois quem mata é o malandro. Assim, essa se torna a explicação da violência, ela acontece porque a pessoa já possuía uma inclinação natural para o ato, afinal é um malandro. Em vez, de buscar as relações e causas da violência. Contudo, essa afirmação revela uma forma de defesa à violência. Como a identidade é construída pela alteridade,

classificar o outro como malandro permite construir a imagem da pessoa que pratica a violência, assim a identidade de Rosiane da Silva surge em oposição, permitindo sua defesa às consequências de quem pratica a violência. Portanto, o distanciamento da identidade do malandro também distancia a violência.

Contudo, a proposta não é que a oficina de rádio ou outra forma de educação por meio do diálogo não gere transformações. Afinal, o próprio diálogo é transformador, quando educadores e educandos problematizam juntos determinados temas e o percebem a si mesmos no mundo, revelando desafios que geram a ação transformadora.

No caso do diálogo acerca da violência, o debate retornou novamente em outro momento da oficina, quando os moradores do Varjão foram para a Ralacoco (Rádio Laboratório e Comunicação Comunitária) conhecer o estúdio da rádio localizado na Faculdade de Comunicação da UnB. Eram necessários dois carros para transportar todos para a UnB. Enquanto o segundo carro era esperado e os jovens estavam todos dentro do primeiro carro parado, um carro de polícia parou e os policiais revistaram os moradores do Varjão. Pediram os documentos do carro e concluindo que não havia nada de errado, foram embora. Os jovens conversaram muito sobre o assunto, criticando a ação dos policiais. Quando chegaram à Ralacoco, começaram a fazer um programa de debate e surgiu o tema da violência, contudo desvinculado da situação com os policiais. Nesse momento o diálogo acerca da tolerância zero e da violência na comunidade ressurgiu, pois havia uma situação para ser problematizada. Os estudantes da UnB, então, questionaram se a tolerância zero aumentaria os excessos cometidos pela segurança pública, gerando mais violência. No debate dentro do estúdio da Ralacoco se conseguiu problematizar a tolerância zero porque foi possível refletir a partir de um acontecimento da realidade dos jovens moradores do Varjão.

4.5. Aspectos do desenvolvimento metodológico da oficina de rádio

Essa tentativa de diálogo transformador era possível porque a oficina de rádio era um momento favorável para a comunicação, principalmente porque os jovens moradores do Varjão estavam dispostos a debater, como explicitado na fala de Wilson Ximenes e Rosiane da Silva, ambos moradores do Varjão:

“Entrevistadora: E o quê que fez vocês ficarem [na oficina]?”

Wilson: Eu gostava daquelas idas lá que a gente pegava com um tema, ficava conversando, tendo idéias” (Wilson Ximenes, 19 anos)

“Quando a gente discutia, a gente discutia uma polêmica. Eu gostava, por exemplo, por exemplo, é.... a violência. Eu gostava de discutir... é.... polêmica, entendeu? Eu acho que a gente tinha que discutir mais sobre um assunto, entendeu? E eu não gostava quando ficava só falando de outras coisas que às vezes não tinha nada a ver.” (Rosiane da Silva, 21 anos)

Entretanto, muitas vezes, como ressaltou Rosiane da Silva, o tema pautado não lhe interessava, ou por vezes ficava muito abstrato, e havia a necessidade de relacioná-lo ao cotidiano da realidade daqueles moradores. O morador do Varjão Edilmar Souza ressaltou ainda a necessidade de aproximação do debate aos moradores do Varjão por meio de atividades práticas:

“Entrevistadora: E quais foram suas primeiras impressões sobre a oficina?

Edilmar: Foi. Ah! No começo foi meio que chato.

Ent: Por quê?

E: Porque a gente a, a gente tipo não tinha uma prática, a gente tinha meio que, não é bem uma teoria. É uma teoria, mas não tão teoria assim [...] É tipo, porque era uma teoria, mas nem sempre essa teoria era sobre rádio, então, tipo...

Ent: Era sobre o quê?

E: [...] Tipo, como fazer uma vinheta, por exemplo, tipo, essas coisas.

Ent: (risos) E essas suas impressões mudaram depois?

E: Mudaram, não, é. Porque depois, depois a gente começou a montar mesa de som, tipo, microfone, a gente já começou a tocar música, já chegou a fazer tipo umas entrevistas com o povo, e tipo ficou muito legal depois, tipo.” (Edilmar Souza, 17 anos)

A necessidade da prática também foi destacada pela estudante Margareth Mota, estudantes da UnB que participou da oficina de rádio no segundo semestre de 2005 e sentiu muita falta da prática:

“Para uma pessoa que não conhece é muito mais fácil ela entender quando ela pratica, quando ela vê a voz dela saindo, vê o rádio funcionando, do que eu chegar para ela e falar assim ‘Olha, rádio e legal, você pode se comunicar, você pode fazer isso, isso, aquilo’ que ela não vai entender. Ela só vai entender quando ela tiver a prática.” (Margareth Mota, 29 anos)

Porém, como destaca Michelle Mattos, estudante da UnB que participou no segundo semestre de 2005, a prática deve ser uma forma de aprendizado também. Isto é, a associação entre teoria e prática se insere no princípio de ação e reflexão, de, como a estudante da UnB afirmou, “aprender fazendo”. Afinal, como já exposto na introdução, não existe neutralidade na ciência, portanto tampouco há neutralidade nas teorias. Dessa maneira, a determinadas técnicas correspondem teorias específicas e o fazer reflexivo

permite a percepção das contradições e dos discursos de poder presentes nas práticas. Portanto, não há como dissociar a teoria da prática, pois a prática, sem a teoria, não é crítica e reflexiva, e a teoria, sem a prática, não consegue se aproximar da realidade e do entendimento dos envolvidos na oficina de rádio.

Dessa maneira, a proposta da oficina de rádio era tratar a prática de maneira que não se limitasse a um tecnicismo sem reflexão, como se pode comprovar nos seguintes trechos:

“Não só aquela coisa tecnicista de ‘Ah! Você aperta esse botão, você ouve nesse equipamento’. Mas, sim uma idéia de manter essa experiência de comunicação, e mostrar pra eles que qualquer um pode fazer rádio, qualquer um pode fazer um jornal, qualquer um pode se comunicar, basta ter coisa a dizer. Técnica e teoria não é tão difícil de você aprender.” (Flávio Cremonese, 24 anos)

“A idéia era, era meio que capacitar, só que não naquela idéia fria de treinamento técnico, assim. Era de trocar vivências e tal.” (Manuel Carlos Montenegro, 26 anos)

Contudo, quatro estudantes entrevistados apontaram certa dissociação entre teoria e prática na oficina de rádio, explicando que a teoria era privilegiada, a prática não era aprofundada, ou as condições tornavam difícil trabalhar a teoria junto com a prática:

“Você tem tanto a parte [...] teórica mesmo, que seria a comunicação entre as pessoas, a oportunidade de expressar, a integração social e tudo mais. E você tem a parte prática, técnica da coisa, que é você ter mesa de som, gravador, onde divulgar, enfim. Então, [...] as pessoas têm que entender que essas duas partes têm que andar juntas quando você vai trabalhar com rádio. Talvez o grande problema da Comunicação Comunitária foi esse, foi esquecer um pouquinho que essas duas partes tinham que andar juntas.” (Margareth Mota, 29 anos)

Por outro lado, nas descrições da oficina de rádio, é recorrente a indicação da parte técnica, como se pode perceber nos trechos das entrevistas das estudantes da UnB, Maria José de Souza e Natalia Veil e nos trechos das entrevistas dos moradores do Varjão, Acácio Costa, Martinelli da Silva, Edilmar Souza e Weiler Lima:

“Eu fiquei na parte técnica, que liga [...] o *plug* aqui, sai o *plug* lá, abaixa o som aqui [...] Mas, foi muito legal quando eu coloquei para funcionar. [...] Porque ele funciona, porque eu vi funcionando, entendeu? É ruim porque o microfone tava com mau contato, aí, é ruim. No mais, foi muito bacana.” (Natalia Veil, 22 anos)

“A gente deu oficinas como parte de pauta jornalística mesmo, depois técnicas de rádio, é, teatro para desinibir eles.” (Maria José de Souza, 24 anos)

“Martinelli: Eu? Eu era sonoplasta

Cácio: E eu, eu era locutor. (risos) Radialista.” (Acácio dos Santos Costa, 16 anos; Martinelli Fonseca da Silva, 17 anos)

“Quando começou rolar mesmo, o quê eu fazia era tipo ajudar a montar os equipamentos, tipo, uma vez a gente começou a tentar fazer transmissão pela net [...], a gente tinha que configurar os programinhas. Então, tipo, eu gostava mais dessa parte de, tipo, de colocar a mão na massa.” (Edilmar Souza, 17 anos)

“Bom, a gente, a gente corria atrás dessas notícias, fazia um processo todo lá e... A gente se organizava e botava em prática aquilo que a gente aprendeu e se... E a gente formou tipo um programa de rádio, uma gravação lá, foi bem bacana.” (Weiler Lima, 18 anos)

É provável que essa contradição se deva ao semestre específico em que os estudantes da UnB participaram da oficina de rádio. No primeiro semestre de 2004 não havia meios de desenvolver a prática, com exceção da visita à Ralacoco ou do uso ocasional da rádio-poste. No segundo semestre de 2005 a prática era desenvolvida também por rádio-poste e pelo uso da rádio na internet. Somente no primeiro semestre de 2005 foi possível o desenvolvimento da prática constante em uma rádio com transmissor, no caso, a Shekná FM.

É possível também que a contradição encontrada se deva à função que cada pessoa ocupava na oficina. Enquanto alguns estudantes da UnB se ocupavam com o desenvolvimento do conteúdo da oficina, outros estudantes da UnB se ocupavam de ensinar a técnica para alguns moradores do Varjão e implementar a rádio na internet. Por fim, a contradição também revela as dificuldades de infra-estrutura da oficina, para as quais os participantes (estudantes da UnB e moradores do Varjão) arrecadaram fundos por meio de bazares para a compra de alguns equipamentos, como um aparelho de som, um gravador de fita K7, cabos e *plugs*.

Retornando ao tema do diálogo, este estava presente na oficina também no formato da atividade. Alguns jovens descreveram que, durante a oficina, os estudantes da UnB se preocupavam em perguntar se algo poderia ser diferente na oficina, seja na didática ou na metodologia, como descreve a moradora do Varjão Rosiane da Silva: “Vocês pediam a opinião da gente, para a gente levar para lá alguma coisa para fazer, entendeu?” (Rosiane da Silva, 21 anos).

“Vocês sempre tavam com a preocupação de perguntar se nós estávamos gostando do método de ensino de vocês, se não tava, se tava gostando e queria

dar alguma sugestão. O mais legal foi isso, porque teve essa interação, assim, vamos dizer, dos professores com os alunos, e dos alunos com os professores.” (Francis dos Santos, 17 anos)

“É, porque tem gente que acha que é dona do sabe tudo. Vocês vão fazer isso e acabou. [...] Tinha dia que vocês chegavam, ‘Como vocês, a gente vai fazer isso hoje?’. Vocês chegavam davam tal tema, a gente falava, ia debater e depois mostrar, né? Isso não é aquelas pessoas que chegam e falam ‘Vocês vão falar sobre isso, tem que ser desse jeito, desse jeito e acabou’, né? Não, a gente que tá ali fazendo a aula com auxílio de vocês e não vocês fazendo a aula com o auxílio da gente.” (Wilson Ximenes, 19 anos)

E foi a partir da pergunta acerca do quê deveria mudar que as oficinas voltaram-se mais para a técnica de produção de comunicação. No primeiro semestre de 2005, surgiu a oportunidade de realizar um programa de rádio na Shekná FM (rádio evangélica do Lago Norte), fato que destacou ainda mais a prática.

4.6. A Experiência Vivida

Todos os estudantes da UnB (com exceção de Maria José de Souza), quanto os jovens do Varjão entrevistados que participaram das atividades na Shekná mencionaram a ida a essa rádio. Até mesmo Wilson Ximenes, que não participava mais da oficina de rádio, fala de duas vezes em que ele participou do programa na Shekná:

“Wilson: Se bem da verdade a gente foi lá na rádio Shekná?

Entrevistadora: Você chegou a ir lá na rádio Shekná?

W: Fui, fui umas duas vezes. Não lembro sobre o quê a gente falou lá, mas eu fui.” (Wilson Ximenes, 19 anos)

Contudo, é na fala especificamente de Acácio Costa e de Martinelli da Silva que fica clara a importância do programa na Shekná FM. Ambos ressaltam a ida à rádio como a concretização da oficina:

“Acácio: Antes eu achei que o negócio não ia para frente, não. Mas, acabou indo.

Martinelli: Eu também. Eu achei que era, que era só o começo mesmo [...]

Entrevistadora: O quê que acabou indo pra frente?

A: O rádio.

M: Que nós, nós ia lá no Lago Norte, lá. Nós começou fazer a rádio lá.”

(Acácio Costa, 16 anos; Martinelli da Silva, 17 anos)

A expressão “ir pra frente” está relacionada com a idéia de caminhar. E ao caminhar se sai de um ponto pra chegar a outro. Portanto, se sai da teoria e da conversa

acerca de comunicação comunitária para a prática e o fazer da rádio comunitária. O caminhar se relaciona com a idéia de desenvolvimento e essa progressão era necessária para que a oficina funcionasse e se concretizasse.

O programa de rádio na Shekná foi importante também por causa da experiência que os jovens tinham de serem ouvidos pela comunidade e de perceber o retorno da sua comunidade. Esse retorno vinha tanto das ligações telefônicas durante o programa, quanto do reconhecimento na rua. E era importante para que os jovens percebessem as possibilidades de ação no programa de rádio e as funções sociais da rádio comunitária. Além disso, serviu para fortalecer a auto-estima dos jovens moradores do Varjão.

“Aqui no Varjão as pessoas falaram ‘Ei, Wilson, você tava lá na rádio, é?’, ‘É’. Que eu pensei que o pessoal daqui não ouvia muito, aí eu ouvi uns comentários ‘Ó, o Wilson agora é radialista e não sei o quê’. Achei legal, o pessoal ter ouvido a gente falar.” (Wilson Ximenes, 19 anos)

“Acácio: O que eu mais gostava era quando as pessoas começavam a ligar, começavam a se interessar pela rádio.

Martinelli: Eu a mesma coisa.

A: Perguntavam que tava acontecendo e começavam a pedir música. E falar o quê tava gostando.” (Acácio Costa, 16 anos; Martinelli da Silva, 17 anos)

O fortalecimento da auto-estima fica muito evidente na afirmação de Sabrina Frontina: “Aí quando ia na rádio, falava [...]. Eu me sentia locutora, né?” . Nesse momento ela não fala sobre a atividade objetiva de locução em rádio, mas fala do sentimento, da sensação de ser locutora. Assim, ela não se declara locutora, mas expressa o sentimento positivo de ocupar essa posição na rádio.

Contudo, apesar desses elementos positivos da prática, o programa na Shekná trouxe um elemento negativo. Como as oficinas eram aos sábados e o programa também, não havia um momento específico para a preparação e o planejamento do programa. Houve a tentativa dos jovens do Varjão se encontrarem em outro horário para esse planejamento, mas não foi possível.

“João Costa: Então, você presta atenção e vai aprendendo também, tenta, vamos nos reunir, vamos nos encontrar, e não havia, né? As pessoas só queriam estar na oficina de rádio, já pensando no caso que a gente foi para a Shekná FM. Tinha pessoas que nunca havia pegado em um microfone e chegou e, não quis sentar para fazer um trabalho, fazer uma pauta, né?” (João Costa, 28 anos)

Nesse período, a ação perdeu um pouco da sua possibilidade de reflexão. Diminui-se, assim, o fazer crítico. Em alguns momentos não havia uma pauta preparada

para o programa e as músicas escolhidas também não eram selecionadas antes. Esse fato reforçou a tensão entre a vontade dos meninos de tocarem todos os estilos de *rap* e os valores evangélicos da rádio. Essa tensão culminou na impossibilidade dos jovens continuarem com o programa na Shekná. A ênfase na ação não é uma prerrogativa desses jovens e da oficina de rádio afinal, na Ralacoco mesmo, muitos programas surgem do improviso e da intuição, como é o caso do programa coletivo “Bate-papo nada a ver”, que tenta reunir todos os programadores da rádio, porém não segue uma pauta e planejamento prévios. Nos dois casos, os fatores que reforçam a falta de planejamento podem ser o número grande pessoas envolvidas (o que dificulta a articulação) e os demais compromissos (como trabalho, escola etc.). De qualquer forma, esse momento pode ter sido responsável por certa estagnação, como percebido pela moradora do Varjão Rosiane da Silva:

“Eu continuei gostando, sabe? Mas depois eu vi que também não era tudo o que eu pensei, né? [...] Eu pensei que a gente ia, assim, mais adiante, assim, se aprofundando, né? Tal e tal nas oficinas e tal... Aí depois, pronto, a gente quase parou, entendeu? [...] Que ia ter mais programações... Pensei que ia ter mais coisa, assim, para chamar a nossa atenção, entendeu? Até que teve algumas coisinhas, mas aí depois parou. [...] Foi no momento em que a gente estava decidindo a... a... botar a rádio no Varjão... alguma coisa assim. Que a gente estava participando lá da programação da rádio lá do Lago Norte, né? Da Shekná. Aí passou uns tempos, aí parou. [...] Faltou terminar uma coisa, assim, que não foi terminada, entendeu?” (Rosiane da Silva, 21 anos)

Somente ao final do segundo semestre de 2004 houve um momento de confraternização que se assemelhou a um encerramento de uma das fases da oficina. Nesse dia, os jovens fizeram o programa na Ralacoco, assistiram à gravação em vídeo do teatro que fizeram sobre uma rádio no Varjão e participaram de uma confraternização que contou com balões e salgados. Contudo, em nenhum outro momento houve algo que se assemelhasse a um encerramento. Depois disso, houve um momento de encerramento no final do segundo semestre de 2005, porém não era apenas para o grupo de rádio, mas para todos os grupos da disciplina Comunicação Comunitária. Nessa confraternização os jovens moradores do Varjão fizeram apresentações de *rap*, *break* e *axé*. Também foi exibido o filme “O Canto de Ceilândia”, dentre outros.

Essa situação de ausência de um encerramento ficou mais evidente quando o programa comunitário na Shekná FM foi impossibilitado de continuar. Devido aos valores da rádio Shekná FM, evangélica, os moradores do Varjão não podiam tocar *rap*.

Porém, gradualmente o *rap* passou a ser tocado no programa com estímulo também dos estudantes da UnB, gerando tensão entre os moradores do Varjão e o Pastor Fernando, responsável pela programação. Assim, quando fizeram *links* da rádio para aumentar seu alcance, a produção do programa pelos moradores do Varjão foi interrompida por motivos técnicos. No entanto após as mudanças técnicas, com o estabelecimento dos *links*, foi fechado o espaço de participação dos moradores do Varjão na programação da rádio.

Durante esse período, em que o programa comunitário na Shekná FM terminou, a AOPA divulgou a oficina de rádio (e demais oficinas da disciplina Comunicação Comunitária da Faculdade de Comunicação da UnB) e a distribuição de bolsas para os jovens moradores do Varjão que participassem das atividades do Ponto de Cultura. A divulgação e a inscrição de novos participantes na oficina de rádio ocorreram porque a AOPA entrou no Programa Cultura Viva, uma parceria entre os Pontos de Cultura e o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego, que tinha por objetivo capacitar jovens para trabalharem futuramente em profissões relacionadas à produção cultural. Com a divulgação da AOPA, surgiram novos participantes para a oficina e foram resgatadas várias técnicas e conteúdos que já haviam sido debatidos com os jovens moradores do Varjão que haviam participado no semestre anterior.

Durante o segundo semestre de 2005, com a oficina integrada ao programa Primeiro Emprego, foi freqüente a mudança das atividades planejadas para a oficina de rádio. Tal situação ocorria pela entrada de novos participantes, pelo aparecimento de outras organizações para fazer atividades aos sábados e por apresentações culturais dos grupos de *rap* e dança que não eram previstas. Esses fatores ficam evidentes na fala dos estudantes da UnB: “Aliás, sempre teve alguém novo, eu não entendia como, porque essas pessoas chegavam lá, como chegavam lá, o quê queriam lá.” (Natália Veil, 22 anos).

“Mas, por outro lado também era complicado isso porque a gente nunca sabia quem é que estava. A oficina de rádio não era uma coisa... é.... Não era uma oficina com participantes fixos, pré-determinados. A gente tinha, cada sábado a gente tinha pessoas que iam e que faltavam e pessoas que estavam indo pela primeira vez.” (Margareth Mota, 29 anos)

“A gente chegava lá para tal coisa e o Paulino ‘Vai ter uma apresentação’. Aí, eu, ‘tá, vai ter apresentação’. A gente ia para apresentação. Aí voltava, aí no outro dia. ‘Ah! Não sei o quê vai ter uma apresentação’.” (Michelle Mattos, 23 anos)

“Mas, o fato da gente não saber o quê ia acontecer sábado, quem ia participar, que o participante da semana anterior ia tá lá pra dar continuidade ao que a gente tinha começado. Então, a gente tinha que repetir uma coisa que a gente já tinha dado no sábado, porque outras pessoas vinham pra, pra oficina, e as que tinham vindo, tinham faltado.” (Tatiana Jebrine, 23 anos)

Outro fator para que não houvesse um momento de encerramento da oficina de rádio era a perspectiva de continuidade, como relata a estudante da UnB Michelle Mattos:

“Pôxa, eu achei o máximo ali a disciplina do Paulino, que tem a Comunicação Comunitária 2, e que muitas pessoas ficam mesmo para a 2 [...] Depois, imagina a cada 6 meses novas pessoas, vai ser um saco, porque os meninos vão estar com iniciantes querendo ensinar as mesmas coisas. [...] Não fica sempre voltando, né? A gente vai evoluindo.” (Michelle Mattos, 23 anos)

Foi criada uma estrutura na disciplina Comunicação Comunitária para que as atividades não fossem interrompidas de um semestre para outro. Afinal, a programação da disciplina inclui vários textos teóricos, cujo debate faz parte de aulas expositivas que acontecem durante metade do semestre. A parte teórica é fundamental para enfrentar desafios que o trabalho de campo apresenta aos estudantes, e também para que seja uma ação crítica e refletida. Porém, por outro lado, seria desmobilizante para o projeto social se ele fosse interrompido por vários meses. Dessa forma, como explicitou o Prof. Fernando Paulino, surgiu a possibilidade de ministrar a disciplina Comunicação Comunitária 2, em que os estudantes que já tenham cursado Comunicação Comunitária 1 dão continuidade aos projetos:

“Pela avaliação que fiz ao longo dos nove semestres em que fui um dos responsáveis pela matéria, quase a totalidade dos alunos que participavam da disciplina enfatizavam a oportunidade de conhecer uma realidade de Brasília que não tinham acesso e a possibilidade de realizar atividades práticas em contato real com uma comunidade.

De alguma maneira, creio que isto afere um alto grau de satisfação e aprendizagem.

Até porque muitos manifestavam interesse em participar de Comunicação Comunitária 2 no semestre seguinte. Vale destacar que Comunicação Comunitária 2 surgiu por sugestão estudantil e se constitui como um aperfeiçoamento importante para o trabalho”.

Essa continuidade é importante para que a oficina não seja simplesmente uma ação isolada, que se torna por vezes ineficaz. Afinal, geralmente, as ações pontuais se focam em um problema específico isolado, sem perceber suas inter-relações. Já a ação que possui continuidade pode transformar a estrutura social. Além disso, há a questão do envolvimento com os jovens do Varjão, que possuem expectativas acerca do projeto

social. O morador do Varjão Martinelli fala da desconfiança inicial dele com a oficina de rádio por causa de outros projetos:

“Ah! Esse pessoal só quer enrolar nós. Porque sempre vem um que promete aí fica uma semana ou duas semanas. Aí faz tudo que nós queria lá e depois disso some.” (Martinelli da Silva, 17 anos)

Porém, existem fatores que dificultam essa continuidade. Quando perguntados porque deixaram de participar da atividade de extensão, os estudantes da UnB apontaram a existência de outras prioridades, como a família, a educação e até mesmo outro projeto social. A presença de dificuldades em dar continuidade à atividade de extensão é evidente na fala do estudante da UnB Leyberson Pedrosa, contudo ele reforça a necessidade de ser algo até mesmo eterno:

“Eu acho que o grande desafio mesmo, usando clichê, é não deixar a peteca cair, né? Que é que as pessoas se sintam, e isso seja um processo eterno talvez, até que caia uma bomba nuclear e todo mundo morra, eu acho que pelo menos as baratinhas façam a rádio.” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

O estudante da UnB aponta que a continuidade para as pessoas que estão na oficina de rádio é o grande desafio. Ao descrever a imagem de uma bomba nuclear, transparece o número e o peso das dificuldades que surgem no desenvolvimento do projeto. Contudo, ao falar em baratas que sobrevivem à bomba nuclear e continuam com a oficina de rádio, reforça mais ainda a importância de se manter a oficina, de ser um “processo eterno”. Por outro lado, a estudante da UnB Maria José de Souza avalia que atualmente já há mais continuidade das pessoas na oficina de rádio, tanto dos estudantes da UnB quanto dos participantes do Varjão:

“Maria José: Esses abandonos das pessoas, que a gente vê que são poucas que ficam, né? Que dão continuidade e tudo. Agora já tá tendo até mais.
Entrevistadora: Você diz as pessoas do Varjão ou as pessoas da UnB?
M: Da UnB também. É uma coisa que uma reflete na outra, né? Engraçado, agora que você me perguntou, eu (risos) pensei.” (Maria José de Souza, 24 anos)

A estudante da UnB, Tatiana Jebrine, destaca a importância da continuidade ainda que se consiga implementar uma rádio no Varjão.

“Então, eu acho que a luta tá a partir daí, assim. De ter essa rádio comunitária e continuar do lado deles, que dizer, não é só conseguir essa concessão da

rádio, concessão da rádio e pronto, agora deixa eles.” (Tatiana Jebrine, 23 anos)

Por outro lado, o estudante da UnB Flávio Cremonese fala da importância do projeto ser autogestionado pelos participantes do projeto. Portanto para o estudante seria mais interessante que a ação da UnB estimulasse essa autonomia dos moradores do Varjão, se configurando em um projeto com início, meio e fim. Ou seja, que o projeto continuasse mesmo durante as férias ou greves:

“A parte mais importante, pelo menos quando eu me envolvi no projeto, era de dar autonomia para o grupo social do local desenvolver todo esse projeto, ou pelo menos tocar esse projeto sem interferência dos alunos da UnB. Porque a maior parte das experiências de comunicação que a gente viu lá, na verdade, era quase que uma prática dos alunos, da teoria que eles aprendiam em sala. Os estudantes chegavam lá com um projeto de jornal aí tocava o projeto de jornal, diagramavam o jornal, conseguiam grana para rodar o jornal, iam embora ou tinham greve na UnB e depois o jornal ficava lá às favas. E a idéia, assim, pelo menos defendida pelo Professor Paulino, era da gente capacitar formadores de opinião ali, agentes comunitários para tocar os projetos mesmo quando a UnB entrasse em greve, mesmo quando chegasse as férias, ou mesmo quando os alunos da UnB deixassem de se interessar pelo projeto.” (Flávio Cremonese, 24 anos)

A questão do papel da comunidade na oficina de rádio é levantada pelo jovem do Varjão Francis dos Santos. Uma das críticas do participante é que seria necessário que os debates acerca da comunicação chegassem não somente neles, mas que fossem um diálogo com a comunidade:

“Entrevistadora: Você acha que a oficina conseguiu?... dar uma solução [para a falta de espaço de divulgação da cultura do Varjão].
Francis: Conseguiu, mas pra quem? Pra gente que tava fazendo o curso. Mas, e pros outros que estavam fora? É fácil conversar com uma pessoa a mais, mas conversar ao mesmo tempo com muitas pessoas e expor a mesma idéia pra todo mundo, fica difícil. Porque na oficina tinha pouca gente fazendo o curso. Pra gente que fez ficou mais fácil, a gente até conseguiu assimilar um pouco mais, e os outros?” (Francis dos Santos, 17 anos)

Nesse momento da entrevista em grupo, outro participante, Wilson Ximenes (19 anos), destacou a importância de multiplicadores: “Nós agora somos multiplicadores, né? Aprendemos, tem que passar para frente”. Cabe destacar que o conceito de multiplicador utilizado pelo jovem provavelmente se deve ao uso do mesmo pelo projeto do Departamento de Medicina da UnB, há 4 anos. Atualmente o conceito mais difundido é de reeditor, pois considera que os sujeitos não passam simplesmente a informação ou o aprendizado para frente, mas o interpretam e acrescentam novos sentidos. O reeditor tem seu público próprio e possui uma capacidade pedagógica de

transformar a maneira como as demais pessoas pensam, sentem e atuam (TORO, 1997, pp.33).

Contudo, o morador do Varjão Francis dos Santos destaca que, para realizar o papel de reeditor ou multiplicador, é necessário ter certas condições objetivas e por vezes até materiais. Nesse momento da entrevista, há um diálogo entre ele e Wilson Ximenes sobre maneiras de se conseguir atingir o objetivo de levar a discussão sobre a comunicação para outros moradores do Varjão:

“Francis: Mas, não tem muito como passar.

Entrevistadora: O que precisa pra vocês passarem, isso pra frente?

Fábio: Um rádio?

Wilson: Um jornal nosso.

E: E o quê que precisa pra isso acontecer?

[...]

W: Ah! A gente meter as caras, não é não, Francis?

Fr: É isso também, mas.

E: O quê mais que precisa, Francis?

Fr: Não é só chegar e meter a cara, assim.

E: O quê mais que precisa?

Fr: Pra fazer um jornal, tá, dá pra fazer, tem um computador aqui. Tá vamos fazer o jornal que tem o computador. Nós faiz o jornal, bota a foto da galera, mas como que nós vamo colocar o jornal na rua? Assim, que material a gente vai usar pra, sei lá, colocar num papel o jornal e sair distribuindo? Distribuir até que é fácil. Nós mesmo podemos sair por aí distribuindo.

W: Mas, é conseguir fazer o jornal, ter dinheiro pra rodar.

Fr: Exatamente, a prensa do jornal que é o mais complicado.” (Wilson Ximenes, 19 anos; Fábio Santarém, 21 anos; Francis dos Santos, 17 anos)

Provavelmente, esse é um tema que ainda pode ser problematizado para que os jovens se sintam desafiados a transformar a realidade apresentada. A partir do diálogo, alternativas podem surgir para a criação de um meio de comunicação comunitária. No caso do jornal, há a possibilidade dele ser pago com anúncios. O estudante da UnB Flávio Cremonese descreve uma ação similar, porém especifica algumas dificuldades:

“A vez que eu me envolvi no jornal foi até por essa área da publicidade, de fazer anúncios, em fazer um jornal voltado para a comunidade, por isso a gente procurou pessoas do comércio local para que, fazer anúncio no jornal. [...]. Quando a gente procurou incentivo do comércio local para fazer o jornal, algumas pessoas não quiseram nem nos receber, a gente começou a achar estranho tanta antipatia. E, mais na frente, quando a gente entrou em uma loja, se não me engano, de material de construção, o cara falou ‘Tudo bem, até faço o anúncio no jornal de vocês, mas eu só pago depois que sair. Porque vieram, veio um povo picareta aqui uma vez, vendeu pra gente anúncio, a gente comprou e o jornal nunca saiu’.” (Flávio Cremonese, 24 anos)

Entretanto, para além dos debates esperados da oficina de rádio - como a questão da reedição, a discussão acerca da democratização da comunicação, a capacitação

técnica, entre outros -, a experiência gerou outros usos não esperados. Essas alternativas são destacadas tanto na fala da estudante da UnB, Maria José de Souza, como do participante da oficina, Weiler Lima.

“A gente falou sobre a voz. A importância da voz, assim, falei de cuidados, que mexe até com questões de saúde. Tipo, a... o que faz bem para a voz e o que não. Água gelada não faz bem, entendeu? Foi uma pequena mudança, mas de repente, alguém vai lembrar ‘Pôxa, não vou tomar água que tá gelada, porque vai estragar minha voz’. Porque também não vai ser para... a rádio que eles vão, porque também a maioria, a gente sabe que não vai para a rádio. Isso é uma coisa, é um fato. Mesmo que a rádio existisse, sabe que não ia durar... não ia, no futuro, aquela mesma turma não ia tá. Então, a gente acaba capacitando para outros tipos de coisa.” (Maria José de Souza, 24 anos)

“Weiler: Nossa, tipo, a oficina de rádio, ela me ensinou de um jeito, assim, até no colégio, coisa, porque é um jeito novo de você correr atrás de notícia, vê o quê tá acontecendo na atualidade, entendeu? Agora, no momento. Tipo, lá tem várias técnicas, vários tipo de coisas que hoje em dia eu uso.

E: Como que você usa?

W: Tipo, nos trabalhos escolares mesmo. Agora eu faço o negócio e eu procuro bater de porta em porta na casa de alguém.

E: É?

W: É, às vezes eu faço assim. Ou então eu vou tipo no negócio do supermercado, eu procuro o gerente, quero saber disso, disso e disso. Entendeu? Aí eu faço aquela coisa todinha e chego em casa, pego a opinião de outras pessoas, tento ver o quê que elas acham. Então, o trabalho enriquece muito, entendeu? Então, disso eu peguei na oficina de rádio.” (Weiler Lima, 18 anos)

Dessa forma, a oficina de rádio gerou influências não esperadas e não pensadas objetivamente pelo grupo de estudantes da UnB durante o planejamento. São possibilidades que surgiram exatamente porque os participantes da oficina são sujeitos que percebem e interferem na sua realidade. Assim, não são meros multiplicadores de informação, mas reeditam o conhecimento de modo que ele faça sentido para a sua realidade.

Por fim, durante as entrevistas a palavra “experiência” foi muito recorrente para se referir à oficina de rádio. Na fala de Leyberson Pedrosa e Margareth Mota o caráter de experiência fica evidente, porém significando duas características distintas. Na fala de Leyberson Pedrosa a experiência aparece como um aprendizado, significa a vivência de fatores que envolvem um projeto social, como as adversidades. Porém, também significa a tentativa, o fato de que é uma experiência e, portanto, somente se saberão os resultados depois da ação:

“Não deixou de ser difícil as coisas, mas... É interessante até mesmo para a formação de vida, a própria experiência da gente que foi lá dar capacitação, que a gente aprendeu a lidar com essas adversidades, que a gente não vai querer mudar o mundo, salvar o mundo com apenas discursos, ou apenas uma mínima capacitação, que aquilo ali é apenas um começo e que é uma tentativa, né?” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

Por outro lado, Margareth Mota aponta uma outra característica da experiência. A oficina de rádio é experimental porque é algo novo que os jovens do Varjão estão testando. Para os estudantes da UnB é experimental pela falta de meios concretos, sólidos, ou seja, de estrutura. É uma tentativa e um aprendizado acerca de como se fazer o que é proposto pela oficina de rádio:

“Ela era bem experimental [...] Como a gente não tinha nada sólido, nada concreto para trabalhar com, com, com o pessoal que estava na comunidade, então ficou sendo experiência tanto para eles, que estavam lidando com uma coisa que eles não conheciam, quanto para a gente que tinha que passar a idéia do quê que era um programa de rádio, a idéia do quê que era uma rádio comunitária bem no campo abstrato mesmo, sem ter muito, muita oportunidade concreta de fazer isso.” (Margareth Mota, 29 anos)

Portanto, a oficina de rádio se configura como experiência pelo aprendizado, pelo desconhecimento dos resultados, por ser algo novo e desconhecido e, também, por não haver muita estrutura. Assim, é experiência porque não é completa e acabada, mas está em fase inicial e de desenvolvimento devido à falta de estrutura.

4.7. Objetivos da oficina de rádio

Durante as entrevistas realizadas com os estudantes da UnB e os moradores do Varjão, apareceram pelo menos quatro objetivos mais evidentes da oficina de rádio. Algumas vezes, as respostas apontavam mais de um. Esses objetivos podem ser divididos em: o debate de comunicação comunitária, a implementação de uma rádio comunitária no Varjão, a profissionalização em radialismo e o oferecimento de atividades para ocupação do tempo dos jovens do Varjão.

O objetivo de debater a comunicação comunitária incluiu a informação, porém não foi a simples informação repassada às demais pessoas. Pelo contrário, os entrevistados falaram da troca, logo da comunicação como diálogo. Esse caráter da comunicação amplia a produção, permitindo que as pessoas sejam sujeitos, em vez de objetos passivamente recebendo as mensagens. Dessa forma, se insere no ideal de

democratização da comunicação e na desmistificação de que somente pessoas com profundo conhecimento técnico possam produzir comunicação. O caráter de comunicação como diálogo pode ser observado nas seguintes falas, primeiro da Prof.^a Elizena Rossy, depois das estudantes da UnB Michelle Mattos e Tatiana Jebrine, e, por último, do morador do Varjão, João Costa:

“Acredito, que a oficina de rádio representava o elo necessário para que a disciplina Comunicação Comunitária” tivesse penetração junto à comunidade do Varjão, além disso, a ferramenta “rádio”, por si só, exerce um grande apelo, principalmente entre jovens, além do que, representa uma grande ferramenta de democratização da informação, principalmente, se levarmos em conta o perfil sócio-econômico da comunidade atendida.” (Prof^a Elizena Rossy)

“Era uma oportunidade deles serem sujeito e não objeto, que é uma coisa que o pessoal lá reclama muito.” (Michelle Mattos, 23 anos)

“Era uma inclusão mesmo [...] da idéia do meio rádio para os participantes, assim. É, mostrar pra eles [...] como é que funcionava tudo o processo, é, do rádio. Desde a criação da pauta até o próprio programa feito. E muito mais que isso, a troca mesmo de informações, a troca de conhecimentos, de emoção, de experiência mesmo, assim. Todos estavam ali pra aprender.” (Tatiana Jebrine, 23 anos)

“O objetivo foi antes, entendeu? Fazer com que a comunidade se compreenda e seja compreendida. E também, é, conhecer os seus direitos, seus deveres. A oficina, um dos principais fatores da oficina de comunicação foi isso. E manter a comunidade informada, do quê é bom, do quê é ruim, tudo tem que ser falado.” (João Costa, 28 anos)

Porém, como a estudante da UnB Tatiana Jebrine ressaltou, a troca não é simplesmente de informação e conhecimento, mas de emoção e experiência. Portanto, a comunicação não se limita à razão e ao lógico, à simples troca de mensagens. Mas, inclui a troca de bens simbólicos e, portanto, humanos. Segundo Paulo Freire,

“Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos.” (1996, pp.164).

E essa troca humana, como aponta o morador do Varjão João Costa, permite que a comunidade se compreenda e seja compreendida, ou seja, é autoconhecimento. Como troca, o processo de autoconhecimento envolve também os estudantes universitários inseridos na interação com os jovens moradores do Varjão. O autoconhecimento se torna possível porque há uma ruptura do esquema sujeito e objeto. Quando todos se tornam sujeitos e tudo o que se pode conhecer se relaciona com o ser humano (e ao

meio ambiente do qual ele faz parte), todo conhecimento se torna autoconhecimento, como afirma Boaventura de Sousa Santos. O autor explica que “é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos.” (SANTOS, 2005, pp.85).

O objetivo de debater a comunicação comunitária inclui ainda perceber sua importância para a comunidade e seus efeitos, como explicam os estudantes da UnB Natalia Veil, Leyberson Pedrosa e Juliana Mendes, e os moradores do Varjão Edilmar Souza e Wilson Ximenes:

“Natalia: Ensinar rádio para o Varjão, ensinar. Tentar ensinar para os meninos como que se manuseia, os, os instrumentos de rádio, como que apresenta um programa de rádio, como que se faz um programa de rádio para o Varjão.

Entrevistadora: Mas, por que isso? Para que ensinar isso? [...]

Natalia: Ah! O objetivo da comunidade, da interação, da divulgação, do fortalecimento, da comunidade, da Com Com?

Entrevistadora: Comunicação Comunitária.” (Natalia Veil, 22 anos)

“Acho que se entender como rádio, é entender porquê fazer rádio, porquê fazer uma comunicação comunitária, qual a necessidade ali dentro da comunidade, se é divulgar os problemas, questionar as autoridades... divulgar as coisas boas também, prover um discurso, um debate ali na comunidade, atrair as pessoas, levantar a auto-estima” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

“Wilson: E objetivo que você tinha no começo, você conseguiu?

Juliana: Então, esse que era o lance, assim, eu acho que esse objetivo mudou, durante o curso inteiro ele foi mudando. Ultimamente pra mim era muito mais de ‘Vamos gerar algum tipo de mobilização’.” (Juliana Mendes, 23 anos)

“Pô eu acho que o objetivo, o objetivo da oficina de rádio é aquele que eu respondi na pergunta passada aí. Era, tipo, mostrar para as pessoas que elas podem, tipo, debater dos seus problemas, tipo, em uma rádio comunitária e também elas podem ajudar a população, tipo, do lugar onde elas moram. Tipo, se o carinho tem um mercadinho, aí ele pode muito bem, ir lá na rádio comunitária e falar, tipo, ‘Pô, no meu mercadinho tem feijão a 99 centavos’.” (Edilmar Souza, 17 anos)

“Acho que o objetivo, pra mim, acho quer era mais capacitar a gente pra formular a idéia na nossa comunidade. Porque, eu não sei se vocês tinham foco mesmo a rádio, porque como o tema de comunicação não envolve só rádio, era mais, acho que comunicação quando me vem à cabeça é mais exposição de idéias. Você expor as idéias de uma forma criativa e diferente. Então, eu acho que era acrescentar mais um pouco da nossa comunidade e a gente levar, é, as idéias pra fora.” (Wilson Ximenes, 19 anos)

Portanto, os entrevistados ressaltam a comunicação comunitária como um instrumento para debater os problemas da comunidade, perceber suas necessidades, fazer denúncia, e divulgar as atividades da comunidade. Ou seja, a comunicação comunitária fortalece o sentimento de comunidade, promove a interação e é uma forma

também de expor idéias de maneira criativa. Para se chegar a essa comunicação comunitária é necessário um processo de mobilização. Processo esse que fortalece a auto-estima das pessoas envolvidas, como apontado na fala anterior do estudante da UnB Leyberson Pedrosa.

O objetivo prático de implementar uma rádio comunitária no Varjão tem destaque na fala de 9 entrevistados (5 jovens do Varjão e 4 estudantes da UnB). O morador do Varjão Fábio Santarém relembra mesmo o processo da concessão que gerou a expectativa da possibilidade de autorização para o funcionamento de uma rádio comunitária no Varjão. Os moradores do Varjão que ressaltaram o objetivo da oficina como a implementação da rádio comunitária no Varjão foram Fábio Santarém, Rosiane da Silva, Sabrina Frontina, e Weiler de Lima. Além deles, a estudante da UnB Maria José de Souza também destacou esse objetivo:

“Pra mim era construir a rádio, que vocês falavam desde o começo que já tinha liberado, que o governo ainda tinha, que alguém tinha liberado aí pra gente poder fazer a rádio.” (Fábio Santarém, 21 anos)

“Ah! Sei lá. Eu achava que a gente, as pessoas iam fazer. Botar uma rádio poste, né? Que estava falando. Eu achava. Só isso.” (Rosiane da Silva, 21 anos)

“O objetivo era fazer uma rádio aqui no Varjão, e... Fazer uma rádio poste no Varjão ou rádio normal para toda comunidade.” (Sabrina Frontina, 16 anos)

“Eu creio que era assim botar uma rádio local aqui no Varjão, porque não tem e é uma coisa, que assim eu creio que deveria ter, que ajudaria muito na comunidade do Varjão.” (Weiler de Lima, 18 anos)

“O objetivo era... o grande objetivo era botar a rádio para funcionar no Varjão. Pelo menos era esse que eu tinha claro. Eu não sei se a gente, gente deixou isso muito claro, mas era muito fazer com que eles tivessem uma rádio mesmo, fazer com que eles tivessem seus programas.” (Maria José de Souza, 24 anos)

Tanto o estudante da UnB Leyberson Pedrosa quanto o estudante da UnB Flávio Cremonese falam sobre o objetivo de implementação de uma rádio comunitária, porém enfatizam a importância da rádio ser feita pelos jovens do Varjão. Caso contrário, a ação poderia se tornar assistencialista, na medida em que não geraria mobilização e muito menos o fortalecimento da auto-estima dos jovens moradores do Varjão percebendo sua capacidade de ação. Em vez de estimular o protagonismo juvenil, a oficina de rádio estaria trazendo um elemento externo e estranho à comunidade do Varjão. Certamente, a ação de implementação da rádio não é estritamente de responsabilidade dos jovens do Varjão, é um processo que os estudantes da UnB se propuseram a desenvolver em

cooperação. Porém, talvez seja esse um elemento que transpareça na fala da estudante da UnB Maria José de Souza quando ela diz que não sabe se o objetivo estava claro. Afinal, metade dos jovens do Varjão entrevistados responderam claramente que o objetivo da oficina era colocar uma rádio no Varjão. A dúvida que fica é até que ponto estava claro que os estudantes da UnB estavam na oficina para estimular e trabalhar em cooperação, mas não para implementar a rádio comunitária, como argumentam os estudantes da UnB Leyberson Pedrosa e Flávio Cremonese:

“Permitir que as pessoas construíssem a oficina de rádio, não a gente como capacitadores e tudo. Mas, a comunidade construiu isso, que ela se entendesse como rádio e que partisse dali para frente e que não precisasse mais desse alicerce, que seríamos nós.” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

“Era capacitar pessoas para tocar a rádio posteriormente de quando o pessoal da, da UnB saísse, e que essas pessoas fossem multiplicadores, que, que é o que a gente sempre tentou fazer com Comunicação Comunitária de um modo geral. A rádio era para ser a mesma coisa, essas pessoas serem capazes de viver sem o assistencialismo da UnB, essa coisa da gente falar ‘Olha, aperte esse botão. Olha, um jornal se faz assim’. Sabe? Fazendo bem feito, fazendo mal-feito, fazendo. A idéia é que eles fizessem por eles, que fosse o jornal dele para ele, fosse o jornal, fosse a rádio deles para eles.” (Flávio Cremonese, 24 anos)

O objetivo de profissionalização, por outro lado, revela um lado mais prático da oficina. É a idéia de que a oficina de rádio proporcionasse um produto mais imediato e que servisse como meio de inserção dos jovens no mercado de trabalho. Afinal, segundo pesquisa realizada em abril de 2003 pelo IBGE, de cada 100 jovens 26,5 estão desempregados, enquanto de 100 adultos 9 estão desempregados (Projeto Juventude, 2004, pp.28). Os estudantes da UnB Manuel Carlos Montenegro e Michelle Mattos explicam o objetivo da oficina de rádio como meio de profissionalização para os jovens moradores do Varjão em face à importância da inserção desses no mercado de trabalho, como explicitado nos seguintes trechos das entrevistas:

“Eu acho que a carência deles, a necessidade deles, que eu conseguia identificar, era com o conhecimento técnico que fosse ajudá-los, assim, de uma forma mais, é... Imediata, assim. De eles, por exemplo, saírem dali e trabalhar, operar uma mesa de som num show, operar a mesa de som num comício. É... ser assistente de operação de uma rádio ou outra qualquer.” (Manuel Carlos Montenegro, 26 anos)

“Para ele poder ter uma opção no futuro, sabe? Saber que, de repente, ali ele tem uma oportunidade de falar ‘Pô, é isso que eu quero trabalhar na minha vida’.” (Michelle Mattos, 23 anos)

Portanto, ainda que o aprendizado de técnicas na oficina de rádio se voltasse para temas como o fomento ao diálogo, a democratização da comunicação, a integração

da comunidade; o conhecimento técnico poderia ser utilizado no mercado de trabalho pelos moradores do Varjão. Assim, as técnicas aprendidas poderiam servir para que os moradores do Varjão conseguissem emprego e gerassem renda. Além da possibilidade deles aprofundarem esses conhecimentos no futuro a partir do interesse e da necessidade, como aponta o morador do Varjão Acácio Costa:

“Ocupar o jovem, assim, e até às vezes tentar profissionalizar, tentar fazer, incentivar eles a seguirem uma carreira, às vezes de radialista.” (Acácio Costa, 16 anos)

Um segundo objetivo se evidencia na fala do morador do Varjão Acácio Costa, o de que a oficina de rádio servia para ocupar o jovem. O mesmo objetivo está presente também na fala do estudante da UnB Leyberson Pedrosa quando ele afirma que “a outra [parte do objetivo da oficina de rádio] é de dar uma perspectiva de vida, assim, ter alguma coisa para fazer ali”. Ainda, a estudante da UnB Margareth Mota indica esse objetivo de que o jovem não fique na rua.

“Despertar, sei lá, o interesse dos jovens por uma atividade que não fosse só ficar na rua... ou não ter nada para fazer, não ter nada para fazer depois que saí da escola, por exemplo. É uma alternativa para a comunidade. Uma alternativa saudável e que ao mesmo tempo lidasse com a comunicação, que é a nossa matéria e que é nossa área de atuação.” (Margareth Mota, 29 anos)

Nessa última fala, a rua aparece como um local perigoso. Tal adjetivo para a rua está presente na diferenciação que Roberto DaMatta realiza entre o mundo da casa e o mundo da rua, na tentativa de explicitar a identidade brasileira. DaMatta explica o mundo da casa como um local de segurança onde todos são insubstituíveis, e o mundo da rua como o local de uma massa de indivíduos isolados e regidos pela lógica do trabalho e da exploração. Assim, “na rua não há teoricamente, nem amor, nem consideração, nem respeito, nem amizade. É local perigoso” (DAMATTA, 1986, pp.29).

Esse objetivo de ocupar os jovens se relaciona ao paradigma da juventude como etapa problemática e, portanto, se relaciona com políticas compensatórias para os jovens vulneráveis, em risco, ou com potencial de transgressão (ABRAMO, 2005, pp.20). A própria palavra transgressão remete à rua como um local perigoso, de violência.

Por outro lado, a ocupação dos jovens pode se referir a uma ótica de proporcionar o direito ao lazer. Afinal, como aponta a pesquisa Juventude Brasileira e Democracia (2005, pp.34), os jovens possuem maior dificuldade de acesso à cultura e

ao lazer, pois ambos estão relacionados com um consumo que a juventude não pode pagar. Ainda, os espaços de lazer se concentram em zonas de poder aquisitivo maior, portanto não existe cinema, centro cultural ou teatro no Varjão, por exemplo. Dessa forma, a oficina de rádio pode preencher essa necessidade de ocupar o tempo com alguma atividade de lazer. Afinal, como aponta o morador do Varjão Edilmar Souza (17 anos), a oficina “era um meio, assim, de descontração”.

Portanto, foram apontados quatro objetivos mais evidentes para a oficina de rádio: debate de comunicação comunitária, implementação de uma rádio comunitária no Varjão, profissionalização em radialismo e oferecer atividades para ocupação do tempo dos jovens do Varjão. Ao serem perguntados se o objetivo da oficina de rádio mudou em algum momento, todos os estudantes da UnB negaram, com exceção da pesquisadora da UnB: “Então, esse que era o lance, assim, eu acho que esse objetivo mudou, durante o curso inteiro ele foi mudando.” (Juliana Mendes, 23 anos). A estudante da UnB Natalia Veil não consegue mesmo perceber possibilidades de mudança dos objetivos: “Não, de jeito nenhum. Não via nem para onde. Eu, eu não consigo nem enxergar para onde mudar.” (Natalia Veil, 22 anos).

Por outro lado, os demais estudantes da UnB indicam que os objetivos não foram completamente alcançados. A estudante da UnB Tatiana Jebrine aponta uma outra dificuldade da oficina de rádio, que era o fato dos objetivos estarem se esvaindo:

“Tatiana: Até onde eu tava lá, infelizmente, os objetivos tavam se esvaindo, mas acho que não por parte de nós estudantes que estávamos lá no início como você. Mas, por uma dificuldade dos próprios participantes de entenderem qual é o nosso objetivo nisso tudo.” (Tatiana Jebrine, 23 anos)

A dificuldade em comunicar o objetivo para os participantes moradores do Varjão também está explícito na fala da estudante da UnB Maria José de Souza:

“Eu acho que isso também faltou muito, eles definirem o formato que eles queriam. Porque às vezes a gente fica meio que impondo, vai, vai dando alternativas. [...] Por isso que eu acho que essa fase de construção com eles é válida, porque a gente dá soluções, tem milhares. Todas são viáveis, são boas, mas o quê que eles acreditam? Até hoje eu não tive resposta.” (Maria José de Souza, 24 anos)

Portanto, é provável que os objetivos não estivessem se modificando, mas que os envolvidos na oficina de rádio não estivessem mais sabendo distinguir claramente quais eram os objetivos ou que cada um tivesse a percepção de um objetivo diferente, sem um

alinhamento de visões. Por outro lado, essa indefinição dos objetivos por parte dos estudantes da UnB, que propunham a oficina, pode ter levado à dificuldade de expressá-los para os participantes do Varjão. Fato que dificulta até mesmo a ação deles, de implementarem uma rádio no Varjão.

Outro fator que o estudante da UnB Leyberson Lelis aponta é que, mesmo que os objetivos tenham permanecido os mesmos, houve muitas mudanças dentro e fora da oficina de rádio que modificaram o enfoque da mesma. Porém, ele apresenta essa mudança como positiva, pois flexibilizava a oficina para os interesses dos participantes da oficina de rádio - suas demandas – e, assim, a oficina dialogava com seus desejos e anseios.

“Cara, as demandas mudavam, eu acho. Os objetivos permaneciam os mesmos, inertes, mas eu acho que a, ah sei lá, um bazar para arrecadar dinheiro pra oficina ou [...] pra creche mudavam. Então, isso mudava e segurava um pouco o objetivo X que a gente tinha. Ia trabalhar com outra perspectiva, e com as interrupções que tinham.” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

Por fim, quatro estudantes da UnB apontaram que os objetivos não foram alcançados em algum nível, como exposto nos seguintes trechos de suas falas:

“Acho que os objetivos não mudaram, mas na prática eles não chegaram a ser cons, consolidados. Eu me lembro assim até quando eu participei do projeto, depois eu acabei me distanciando do projeto.” (Flávio Cremonese, 24 anos)

“Eu acho que a gente não se aprofundou tanto quanto é, eu queria... eu esperava pelo menos.” (Manuel Carlos Montenegro, 26 anos)

“O único objetivo que a gente conseguiu na verdade, eu acho que foi despertar neles a vontade de ter, ter uma rádio comunitária.” (Margareth Mota, 29 anos)

“A gente não conseguiu o objetivo por causa da gente.” (Michelle Mattos, 23 anos)

O estudante da UnB Flávio Cremonese demonstra que houve uma diferença entre o que foi idealizado e planejado para o que foi implementado concretamente. Essa percepção de frustração entre o que se planejou e o que foi realizado também está presente na fala de Michelle Mattos, quando percebe que os estudantes da UnB foram os responsáveis pelo objetivo não ter sido alcançado. Nas falas de Manuel Carlos Montenegro e de Margareth Mota, percebe-se que algo do objetivo foi realizado, mas que poderia ter ido mais além. Como disse Manuel Carlos Montenegro, poderia ter sido mais aprofundado segundo suas expectativas. Já a modalidade do adjetivo “único”, utilizado por Margareth, revela uma perspectiva de que pouco foi feito. A modalidade

enfraquece a afirmação de que foi alcançado o objetivo de despertar a vontade de se ter uma rádio comunitária no Varjão, essa concretização do planejado perde a importância.

4.8. Planejamento da oficina de rádio

Depois de uma reunião inicial com os estudantes matriculados em Comunicação Comunitária 2 para dividir quem atuaria em qual grupo do trabalho de campo, como todos os outros grupos da disciplina Comunicação Comunitária, o grupo da oficina de rádio tinha autonomia para fazer seu planejamento e implementar as ações. Dessa forma, os próprios estudantes pensavam como seria a oficina, a metodologia, os temas tratados e o cronograma. Assim, a disciplina estimulou não só o protagonismo juvenil dos participantes do Varjão, buscando o diálogo contínuo, mas também estimulou a ação dos jovens estudantes da UnB.

Esse caráter da disciplina, de garantir a autonomia para os estudantes remete tanto ao conteúdo trabalhado em sala de aula – com textos que reforçam a questão do diálogo e da horizontalidade –, como à origem da própria disciplina. A disciplina Comunicação Comunitária, como já foi explicitado anteriormente, surgiu como uma forma de institucionalizar as ações da Ralacoco (Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária). Portanto, a disciplina envolve mais que somente o professor, mas todo o coletivo da rádio. Coletivo esse que também se organiza de forma horizontal e surgiu a partir da iniciativa dos estudantes da UnB. Assim, o Prof. Fernando Paulino manteve aberto o espaço da disciplina Comunicação Comunitária para ser ocupado pelas idéias e propostas dos membros do coletivo da Ralacoco. Exemplo dessa abertura foi a inclusão na programação da disciplina de um dia de oficina de rádio para os estudantes da UnB conhecerem a história, princípios e o estúdio da Ralacoco. Ainda eram organizadas reuniões esporádicas com o Prof. Fernando Paulino, os membros da Ralacoco envolvidos na disciplina e os estudantes de Comunicação Comunitária que demonstravam maior interesse pela disciplina.

Durante a entrevista, a estudante da UnB Margareth Mota, que cursou a disciplina Comunicação Comunitária 1, discorreu acerca da necessidade de um momento de planejamento da oficina que incluísse a participação do professor, um líder comunitário, quem cede o espaço para a oficina e todos os envolvidos:

“Margareth: Tinha que sentar todo mundo antes. O professor, quem cuida da parte, assim....

Entrevistadora: O professor também?

M: O professor também, o professor é fundamental nessa parte. Sentar o professor, sentar o líder da comunidade, quem que está cedendo o espaço, esse tipo de coisa. Todo mundo que está envolvido, que vai, que vai entrar em contato com a comunidade. Sentar todo mundo junto e verificar o que a gente tem de disponível e o que a gente pode fazer em cima do material que a gente tem. Então, faltou isso. Faltou sentar primeiro, analisar a situação para depois aí fazer alguma coisa.” (Margareth Mota, 29 anos)

Definitivamente essa poderia ser uma possibilidade de ação. Contudo, como a estrutura da disciplina estava pensada para que houvesse grupos de estudantes da UnB (matriculados na disciplina Comunicação Comunitária 2) planejando autonomamente as atividades dos grupos de trabalho de campo, optou-se por um modelo de ação fundamentado na criação da disciplina Comunicação Comunitária 2 e no programa da disciplina de Comunicação Comunitária 1. A escolha ficou evidente quando o Prof. Fernando Paulino explicou que o grupo da oficina de rádio se insere na disciplina “como um dos grupos de trabalho em que os estudantes têm autonomia para propor e [acompanhar] a execução do trabalho, pondo em prática os conceitos desenvolvidos na parte inicial da disciplina”. Pelo uso da palavra “autonomia”, a escolha do professor revela a perspectiva de gestão coletiva e horizontal descrita pelo estudante Manuel Carlos Montenegro:

“Uma gestão coletiva de uma entidade, de uma coisa que nem uma rádio comunitária, é muito melhor para todo mundo, assim, fortalecer tanto o espírito de comunidade, a capacidade das pessoas de negociar, de expor as idéias, de comunicar, de interagir melhor com as pessoas, [...] horizontalizar as relações, não tem um chefe mandando.” (Manuel Carlos Montenegro, 26 anos)

Portanto, a gestão coletiva, autônoma e horizontal gera conhecimento, na medida em que as pessoas envolvidas aprendem a negociar formas de agir, vontades e objetivos. É também um aprendizado quando proporciona às pessoas o sentimento de pertencimento a um grupo, o “espírito de comunidade”.

Contudo, a oficina de rádio era entendida como um recorte dentro da disciplina Comunicação Comunitária. Dessa forma, o Prof. Paulino observou ao responder à pergunta “Como surgiu a oficina de rádio?”, que “a questão inicial é como ‘surgiram as oficinas de comunicação comunitária’?”. Portanto, a articulação com a AOPA (que cedia o espaço), com líderes comunitários (como João Costa da Associação dos Amigos da Cultura, Dida da Associação dos Comerciantes do Varjão, Núbia da Creche Criança

Cidadã, entre outros) e estudantes envolvidos na disciplina aconteceu anteriormente ao início das atividades no Varjão e esporadicamente em horários que não eram os mesmos das aulas aos sábados. Essa articulação está presente na fala já citada do morador do Varjão João Costa:

“Entrevistadora: Como é que você ficou sabendo da oficina de rádio?

João Costa: Oficina de... Assim, fiquei sabendo primeiro através do professor...

E: Paulino?

JC: Fernando Paulino, que sempre... A primeira vez que eu encontrei com ele foi na escola no fórum de DLIS, tava formando um grupo, né? Desenvolvimento Loc... Integrado Sustentável da Comunidade Ativa. Então, o Fernando foi a primeira pessoa que eu fiquei sabendo foi através dele.

E: Então, quando surgiu a oficina de rádio foi através dele, também?

JC: Não, não entendeu. Foi ele que nos colocou em conexão com os estudantes...

E: Com a UnB?

JC: Com a Universidade de Brasília, né? Com os estudantes da Faculdade de Comunicação Comunitária e com isso a gente foi interagindo, e... e as divulgações foram feitas através dos alunos.

E: Tipo uma coisa consequência?

JC: Consequência, e com a companhia do professor sempre, o professor.

(João Costa, 28 anos)

A dificuldade em entender a oficina de rádio como um processo iniciado antes do semestre em que cursou a disciplina de Comunicação Comunitária está presente na fala da estudante Margareth Mota, quando ela discorre sobre a continuidade do projeto:

“Porque a gente não tinha [...] essa idéia de continuidade. Embora a gente estivesse em um semestre e todo sábado a gente estivesse lá, cada sábado a gente estava começando a mesma coisa que a gente tinha iniciado no semestre. Eu [...] não sentia a continuidade, nunca sentia a continuidade. Então, fica meio difícil você trabalhar com uma coisa que você não sabe se, se existe ou se não existe, para falar a verdade. Então, diante dessa incerteza, assim, a gente não continuou.” (Margareth Mota, 29 anos)

Durante as entrevistas, alguns estudantes da UnB citaram a primeira reunião de planejamento que ocorreu no segundo semestre de 2004. Durante a primeira reunião de planejamento foram problematizadas as limitações de se realizar uma atividade de extensão no Varjão, considerando que nenhum dos estudantes da UnB possuía uma formação específica para planejar e implementar o projeto, a não ser os debates dos textos sobre mobilização social, trabalho de campo e extensão durante o semestre em que estavam matriculados na disciplina Comunicação Comunitária 1. As pessoas que estavam pensando a oficina eram estudantes de comunicação, sem um preparo específico de psicologia ou pedagogia. Um dos tópicos que teve destaque foi o

questionamento acerca de como agir se, ao debater os problemas da comunidade do Varjão, um dos moradores trouxesse uma situação de violência em casa. As estudantes da UnB, Juliana Mendes e Maria José de Souza, falam sobre essa problematização:

“Se aparecesse uma menina que em casa tem dificuldades imensas, como a gente que [...] tem que ter um preparo de psicólogo. Como que a gente ia lidar com isso. E a gente decidiu, não, vamos botar a cara e a gente vê como é que faz. Acho que era muito mais no caso de uma menina que poderia tá apanhando e esse tipo de coisa.” (Juliana Mendes, 23 anos)

“Se chegar alguém com problema de violência em casa, o que a gente faz? [...] A gente falando, a gente não é pedagogo, como é que a gente vai ensinar? A gente não é psicólogo, como que a gente vai, se chegar uma criança com um problema desses em casa, como é que a gente vai chegar?” (Maria José de Souza, 24 anos)

Uma sugestão que surgiu da estudante da UnB Maria José de Souza era contar com o apoio da Prof^a. Marilúcia Picanço que, caso fosse necessário, poderia orientar como agir em casos de violência. Afinal, foi sob sua coordenação que surgiu o projeto de extensão *Saúde e Qualidade de Vida dos Adolescentes do Varjão*. Dessa forma, inicialmente, foi organizado para que ela participasse de uma oficina no segundo semestre de 2004, quando seriam discutidos problemas específicos da comunidade que os participantes da oficina apontassem (descrição da atividade no planejamento em anexo). Contudo, não foi possível a presença da professora no dia da oficina. Nesse mesmo dia, a tolerância zero surgiu como uma solução para os problemas da comunidade. Os estudantes da UnB, como descrito anteriormente, aprenderam como lidar com essa situação. Afinal, como Maria José de Souza (24 anos) explicou em sua entrevista, não é só no Varjão que os estudantes podem entrar em contato com essa situação: “isso daí existe até em comunidades não carentes. Esse problema se existe, pode ser um amigo seu. Um dia chegar e ‘Pô, meu pai bate na minha mãe’, entendeu?”. Na vida cotidiana dos estudantes da UnB, a violência também aparece como solução para os problemas sociais. Tanto é assim que os movimentos pelos Direitos Humanos “estão acostumados a apanhar”. Geralmente os ataques vêm das alas mais conservadoras: ‘direitos humanos só servem para defender bandidos!’ ou ‘o pessoal dos direitos humanos adora passar a mão na cabeça dos marginais’. Na rede de relacionamentos Orkut, há mais de 100 comunidades contrárias ao movimento, todas raivosas. ‘Eu odeio direitos humanos’, ‘Direitos humanos ou dos manos?’ e ‘Direitos humanos só para humanos direitos’.” (BARROS, 2006, pp.4).

Retornando ao planejamento, ele geralmente ocorria na casa de alguém ou na UnB mesmo. O planejamento era o momento de discussão acerca do que precisava acontecer na oficina. Dessa forma, eram listadas as atividades e distribuídas as funções. Sempre havia a discussão acerca de como seriam as metodologias, se elas eram as melhores para aquele momento, se seria enfadonho para os participantes, ou não. Segundo a estudante da UnB Maria José de Souza, essas “discussões [podiam] demorar uma eternidade” (Maria José de Souza, 24 anos), mas aumentavam a interação da equipe. Afinal, todos davam opiniões que eram bem aceitas pelo grupo, gerando a discussão acerca dos temas e metodologias da oficina de rádio. A estudante da UnB Maria José de Souza descreve esses momentos:

“Gente dava opiniões, assim, e [...] eram muito bem recebida, todo mundo interagia muito bem na questão de tipo ‘Vamos fazer uma oficina sobre isso’, ‘Vamos focar mais no teatro’, ‘Vamos focar mais nisso, vamos dar tempo para isso’. Acho que também flexível também. E essa era bem a questão, a gente sempre planejava mais e não dava menos. Ainda bem que a gente sempre planejou para mais, assim, que sempre que não dava ‘Ih, não vai dar tempo de fazer a outra atividade’. Mas, a gente sempre tinha idéia de atividade, eu achava isso fantástico, assim. Porque era todo mundo pensando, todo mundo motivado para dar idéias e tal.” (Maria José de Souza, 24 anos)

A questão da diferença entre o que era planejado e o tempo para realizar as atividades também apareceu nas respostas da estudante da UnB Natalia Veil. Porém, em ambos os casos, o planejamento de mais atividades que ultrapassavam o tempo disponível aparece como algo positivo. Isto é, um indicador, ainda que subjetivo, para medir o quanto os moradores do Varjão participantes da oficina estavam ou não gostando das atividades, como explica a estudante da UnB Natalia Veil:

“Ah! E o que era bem bacana, eu acho bem bacana é que sempre faltava tempo, mas mais que assim que começava atrasado e esse pode ser um dos motivos, mas, é porque quando falta tempo é porque tá bacana, tá legal, entendeu?” (Natalia Veil, 22 anos)

O termo “flexível” para descrever o planejamento da oficina aparece não só na fala da estudante da UnB Maria José de Souza, mas novamente na fala da estudante da UnB Natalia Veil que participou da oficina quando matriculada na disciplina Comunicação Comunitária 1. Para ela a flexibilidade, diferente de para Maria José de Souza, se refere à abertura e a mudanças de horário das reuniões para que as pessoas novas pudessem participar, em vez da flexibilidade na programação planejada para a

oficina, como explicou a estudante da UnB Maria José de Souza. Em relação à flexibilidade no planejamento da oficina de rádio, a estudante da UnB Natalia Veil argumenta:

“Mas, o quê eu me lembro com relação a planejamento foi que eu sempre fui convidada, a participar e as reuniões já mudaram. Mudança mesmo, ‘Ah! Você não pode nesse horário, então vamos fazer nesse horário’. Então, o que é, havia uma flexibilidade grande para que houvesse planejamento [...] Acho que quem quis participar teve como participar, se não participou porque ou não correu mais atrás ou, entendeu? E era, o que eu achei mais interessante é que era aberto ao grupo inteiro, né? E, tipo assim, sempre as mesmas pessoas passavam, as mesmas 2, 3 pessoas, sendo que, tipo, 10 pessoas eram convidadas [...] Todo mundo teve oportunidade de participar do planejamento, entendeu? E não participou porque não era obrigatório, talvez, porque não valia nota, entendeu? (Natalia Veil, 22 anos)

Entretanto, duas estudantes da UnB entrevistadas ressaltaram as dificuldades de se encontrar fora do horário de aula para o planejamento. Afinal, “como era uma vez por semana os encontros, ficava meio complicado, porque, ao mesmo tempo que ficava difícil do grupo se encontrar era difícil o grupo se encontrar fora do horário da aula, sábado de manhã” (Margareth Mota, 29 anos), pois:

“as pessoas [...] têm outros interesses, têm outras obrigações, entendeu? A gente está o meio de um semestre. E um sábado de manhã é um dia que dá para você trancar [trabalhar] e adiantar muito trabalho. É um dia que dá para você dormir até mais tarde.” (Michelle Mattos, 23 anos)

Certamente, o posicionamento acerca da disponibilidade para a oficina está relacionado com as prioridades de cada estudante, como também com o modelo escolar que estimula a realização das atividades que valem nota, enquanto as que não valem nota se tornam menos importantes. Mas, ainda, devido a esse caráter de não obrigatoriedade, a disponibilidade para o planejamento esteve relacionada principalmente com as motivações de cada estudante para participar da oficina, como explicita a fala da estudante da UnB Michelle Mattos:

“Encontro fora do horário de aula, sábado, para mim era difícil. Tá. Difícil porque você não tem tempo? Ah, também. [...] Mas, não era só isso, era estímulo.” (Michelle Mattos, 23 anos)

Entretanto, se tornava insustentável para o grupo da oficina de rádio realizar seu planejamento e a oficina ao mesmo tempo no sábado de manhã. Porque o planejamento,

como já descrito, é um momento que precisa de tempo para debates e avaliações. Como explica o estudante da UnB Leyberson Pedrosa, a oficina :

“Não é uma coisa só de sábado, você vai ter que ir sexta, participar de reunião de segunda, terça. Como elas reclamaram também ‘Ah! Vocês fazem reunião no meio da semana ou tentam conversar, assim não dá’. Mas, assim também não dá com a comunidade que não só existe em um dia, ela existe durante toda a semana.” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

No entanto, como a pesquisa participante proporciona um momento de aprendizado, na medida em que a pessoa pára para contar e refletir acerca do tema tratado, a estudante da UnB Michelle Mattos chegou a conclusão parecida com a do estudante da UnB Leyberson Pedrosa:

“Errei em outras coisas, né? De não ter dado mais atenção para a matéria, de não ter me, é... não abrir espaço para me encontrar fora daquele horário, para crescer. Tratei de uma forma muito burocrática algo que não era.” (Michelle Mattos, 23 anos)

Dessa forma, os planejamentos ocorriam em horários fora da aula de sábado de manhã, com exceção de um cronograma para o segundo semestre de 2005 que foi montado em um sábado de manhã. Enquanto um estudante de Comunicação Comunitária 2 se reunia com o grupo de Comunicação Comunitária 1 para realizar um planejamento da oficina, o restante do grupo da oficina de rádio realizava outras atividades.

Nessas reuniões, fora do horário da aula, quando o planejamento era elaborado para todo o semestre ou um período maior de tempo, havia um momento para falar das motivações para estar na oficina de rádio, como também um momento que o estudante da UnB Leyberson Pedrosa chama de “desabafo”. Isto é, falar “primeiro do que aconteceu, do que estava esperando” (Leyberson Pedrosa, 21 anos). Independentemente se o planejamento era a longo ou a curto prazo, havia sempre a divisão de tarefas. A diferença do planejamento a longo prazo é que havia espaço para discutir os objetivos da oficina e também fazer uma avaliação baseada nas percepções da oficina de rádio.

Durante os três semestres da oficina aconteceram planejamentos a longo prazo, que estabeleciam o cronograma para aquele período específico da oficina (os mapas dos planejamentos encontram-se no anexo da monografia). Contudo, para o primeiro semestre de 2005 o planejamento não foi pensado para todos os meses. A proposta era perceber como o cronograma se desenvolveria e depois retomar o planejamento

novamente. Assim, foram freqüentes reuniões que planejavam a curto prazo, a cada semana, as atividades da oficina de rádio. Esse hábito se estendeu também para o segundo semestre de 2005, principalmente, porque foi um período de muitas mudanças, o que dificultava pensar em um planejamento mais estático e a longo prazo. Assim, o planejamento geral da oficina aconteceu quando os estudantes de Comunicação Comunitária 1 entraram no grupo da oficina de rádio para realizar o trabalho de campo.

Em relação à questão de planejamento a longo ou curto prazo, os estudantes da UnB Leyberson Pedrosa e Manuel Carlos Montenegro mostraram visões diferentes, mas não excludentes, ao responderem o que mudariam no planejamento. Por um lado, Leyberson Pedrosa reforçou a necessidade de um planejamento a longo prazo: “a coisa que poderia mudar é pensar mais a longo prazo mesmo.”. Enquanto Manuel Carlos Montenegro defendeu um planejamento que pensasse final de semana por final de semana: “estruturar melhor, planejar atividade por atividade, final de semana por final de semana.”. A melhor solução seria reunir as duas idéias, continuar com um planejamento a longo prazo, atendendo aos aspectos mais gerais, e uma série de planejamentos semanais, atendendo as necessidades mais imediatas. Manuel Carlos Montenegro sugere ainda que a oficina fosse dividida em módulos, conectados dentro de uma linha de desenvolvimento lógico, e que houvesse avaliações que permitissem modificações necessárias ao transcorrer da oficina, ainda que as modificações fossem baseadas “em resultados [que] sejam impressões”. Essa sugestão mostra a necessidade de blocos de assuntos a serem tratados, que se conectariam até chegar a um determinado ponto, seguindo uma linha lógica. Ou seja, esse ponto a se chegar deve estar mais próximo do objetivo da oficina de rádio. Portanto, essa sugestão requer que os objetivos estejam mais claros e alinhados entre os estudante da UnB e que as reuniões de planejamento aconteçam também a partir de um calendário pré-estipulado, em vez de acontecerem segundo a necessidade percebida. A sugestão inclui ainda momentos claros de avaliação dos resultados, que poderiam acontecer pensando módulo por módulo.

4.9. Implementação do planejamento da oficina de rádio

Dos entrevistados, 5 estudantes falaram das mudanças que ocorriam no planejamento quando era implementado. Os motivos dessas mudanças incluem o fato de que “as pessoas faltam, as pessoas ficam doentes, as pessoas não têm interesse, as pessoas trabalham no sábado” (Leyberson Pedrosa, 21 anos), ou de que:

“a gente não tem a certeza de que todos os participantes vão tá lá aos sábados, eles vão tá num nível que eles vão se prontificar a fazer os exercícios que a gente passa semanalmente. [...] Não saber o quê ia acontecer sábado, quem ia participar, que o participante da semana anterior ia tá lá pra dar continuidade ao que a gente tinha começado.” (Tatiana Jebrine, 23 anos)

Portanto, um dos motivos das mudanças no planejamento era o fator humano. Com a entrada de novos moradores do Varjão na oficina de rádio, não se conseguia manter a frequência dos participantes. Tampouco era possível pedir atividades para serem realizadas durante a semana. Os motivos para essa situação de alta rotatividade e impossibilidade de realizar atividades durante a semana eram: o trabalho dos moradores do Varjão e a possibilidade deles faltarem por doença, ou mesmo por falta de interesse.

Outros motivos apontados para as mudanças estão relacionados com a infraestrutura, de não saber, como apontou a estudante da UnB Margareth Mota, se “de repente a rádio lá já não existia mais, já não tinha o mesmo espaço, que o rádio poste não ia dar porque não tinha equipamento.” (Margareth Mota, 29 anos). Assim, as mudanças no planejamento ocorriam também por causa dos estudantes da UnB que não avaliavam as condições técnicas para que as atividades acontecessem, como explica a estudante da UnB Michelle Mattos, “geralmente, quem mudava era a gente, sabe? Porque a gente ficava contando, ô, que no outro final de semana ia ter o não sei o quê e no outro final de semana não tinha aquele rádio.” (Michelle Mattos, 23 anos). Ainda, havia vários fatores que não poderiam ser percebidos antes da oficina de rádio acontecer, pois ela abrangia a interação entre os estudantes da UnB e os moradores do Varjão, dois grupos sociais que possuem necessidades e realidades diferentes:

“Acho que pela reação dos meninos, acho que pelo contato mesmo, a gente viu que aquele plano que a gente tinha feito não levou em conta algumas coisas que a gente viu lá na hora, que a gente só ia poder perceber lá na hora.” (Manuel Carlos Montenegro, 26 anos)

Esse fator levanta outra questão, que é a importância do planejamento ser realizado junto com os participantes moradores do Varjão. Houve dois momentos em que os estudantes da UnB conseguiram realizar o planejamento da oficina de rádio com poucos moradores do Varjão. O primeiro momento ocorreu no segundo semestre de 2005, quando a jovem moradora do Varjão Rosiane da Silva participou de uma reunião de planejamento da oficina de rádio. O segundo momento aconteceu no primeiro semestre de 2006, quando foi realizada uma reunião de planejamento com as jovens

moradores do Varjão Rosiane da Silva e Sabrina Frontina e as estudantes da UnB Maria José de Souza e Juliana Mendes. Porém, devido à desmobilização decorrente da falta de pagamento das bolsas de auxílio financeiro do Programa Cultura Viva, a oficina planejada não foi implementada.

A presença da moradora do Varjão Rosiane da Silva na reunião de planejamento do segundo semestre de 2005 foi importante para saber a visão de pelo menos um dos moradores do Varjão sobre a oficina. Assim, os estudantes da UnB podiam perceber quais eram as necessidades e objetivos dos moradores, e também sua avaliação das atividades desenvolvidas na oficina, como explica o estudante da UnB, Leyberson Pedrosa:

“A gente até participou com a Roninha [Rosiane], que é uma das participantes do grupo [do Varjão] que a gente sentou e foi discutir os problemas, o que estava achando e tudo mais. [...] Ela falou que tinha momento que estava muito chato. Estava muito chato o que a gente estava fazendo... e a gente percebeu que era exatamente porque as pessoas não estavam conseguindo perceber aquilo, tinha um problema de comunicação até na oficina, que a gente falava uma língua, a pessoa entendia outra e às vezes esperava uma coisa delas e elas estavam esperando outra da gente, ou às vezes não estava nem esperando, só estava ali mesmo porque estava ocioso no sábado e domingo” (Leyberson Pedrosa)

Portanto, outro fator que dificultava o planejamento e sua implementação era a comunicação entre os estudantes da UnB e os moradores do Varjão. Não era evidente para ambos os lados as razões que os levavam a participar da oficina, nem os objetivos de cada um na atividade.

O envolvimento dos moradores do Varjão no planejamento da oficina de rádio foi novamente apontado como decorrente das prioridades dos estudantes da UnB. O estudante da UnB Flávio Cremonese cita os fatores falta de tempo e recursos (determinantes nas prioridades dos estudantes da UnB) como “amarras” que são inventadas:

“A gente até discutiu na época, que é, era muito importante envolver a comunidade do Varjão na etapa, na etapa desde o planejamento, coisa que na época a gente não fez, não foi possível. Eu lembro que, que a Mazé, o Manu, você, o Marcelo, a gente até queria fazer isso na época, só que não acabou fazendo por falta de tempo, falta de recurso, as velhas amarras que a gente inventa para impedir os projetos.” (Flávio Cremonese, 24 anos)

Além dessa questão de tempo, recurso e, principalmente, prioridades, há também um outro fator, perceber o tempo que as mudanças precisam para acontecer. Isto é, a

oficina de rádio é um processo de mobilização social e depende de fatores que não são quantificáveis ou controláveis. Portanto, os resultados não são instantâneos e tampouco, quando acontecem, são totalmente efetivos, como explica a estudante da UnB Maria José de Souza:

“O grande desafio é envolver eles. Como envolver? Como? É isso que eu me pergunto até agora, porque eu não sei. Você tenta, tenta, tenta. Às vezes é com tempo também, vai indo, vai indo, vai indo, que eles vão se tornando mais, né?” (Maria José de Souza, 24 anos)

As tentativas de envolvimento da comunidade no planejamento aconteciam com a apresentação do que era pensado para a oficina e da avaliação das atividades que aconteciam. Contudo, as estudantes da UnB Maria José de Souza e Michelle Mattos indicaram as dificuldade de realmente saber o que os jovens do Varjão pensavam sobre a oficina, pois eles falavam muito pouco ou recebiam sem reclamações as atividades propostas. A estudante Maria José de Souza enfatiza que esses momentos de pensar o que seria feito na oficina aconteciam mais com os estudantes propondo alternativas e os jovens do Varjão escolhendo entre elas. Em vez, de eles proporem as alternativas para a oficina.

“Outro desafio grande é você ter uma resposta, né? É você conseguir saber se está dando certo [...] Eu não sabia se eles estavam com vergonha de dizer se estava ruim, sabe? Porque eles aceitavam muito o que a gente colocava.” (Michelle Mattos, 23 anos)

“Eu acho que isso também faltou muito, eles definirem o formato que eles queriam. Porque às vezes a gente fica meio que impondo, vai, vai dando alternativas. Acho que ainda... eram eles... Por isso que eu acho que essa fase de construção com eles é válida, porque a gente dá soluções, tem milhares. Todas são viáveis, são boas, mas o quê que eles acreditam? Até hoje eu não tive resposta.” (Maria José de Souza, 24 anos)

Já os estudantes da UnB Leyberson Pedrosa e Manuel Carlos Montenegro discorrem sobre o equilíbrio necessário entre o envolvimento com a comunidade e a preparação anterior da oficina. Segundo o primeiro, tem mais valor quando se discute

“com ela [a comunidade] algumas perspectivas e [...] consiga construir isso junto. É um trabalho mais difícil do que você chegar lá com manuais prontos formados, mas que eu acho que tem muito mais valor quando se tem algum resultado.” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

O estudante da UnB Manuel Carlos Montenegro reconhece a importância da troca com a comunidade, mas destaca que é necessário chegar inicialmente com uma proposta bem estruturada. Explica que a necessidade dessa proposta se deve a outra necessidade, que é da avaliação. Isto é, com uma proposta inicial formada, se pode pensar também em indicadores para medir (ainda que subjetivamente) os resultados da oficina e perceber se os objetivos do projeto estão mais próximos. Outra coisa que o estudante ressalta é a necessidade de registrar as atividades da oficina para que se tenha material para a avaliação:

“Por mais que seja uma experiência de troca, a gente tem que chegar lá com um planejamento mais estruturado, assim, para, tanto, para, mas não só para resultados, que é sempre, assim, importante. Agora eu vejo mais a necessidade de registrar as coisas e documentar para depois você avaliar melhor.” (Manuel Carlos Montenegro, 26 anos)

A estudante da UnB Margareth Mota também discorreu sobre a necessidade do planejamento anterior. Explica que esse planejamento deve realizar um diagnóstico da viabilidade estrutural da oficina. Isto é, fazer um levantamento do que é necessário para a oficina de rádio e também como conseguir esses materiais:

“A princípio eu verifiquei que não dá muito para você ter uma oficina de rádio se você não tem um planejamento anterior a você desenvolver essa oficina. Acho que o problema que teve na matéria foi justamente esse. A gente foi para fazer uma oficina, mas sem saber o que a gente podia fazer, quais os mecanismos que a gente podia fazer, quais os mecanismo que a gente tinha a nossa disposição. Então, eu acho que primeiro a gente tinha que ter sentado e visto o que nós tínhamos para depois chegar lá e trabalhar e não foi o que aconteceu.” (Margareth Mota, 29 anos)

Novamente, como no caso da discussão entre planejamento a longo e curto prazo, é possível aliar as duas necessidades apontadas: a de envolver a comunidade e a de realizar um planejamento prévio mais estruturado. O planejamento prévio não necessita ser anterior ao contato com a comunidade, mas anterior à implementação da oficina de rádio. Dessa maneira, seria possível que a comunidade participasse do planejamento prévio. Portanto, o planejamento deve iniciar-se reunindo pessoas da comunidade interessadas em participar da oficina de rádio comunitária. Nessa reunião, é importante perceber quais os interesses dos participantes, quais são as metodologias mais interessantes para o grupo, que estruturas estão disponíveis e, ainda, listar indicadores para uma avaliação posterior e marcar uma data para uma futura reunião de avaliação. O trabalho posterior a essa reunião de planejamento é esquematizar todos os dados e o cronograma das atividades. É importante, como destacou Manuel Carlos

Montenegro, registrar as atividades e as modificações que aconteceram durante as oficinas. Assim, haverá material para a reunião de avaliação realizada em conjunto com o grupo interessado na oficina de rádio.

4.10. Motivações e frustrações dos moradores do Varjão na oficina de rádio

Quando a oficina de rádio foi divulgada pela AOPA também foi divulgada a disponibilidade de bolsas de auxílio financeiro para os jovens moradores do Varjão que participassem da oficina de rádio. Afinal, a oficina de rádio era parte das demais oficinas de comunicação comunitária que se inseriram nas atividades do Programa Cultura Viva, do qual a AOPA fazia parte. No capítulo 4.3, referente à divulgação da oficina de rádio, ficou evidente a motivação inicial dos moradores do Varjão de receber as bolsas de auxílio financeiro. Entretanto, para estabelecer as demais motivações dos moradores do Varjão em participar da oficina de rádio foi perguntado o porquê de eles terem continuado participando da oficina de rádio todo sábado de manhã.

A maioria dos jovens moradores do Varjão apontaram como motivação a interação que existia com os outros participantes da oficina ou com os estudantes da UnB, e a oportunidade de aprendizado, seja em relação a técnicas de comunicação ou à parte técnica dos aparelhos eletrônicos. Porém, 4 moradores do Varjão apontaram motivos bem distintos. O morador do Varjão Fábio Santarém diz que foi para “perder a timidez mesmo”, a moradora do Varjão Rosiane da Silva explica que foi porque gosta “de participar de, assim, tudo que tiver, assim, na comunidade que, eu sei que posso, que estou com tempo vago, eu gosto”, o morador do Varjão Martinelli da Silva falou da possibilidade de “passar a música que a população gosta. [...] *Rap*, pagode, forró, MPB, funk”, e, por fim, o morador do Varjão João Costa afirma que a rádio “desde criança foi o meu sonho”.

Para discorrer sobre as frustrações dos jovens moradores do Varjão é necessário retomar os objetivos da oficina apontados por eles. Dos 10 jovens moradores do Varjão entrevistados, 5 apontaram como objetivo da oficina de rádio colocar uma rádio no Varjão. Porém, em nenhum momento os jovens expressaram claramente uma frustração em não ter sido implementada a rádio. A única fala que expressa explicitamente uma frustração é referente à própria oficina, quando a moradora do Varjão Rosiane da Silva diz que a mesma estagnou em um dado momento:

“Eu continuei gostando, mas depois eu vi que não era tudo o que eu pensei, né? [...]Ah! Eu pensei que a gente ia, assim, mais adiante, assim, se aprofundando, né? Tal e tal nas oficinas e tal... Aí depois, pronto, a gente quase parou, entendeu?” (Rosiane da Silva, 21 anos)

É possível que o silêncio em torno da expectativa frustrada de se implementar uma rádio comunitária no Varjão se deva a um constrangimento frente à pesquisadora, estudante da UnB que propôs a oficina. Quando perguntados sobre o que faltaria para colocar uma rádio no Varjão, vários dos jovens moradores do Varjão apontaram a necessidade de dinheiro, equipamento, autorização, apoio da comunidade e, até mesmo, seu esforço, como fica evidente nas falas dos moradores do Varjão Sabrina Frontina e Weiler Lima:

“Quando acontecer mesmo, colocar os postes aí, ou uma rádio normal, aí que todo mundo vai interessar mais ainda, vendo nossos esforços, de todo mundo, da comunidade, aí que vai vir mesmo grupos culturais para visitar nossa rádio. E a rádio de toda comunidade [...] Precisa acho que mais um pouco de dinheiro e as coisas para rádio. E a autorização que não saiu até agora. Só. E o povo também, tem que compartilhar aí também, senão... Senão, sem ajuda...” (Sabrina Frontina, 16 anos)

“Nossa, precisa de, acho que de pessoas, de quem queira ensinar, não falta. Às vezes falta, é... Algum tipo de equipamento, apoio, ou até da própria comunidade mesmo, entendeu? É isso, apoio, patrocínio, digamos assim pra ajudar, porque eu sei que equipamentos queimam, como vão e volta, entendeu? Assim, uma verba, sei lá. Mas, pessoas, força de vontade todo mundo tem, isso é o mais importante até.” (Weiler Lima, 18 anos)

Entretanto, apesar da compreensão racional dos fatores necessários para a rádio, que inclui a mobilização da comunidade, certa frustração é visível quando o morador do Varjão Martinelli da Silva é perguntado qual das rádios era melhor, se a Shekná FM ou a rádio na internet:

“Martinelli: A Shekná era melhor.

Entrevistadora: Por quê?

M: Porque dava para todo mundo escutar, não só quem tinha internet, computador.” (Martinelli da Silva, 17 anos)

Ainda, o morador do Varjão Fábio Santarém, ao analisar a oficina de rádio, faz uma crítica porque não foram mostradas alternativas para a implementação de uma rádio na perspectiva da realidade de uma comunidade pobre:

“Fábio: Bom, eu gostei de inicialmente quase tudo, mas teve uma coisa que eu não gostei foi a interação entre o povo, né? Devia ter mais...”

Entrevistadora: Entre o povo é entre o grupo?

Fb: Entre o grupo, não, mas entre os grupos que têm a mesma idéia, que tão querendo fazer a rádio em outros lugares. Como, por exemplo, você trouxe o pessoal do Leonardo [escola Leonardo DaVinci]. Mas, não trouxe o pessoal de outros lugares. A gente não conheceu outras formas, a não ser aquele vídeo, daquele filme que teve lá, o Zé Galinha, acho que é Zé Galinha.

E: É ‘Uma onda no ar’¹¹.

Fb: É, coisa assim. A não ser aquele filme, a gente não teve mais exemplos a ser seguidos. Acho que isso que ficou meio assim. Como o daquela mulher lá que deu certo, daquele cara lá deu certo. A gente só falou de um que foi lá naquele colégio que tem dinheiro, agora em uma comunidade pobre, a gente não ficou sabendo de outra comunidade pobre que teve a idéia e conseguiu, a não ser o do filme, mas foi lá em São Paulo ou no Rio de Janeiro.

E: Belo Horizonte.

Fb: É não sei onde foi. Mas, não foi aqui, entendeu? Foi o grande problema, assim, mais coisa pra motivar a gente.” (Fábio Santarém, 21 anos)

O morador do Varjão Fábio Santarém, ao indicar que faltaram “coisas para motivar”, revela que havia uma expectativa que foi frustrada, pois havia a necessidade de uma motivação. A necessidade de motivação aponta para a sua ausência, o que significa que a motivação inicial poderia ter diminuído ou não existisse mais. De qualquer forma, essa era uma necessidade que poderia ter sido facilmente suprida e não foi, afinal os estudantes da UnB envolvidos com a oficina eram também integrantes do coletivo Ralacoco, que não só possui diversos contatos com grupos de movimentos sociais de comunicação como também já realizou oficinas para outros jovens que estavam implementado rádios em escolas públicas.

4.11. Motivações e frustrações dos estudantes da UnB na oficina de rádio

Como explicado anteriormente, a oficina de rádio faz parte da disciplina Comunicação Comunitária. Disciplina optativa que vale 4 créditos e cuja menção é dividida em 4 pontos para a prova, 2 pontos de participação e 4 pontos do trabalho de campo. Dessa forma, a oficina de rádio, para os estudantes que a escolhiam como trabalho de campo, valia 4 pontos da menção. Contudo, para além da motivação acadêmica, os entrevistados apontaram outros motivos para fazerem parte desse grupo específico.

¹¹ Filme brasileiro de 2002 que conta a história da Rádio Favela. A rádio foi idealizada e implementada em 1980 por um grupo de amigos na Favela Aglomerado da Serra em Belo Horizonte. A programação da rádio clandestina ia ao ar no horário do programa *A Voz do Brasil*. Após várias prisões do idealizador da rádio, Jorge, a rádio conseguiu concessão de rádio educativa em 2002. Mais informações em: <http://64.233.161.104/search?q=cache:A11kJn77XMwJ:portal.terra.com.br/cinema/filme/ficha/0,2529,614,00.html+%2B%22uma+onda+no+ar%22+%2Bterra+%2Bdiretor&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=1>

As estudantes da UnB Margareth Mota, Michelle Mattos e Tatiana Jebrine apontaram que o que as motivou a escolher o grupo de rádio foi o interesse pelo rádio. Tanto a percepção de que o rádio é um meio que permite às pessoas se expressarem mais, quanto o gosto pela “parte de desenvolvimento e de planejamento de qualquer programa ou de iniciativa que venha a trabalhar com rádio.” (Margareth Mota, 29 anos). Ainda, Michelle Mattos percebeu a oficina de rádio como uma oportunidade única de se envolver com o conceito de comunicação comunitária:

“Eu estava na época fazendo estágio na Rádio Câmara e eu fazia muita produção, não fazia trabalho de repórter e aí como eu estava nessa... assim, com sede mesmo de aprender tudo sobre a área, eu falei ‘Pôxa, legal uma rádio comunitária’, entendeu? Eu não vou ter experiência de fazer acho que em outro lugar, vou sair daqui formada e vou procurar emprego, a chance seria agora” (Michelle Mattos, 23 anos)

A motivação de aprendizado, de entrar em contato com algo novo, está presente na resposta de Natalia Veil, estudante da UnB de Serviço Social, que participou da oficina:

“Natalia: Assim, todas as outras eu imaginava mais ou menos qual o caminho seguiria, né? Mais ou menos ia trilhar, mais ou menos as informações. A de rádio era 100% nada que eu sabia, nossa como que eles vão dar uma oficina de rádio. E não por eu duvidar, mas realmente por eu não conhecer nada. Então, era a que eu interessava, né?

Entrevistadora: Você se interessava. E o que você planejava fazer no grupo?

N: Participar e aprender, aprender. Participar, assim, porque eu era aluna matriculada na disciplina, no entanto, eu pretendia muito mais aprender porque eu não sabia nada.” (Natalia Veil, 22 anos)

Por outro lado, os estudantes da UnB Leyberson Pedrosa e Manuel Carlos Montenegro pretendiam aproveitar experiências de aprendizado deles. No caso de Leyberson Pedrosa, sua proposta era construir com os jovens o conhecimento sobre a técnica da rádio, tentando desmistificar a idéia de que o saber técnico é inacessível para a maioria. O estudante exemplifica esse fato com sua própria experiência na Ralacoco:

“Mas, aí, eu já, eu vi um pouco da filosofia do trabalho que eu participava antes, da Ralacoco, que era que todo mundo pode fazer parte de um... de alguma construção de uma rádio. E porque não, chegar lá mesmo com pouca experiência, mesmo gaguejando, mesmo sem ter o talento devido para rádio, porque que eu não poderia dar essa oficina lá dentro, né? Ajudar a construir já que eu já tinha uma experiência mínima anterior.” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

O estudante da UnB Manuel Carlos Montenegro também tinha a proposta de explorar a questão técnica, pois percebia esse conhecimento como uma forma de inclusão dos jovens do Varjão no mercado de trabalho. Afinal, a partir de experiências anteriores na disciplina, ele percebia que os jovens moradores do Varjão precisavam de um conhecimento técnico que poderia ser usado para a sua inclusão no mercado de trabalho:

“Eles queriam uma ferramenta técnica que fosse servir realmente a eles se desenvolverem e... Terem alguma possibilidade de emprego depois, né? De virar alguma fonte de renda aquele conhecimento todo, mesmo sendo lúdico, mesmo servindo para outros propósitos de realização pessoal, de identificação com a comunidade, de noção de pertencimento, de valorização do trabalho livre.” (Manuel Carlos Montenegro, 26 anos)

Contudo, apesar de não expressar claramente frustrações, o estudante da UnB Manuel Carlos Montenegro falou na entrevista que sua proposta inicial não se realizou por completo. Na entrevista, ele demonstrou que a parte técnica poderia ter sido mais aprofundada e que também faltou expor a técnica como um conhecimento útil para a vida dos jovens, principalmente no que se refere ao emprego:

“Eram atividades lúdicas que levavam o pessoal a interagir entre eles, despertar a criatividade, discutir rádio, discutir o quê que faltava para eles, o quê que uma rádio podia contribuir... Tinha uma parte técnica também, mas eu acho que a gente não soube torná-la mais concreta, mais como se fosse despertando uma idéia de que tudo aquilo poderia ser mais concreto, não era algo abstrato ali, era um conhecimento super técnico que poderia servir para qualquer um que estava ali.” (Manuel Carlos Montenegro, 26 anos)

Já o estudante da UnB Flávio Cremonese aponta frustrações que não são decorrentes de objetivos não alcançados na oficina, mas são efeitos da ação da UnB no Varjão. O estudante percebe que a ação de alguns estudantes da UnB no Varjão não conseguiu desconstruir preconceitos que possuem e, portanto, os projetos desenvolvidos por esses estudantes reproduziu seus preconceitos. O estudante se frustrou ainda porque, devido aos inúmeros projetos que existem no Varjão, os moradores de lá esperam muito dos projetos que atuam em sua comunidade, como se fossem chegar “salvadores” para resolver seus problemas. Dessa maneira, a presença dessas ações leva os moradores do Varjão se acomodarem:

“É frustrante pelos dois lados, pelo lado da universidade [...] que encara aquele grupo social quase que não humano, [...] à margem de tudo. Ah, eles têm problemas socioeconômicos, eles têm problemas de estrutura, mas são pessoas como qualquer um. E aí, do mesmo modo, as pessoas que acabam se acomodando com essa situação. Uma vez, a gente até chegou a comentar que

no Varjão a gente tinha uma situação engraçada, que como fica muito perto de uma zona economicamente privilegiada, que é o Lago Norte, tem muito programa assistencialista lá, que falta pessoas para serem assistidas por esse programa. [...] Então, eu não sei, é frustrante por esse lado, porque as pessoas querem muito, elas esperam muito desse tipo de ação que chega lá e elas acabam se acomodando.” (Flávio Cremonese, 24 anos)

Por outro lado, a maioria dos estudantes da UnB demonstrou frustrações em relação às mudanças que aconteciam durante a oficina de rádio. Fatores externos e mesmo internos que impossibilitaram que um cronograma fosse seguido, e que desmotivam e desmobilizavam os integrantes do grupo que, por vezes, se sentiam inúteis. O estudante da UnB Leyberson Pedrosa utiliza a palavra “desânimo” para descrever a sensação de perceber que o planejamento não podia ser implementado como foi pensado inicialmente: “A dificuldade que a gente criou milhares de planos e as coisas não foram acontecendo. Eu acho que as primeiras impressões foram de desânimo até.” (Leyberson Pedrosa, 21 anos). A estudante da UnB Michelle Mattos descreveu como foi perdendo a vontade de participar com as mudanças no cronograma e, principalmente, como se sentia decepcionando os participantes do Varjão, fazendo promessas que não eram cumpridas nos outros sábados:

“A gente tentou fazer um cronograma, vamos fazer isso, isso, e isso. E cada sábado que ia o cronograma mudava novamente. E, caramba, aquilo me fez perder, assim. Eu ficava perdendo a vontade [...] Eu sentia que eu já não estava influenciando nada ali. Eu sentia era que eu estava decepcionando os meninos, porque a gente sempre vinha com uma promessa no sábado, que não era cumprida no outro.” (Michelle Mattos, 23 anos)

A estudante ressalta um evento que gerou sua decepção porque novamente se sentia fazendo promessas que não eram cumpridas, mas causavam expectativas e remetiam aos “sonhos” dos jovens do Varjão. O episódio aconteceu quando uma pessoa entrou em contato com a disciplina Comunicação Comunitária e propôs realizar programas de televisão comunitária aos sábados com os jovens do Varjão por meio de um transmissor móvel que possuía. Contudo, somente após tudo planejado e conversado com os participantes ele descobriu que seu transmissor estava quebrado:

“O negócio da televisão. ‘Ah! Vocês podem pegar um grupo daqui que a gente vai entrevistar [...] A gente prometeu que o pessoal da comunidade. ‘Ah! Essas casa aqui vão conseguir ver, sintonizar e todo mundo, pô, eu estava empolgada com o negócio [...] Fez os meninos se prepararem [...] E no outro sábado, ‘Ah! Não tem antena’. Pô, porque você não viu a antena antes! Tá brincando com os sonhos, entendeu? E aí eu me decepcionei e me senti mais decepcionada pelos meninos”. (Michelle Mattos, 23 anos)

O mesmo episódio é descrito pela estudante da UnB Natalia Veil. No trecho selecionado ela fala da frustração dela e tenta medir a frustração que o episódio deve ter causado nos jovens, cujo acesso a esses meios é mais restrito:

“Porque frustra. Cê faz a maior expectativa. Eu que não sou da comunidade, eu que tenho acesso a isso, eu que tenho oportunidade nesses meios, tipo assim, fiquei na expectativa, me frustrei, entendeu? Imagina os meninos, que para eles é mais difícil esse acesso.” (Natalia Veil, 22 anos)

Ainda que lembre que a pessoa que trouxe a idéia de televisão comunitária para o Varjão tenha repetidamente assegurado que era possível, a estudante da UnB Michelle Mattos sugeriu que uma forma de evitar essa decepção e seguir um cronograma planejado anteriormente era pedir um planejamento formal de pessoas que traziam uma nova proposta para o trabalho de campo. Segundo a estudante, se “apareceu um cara dizendo que vai colocar uma televisão, apareceu alguém com uma idéia melhor. Então, traz um planejamento e me diz, garante que isso vai acontecer.” (Michelle Mattos, 23 anos). Portanto, a solução seria formalizar propostas e, ainda, garantir a viabilidade técnica antes de qualquer promessa.

4.12. Conflitos gerados na oficina de rádio

As frustrações dos estudantes de Comunicação Comunitária 1 causaram conflitos com os estudantes de Comunicação Comunitária 2. Pois, os estudantes de Comunicação Comunitária 1 cobravam dos estudantes de Comunicação Comunitária 2 que o cronograma planejado fosse seguido. Contudo, os próprios estudantes de Comunicação Comunitária 2 também queriam que o cronograma fosse seguido e por vezes se sentiam frustrados. Mas as mudanças aconteciam por fatores que não podiam ser controlados pelos estudantes:

“Elas ficavam chateadas porque elas pensavam em fazer uma coisa no sábado, e as coisas não aconteciam. Então, elas ficavam meio... vamos usar o termo, putas mesmo [...] Então, elas ficavam assim ‘Ah meu Deus! A gente veio aqui para dar uma, fazer, participar da disciplina e tudo, e as coisas não acontecem, vocês mudam tudo’ e ficavam brigando com a gente como se, como se isso dependesse necessariamente do pessoal de Comunicação Comunitária 2. Só que elas não tinham percebido ainda, que a gente conseguiu perceber acho que 1 semestre atrás é que as coisas são difíceis [...] as pessoas mudam e que a gente está lidando com pessoas, lidando com situações totalmente diferentes, das nossas, né? Então, é muito fácil chegar ali ‘Ah! Eu quero cumprir minha disciplina de 4 créditos [...] e não é uma coisa só de sábado, você vai ter que ir

sexta, participar de reunião de segunda, terça. Como elas reclamaram também ‘Ah! Vocês fazem reunião no meio da semana ou tentam conversar, assim não dá’. Mas, assim também não dá com a comunidade que não só existe em um dia, ela existe durante toda a semana.” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

Ainda, o estudante da UnB Leyberson Pedrosa fala em sua entrevista de um episódio em que a sua própria vontade de que o planejamento fosse implementado como foi pensado levou a um atrito com o Prof. Fernando Paulino:

“Leyberson: Eu lembro que para o Paulino eu fechei a cara feio, não sei nem se foi para ele especificamente...

Entrevistadora: Por quê?

L: Cara, assim, se for um dia lembrando assim, eu acho que eu queria que alguma coisa acontecesse, organizada e tudo, eu queria o meu padrão metódico, não sei [...] E o Paulino mais tranquilo e tudo, ele queria envolver todos os grupos em uma atividade [...] Daí eu fiquei ‘Ai, ai, que merda, isso não acontece e tal, a gente vem e se desgasta aqui, vem dá o trabalho todo, dão o suor e tudo, vem e as coisas não acontecem, que chato, eu não quero participar’. Pô, aí você percebe que você vai fazer essa crítica com eles ou com você mesmo, que você não está sendo um pouco egoísta de achar que as coisas vão rodar, vão acontecer ao seu redor, né? Esse é um grande problema quando você lida com comunidade, você acha que elas são obrigadas a estarem ali perto de você toda hora.” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

Dessa forma, possuindo uma dificuldade em comum, que era a frustração em tentar implementar um planejamento no meio de várias mudanças, os estudantes de Comunicação Comunitária 1 e 2 não conseguiram se comunicar. Não compartilhavam suas decepções e, principalmente, não pensaram juntos maneiras de modificar o contexto que percebiam da oficina de rádio. Como os estudantes de Comunicação Comunitária 2 já estavam no processo há mais tempo e também já haviam passado por várias experiências e aprendizados no semestre anterior da disciplina, poderiam ter deixado evidente que também percebiam as mesmas dificuldades e estavam dispostos a conversar para buscar soluções para os problemas.

Outro conflito que foi gerado pela oficina de rádio, mas tampouco foi solucionado aconteceu do segundo semestre de 2004 para o primeiro de 2005. Como a maior parte dos participantes do Varjão havia iniciado um curso de informática no mesmo horário da oficina de rádio, que havia parado por causa das férias da UnB, o horário da oficina foi mudado de 10h para 8h da manhã. Porém, o horário, por ser muito cedo, estava desmobilizando tanto os estudantes da UnB quanto os participantes do Varjão. Portanto, no início do primeiro semestre de 2005, foram reunidos os participantes do Varjão, incluindo os que podiam e não podiam participar às 10h, e foi proposto que a oficina retornasse às 10h. Porém, para que a oficina não ficasse muito

pequena, foi sugerido pelos estudantes da UnB chamar outros jovens do Varjão que cantavam *rap* e haviam anteriormente se envolvido com atividades da disciplina da Faculdade de Comunicação. Contudo, o participante Fábio Santarém se opôs à entrada dos outros jovens na oficina:

“Fábio: Teve [conflito] comigo. Aquele lá quando os meninos do *rap* iam entrar...

Entrevistadora: Como é que é?

Wilson: Não, é que ele não vai com a cara do pessoal do *rap*. Ele achava que o pessoal do *rap* não tinha nada haver com o que a gente tava fazendo lá. Que eles só iam pra lá...

Francis: Só pra tocar *rap* lá. Vamos supor, se fosse ter uma rádio, eles iam tá lá só pra botar *rap* pra tocar, não a diversidade de...

W: A idéia diferente do que a gente tinha antes. Até ‘Aqueles meninos chatos lá fazendo rádio com a gente’, aí o Fábio, ‘Não, não deixa entrar lá, não’. Até quando você perguntou se podia abrir pra outras pessoas fazerem, ele não gostou da idéia.

E: Era por isso, Fábio?

Fb: A idéia do pessoal do *rap*.

Fr: Foi, foi por isso que, assim.

Fb: No início, certas pessoas me apoiou, mas depois lá...

Fr: Pode crer que não fui eu (risos).

Fb: Ah! Tá.

E: Mas, por que você não queria o pessoal do *rap*?

Fb: Mais por isso, porque eu conhecia as peças e sabia que também o que eles queriam mesmo na rádio era só falar sobre *rap*.

E: E como é que surgiu esse conflito?

Fb: Não, não, é só me expus lá e deu...

Fr: O conflito surgiu, é, você chegou e aí falou, é, perguntando se poderia abrir pros outros grupos também tá na oficina de rádio, aí perguntou quem, qual era os outros grupos e tal. Aí o Fábio não gostou muito da idéia, aí começou a ter assim, vamos se dizer, uma discussão, assim, um debate. ‘Ô, porque você não quer?’, tal, vendo o lado deles, vendo o lado deles também, dos meninos do *rap* e tal.

E: Foi, assim, Fábio?

Fb: Foi.

E: E como é que foi solucionado o conflito?

Fb: Eu saí (risos).” (Wilson Ximenes, 19 anos; Fábio Santarém, 21 anos; Francis dos Santos, 17 anos)

A moradora do Varjão Rosiane da Silva também percebeu o conflito. Ela explica o motivo da mesma maneira que os demais participantes: “Tudo deles eram *rap*, *rap*, *rap*. Os outros meninos não gostavam muita da idéia de só *rap*, *rap*, *rap*.” (Rosiane da Silva, 21 anos). Quando perguntada sobre a resolução do conflito, também explica que não houve uma mediação eficiente, “porque simplesmente chamaram os outros meninos, simplesmente os outros meninos foram e pronto. Depois disso não deu mais problemas, só que aos poucos os outros meninos pararam de ir. Aí ficou mais os meninos do *rap*.” (Rosiane da Silva, 21 anos).

No entanto, houve um outro conflito que chegou a uma mediação amigável. Porém, foi resolvido entre os próprios participantes moradores do Varjão. O conflito

aconteceu porque, de um lado, os moradores do Varjão Martinelli da Silva e Acácio Costa percebiam que outro morador, o João Costa, divulgava que o programa na rádio Shekná FM era somente seu. Por outro lado, João Costa queria que houvesse um planejamento para o programa na rádio e que houvesse um cuidado com a qualidade do programa, pois o programa na rádio Shekná FM atingia a comunidade do Varjão e do Lago Norte. As duas perspectivas do conflito podem ser confirmadas nos seguintes trechos das entrevistas com os moradores do Varjão:

“Acácio: O João.

Martinelli: O João Costa.

Entrevistadora: É? E qual que foi?

M: Ele queria fazer o negócio só do jeito dele.

A: Ele queria fazer o programa do jeito dele, ele não era socialista, ele era burocrático (risos).

M: Ele queria fazer o negócio tudo diferente.

A: É que ele não era um cara socialista, ele queria tomar praticamente o rádio.

M: E como se eu chegasse na rua e fizesse assim... Quem apresenta o programa é eu, Cácio, e sei lá, Roninha e mais uma pessoa e falar que só eu que apresento. Por causa de mim que a rádio tá dando, deu certo.

E: E como é que surgiu esses conflito?

M: Ah?

E: E como é que surgiu o conflito?

A: A partir da ganância dele. Não era socialista como eu falo, era burocrata (risos).

M: É os óio de bomba (risos).”

(Acácio Costa, 16 anos; Martinelli da Silva, 17 anos)

“Entrevistadora: Quais os principais conflitos?

João Costa: Assim, eu, por parte dos a, das pessoas da comunidade do Varjão, assim, era ciúme de alguém, alguém achando que tava ocupando espaço, outro achando, assim, que era melhor do que o outro. Outro achando, assim, também que deveria ter [...] um processo, [...] assim, você que sabe, então, você presta atenção e vai aprendendo também, tenta, vamos nos reunir, vamos nos encontrar, e não havia, né? As pessoas só queriam estar na oficina de rádio, já pensando no caso que a gente foi para a Shekná FM. Tinha pessoas que nunca havia pegado em um microfone e chegou e, não quis sentar para fazer um trabalho, fazer uma pauta, né? Ou seja, fazer uma... Cê entendeu o que eu quero falar... E no final, aí quando chegava lá ‘Ah! Não, eu quero falar’ e falava umas coisas e depois as pessoas do Varjão que ouviam e estavam ouvindo o programa ‘Pôxa, mas o fulano falou isso, falou isso’, entendeu? Mas, o conceito da UnB realmente era falar, né? Mas, assim, a gente era cobrado e eles também foi criticado aqui no Varjão por ser participante da oficina, por falta de conhecimento e de não querer achar que o importante era só chegar lá e pegar o microfone e falar.” (João Costa, 28 anos)

A resolução para o conflito, ainda que ele fosse visto de forma diferente pelas partes envolvidas, foi encontrada com a conversa entre os moradores do Varjão Martinelli da Silva, Acácio Costa e João Costa. Por um lado, Martinelli da Silva e Acácio Costa ofereceram a João Costa a possibilidade de fazer um programa também na Radiola (rádio livre no UniCEUB). Por outro lado, o João Costa cobrou o

comprometimento na realização do programa na rádio Shekná FM. A solução para os conflito está demonstrada pelos seguintes trechos das falas dos moradores do Varjão:

“Entrevistadora: E teve solução [o conflito]? Como que foi solucionado?

Acácio: Teve, conversando (risos)

Entrevistadora: Foi? O quê que vocês conversaram com ele?

Acácio: Fizemos um acordo.

Martinelli: Aí nós arrumô. Quem foi que arrumou aquela rádio lá 102 pra nós ir?

E: É a Radiola do CEUB, não é?

A: Foi nós mesmo.

M: Eu acho que é.

A: Foi nós mesmo.

M: Aí o João Costa, João Costa. Nós chamô João Costa e João Costa ficou na paz

A: Aí entramos num acordo.

M: Aí depois disso ficou na paz.” (Acácio Costa, 16 anos; Martinelli da Silva, 17 anos)

“Entrevistadora: E esses conflitos, como é que eles foram solucionados? Foram solucionados?

João Costa: Como eu te falei pra você, através da comunicação. Comunicando, conversando, não vou brigar.

E: Mas, assim, é...

JC: Teve um momento em que eu falei, que eu tive que falar... com impulso, né? Eu tinha que falar. Teve um momento que eu tive que chegar. Eles não chegavam em mim para cobrar em mim, mas chegavam no aluno da universidade, ‘Ô, o João tá fazendo isso’ e eu chegava ‘Não, não é isso’. E eu tive que falar para o aluno se era isso nós queremos. O Varjão é um lugar de pessoas carentes, é. Agora, nós... a gente não pode deixar que a carência toma conta, que nós semos carente também de comunicação, de falar, de falar, né? E também não podemos pensar também que as ondas são limitadas, que as ondas da Shekná tavam vindo só para o Varjão. Como eu sempre falava, as ondas também tá indo pro Lago Norte, tá indo pra Asa Norte. Então, nós tempos que nos preocuparmos com tudo que nós vamos falar.” (João Costa, 28 anos)

Portanto, a oficina de rádio gerou vários conflitos. Muitos não foram solucionados. O único conflito solucionado foi por iniciativa dos próprios moradores do Varjão participantes da oficina de rádio, que decidiram dialogar e negociar soluções.

4.13. Extensão ou Comunicação?¹²

No referencial teórico-metodológico da monografia, foi apresentada a problematização que Paulo Freire realiza ao questionar a extensão e propor a comunicação. Para o autor, a extensão significa o conhecimento levado de uma pessoa detentora do saber a outra que, tida como ignorante absoluta, se torna objeto da ação,

¹² O título do capítulo é inspirado em obra homônima de Paulo Freire.

em vez de sujeito. Analisando os valores semânticos da palavra “extensão”, Freire afirma que:

“Em seu “campo associativo”, o termo extensão se [encontra] em relação significativa com *transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural*, manipulação, etc.” (FREIRE, 1977, pp.22)

Portanto, Freire propõe a utilização e implementação da palavra “comunicação” para gerar conhecimento entre atores da universidade e a da sociedade. Afinal, para que haja educação é preciso haver sujeitos que se inter-relacionam, a partir de um sistema simbólico comum, e a problematização de temas da realidade do educando. O objetivo do processo educativo, dessa forma, é o conhecimento buscado em comunhão entre o educador e o educando. Ou seja, o objetivo é a comunicação:

“A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 1977, pp.69)

Fundamentada nesse questionamento, a análise no presente capítulo terá por enfoque a transitividade e o significado dos verbos utilizados pelos estudantes da UnB para descrever a oficina de rádio. O objetivo é estabelecer se os jovens moradores do Varjão se encontravam na posição de sujeitos ou objetos. Portanto, responder a questão se a oficina de rádio se figurava como extensão ou comunicação.

Entretanto, antes dessa análise, é importante destacar quais são os conceitos de comunicação e, mais especificamente, de comunicação comunitária, que permeavam a oficina de rádio. Logo no início das entrevistas, uma característica da comunicação que transpareceu na fala dos moradores do Varjão foi a relação da comunicação com os Direitos Humanos. Para Wilson Ximenes, uma das funções da rádio comunitária é informar sobre os direitos que todos possuem. Porém, não é simplesmente informar da existência, mas dos mecanismos para acessar esses direitos:

“A gente tem direito, mas a gente não sabe quais são os direitos da gente. A gente só sabe que tem. Mas, vem um policial me bater, eu não sei quais são meus direitos, eu vou apanhar calado, eu sei que tem algo pra me defender, mas eu não sei como. Então, uma rádio poderia levar pras pessoas. O quê eu posso fazer nesses casos e como me defender. Porque os direitos humanos, é, as pessoas sabem que existem, mas não sabem o que é.” (Wilson Ximenes, 19 anos)

Já na entrevista com a moradora do Varjão Rosiane da Silva, a relação entre comunicação e direitos humanos está presente, mas não é algo que a participante tenha descrito. A relação aparece quando Rosiane da Silva responde à pergunta acerca de quanto tempo ela vive no Varjão:

“Rosiane: 11 anos.

Entrevistadora: 11 anos?

R: Ahum. Já mereço um lote, né?

E: (risos). E...

R: É importante você falar isso do lote.

E: Fala aí.

R: Porque as pessoas aqui não quer entregar o lote para as pessoas que [...] por exemplo, não estão entregando lote para as pessoas que merecem, entendeu? Está tendo[...] alguma coisa que eles estão fazendo aí. Que eles só estão dando lote só para as pessoas que... não sei como eles estão falando, fazendo... só sei que tem gente aí que não tem direito e está recebendo lote, está recebendo apartamento aqui no Varjão. Está a maior bagunça, está a maior burocracia. [...] Eu tenho direito, eu tenho onze anos, vou fazer doze anos de Varjão.”

(Rosiane da Silva, 21 anos)

No momento em que está respondendo a pergunta, Rosiane da Silva muda sua postura e seu tom de voz, que se torna mais sério e impostado. No discurso de Rosiane da Silva está presente a interdiscursividade. Isto é, perpassa a fala da moradora o gênero discursivo do jornalismo radiofônico ou televisivo, que denuncia irregularidades. A participante se dirige ao gravador como se estivesse dirigindo-se a um público e enfatiza o que para ela é importante ser dito: “É importante você falar isso do lote”. Dessa maneira, a participante utiliza o gravador para comunicar seu direito a um lote, denunciando o processo irregular de distribuição dos lotes. Afinal, ao ter sua voz gravada, Rosiane da Silva tem consciência de que outras pessoas a escutarão e é a sua oportunidade de utilizar a comunicação para mediar seu acesso ao direito à moradia¹³.

A comunicação também aparece relacionada à expressão. Portanto, a uma forma de expressão, de expor e debater idéias, principalmente sobre os problemas da comunidade independente do meio. Afinal, como um dos moradores do Varjão explicaram, comunicação pode ser até mesmo a gesticulação: “as várias formas de

¹³ O Varjão é atendido pelo Projeto Integrado Vila Varjão – Programa de Participação Comunitária, uma parceria entre o governo do Distrito Federal e o Banco Interamericano de Desenvolvimento. O valor total disponibilizado para o projeto é de R\$ 372.860,30. Um dos objetivos do projeto é desenvolver e melhorar as condições de urbanização da cidade. No entanto, o Varjão está dentro de uma Área de Proteção Ambiental que não comporta seus 9.960 habitantes ou 2.373 famílias. O projeto atende 1.825, que foi o número levantado em 1991 (da ocupação original do Varjão). Portanto, são assistidos pelo projeto os moradores cadastrados inicialmente.

Informação disponível em

<http://www.varjao.df.gov.br/sites/100/182/download/PROJETOHABITARBRASILBID.doc>

comunicação que existe, não é só rádio, televisão, negócio de papelzinho, essas coisas assim, também é comunicação. Gesticular já é uma comunicação também.” (Fábio Santarém, 21 anos). Também para a estudante da UnB Maria José de Souza, a comunicação pode estar no pensar e no falar:

“A minha parte, assim, comunicação eu vejo como é um... o... o maior bem que tem, assim, a mente com a comunicação, assim. Quando você pensa e poder falar, poder se expor, poder... sem críticas, sem se criticar, porque a pior crítica somos nós que nos damos, somos nós que nos podamos, nós que nos cortamos.” (Maria José de Souza, 24 anos)

O morador do Varjão João Costa fala mesmo de um novo conceito de comunicação que se refere à expressão, mas também à coletividade. Ou seja, a comunicação é a possibilidade de integração da comunidade e da troca de experiências entre os indivíduos da comunidade:

“É um conceito de você a ouvir e começar passar para as pessoas suas idéias. Defendendo as nossas idéias e nossos objetivos, né? E sempre, é... a gente conseguir manter a coletividade, conseguir, é, passar a nossa experiência para outras pessoas visando que elas também venham a se sentir beneficiadas com aquilo que nós havíamos aprendido antes.” (João Costa, 28 anos)

Dessa maneira, se comunicação é expressão, é expor idéias, é gesticular, é pensar, é falar; para que a comunicação ocorra é necessário que as pessoas tenham meios para se expressar, expor idéias, e falar. Portanto, a questão da produção também entra no debate. E a necessidade de democratização da produção de comunicação fica evidente na fala do morador do Varjão Wilson Ximenes, quando ele discorre sobre o jornal produzido pela faculdade IESB. O morador ressalta que o jornal comunitário proposto por essa faculdade deveria conter textos e fotos produzidos pelos moradores do Varjão. Afinal, produzindo seu jornal, a comunidade seleciona os acontecimentos importantes de sua realidade e gera identificação entre o conteúdo do jornal e os moradores do Varjão:

“É que nem o Chico [professor de teatro] tava falando aqui, você já viu o jornalzinho do pessoal do IESB? [...] tem o jornal, é bonitinho, tem foto, tudo bonitinho. Mas, quem faz o jornal não é a gente, quem faz o jornal é o pessoal do IESB. Eles que vão falar o que eles acham interessante mostrar pra gente. Seria melhor a gente, é... Mostrar a nossa visão pra quem tá lendo o jornal. O que a gente acha interessante passar. Será que aquilo que eles acham que é interessante pra eles, é interessante pra gente? Entendeu? E eles escrevem de uma forma, será que é a mesma forma que a gente conversa no meio da rua? Ou será que é a forma deles? Que eles tiram uma foto, é a foto que eles acham interessante, não é a foto que a gente acha interessante. Então, um jornal de

uma comunidade, ser da própria comunidade, a comunidade fazer e se ver nela. Não ver o que as pessoas acham que a gente deve ver, senão a gente fica até alienado até do que eles querem que a gente veja. E não tem muita graça ter um jornal de comunidade feito por outras pessoas, que não são daqui.

Portanto, no contexto da oficina, a comunicação é um meio de acessar os direitos e denunciar quando esses são violados; é a expressão e a exposição de idéias; o debate acerca dos problemas da comunidade. Por fim, se faz necessário que a comunicação seja democratizada para que seu produto reflita a identidade da comunidade.

Após a análise do significado da comunicação no contexto da oficina de rádio, a investigação se volta para estabelecer se a atividade da oficina se caracterizava como extensão ou como comunicação. Seis estudantes da UnB descreveram com mais detalhes a atividade de extensão propriamente dita. Dos 6 estudantes, 2 se referem à ação de extensão como uma troca e como uma situação de relações horizontais. Apenas 1 pessoa se refere à ação como uma forma de passar conhecimentos, orientar e guiar os jovens participantes do Varjão. Os 3 estudantes restantes mesclam em seu discurso o caráter de troca com o de transferência de conhecimento.

O caráter de troca está presente nos seguintes trechos das falas dos estudantes da UnB: “Na verdade, a gente não estava passando. Eles despertavam para muitas coisas lá.” (Maria José de Souza, 24 anos).

“A gente, no Varjão, a gente viu uma coisa que eu até discutia com o Paulino às vezes, [...] é que a gente entra lá como um bando de estrangeiro, querendo doutrinar essas pessoas, [...] tudo pra gente é feio, é sujo, é pobre.” (Flávio Cremonese, 24 anos)

Quando a estudante da UnB Maria José de Souza fala sobre o despertar, em vez da idéia de passar conhecimento, está se referindo a uma situação mais horizontal, em que os estudantes da UnB não possuem todo o conhecimento que vai ser levado até os jovens do Varjão. Portanto, ela se refere a uma situação de comunicação e não de extensão. Também o estudante da UnB Flávio Cremonese, ao criticar a atitude de outros estudantes na disciplina de Comunicação Comunitária, está defendendo uma situação de comunicação. Nessa situação não haveria espaço para “doutrinar essas pessoas”, nem ao menos considera-las ignorantes absoluta e, portanto, inferiores. Ele se posiciona contrário à visão dessa inferioridade atribuída ao pensamento de que tudo no Varjão “é feio, é sujo, é pobre.”.

Por outro lado, a seguinte resposta, que é dada pela estudante da UnB Margareth Mota quando a entrevista focou a questão da estrutura da oficina, caracteriza uma situação de extensão. Os verbos utilizados são guiar, orientar, oferecer. A transitividade desse verbo coloca os participantes da oficina de rádio como objetos e não sujeitos da ação:

“Se você já não tiver um grupo bem formado, com base sólida, participantes sólidos, com planejamento e material, não adianta você ir para a comunidade. Porque lá, eles estão carentes justamente disso. Eles estão carentes de alguém que chegue lá, que guie, que oriente, que ofereça alguma coisa para eles.”
(Margareth Mota, 28 anos)

Já nos seguintes trechos das falas dos estudantes da Unb, a mesma pessoa perpassa pelas duas situações, de extensão e de comunicação:

“A gente vir com aquela idéia de ‘Ah! Eu estou vindo da universidade, sou estudante, sou universitário e vou passar tudo para vocês’, eu falei assim, ‘Vai ser muito chato’. Então eu acredito que vai mandar o povo pra a rua e... Então eu imaginei isso, pô, provavelmente a gente vai estabelecer pautas e aí vai criar... esses meninos vão fazer matérias e a gente vai tentar ficar naquela posição mais de monitor, mesmo, né? Tirando algumas dúvidas, dando algumas orientações, mas sem ser aquela aulaaa, sabe? Uma coisa mais, bem didática. Não, vamos aprender fazendo.” (Michelle Mattos, 23 anos)

Em um momento, a estudante critica o *status* de poder que a condição de universitário propicia e usa o verbo “passar” para descrever a sua idéia de oficina de rádio. Contudo, mais a frente, coloca os universitários como os sujeitos ativos que estabelecerão as pautas para os jovens investigarem. Utiliza ainda as palavras “orientação” e “monitor”, que remetem a uma situação de relações verticais.

Nos seguintes trechos das falas dos estudantes da UnB, há o destaque para a situação de comunicação, com ênfase na palavra “troca”, que significa diálogo e comunicação:

“Em termos gerais, acho que a gente queria permitir uma troca com a comunidade, uma coisa de trazer... fazer com que ela tomasse a frente da rádio, que é... que ela tivesse os mínimos conceitos, alguns mínimos conceitos de discussão, e que ela batalhasse para a construção de uma rádio e que tivesse o mínimo de instrumentalização.” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

“Muito mais do que passar conhecimento, é, é adquirir conhecimento também, então foi uma troca. E essa troca de tudo, de todos os tipos de experiência [...] é, de informação, é, de afeto, é, eu consegui.” (Tatiana Jebrine, 23 anos)

Porém, novamente, no discurso dos mesmos estudantes da UnB, nos trechos a seguir, aparecem a idéia da necessidade de que algo fosse levado para os jovens moradores do Varjão. O estudante da UnB Leyberson Pedrosa menciona a possibilidade de que eles fossem buscar o debate sobre rádio, mas que isso seria mais difícil. Portanto, os jovens moradores do Varjão aparecem em situação de extensão, em que algum conhecimento é levado até eles. A estudante da UnB, Tatiana Jebrine, argumenta que os jovens ainda não estão “preparados”, sendo importante a presença dos estudantes da UnB mesmo após a implementação da rádio: “Se fosse deixar correr, eu acho que ninguém levaria nada para eles, né? Mas, que eles possam buscar, mas é mais difícil.” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

“Porque eu não acho que eles estejam ainda preparados, acho eles têm que saber todo o conceito de que, porque a rádio comunitária. É rádio, é um poder assim, que se tem em mãos. Eu acho que eles têm que saber o porquê disso, porque senão, infelizmente, como acontece desde os primórdios, assim, um meio de comunicação pode se inverter completamente, e virar contra, contra a própria massa, contra o próprio público. Então, esse veículo é pra eles, assim, e, e, não, não deles. É, aí mexe com toda a manipulação, com toda a história de terceiro poder.” (Tatiana Jebrine, 23 anos)

Portanto, a situação de extensão aparece juntamente com a situação de comunicação no discurso dos estudantes da UnB. As duas práticas convivem na descrição da oficina e na própria oficina de rádio. Esse fato demonstra uma dificuldade de implementar uma atividade de educação baseada no diálogo, na troca e na horizontalidade, quando as relações sociais são permeadas pela verticalidade e pela idéia de transmissão de conhecimento dentro da própria aprendizagem. Como ressaltou a estudante da UnB Maria José de Souza, essa situação é comum e ainda arraigada, porque acontece em várias esferas da vida cotidiana:

“[Os jovens do Varjão ficavam] mais tímido com relação a gente, porque o nosso papel ali ainda impunha um pouco de medo, porque eles acham que a gente tem todo o conhecimento e acham que a gente está lá para passar todo o conhecimento, aquele formato antigo. Então, isso é muito natural, eu acho muito natural porque nós fomos assim também, então, a gente espera muito que o professor fale.” (Maria José de Souza, 24 anos)

Portanto, a presença da situação de extensão no discurso dos estudantes da UnB está relacionada com uma tradição que ainda se faz presente atualmente. Não significa necessariamente que os estudantes que descreveram uma situação de extensão não estejam visando uma situação de comunicação. Ainda, há que se destacar que os trechos foram editados e não estão em sua íntegra, sendo o resultado de uma

interpretação possível. Contudo, essa análise é um alerta, pois o discurso não é só texto, mas também é prática social. Quando se repetem palavras que remetem a uma situação de extensão, está se reproduzindo uma idéia e consolidando uma prática social.

4.14. Fatores que auxiliam ou dificultam a extensão na universidade

Analisando a situação da oficina como uma atividade de extensão, foi perguntado aos estudantes da UnB quais fatores auxiliam e quais fatores dificultam a realização de uma atividade de extensão. Dos entrevistados, 4 estudantes da UnB falaram que um fator que pode auxiliar ou dificultar o desenvolvimento da atividade de extensão é o apoio dado pela universidade na questão da infra-estrutura. Metade desses estudantes apontou a falta de apoio da universidade para atividades de extensão e a outra metade citou o apoio existente de transporte, energia elétrica, espaço físico, vídeo etc.

“Fator que mais dificulta o desenvolvimento de uma atividade de extensão é a falta de apoio que a universidade dá pra esse tipo de ação.” (Flávio Cremonese, 24 anos)

“Dificuldades da extensão: um, dinheiro [...] dificulta no curto prazo, lógico, no plano imediato, mas dificulta também a longo prazo [...] Tem pessoas que já escreveram textos inteiros sobre isso, é que a atividade acaba sendo uma coisa super pontual. Fica lá 1 ou 2 anos e depois sai da comunidade sem apresentar, sem dar satisfação nenhuma e... e cresce, acaba deixando muita desconfiança, assim. As pessoas não acreditam mais que a universidade é uma instituição pública que deveria pelo menos pensar com eles a solução para os problemas.” (Manuel Carlos Montenegro, 26 anos)

“O que facilita é o fato da universidade ter liberado, por exemplo, o ônibus, que era meio, meio até que duvidoso que chegaria lá, sempre chegou.” (Natalia Veil, 22 anos)

“E ter esse espaço dentro da faculdade mesmo. Você sabe que não é, não é assim que surgiu... é porque os professores têm o apoio, né? Mesmo que não seja o apoio, né? Não é material. Mas, é o apoio vamô lá. Claro que é material, que tem uma sala, tem, tem, pode mostrar vídeos, tem acesso a tecnologias para poder trabalhar, eu acho que tem tudo que favoreça, né? Tem muita coisa boa também, tem a parte da infra-estrutura também porque é importante e a gente precisa para trabalhar. E a gente tem, né.” (Maria José de Souza, 24 anos)

Ainda que a estudante da UnB Maria José de Souza tenha lembrado da infra-estrutura oferecida pela universidade, apontou que uma das coisas que “dificulta [é o] transporte”. Até o segundo semestre de 2004, a UnB não disponibilizava transporte para

a disciplina Comunicação Comunitária e os estudantes utilizavam seus próprios carros e conduções a fins para chegar no Varjão. Atualmente, a disciplina da Faculdade de Comunicação solicita no início de cada semestre o transporte para os dias em que ocorrerá o trabalho de campo no Varjão. Contudo, o transporte somente é requisitado para os dias em que os estudantes da disciplina Comunicação Comunitária 1 realizarão as atividades de campo. Portanto, os estudantes da disciplina Comunicação Comunitária 2, que administram os grupos do trabalho de campo durante todo o semestre, necessitam buscar outros meios de condução para o Varjão.

Outro fator apontado por 5 estudantes da UnB é relacionado ao grupo e às pessoas envolvidas na atividade de extensão, como por exemplo, se elas têm comprometimento, engajamento, vontade e determinação. Dentro dessa questão humana, o estudante da UnB Leyberson Pedrosa destacou o discurso de alguns professores:

“Ah! Eu acho que existem pessoas que pensam no social dentro da universidade. [...] Pelo menos o discurso existe, né? Lá dentro da universidade [...] Nem que seja nos livros ou na retórica de alguns professores.” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

Portanto, o estudante estabelece a importância de professores debaterem o tema da extensão dentro da sala de aula e de estudiosos do tema registrarem suas reflexões e experiências com extensão em livros. Além disso, outro fator citado pelo estudante da UnB Manuel Carlos Montenegro que auxilia a atividade de extensão é o *status* da UnB, porque se “você chegar lá dizendo que é da UnB meio já te dá uma aura de... respeito, as pessoas te escutam mais um pouco, acham que você tem conhecimento meio que diferenciado.” (Manuel Carlos Montenegro, 26 anos). Os demais fatores que dificultam e foram mencionados pelos estudantes da UnB são a burocracia da universidade, a prioridade pelo ensino (em vez de um equilíbrio de atividades de ensino e de extensão), e as diferenças de bagagem sociocultural e educação formal entre os estudantes da UnB e os moradores do Varjão.

Por fim, os estudantes da UnB Maria José de Souza, Manuel Carlos Montenegro, Flávio Cremonese e Leyberson Pedrosa citaram como dificuldades a perspectiva da extensão como um trabalho voluntário, pois muitas vezes o estudante da UnB precisa “[depende] das [...] próprias pernas. ‘Ah! Vamo fazer vaquinha, vamo por gasolina no carro de Fulano de Tal e vamo lá’, sabe? Não tem o apoio da universidade pra isso.” (Flávio Cremonese, 24 anos). Como argumenta o estudante da UnB Manuel Carlos

Montenegro, nessa perspectiva de trabalho voluntário a extensão não envolve os estudantes, porque “as pessoas em geral são egoístas, né? [...] Então, para você descobrir uma pessoa que se convença que aquilo é bom para ela, que ela vai melhorar como pessoa, que ela vai ter alguma vantagem pessoal, é difícil, né? Demora.”. Em resumo, a estudante da UnB Maria José de Souza explica que a motivação dos envolvidos na extensão é acreditar em um ideal “acreditar num negócio, por um ideal mesmo, mais forte. Então exige dos dois lados [estudantes da UnB e jovens do Varjão] muita força de vontade, muita. Entendeu?” (Maria José de Souza, 24 anos).

Como parte da disciplina de extensão Comunicação Comunitária, a oficina de rádio não recebeu apoio financeiro da UnB. Para o segundo semestre de 2005, o Prof. Fernando Paulino tentou, sem sucesso, conseguir bolsas de auxílio financeiro para os monitores da disciplina. No entanto, a universidade disponibiliza bolsas de auxílio financeiro somente para os estudantes participantes de projetos de extensão. Portanto, para que haja o apoio financeiro da UnB para a oficina de rádio e demais atividades da disciplina Comunicação Comunitária é necessário que o professor responsável redija o projeto da disciplina da Faculdade de Comunicação e o encaminhe para o Decanato de Extensão da UnB. Dessa forma, a disciplina Comunicação Comunitária seria uma disciplina e também um projeto de extensão com alguns estudantes bolsistas.

A questão da falta de apoio generalizada está presente também na fala dos moradores do Varjão. Por exemplo, eles participaram da oficina de rádio e durante o processo não havia nenhum instrumento que garantisse a sustentabilidade da participação deles, com exceção de bolsas de auxílio financeiro que foram prometidas, mas que não saíram até o final do segundo semestre de 2005. O apoio financeiro é importante para viabilizar a participação dos jovens moradores do Varjão em projetos sociais, principalmente porque há a necessidade de ajudarem na renda familiar, como explicaram os moradores do Varjão Acácio Costa e Martinelli da Silva:

“E: E foram prometidas bolsas para quem participasse da oficina de rádio?

A: Foram, mas não foram cumpridas.

E: E como que você se sentiu quando você não recebeu a bolsa?

A: Como me senti? Eu me senti indignado, me senti indignado. Eu tava fazendo uma [...]

E: E por que que era importante ter recebido a bolsa?

A: Caramba, era um incentivo. Pôxa. Um incentivo para a pessoa fazer alguma coisa. Porque...

M: Não só incentivo, também.

A: É, porque os jovens [...] praticamente ele se ocupa em serviços, assim, quando não sai do colégio, já sai para trabalhar para ajudar o pai e a mãe. Aí tá ali naquele dinheiro, e não vai deixar de ganhar aquele dinheiro para ajudar

o pai e a mãe para fazer um curso, aí não se preocupa. Vai fazendo o curso ganhando dinheiro, aí para de trabalhar e vai ajudando. Vai ajudando, vai fazendo as duas coisas ao mesmo tempo (risos).” (Acácio dos Santos Costa, 16 anos; Martinelli Fonseca da Silva, 17 anos)

Ainda, outro fator que dificulta a participação dos moradores do Varjão em projetos sociais é o *status* que eles possuem e como os próprios pais vêem essas atividades. Como o morador do Varjão Wilson Ximenes explica, se não há um retorno financeiro, a atividade não é valorizada e muitas vezes os pais estimulam que os filhos deixem de participar:

“É uma coisa que as pessoas vêem que não tem volta. Eu lembro que eu fazia, eu gostava de sair de casa e sair fazendo todo o curso que vinha, eu já tava meio que querendo fazer. E o meu pai falava ‘Ó, você fica na rua, você faz isso e sei lá o quê’, ele pegava e brigava comigo ‘Cê vai sair, cê vai fazer sei lá o quê’. ‘Não, pai, eu tô fazendo tal coisa’, ‘Não, cê vai pra rua’. E agora ele tá vendo o peso que teve pra mim agora. [...] Que eu fazia informática todos os sábados, ele achava que eu ia pra rua, que não tava fazendo nada e com esse curso eu consegui o primeiro emprego.” (Wilson Ximenes, 19 anos)

A questão financeira aparece ainda dentro de uma lógica contraditória, que percebe a importância do envolvimento em projetos sociais, mas aponta a necessidade dos jovens visarem a um meio de sustento. Este fato ocorre tanto para os jovens moradores do Varjão quanto para os estudantes da UnB:

“Por mais que meus pais apóiam que eu faça um monte de coisa com cunho social, por outro lado tem uma aquela pressão, ‘Pô, cê não vai trabalhar e ganhar dinheiro?’, é, ‘Você vai pra esse lugar sozinha e de carro, carro velho que pode quebrar a qualquer momento, é perigoso’.” (Juliana Mendes, 23 anos)

Portanto, por vezes, a realização da atividade de extensão depende dos recursos financeiros das pessoas envolvidas e de sua vontade de persistir e aprender a lidar com o *status* pouco valorizado de projetos sociais. Segundo o estudante da Unb Leyberson Pedrosa, parece até que a “extensão [é] uma coisa à parte dentro da universidade, [é] mais uma questão de se estar bem consigo mesmo e tal, de estar bem [...] Isso é uma necessidade da universidade, o tal tripé deve funcionar.” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

4.15. Capital Social

Ainda que muitos utilizem o conceito de capital social como sinônimo de desenvolvimento, o termo capital social se relaciona muito mais com fatores políticos

que econômicos. O capital social se refere ao chamados “laços fracos”, isto é, a relações que não são visam à obtenção de salário ou lucro. Segundo Augusto Franco, as relações geradoras de capital social acontecem:

“quanto mais freqüentes e quanto mais fortes forem essas relações (‘fracas’), mais capital social será produzido e reproduzido e mais capacidade terá uma sociedade de cooperar, formar redes, regular seus conflitos democraticamente e, enfim, constituir comunidade” (FRANCO, 2002, pp.66)

Portanto, o autor resume o sentido do conceito capital social “à capacidade de viver em comunidade [...], de interagir socialmente de sorte a criar e manter contextos onde se manifeste um *ethos* de comunidade” (FRANCO, 2001, pp.53). Dessa maneira, o capital social significa a capacidade de diminuição do uso de violência para a resolução de conflitos, de produção de bens públicos, de mobilização de indivíduos para um objetivo comum, de fortalecer a sociedade civil, de criar novos atores sociais, de proporcionar o compartilhamento de valores e normas, e de fortalecer a democracia. Ao gerar o sentimento e a vivência de comunidade, o capital social cria reconhecimento, confiança, solidariedade, cooperação e relações horizontais.

Em muitos trechos das entrevistas, a presença do capital social está evidente. Portanto, além de desmistificar a produção da comunicação, debater a comunicação comunitária e tentar promover o aprendizado técnico, a oficina de rádio também produziu capital social. Primeiro, porque promoveu o encontro de dois grupos sociais de realidades diferentes, os estudantes da UnB e os moradores do Varjão. Por vezes, os dois grupos se viam e se relacionavam a partir de preconceitos. Também estimulou o reconhecimento mútuo e gerou possibilidades de aumentar a confiança e a cooperação entre esses atores sociais que antes eram estranhos. Exemplo da quebra de preconceito está no seguinte trecho da fala do estudante da UnB Leyberson Pedrosa:

“Criou primeiro uma relação pessoal muito forte lá, perceberam que os universitários não são bichinhos extraterrestres, né? Que podem ser amigos também, que podem ser normais, ou anormais como todo mundo. Ou seja, quebrou esse muro que existe entre quem é inteligente, quem não é inteligente, quem tem curso, quem não tem curso. Essa coisa meio mistificado aí pelas divisões sociais, pelas tais lutas de classe (ó que medo, daqui a pouquinho eu falo de Marx aqui).” (Leyberson Pedrosa, 21 anos)

Primeiro, o estudante apontou o relacionamento com os moradores do Varjão, relacionamento que segundo Leyberson Pedrosa aproximou os estudantes da UnB dos moradores do Varjão. Portanto, os estudantes da UnB deixaram de ser vistos pelos

moradores do Varjão como “extraterrestres”, isto é, pessoas de fora da realidade dos moradores. Também foi desmistificado que os estudantes da UnB são os únicos detentores do saber.

O estudante da UnB Manuel Carlos Montenegro explicou que a aproximação entre estudantes da UnB e moradores do Varjão permitiu uma torça de experiências. Segundo o estudante, a aproximação desses dois grupos sociais permitiu uma vivência e perspectiva crítica por parte dos estudantes da UnB, que criaram uma visão mais apurada de seus privilégios:

“Para mim, sei lá, foi mais um aprendizado, uma vivência, que me ensinou muita coisa de, dessa relação entre dois, dois sujeitos muito diferentes, assim, né? Limitando a gente como universitários, limitando eles como, em geral, secundaristas, mas de baixa renda, que vivem no Varjão sem vários direitos, assim, direito à educação, direito à saúde, direito à polícia é... direito à segurança. E a gente tem um monte de direitos e vivemos com muitos privilégios e eles viverem com muito pouco.” (Manuel Carlos Montenegro, 26 anos)

A estudante da UnB Michelle Mattos explicou que sentiu o preconceito dos moradores do Varjão quando eles cantaram uma música de *rap* falando mal do *playboy* (bodinho) da Asa Norte. Pela primeira vez a estudante sentiu-se vítima de preconceito evidente. Porém, a estudante explicou que ao sofrer esse preconceito entendeu um pouco acerca dos preconceitos que os moradores do Varjão sofrem por não terem dinheiro ou gostarem de determinado estilo de música. Portanto, a experiência gerou a identificação e o reconhecimento de Michelle Mattos com os jovens moradores do Varjão:

“Eu acho que a gente está acostumado a ter o preconceito e não sofrer o preconceito. E aí o menino cantou uma música e falou mal do bodinho que mora na Asa Norte. [...] Eu nunca tinha tido essa sensação de alguém já olhar para a minha cara, não me conhecer e já falar ‘você está...’. Naquela hora eu acabei vestindo a carapuça, apesar de não ter grana, enfim. [...] Então quando chego aqui, eu vi que existia uma diferença, que eles viam aquela diferença e que [...] eles já tivessem uma idéia minha com várias imagens, com esses aspectos negativos [...] Então, bateu aquilo e ‘Putz, eles também têm um preconceito’. E depois você começa a pensar nisso [...] Aí você começa a entender, cara, esse bicho nasceu aqui, sabe? E desde de sempre ele deve ter sido maltratado pelas pessoas de lá. Porque o maltratar não é só no chegar e falar ‘Pô, eu não gosto de você porque você não tem dinheiro, olha só o tipo de música que você escuta’, no olhar, né, cara. Você olha e já percebe se a pessoa teve uma empatia por você ou não, se ela já te olhou achando você inferior ou não.” (Michelle Mattos, 23 anos)

Ainda, ao proporcionar a aproximação dos jovens da UnB e do Varjão, a oficina permitiu que houvesse uma relação de afeição entre os estudantes e os participantes. Essa afeição se traduziu em confiança e solidariedade. O morador do Varjão Edilmar Souza descreveu como motivação para participar na oficina de rádio a afeição pelos estudantes da UnB e pelos moradores do Varjão que participavam da oficina:

“Por que eu continuei participando? Tipo, porque eu gostava de ficar lá com a galera, tipo, não tinha nada pra fazer em casa. Nem, é só pelo fato de não ter nada pra fazer em casa, porque eu podia dormir, né? Mas, tipo, porque, tipo, eu gostava, assim, de tá com a galera que dava a oficina e com o resto do povo que participava da oficina também.” (Edilmar Souza, 17 anos)

Os moradores do Varjão Francis dos Santos e Wilson Ximenes também destacaram a importância dos relacionamentos dentro da oficina de rádio. Ambos descreveram que a interação entre os estudantes da UnB e os moradores do Varjão facilitou o processo da oficina de rádio:

“Francis: Eu acho que, assim, mais pela interação. Que, tipo, vocês perguntavam o que a gente queria fazer. Aí, sei lá, a gente falava, dava sugestão. Aí, assim, no possível, vocês tavam sempre fazendo brincadeira, acho que foi mais isso, não foi?

Wilson: Acho que foi mais a interação do grupo, porque, como a maioria já se conhece, fica mais fácil de trabalhar, tudo que é tema, de conversar, que não vai.” (Francis dos Santos, 17 anos; Wilson Ximenes, 19 anos)

Rosiane da Silva, moradora do Varjão, explicitou a relação com os estudantes da UnB e a identificação que sentiu com alguns desses estudantes:

“Você, a Tati, o Leyberson, e a Mazé... só... são as pessoas com quem eu mais me identifiquei, assim.” (Rosiane da Silva, 21 anos)

As amizades e os relacionamentos com os estudantes da UnB foram avaliados positivamente pelo morador do Varjão, João Costa:

“E outra coisa também foi aquela de interagir com o pessoal da Universidade de Brasília, os meninos aí da Faculdade, aquele laço de amizade, de... Não sei se é porque eu sou muito carente, se vê. Mas, tudo isso para mim foi muito bom, e ainda é bom ainda.” (João Costa, 28 anos)

Por outro lado, as estudantes da UnB Natalia Veil e Tatiana Jebrine relataram como foi gratificante a relação de troca e afeto com os moradores do Varjão, bem como a relação entre os próprios atores sociais da UnB:

“É gratificante o contato com o Varjão. É gratificante o contato com o Paulino, com você. São pessoas que tomam a frente e eu quero muito entender o porquê. Tipo assim, qual é a motivação pessoal da, sabe?” (Natalia Veil, 22 anos)

“Muito mais do que passar conhecimento, é, é adquirir conhecimento também, então foi uma troca. E essa troca de tudo, de todos os tipos de experiência e, é, de informação, é, de afeto, é, eu consegui.” (Tatiana Jebrine, 23 anos)

A produção do capital social também esteve relacionada ao formato da oficina de rádio. O formato era baseado no diálogo, o que permitia a participação dos jovens moradores do Varjão e buscava a horizontalidade das relações. Como explicou o participante morador do Varjão Weiler Lima, o estímulo à participação chegou a extrapolar o espaço da oficina, quando os seus amigos sugeriam pautas para suas notícias:

“Ah! Elas gostavam, pô, muito dos meus amigos entraram depois do que eu falei, entendeu. Eles gostavam, ‘Pô, legal!’, ‘Faz isso, procura fazer uma matéria sobre esporte, vamos fazer uma matéria sobre o deputado’, entendeu? Fazer, eles mesmo participavam sem tá, eles deram as idéias, eles pegavam, ficavam participando, ‘Então, dá um toque, melhora isso, não sei o quê’. E a gente sempre pegava a opinião dos outros e tipo encaixava lá e tentava fazer melhor, fazer o que o povo queria, digamos assim, né?” (Weiler Lima, 18 anos)

Por fim, a oficina de rádio gerou um sentimento de pertencimento para os estudantes da UnB, que se sentiam livres na comunidade, como descreveu a estudante da UnB Maria José de Souza:

“No começo era mais distante, hoje em dia já... quando eu vou para lá parece que, que já dá uma... sensação de... de pertencer de sentir livre ali dentro, já não ter medo. Porque às vezes a gente fica no Varjão, ‘Você não tem medo do Varjão?’. Eu não, eu não tenho. Você vem a noite, a gente vem a noite, você também foi a noite, né, Jú? Pôxa, a gente começa desmistificar aquela coisa da violência, também não é assim.” (Maria José de Souza, 24 anos)

Portanto o capital social gerado na oficina de rádio pode ser percebido na quebra de preconceitos, nas relações afetivas entre os envolvidos na oficinas; na horizontalidade e na participação estimuladas pela oficina de rádio, no sentimento de pertencimento gerado nos estudantes da UnB quando estavam na comunidade do Varjão.

5. Conclusão

Na pesquisa, a oficina de rádio comunitária desenvolvida no Varjão pela disciplina Comunicação Comunitária foi evidenciada como uma experiência. A oficina de rádio foi descrita como uma experiência por ser um espaço de aprendizagem para os estudantes da UnB e para os jovens moradores do Varjão. Contudo, foi experiência também porque possuiu pouca infra-estrutura e apoio material. A oficina tampouco possuía indicadores objetivos que permitam uma avaliação pontual de seus resultados. Por outro lado, a oficina de rádio foi apontada como um momento de diálogo pelos moradores do Varjão, que debatiam temas e expunham suas idéias, podendo ainda sugerir modificações na estrutura e metodologia da oficina. A oficina de rádio também era um momento de educação dialógica porque se aproximava da realidade dos jovens do Varjão em um movimento de troca entre saberes

A pesquisa revelou ainda que a divulgação da oficina de rádio aproveitou o histórico de parcerias realizadas anteriormente pela disciplina Comunicação Comunitária. Dessa forma, os estudantes da UnB divulgaram a oficina por meio do telefone para os jovens moradores do Varjão que, anteriormente, haviam participado do curso de comunicação desenvolvido em parceria entre a disciplina Comunicação Comunitária e o projeto de extensão do Departamento de Medicina: *Saúde e Qualidade de Vida dos Adolescentes do Varjão*. Por outro lado, a parceria com a AOPA permitiu que a oficina de rádio se inserisse no planejamento do Programa Cultura Viva e que fossem divulgadas bolsas para os jovens moradores do Varjão que participassem da oficina.

As bolsas de auxílio financeiro foram importantes para despertar o interesse dos jovens moradores do Varjão na oficina de rádio e garantir sua participação nas atividades. Afinal, a pesquisa concluiu que a falta de financiamento para a atuação dos moradores do Varjão em atividades de extensão é um fator que dificulta o desenvolvimento das atividades, principalmente porque os jovens moradores precisam ajudar na sua renda familiar. Contudo, apesar das bolsas do Programa Cultura Viva terem sido prometidas aos participantes moradores do Varjão, somente foi liberado o dinheiro correspondente a um mês do programa, em julho de 2006, quando as oficinas da disciplina de Comunicação Comunitária estavam suspensas. Portanto, a expectativa frustrada de receber a bolsa auxílio no transcorrer da oficina de rádio gerou a desmobilização dos jovens moradores do Varjão, dificultou a continuidade da oficina

entre o segundo semestre de 2005 e o primeiro semestre de 2006 e reforçou a desconfiança que os jovens moradores do Varjão sentem em relação aos projetos sociais e governamentais que atuam na localidade.

Foi observado que, para alguns estudantes da UnB, a teoria parecia dissociada da prática dentro da oficina de rádio. Contudo, esse ponto não foi um consenso, porque outros estudantes da UnB e moradores do Varjão apontaram o aprendizado e uso de técnicas de comunicação durante a oficina de rádio. É provável que essa contradição se deva ao semestre em que cada estudante da UnB participou da oficina de rádio. Afinal, no primeiro semestre de 2004, a prática era desenvolvida apenas por meio de visita ao estúdio da Ralacoco (Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária) ou do uso ocasional da rádio-poste. Por outro lado, no primeiro semestre de 2005, foi possível o desenvolvimento de prática constante em uma rádio com transmissor, no caso, a rádio evangélica Shekná FM. No segundo semestre de 2005, a prática foi desenvolvida por meio de rádio-poste e pelo uso da rádio na internet.

Outro motivo para a contradição referente a diferentes perspectivas da relação entre teoria e prática, na oficina de rádio são as diferentes funções que os estudantes da UnB ocupavam dentro da oficina. Enquanto alguns estudantes da UnB desenvolviam o conteúdo programático da oficina (conceitos de comunicação comunitária, pauta, locução, produção etc.), outros estudantes da UnB ensinavam para os moradores do Varjão a técnica de implementação da rádio-poste e da rádio na internet. Por fim, a contradição também revelou as dificuldades de infra-estrutura da oficina de rádio. A compra de alguns equipamentos – como um aparelho de som, um gravador de fita K7, cabos e *plugs* – foi possível porque os estudantes da UnB e os moradores do Varjão se mobilizaram para arrecadar fundos para a oficina, por meio de bazares.

Os objetivos principais estabelecidos pela oficina de rádio foram o debate de comunicação comunitária, a implementação de uma rádio comunitária no Varjão, a profissionalização em radialismo e o oferecimento de atividades para ocupação do tempo dos jovens moradores do Varjão. Considerando que o último aspecto pode estar relacionado tanto com a ocupação do jovem para impedir o comportamento desviante, quanto com a ocupação para suprir uma necessidade de lazer no Varjão. Os objetivos da oficina de rádio não foram cumpridos completamente porque havia uma dificuldade em alinhar as visões de propostas entre os estudantes da UnB e também de comunicar claramente quais eram os objetivos e expectativas em relação aos moradores do Varjão participantes da oficina de rádio. Além disso, várias mudanças externas que

modificavam o planejamento e traziam novas demandas dificultaram o cumprimento completo dos objetivos.

As mudanças na implementação do planejamento causaram frustrações e conflitos na relação entre os estudantes de Comunicação Comunitária 1 e os estudantes de Comunicação Comunitária 2. Contudo, o conflito não foi resolvido porque os estudantes não perceberam a possibilidade de compartilharem as frustrações e de trabalharem juntos para transpor essa dificuldade. A oficina de rádio ainda gerou outro conflito quando os jovens envolvidos com o *rap* foram convidados para participar dela à revelia de outros moradores do Varjão. Novamente, a oficina de rádio não conseguiu solucionar o conflito, resultando na saída dos moradores do Varjão que não estavam satisfeitos com a entrada de outros moradores, que enfatizavam o *rap* nas suas atividades. Porém, o conflito entre os moradores do Varjão resultante da maneira como os mesmos se relacionavam com o programa na rádio Shená FM foi solucionado. De um lado, havia a insatisfação com a falta de planejamento do programa de rádio na Shekná FM. Por outro lado, havia a insatisfação com a divulgação do programa como de propriedade somente de um dos moradores do Varjão. A solução surgiu do diálogo e da negociação entre os próprios moradores do Varjão.

Estabeleceu-se que as reuniões de planejamento eram abertas à participação de todos estudantes da UnB, havendo flexibilidade nos horários marcados para o encontro. Porém, nem todos os estudantes participavam desses momentos por não haver motivação ou disponibilidade para se encontrarem fora do horário da aula aos sábados. Por outro lado, em relação à participação dos jovens moradores do Varjão nas reuniões de planejamento, concluiu-se que ela é importante e deve ocorrer desde o início. Porém, há a necessidade de que o planejamento com a comunidade seja prévio ao início das oficinas e que contenha um cronograma e indicadores objetivos para futura avaliação. O planejamento deve ser pensado a longo prazo, porém são necessárias reuniões para se pensar detalhadamente, a curto prazo, cada dia da oficina de rádio, a fim de que ocorram as modificações em tempo hábil, conforme as necessidades apresentadas pelos participantes, tanto moradores do Varjão quanto estudantes da UnB.

No contexto da oficina de rádio, o conceito de comunicação compreendeu a sua relação com o acesso aos direitos e a denúncia quando esses são violados. A comunicação também foi demarcada como expressão, exposição de idéias, pensamento e fala. No contexto da oficina, a democratização da produção da comunicação apareceu como uma necessidade para debater os problemas da comunidade e gerar a

identificação com o conteúdo dos meios de comunicação. A pesquisa revelou ainda que as práticas e os discursos dos estudantes da UnB acerca do momento de aprendizado da oficina de rádio indicam que a situação de comunicação e diálogo convivem com as práticas de extensão e transmissão do conhecimento universitário para a sociedade.

A pesquisa estabeleceu os seguintes fatores que auxiliam a realização de atividades de extensão: disponibilidade de espaço físico, energia elétrica e vídeo, além de fatores humanos, como comprometimento, engajamento, vontade e determinação dos estudantes e professores da UnB e dos moradores do Varjão. O conhecimento produzido sobre a extensão, presente em livros e no conteúdo programático das aulas de alguns professores, também auxilia o desenvolvimento das atividades de extensão. Ainda, o *status* da UnB foi indicado como um fator que auxilia esse desenvolvimento, porque os estudantes da UnB levam consigo o *status* da universidade ao se inserirem em uma comunidade. Por outro lado, a pesquisa estabeleceu alguns fatores que dificultam o desenvolvimento da atividade de extensão, como a desvalorização dos projetos de extensão, que são considerados menos importantes que atividades do mercado de trabalho. Segundo os estudantes da UnB entrevistados, as atividades de extensão são, por vezes, consideradas trabalho voluntário. A pesquisa estabeleceu a importância da institucionalização da disciplina Comunicação Comunitária por meio da redação de seu projeto de extensão. Dessa maneira, alguns estudantes da UnB matriculados na disciplina da Faculdade de Comunicação poderiam receber bolsas de auxílio financeiro para a realização das atividades.

Concluiu-se que a oficina de rádio produziu capital social ao desconstruir preconceitos, pois gerou laços de afeição e confiança. Também estimulou relações horizontais e a participação dos moradores do Varjão dentro e fora da oficina de rádio. Ainda, o capital social foi gerado com a criação do sentimento de pertencimento e de liberdade dos estudantes da UnB quando na comunidade do Varjão. Por fim, dentro do princípio de participação, a presente pesquisa deverá terminar seu processo e proporcionar o retorno de seus resultados aos estudantes da UnB e aos jovens moradores do Varjão.

6. Referência Bibliográfica

- ABRAMO, Helena Wendel. *O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro*. In: Freitas, Maria Virgínia (org). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005, pp.20-35
- ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DO VARJÃO. Site. Disponível em : <http://www.varjao.df.gov.br/>. Acesso em: 24 nov. 2006.
- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Líber Livro Editora, 2004 (Série Pesquisa em Educação, v.3)
- BARROS, Andrea. "Não existem direitos humanos à brasileira". Entrevista com Paulo Sérgio Pinheiro - Ex-Secretário nacional de Direitos Humanos e Pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da USP. *O Estado de São Paulo*. Caderno Alias. São Paulo, jun, 2006, pp.4-5. Disponível em: <http://www.nevusp.org/downloads/2006-06-04-entrevista-psp.PDF>
- BAUMAN, Zigmunt. *Uma introdução ou bem-vindo à esquiva comunidade*. In: *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, pp.7-11
- BETTO, Frei. *Ecologia interior*. *Correio Braziliense*, Brasília, mai. 2004. Disponível em: <http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=126245>
- BORDA, Orlando Fals. *Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular*. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (org.) *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2005 (Coleção primeiros passos)
- _____ (org.) *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999

CARDOSO, Ruth C. L. *Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método*. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org) *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. pp.95-106

Cartilha d@ Raladeir@. Brasília: Casa das Musas, 2003

CHRISTOFOLETTI, Rogério. *Dez impasses para uma efetiva crítica de mídia no Brasil*. Trabalho apresentado no Núcleo de Jornalismo, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4395/1/NP2CHRISTOFOLETTI.pdf>

CITELLI, Adilson. *Educação em tempo de comunicação*. In: *Comunicação e educação: linguagem em movimento*. São Paulo: SENAC, 2000

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986

DURHAM, Eunice R. *A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas*. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org) *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. pp.17-34

ELENOS BROADCAST EXPERIENCE. Site. Disponível em: www.elenos.com/servizi/ing_funziona_radio.php. Acesso em: 24 nov. 2006.

FARICLOUGH, Norman. *Critical and descriptive goals in discourse analysis*. In: *Critical discourse analysis*. Singapura: Longman, 1995, pp. 27-53

FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and social change*. Reino Unido: Polity Press, 1998. Capítulo 3. A social theory of discourse, pp.62-100

FOOTE-WHYTE, Willian. *Treinando a observação participante*. In: *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980

FRANCO, Augusto de. *Capital social*. Brasília: Millennium, 2001

- _____. *Desenvolvimento, capital humano e capital social*. In: Pobreza & desenvolvimento local. Brasília: Aed, 2002, pp.62-66
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977
- _____. *Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação*. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (org.) Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1999
- _____. *Ninguém educa ninguém,ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo*. In: Pedagogia do oprimido. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, pp.78-82
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, pp.13-41
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003
- Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas. São Paulo: IBASE e Instituto Polis, 2005
- LUZ, Dioclécio. *Trilha apaixonada e bem-humorada do que é e de como fazer rádios comunitárias, na intenção de mudar o mundo*. Brasília, 2004
- MAGALHÃES, I. Análisis crítico del discurso e ideologia de gênero em la Constitución brasileña. In: L. Berardi (org) *Análisis crítico del discurso: Perspectivas latinoamericanas*. Santiago, Chile: Frasis Editores, 2003b, pp.17-50
- _____. Interdiscursividade e identidade de gênero. In: *Discurso, gênero e educação*. Brasília: Plano Editora: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003, pp.33-62

_____. Introdução: a análise de discurso crítica. *D.E.L.T.A.*, 21: Especial: 1-9, 2005b

MALINOWSKI, Bronislaw. *Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa*. In: Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1984, pp. 17-34

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1986

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. *Banco de dados*. Disponível em : <http://www.mc.gov.br/rc/habilitacao/participantes/rptEntidadesInteressadasCadastradasRadCom-com%20aviso_0_04052006.pdf>. Acesso em: 04 maio 2006.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. *Site*. Disponível em : <<http://www.trabalho.gov.br/>>. Acesso em: 24 nov. 2006.

MONTORO, Tânia. *Da comunicação mobilizadora*. In: MONTORO, Tânia (org). Comunicação e mobilização social. Brasília: UnB, vol 2, 1997, pp.25-27

NOGUEIRA, Oracy. *A entrevista*. In: Pesquisa social: introdução às suas técnicas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968, pp.111-120

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy de. *Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transforma-la*. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (org.) Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1999

ONG GRUPO INTERAGIR. *Site*. Disponível em: <<http://www.interagir.org.br>>. Acesso em: 24 nov. 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996

OSCIP (ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DE INTERESSE PÚBLICO)
ASSOCIAÇÃO OLHOS D'ÁGUA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL (AOPA). Site.
Disponível em: <<http://www.aopa.org.br>>. Acesso em: 1 jul. 2006.

PAIVA, Bianca. *MTE justifica que atraso no repasse de bolsas a Pontos de Cultura é por falta de dados cadastrais*. Agência Brasil, 07 mar. 2006. Site da Radiobrás - Portal da Cidadania. Disponível em: <http://www.radiobras.gov.br/materia_i_2004.php?materia=258021&q=1&editoria>. Acesso em: 24 nov. 2006.

PALÁCIOS, Marcos. *Sete teses equivocadas sobre comunicação comunitária*. In: MONTORO, Tânia (org) Comunicação e Mobilização Social. Brasília: UnB, vol 2, 1997, pp.32-41

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. In: A favor da etnografia. Rio de Janeiro, Relume Dumará, [s.d.], pp.31-57

PERUZZO, Cicília. *Comunicação comunitária e educação para a cidadania*. In: Revista Fronteiras – estudos midiáticos, vol. III. n°1. Caxias do Sul, UCS, setembro de 2001, pp.111-127

PROGRAMA CULTURA VIVA. Site. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/cultura_viva/>. Acesso em: 24 nov. 2006.

Projeto Juventude. São Paulo: Instituto Cidadania, 2004

PROJETO DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO E SUSTENTÁVEL. Site. Disponível em: <http://www.dlis.org.br/v2/conteudo.php?id=608_0_142_0_M181>. Acesso em: 1 jul. 2006.

RODRIGUES, Elenita. *A alfabetização de adultos na perspectiva da consciência lingüística crítica*. In: MAGALHÃES, I e LEAL, Maria Christina D. (orgs) Discurso, gênero e educação. Brasília: Plano Editora: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003, pp.65-98

- SCHRAMM, Wilbur. *Comunicação de massa*. In: MILLER, G. A. Linguagem, psicologia e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1976
- SILVA, Luiz. Martins. *Comunicação, mobilização e mudança social*. In: MONTORO, Tânia (org). Comunicação e Mobilização Social. Brasília: UnB, 1997, pp. 28-31 (v.2)
- SILVA e SILVA, M. O. *Refletindo a pesquisa participante no Brasil e na América Latina*. São Paulo: Cortez, 1986
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005
- TORO, Bernardo. *Mobilização social: uma teoria para a universalização da cidadania*. In: MONTORO, Tânia (org). Comunicação e mobilização social. Brasília: UnB, vol 1, 1997, pp.26-40
- Uma Onda no Ar* mostra "verdadeira voz do Brasil". Terra Cinema. Banco de Dados. Disponível em:
<<http://64.233.161.104/search?q=cache:A11kJn77XMwJ:portal.terra.com.br/cinema/filme/ficha/0,2529,614,00.html+%2B%22uma+onda+no+ar%22+%2Bterra+%2Bdi retor&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=1>>. Acesso em: 24 nov. 2006.
- WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. Tradução de Karina Jannini. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005

7. Anexos

7.1 Mapa do Planejamento 2º/2004

Oficinas: Meio Ambiente

20/11

- Elemento Energizador (somente com animais) - 15min
- Dinâmica dos animais (a pessoa se apresenta imitando seu animal favorito) - 30min
- Apresentação de nossa proposta e diálogo para que eles possam interferir na construção das oficinas - 15min
- Texto: Frei Beto (fala sobre ecologia como algo mais abrangente, não restringe ao verde e aos animais) - 20min
- Teatro para trabalhar o texto - 40min
- Dever de casa: imaginar uma visão de futuro melhor para o Varjão.

27/11

- Desenho da visão de futuro melhor - 15min
- Apresentação dos desenhos - 30min
- Dinâmica de pote com pedaços de cartolina colorida para dividir em grupos - 10min
- Os grupos pensarão em um problema de sua comunidade e apresentarão para as demais pessoas, os problemas serão trocados entre os grupos - 15min
- Depois de receber um problema, os grupos deverão pensar em soluções (tendo em mente as coisas boas que podem ser fortalecidas) - 20min
- Apresentação da solução pensando nas instâncias: eu comigo mesmo, eu com você, e eu com os outros - 15min
- Debate - 15min

---> A Mazé ficou de tentar conseguir a presença da Marilúcia nesse dia.

4/12

- A Leila do Leonardo da Vinci irá falar sobre a experiência de construir uma rádio poste (mostrando que problemas podem ter soluções, mesmo que não sejam perfeitas - 30min

---> Leila e galera do Leonardo confirmados.

- Ensinar a mexer nos equipamentos da rádio poste que montaremos no Varjão - 30min
- Palestra do Engenheiro Agrônomo Rui, as pessoas deverão anotar perguntas durante a mesma - 30min

---> Palestra esperando confirmação.

- As pessoas entrevistarão o engenheiro na rádio - 30min

11/12 - Oficina de criatividade

- Dinâmica "Isso não é um cachimbo" (escolher um objeto e fingir que ele é outra coisa que não é) - 30min
- As pessoas escolherão instrumentos para criar uma batida ou música - 30min

---> Os instrumentos serão trazidos pelo Manu, Gabriel e Flávio

- Apresentação das vinhetas já produzidas de DST/AIDS, além de outras baixadas no computador - 15min

---> O Flávio se responsabilizou por procurar vinhetas no computador.

- Com os instrumentos e soltando a criatividade, deverão fazer vinhetas sobre o tema Meio Ambiente - 20min
- Levaremos um gravador para gravar as vinhetas - 20min
- Sabendo que no outro sábado traremos novamente a rádio para gravar definitivamente as vinhetas e fazer programas, as pessoas poderão selecionar algumas músicas - 5min

---> O Gabriel se responsabilizou por trazer fitas K7

18/12

- Gravação na rádio das vinhetas - 45min
- Busca por reportagem sobre ecologia na comunidade, rodízio na rua (10min), na biblioteca (10min), e na internet (10min)
- Organização da reportagem - 10min
- Apresentação das reportagens em forma de programa na rádio e gravação por meio do retorno - 35min

7.2. Mapa do Planejamento 1º/2005

Creche - Wilson

Oficinas - Patrícia

Praça/Biblioteca - Luciana

Jornal - Henrique

Rádio - Ju/ Cirilo/ Victor

Ralacoco - Manu

Curta Metragem (Divulgação) - ?

115N - Bruno

9/abril

Wilson 9298 8095/ 223 6671

Oficina na UnB (8h45 na AOPA)

Procurar vinheta que eles fizeram

16/abril - O que é Comunicação

30min Reunião sobre rádio poste

30min Colagem sobre os meios de comunicação (Ju: tesoura, cola e papel pardo/ Mazé: jornal e revista velhos, mrsouza@cni.org.br

30min Falar sobre os meios: Ju: rádio, cartaz, zine, outdoor, alternativos/ Mazé: tv, jornal, internet, revista, mural

30min Discutir sobre os meios: o que é viável? como fazer? o que informar?

23/abril ----> Feriado, o Victor ficou responsável por esse dia

Vinhetas

Mexer na rádio

30/abril

Jornal Gravado

Teoria - apuração, entrevista, escrita 10 min

Análise de pequenas notícias 20 min

Jogo do mistério (história do elevador) 10 min

Jornal gravado: fazer 30 min/ Apresentar 50min

som+microfone - Ju

notícias - Victor

folha com a teoria - Victor

7/maio

Diagramação visual (revista, fanzine, jornal....)

Logo

14/maio

Reunião para discutir como ganhar dinheiro e a rádio poste ou rádio bicicleta

21/maio

Tempo para eles prepararem a oficina que darão no ERECOM

29/maio

Oficina no ERECOM

4/junho

Bazar

11/junho

Audiovisual

Edição

18/junho

Oficina de fotografia

25/junho

Jornal mural

Ulisses Riedel - ONG União Planetária (TV Comunitária e Canal 21)

QL 13 - Lago Norte

368 1752/ 8134 8879

7.3. Planejamento 2º/2005

Cronograma para o grupo de rádio

- Dias 22 e 29/10 (1º e 2º sábados)
- Audição do programa da Rádio Xingu
- Discussão sobre o programa, aproveitando para explicar um pouco de teoria (roteiro, pauta, apuração, edição). Questionar também se o modelo da Rádio Xingu pode ser empregado para produzir a rádio no Varjão. Quais são as semelhanças e as diferenças?
- Audição do material produzido pelos meninos sobre o dia de limpeza do Lago
- Selecionar os trechos dessa apuração para a produção de um programa de rádio sobre meio ambiente
- Discutir a montagem desse programa e preparar o roteiro
- Como no próximo sábado haverá a rádio ao vivo, pedir para os meninos pensarem quem irão entrevistar, o que irão discutir, decidir se haverá música. Enfim, decidir a programação que deverá ir ao ar no próximo sábado. Quem sabe fazer um especial sobre meio ambiente, utilizando o material produzido com a cobertura do dia da limpeza no Lago.
- Dia 05/11 (3º sábado)
- Rádio ao vivo
- Discutir pauta para o sábado 26/11 que terá outra rádio ao vivo
- Dia 12/11 (4º sábado)
- Debate sobre rádio comunitária com a presença de convidados (mesa redonda)
- Os meninos deverão fazer a cobertura desse evento
- Dia 19/11 (5º sábado)
- Edição do material produzido no debate
- Dia 26/11 (6º sábado)
- Rádio ao vivo
- Dia 03/12 (7º sábado)
- Atividade Cultural

7.4. Mapa do Planejamento 1º/2006

1º DIA

- Conversar sobre objetivo da oficina, o que vai ser trabalhado, o horário, e sobre o que eles esperam da oficina.
- Teatro (quebra-gelo)
- Esporte
- Conversa final (avaliação do dia)

2º DIA

- 1ª roda de debate com o tema rádio ideal: Um grupo atua como se estivesse em um programa de entrevista. Os demais escutam a entrevista e vão desenhando o que vem à mente. Depois apresentam.
- Dividir em duplas e separar responsabilidades e temas de pesquisa para o programa no próximo sábado.

3º DIA

- As pessoas trazem o que apresentaram. Também podem usar os livros e materiais de pesquisa que vamos trazer.
- Montamos um quadro com as pautas e respondemos as seguintes perguntas:
Tema?
O que é importante?
Quais são os dados?
Como o tema se relaciona ao Varjão?

4º DIA

- Gravamos o programa fingindo que estamos em uma rádio.

5º DIA

Montar a matéria

- Cada um conta a história do que escreveu e escolhe uma citação. Gravamos essa edição.

6º DIA

- Ouvimos a matéria e fazemos uma avaliação.
- Construimos um quadro com as etapas de se fazer um programa de rádio (pauta, produção...). A idéia é que eles falem o que precisa ser feito e encaixemos embaixo de cada função.

7.5. Ofício solicitando o espaço da Escola Classe do Varjão

Brasília, 9 de novembro de 2004

Diretora Graça,

Nós somos estudantes de Comunicação Social da Universidade de Brasília (UnB) e participamos da disciplina Comunicação Comunitária II, cuja meta é promover atividades de extensão e o intercâmbio entre a universidade e a comunidade. Possuímos a colaboração da AOPA (Associação Olhos d'água de Proteção Ambiental) para realizar nossas atividades no Varjão.

Estamos realizando uma Oficina de Rádio com os jovens do Varjão. Até o presente momento temos treze jovens inscritos na oficina. As inscrições permanecem abertas, mas o número de jovens definitivamente não poderá ultrapassar vinte pessoas.

Para tanto, se faz necessário conseguirmos um local mais adequado para a oficina, já que a AOPA comporta outras atividades no mesmo horário. Dessa forma, solicitamos o espaço da Escola Classe do Varjão para a realização da Oficina de Rádio. Pensamos nessa instituição pois projetos da Prof. Marilúcia Picanço e do Coordenador da AOPA, Guilherme, anteriormente tiveram a colaboração da escola, que lhes cedeu seu espaço físico.

A proposta da oficina é problematizar a Comunicação Comunitária, abrindo espaço para a discussão e estimulando os jovens a serem sujeitos, visando a mobilização social. Para tanto, a oficina utilizará meios de Comunicação, como rádio poste e filmadora, para focar o tema ecologia. Entretanto, entendemos ecologia como referente a nossa casa, ao que está ao nosso redor, não restrito a plantas e animais. Isto é, percebendo a importância de cuidar das relações sociais e do convívio em comunidade.

Solicitamos, portanto, o espaço da escola para os dias 13, 20 e 27 de novembro, e 4, 11 e 18 de dezembro durante a manhã, entre às 9h e às 12h. Nós, os estudantes Juliana Mendes, Manuel Montenegro, Marcelo Arruda e Maria José Rodrigues seremos responsáveis pelo uso do espaço. A estudante Juliana Mendes será a responsável pela chave da escola.

Agradecemos desde já sua atenção,

Juliana Mendes, Manuel Montenegro, Marcelo Arruda e Maria José Rodrigues
(Contato: Juliana Mendes 9906 1829/ 272 4081)

7.6. Clipping: Comunicação Comunitária na Mídia

“Entrevista: Comunicação Comunitária” – C&T Jovem – Profissão Cientista - 22 de maio de 2000

http://ctjovem.mct.gov.br/index.php?action=/content/view&cod_objeto=12567

**Ministério da Ciência e Tecnologia**

C&T Jovem **profissão cientista**

22 de maio de 2000

História da Ciência | C&T Vida e Sociedade | Profissão Cientista

Busca

C&T Jovem | Profissão Cientista | Sociais Aplicadas | Comunicação Social | Entrevista: Comunicação C

- >Agenda
- >Blogs C&T Jovem
- >C&T em Multimídia
- >C&T Jovem Especial
- >C&T na Mídia
- >Canal Astronomia
- >Canal da Física
- >Cientistas
- >Competições
- >Jovem Pesquisa
- >Muito Mais Ciência
- >Museus de C&T
- >O que é isso?
- >Prêmios para a C&T
- >Tecnologias e Inventos

Assine CT Jovem

informe seu e-mail 

**BRASIL**
UM PAÍS DE TODOS

Entrevista: Comunicação Comunitária

O jovem pesquisador Fernando Paulino, preocupado em unir teoria e prática, fala sobre sua experiência.

Fernando Paulino, 27 anos, acaba de apresentar sua dissertação de mestrado e já leciona na Universidade de Brasília/UnB, onde sua disciplina "Comunicação Comunitária" faz sucesso. Aliás, todo o seu trabalho de pesquisa visa a funções sociais, numa tentativa de aplicar teoria à prática. Sua linha de mestrado comprova: Jornalismo e Sociedade.

Em entrevista ao **C&T JOVEM** ele mostra a vontade de que seus trabalhos estejam sempre atentos à realidade brasileira e contribuam de forma efetiva para unir teoria e prática. "Participar da atividade de Iniciação Científica foi uma descoberta para mim. Descobri o mundo acadêmico e, a partir desse convite, nunca mais sai do grupo. Consegui terminar a graduação e manter a pesquisa de Iniciação Científica", diz ele, e garante que não pretende sair desta trilha.

Como se deu essa escolha pela pesquisa em Comunicação Social, em que é tão incomum haver pesquisadores?

Imagino que está crescendo o campo de amadurecimento das Ciências da Comunicação. É uma ciência mais recente. A mídia, esse fenômeno, tem sido estudada com um pouco mais de intensidade há uns 50 anos. No meu caso, sempre tive grande vocação para o jornalismo, sempre pretendi fazer o curso. É interessante que na nossa área, diferentemente de outras, há uma certa antítese entre o mundo acadêmico e o mundo profissional. Porém eu tenho buscado trabalhar justamente nessa aproximação entre prática do dia-a-dia e as teorias do jornalismo, das teorias da comunicação, que discutimos na universidade, até da ética profissional do jornalista, com a prática do mercado. Se por um lado é incomum a pesquisa em Comunicação Social, é também um campo de conhecimento que tem muito a crescer, já que a sociedade tem sido cada vez mais midiaticizada, cada vez mais transformada a partir do efeito do trabalho da mídia.

Quando e como você decidiu seguir uma carreira científica?

Eu fazia uma disciplina aqui na UnB com o professor Luiz Martins, chamada Sociologia da Comunicação, para a qual fiz um trabalho cujo resultado o professor gostou e me convidou para fazer parte de um grupo pesquisa que estava sendo constituído e que, mais tarde, tornou-se um projeto de extensão chamado "SOS Imprensa". Participar da atividade de Iniciação Científica foi uma descoberta para mim. Descobri o mundo acadêmico e, a partir desse convite, nunca mais sai do grupo. Consegui terminar a graduação e manter a pesquisa de Iniciação Científica. Depois, recentemente, consegui também terminar o mestrado, ainda discutindo as formas de assegurar a responsabilidade social da mídia.

O que o motiva na carreira como pesquisador?

Acho que é um ponto muito importante para quem se dedica à carreira acadêmica propor formas alternativas aos modelos vigentes; refletir a respeito da realidade, buscando corrigir

**quero**


Federação
Jornal


Declaraçã
Prêmio da
A form

possíveis distorções; descobrir novas experiências que possam ser aplicadas à realidade brasileira. Assim, o trabalho do pesquisador é de uma responsabilidade muito grande, como já dizia o professor Darcy Ribeiro, pois há necessidade não só de traduzir demandas e soluções que venham do exterior, mas também de estar pensando o nosso objeto de estudo de forma aplicada à realidade brasileira. O desafio é sempre buscar, de alguma maneira, contribuir para a melhoria da qualidade de vida no nosso país, em que ainda há níveis de desigualdade social muito grandes.

Que objetivos você pretende alcançar?

O trabalho de pesquisa envolve uma necessidade muito grande de titulação. Então estou buscando aperfeiçoar a minha formação: consegui terminar o mestrado e agora pretendo fazer a prova de doutorado no final do ano. Aliás, é importante ressaltar a necessidade de envolver cada vez mais os estudantes de graduação nas atividades de pesquisa. É uma forma de possibilitar que a ação de pesquisa seja contínua. Imaginava-se que não havia possibilidade de um estudante se formasse e partisse diretamente para o mestrado sem passar pelo mercado profissional, mas, hoje em dia, tem amadurecido uma linha de atuação que possibilita cada vez mais a presença dos estudantes de graduação nas atividades de mestrado – e eu penso nesse sentido. No meu caso, penso no doutorado para agregar mais valor à titulação e conseguir possibilidades de financiamento, desenvolvimento de novas pesquisas e outras atividades também de pesquisa e extensão.

Que conquistas já obteve?

Acho que conseguimos criar um ambiente na Faculdade de Comunicação para discussão a respeito de temas relacionados a, por exemplo, ética profissional ou deontologia profissional aplicada ao jornalismo. Um exemplo disso tem sido as relevantes mudanças na relação do jornal universitário "Campus" com o leitor.

Conseguimos criar um serviço no SOS Imprensa de atendimento telefônico às vítimas da imprensa, que ainda precisa ser dinamizado, mas de qualquer forma já existe; obtivemos também um espaço na faculdade para se fazer discussões desse projeto de extensão. Pudemos, assim, com o grupo de pesquisa, pautar muitos a respeito de ética profissional. Criamos, junto com outros estudantes, uma Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária e uma atividade de educação no Varjão (uma comunidade carente situada junto ao Lago Norte). É muito importante levar em consideração o que já foi feito, mas, claro, sem perder de vista a quantidade de coisas que ainda se tem para fazer. Pois a própria mídia tem realizado maiores discussões sobre o seu papel, mas ainda é uma atividade incipiente, que precisa crescer.

E que tipo de dificuldades você enfrenta hoje?

Creio que todas as pessoas do campo de pesquisa passam por problemas de falta de recursos, de financiamento, e do próprio estímulo aos estudantes. Por exemplo, muitos dos bolsistas que participaram do projeto do SOS Imprensa tiveram que sair porque foram a estágios com propostas mais interessantes. Há um problema sério de equipamentos e, quando os conseguimos, surgem dificuldades de instalação, de rede. É difícil também viajar para apresentar trabalhos em congressos. O Brasil, de uma forma geral, passa por um momento difícil e precisávamos de mais estímulo à pesquisa, não só em termos de recursos financeiros, mas também para agilizar a possibilidade de parceria com a iniciativa privada. Um exemplo prático: tenho certeza que o Correio Braziliense e o Jornal de Brasília poderiam nos atender com uma assinatura diária como fonte de pesquisa para os trabalhos, mas acontece uma

difficuldade operacional na universidade tão grande que o jornal chega e vai para a reitoria, e ainda acontecem irregularidades no processo de entrega do jornal da reitoria para a Faculdade de Comunicação. Dificuldades acontecem a toda a hora, sejam estruturais, de composição grupos, das relações humanas e com a própria universidade. Porém é preciso superar as lamentações e buscar atividades propositivas, envolvendo os estudantes, atrás de alternativas de pesquisa e para atividades da mídia de uma forma geral.

Está satisfeito com o rumo que tem tomado a sua carreira? O que desejaria mudar?

Ainda há muitos desafios pela frente; fazer trabalho em equipe é um desafio sempre muito grande. Talvez os pesquisadores de outras áreas que trabalhem isolados em laboratórios tenham mais facilidade em lidar com materiais do que nós temos em lidar com seres humanos. Nas Ciências Sociais há uma dificuldade grande em se fazer repetir o fenômeno, como Roberto Damatta já observou. Ainda há muito para se fazer. Estou tentando me envolver com os companheiros de atividades de grupo, com a rádio. Criamos uma nova disciplina, "Comunicação Comunitária", que tem muito a ver com esse momento em que passamos na Faculdade de Comunicação, para que os estudantes se envolvam no mestrado também e criem mais força na mudança de orientação da universidade. Isso me dá uma satisfação pessoal grande. Além da UnB, também dou aula em outra faculdade, no IESB, e muito do que tenho buscado refletir aqui também acaba pautando o trabalho que fazemos lá. Pessoalmente, fico feliz com o rumo em que as coisas estão indo. Consigo sobreviver, pagar aluguel, comer, e sabemos que nesse país nem sempre isso acontece. Enfim, não podemos nos acomodar, nem mesmo com o título. Essa ideia de mediocridade, de acomodação não é o que eu tenho buscado, quero investir mais na minha formação pessoal e fazer um trabalho coletivo, que é um grande desafio, deixar de pensar apenas na perspectiva individual e envolver, no trabalho, na pesquisa e na extensão outros membros da comunidade universitária.

O que você recomendaria a quem pretende encarar uma carreira científica na área de Comunicação Social?

Primeiro, é preciso estimular as pessoas a descobrirem essa área. Há, ainda, na faculdade, um problema muito grande na difusão desse tipo de informação. Há uma valorização para atuação no mercado em veículos de comunicação e assessorias de imprensa. Acaba que as pessoas não sabem que existe também um campo muito grande de atuação profissional na área de pesquisa, extensão e ensino, não só nas universidades públicas, mas, sobretudo hoje em dia, nas instituições privadas. O primeiro passo é divulgar essa atividade.

Segundo, para as pessoas interessadas, procurar bolsas de extensão e de iniciação científica, que, embora cada vez mais com peso menor com relação ao poder de compra, estimula bastante o trabalho e acaba tendo um impacto muito grande não só no comprometimento desses universitários com a universidade, mas também com o próprio curso, com a própria formação pessoal. É preciso descobrir essas possibilidades de financiamento e também de associações científicas. Temos, na Comunicação, o Intercom, um fórum muito importante para a gente refletir a Comunicação Social no Brasil. Há também o COMPOS, fórum igualmente importante para se buscar novos rumos na pós-graduação de comunicação. Mas, é isso: cada vez mais, com os recursos tecnológicos, as coisas têm sido postas, estão à nossa disposição, mas falta ainda uma disseminação de informações e estímulo à pesquisa em Comunicação.

(Entrevista a Helena Brandi/ Estágua/ Especial para o C&T Jovem)

“Prevenção de DST e Aids para Rádios” – site da Secretaria de Estado da Saúde do GDF – DST e AIDS – 13 de outubro de 2003

<http://www.fhdf.gov.br/dstaid/mostraPagina.asp?codServico=721&codPagina=1921>

Segunda-feira, 13/10/2003 - 10h56m

Prevenção às DST e Aids para Rádios

Raps e vinhetas contra a Aids:

Proteja-se, use camisinha! É um CD com 3 raps e 18 inserções que buscam estimular a prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e à Aids. A proposta foi criar um disco para ser usado longo da programação das rádios, promovendo a inclusão do debate sobre prevenção e saúde nas emissoras e também estimulando a distribuição de preservativos.

O CD será lançado no sábado, 25 de outubro, às 15 horas, no Edifício Boulevard Center (antigo Conic). O disco aborda várias situações envolvendo a necessidade da prevenção e é resultado de uma parceria, que existe desde 2002, da Faculdade de Comunicação (FAC) da UnB com a Gerência de DST-Aids da Secretaria de Saúde do Distrito Federal e a Abraço-DF - Associação Brasileira de Rádio Difusão Comunitária.

O material foi produzido com a participação de três grupos de rap do DF, que se apresentarão no lançamento: Versão de Rua (Varjão), CPI (Recanto das Emas) e Dignidade Humana (Samambaia) e universitários da disciplina Comunicação Comunitária da UnB.

Após o lançamento, CD será distribuído para rádios comunitárias do DF e Entorno.

Maiores informações:

Gerência de DST/Aids - 403-2337

dstaid@saude.df.gov.br

ASCOM Assessoria de Comunicação - 403-2330

imprensasesdf@yahoo.com.br

www.saude.df.gov.br (outros links)

“Estatuto da Criança e do Adolescente é referência para as ações” – Revista Programa de Apoio à Extensão Universitária voltada para as Políticas Públicas (PROEXT) – nº1, ano de 2005, pp.13

http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/proext/revista_proext_05.pdf

Em Brasília, a comunidade do Varjão do Torto é a ocupação irregular mais próxima do plano-piloto. Ali, a maior parte da população encontra-se em situação de risco pessoal e social. Trabalhando com o potencial multiplicador dos agentes adolescentes, o projeto **Prevenção da Violência Contra Crianças e Adolescentes na Comunidade do Varjão**, da UnB, enfatiza ações de prevenção à violência sexual e de gênero. A iniciativa, conduzida por estudantes e professores da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Comunicação e do Departamento de Ciência da Computação, vem apresentando resultados concretos.

UnB - Projeto no Varjão do Torto

- Formação de agentes multiplicadores de saúde e combate à violência sexual.
- Oficinas permanentes de teatro, leitura e esportes.
- Constituição de grupos de mulheres e jovens contra a violência sexual.
- Promoção da inclusão digital para jovens e mulheres.
- Capacitação em comunicação comunitária.

“Prevenção às DSTs e Aids para Rádios” – site da Secretaria de Estado da Saúde do GDF – 15 de junho de 2005 - http://www.saude.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=23938



Portal Oficial do Governo do
Distrito Federal



Secretaria de
Estado da Saúde

Quinta, 15/06/2006

Busca:

OK



Governo eletrônico

Conheça Distrito Federal
Governo Distrito Federal
Portal do GDF

A SES

Subsecretarias
SUPLAN
SAS
SAO
SVS

Hospitais e Regionais
Escolha uma opção

Programas
Família Saudável
Saúde da Criança
Saúde do Adolescente
Saúde da Mulher
Saúde do Adulto
Saúde do Idoso
Saúde Mental
Saúde do Trabalhador
Saúde Bucal
Saúde Rural
Saúde Prisional
Saúde Ambiental

SES em Números

Exibição de Notícia

Prevenção às DST e Aids para Rádios
(11/01/2006 - 13:16)

Raps e vinhetas contra a Aids:

Proteja-se, use camisinha! É um CD com 3 raps e 18 inserções que buscam estimular a prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e à Aids. A proposta foi criar um disco para ser usado longo da programação das rádios, promovendo a inclusão do debate sobre prevenção e saúde nas emissoras e também estimulando a distribuição de preservativos.

O CD será lançado no sábado, 25 de outubro, às 15 horas, no Edifício Boulevard Center (antigo Conic). O disco aborda várias situações envolvendo a necessidade da prevenção e é resultado de uma parceria, que existe desde 2002, da Faculdade de Comunicação (FAC) da UnB com a Gerência de DST-Aids da Secretaria de Saúde do Distrito Federal e a Abraço-DF - Associação Brasileira de Rádio Difusão Comunitária.

O material foi produzido com a participação de três grupos de rap do DF, que se apresentarão no lançamento: Versão de Rua (Varjão), CPI (Recanto das Emas) e Dignidade Humana (Samambaia) e universitários da disciplina Comunicação Comunitária da UnB.

Após o lançamento, CD será distribuído para rádios comunitárias do DF e Entorno.

Maiores informações:
Gerência de DST/Aids - 403-2337

dstaids@saude.df.gov.br
ASCOM Assessoria de Comunicação - 403-2330

imprensasesdf@yahoo.com.br
www.saude.df.gov.br/ (nos links)

[Resumo das Atividades](#)

[Dados Estatísticos](#)

[Informe Técnico](#)

Coordenadorias

[Coordenadoria do Câncer](#)

Outros Links

[Osteoporose](#)

[Editais e Portarias](#)



No Brasília Music Festival a Gerência de DST/AIDS da Secretaria de Saúde do DF contou com a estrutura de um 'stand móvel', onde foi realizada a distribuição de material educativo, demonstração do uso correto do preservativo. Outra novidade foi a presença da equipe do Projeto de Redução de Danos, da Gerência de DST/AIDS do DF, que visa orientar os usuários de drogas injetáveis a utilizarem sempre material descartável e individual.



O Público pode tirar dúvidas e ainda ganhar preservativos masculinos e femininos

Durante todo o evento, a Gerência de DST/AIDS da Secretaria de Saúde do DF distribuiu um total de 1.584 preservativos masculinos e 300 femininos na quinta-feira (25), 1.152 masculinos e 400 femininos na sexta-feira (26) e 1.152 masculinos e 300 femininos no sábado (27). De acordo com a Gerente da DST/AIDS da Secretaria de Saúde do DF, Josenilda Gonçalves, a campanha atingiu os objetivos esperados. 'Esperamos que também, com a divulgação do CTA, aumentem o número de testagens, a exemplo do que ocorreu a partir do dia 25 de setembro, quando a cantora Wanessa Camargo esteve presente no local e observou-se um aumento de 30% na procura dos serviços do CTA no dia seguinte,' afirmou.

[Veja as fotos do Evento... Link Externo](#)

Apoio: www.chegai.com.br



Confira as fotos no Evento, onde estivemos com nosso Posto Móvel. (Apoio: www.chegai.com.br)

8 ESCOLA

ESCOLA
DISTRITO FEDERAL

Brasília, 7 a 13 de dezembro de 2005



Fernando Oliveira Paulino

O professor de Comunicação Social do IESB Fernando Oliveira Paulino tem história para contar. Ele veio de São Paulo pra Brasília em 1995, após passar no vestibular de Jornalismo da UnB. Terminado o mestrado em Comunicação na UnB e de participar de vários projetos, entre eles o SOS Imprensa e a RALACOCO, além de lecionar a disciplina Comunicação Comunitária como professor voluntário na UnB, Paulino foi para a Espanha fazer doutorado e com muitos sonhos a realizar. Com responsabilidade e iniciativa, o professor é respeitado no meio acadêmico por seus feitos e tornou-se um exemplo de vida devido à preocupação com o social.

Aerton Guimarães

Quando veio a Brasília estudar na UnB, você participou de vários projetos e muitos professores elogiam sua atuação neles. Quais foram suas experiências nessa época?

Cheguei em Brasília em 1995. Morava em São Paulo, onde fiz curso técnico em eletrônica e trabalhava como técnico, arrumando terminais de banco, além de fazer cursinho à noite. Quando cheguei aqui descobri uma possibilidade de atuação diferente da qual imaginava, pois sempre quis ser repórter esportivo. E quando cheguei na UnB descobri que a universidade desenvolvia não só a atividade de ensino, mas também de pesquisa e extensão. Logo no meu primeiro semestre participei de um projeto da Faculdade de Educação, o Professor em Construção, trabalhando como monitor. Quando estava no 3º semestre do curso, o professor Luiz Martins, da Faculdade de Comunicação, criou o SOS Imprensa e eu me candidatei a participar do grupo. Ai entrei e não saí mais. Comecei na época uma bolsa de iniciação científica estudando formas de apoio aos usuários da imprensa em outros países e logo na sequência comecei a me envolver com as atividades do Centro Acadêmico, participando de algumas ações na FAC (Faculdade de Comunicação) e também apoiando alguns trabalhos do Diretório Central dos Estudantes (DCE). Descobri então que a UnB tinha um campus na Ceilândia e que ele participaria do programa Universidade Solidária, e logo quis saber como participar. Mas por estar no início do curso não pude entrar no programa. Nessa época a FAC era mais distante desse trabalho de extensão do que hoje. Hoje ela é mais consolidada.

Então você desistiu do programa?

Em 1998 fui à coordenação da Universidade Solidária e surgiu a possibilidade de a gente fazer uma atuação com duas equipes universitárias.

rias, uma em Jandaíra, no norte da Bahia, da qual participei, e a outra em Areia Branca. Lá o prefeito deu apoio para a atividade. Só que acho que o grande ganho desse trabalho foi a integração das duas equipes, pois, embora fôssemos 10 alunos em cada equipe, houve um treinamento conjunto. Fizemos um relatório e foi muito bom.

Qual era o objetivo desse trabalho desenvolvido na Bahia?

O objetivo era fazer um trabalho de atividade informativa e educativa nas áreas de comunicação, saúde, educação, estimulando uma troca, um fortalecimento da responsabilidade social dos universitários, por um lado, e por outro contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população na outra ponta. Promover uma troca de conhecimentos. Em 1999 surgiu uma vaga para trabalhar na coordenação nacional do Universidade Solidária e a coordenadora, Elisabete Vargas, me convidou para participar dela fazendo um trabalho de assessoria de comunicação.

Como surgiu a oportunidade de atuar em um projeto na África?

Na coordenação do Universidade Solidária eu representava a minha coordenadora em algumas reuniões nos ministérios quando surgiu a possibilidade de a gente fazer um trabalho no exterior, porque se organizavam, via Ministério das Relações Exteriores, ações que o Brasil poderia desenvolver para a promoção da língua portuguesa nos outros países da comunidade de língua portuguesa. E, paralelamente a isso, no final de 2000 eu e um grupo de amigos organizamos um grupo de contadores de histórias. A gente fazia um trabalho voluntário lá no Hospital de Base e o grupo continua até, mas tive de me afastar depois. Mas na época a gente começou fazendo um trabalho lá na cirurgia pediátrica do hospital, contando histórias para as crianças usando o método da Mala de Leitura criado pelo Maurício Leite. Então, toda semana a gente ia lá e foi um trabalho que inspirou a ação em Moçambique, em 2001, depois que a coordenação do Universidade Solidária propôs essa ideia ao Departamento Cultural do Itamaraty, chamado de projeto UniSol e Mala de Leitura. Fomos com nove estudantes brasileiros e três moçambicanos que estudavam aqui no Brasil fazer um trabalho em Maputo, em julho de 2001, numa comunidade chamada Muamba. Foi interessante pois, como os países africanos em geral têm altos índices de contaminação com HIV, a gente também direcionou boa parte do trabalho

à prevenção à Aids. Como eu já tinha uma experiência nesse sentido - porque logo que cheguei a Brasília fui voluntário do grupo de apoio à prevenção à Aids do DF - acabou facilitando o nosso trabalho lá em Moçambique.

Você participou da criação da Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária da UnB. Como ela surgiu?

Quando houve a greve das universidades federais de 2001, surgiu na UnB uma rádio comunitária. A gente teve uma experiência de 98 a 99 de uma rádio criada pelo DCE, estimulada em grande parte pelos estudantes de comunicação que participavam do CA na época, mas ela foi fechada em 99. Ficamos então até 2001 com a ideia de tocar a rádio, mas nesse mesmo ano foi criada uma rádio comunitária com uma iniciativa da ADUnB. Aí a gente resolveu amparar a rádio, mas, com o fim da greve, a ADUnB não queria mais dar sustentabilidade para a iniciativa e aí a gente acabou buscando uma maneira de continuar a ação da rádio e a gente descobriu na época que existia uma experiência parecida lá na UFG, com o professor Niltinho, que justificava a Magnífica FM a partir da disciplina Comunicação Comunitária, e aí surgiu essa proposta. Trouxemos para Brasília o professor Niltinho e, numa reunião com o professor Murilo, na época diretor da FAC, e o professor Wagner Rizzo, que dava um apoio muito grande ao trabalho da rádio, a gente resolveu levar a rádio da ADUnB para a FAC para sediá-la, mas sem restringir a participação de ninguém, e criar uma disciplina Comunicação Comunitária pra justificar a existência da rádio. Por sugestão do professor Murilo essa disciplina não deveria ser restrita ao trabalho direcionado à rádio, mas também teria uma reflexão conceitual e ao mesmo tempo atividade de campo.

O que os planejadores da RALACOCO pretendiam alcançar?

Já existia uma mobilização histórica da FAC e da UnB de uma forma geral, pois uma rádio universitária está prevista no projeto de criação da UnB. Só que essa rádio nunca foi colocada na prática. O canal que seria da rádio universitária acabou sendo direcionado para a rádio Cultura. E aí eu fiquei com isso na cabeça: é uma bandeira que a gente não pode deixar apagar. E quando a gente criou a RALACOCO, a ideia que continua até hoje é essa de criar um canal de comunicação com a cidade e ao mesmo tempo servir de instrumento de mobilização social, além de ser um veículo de comunicação e educação. S



O DESAFIO ATUAL É MANTER CONSTÂNCIA NA ATIVIDADE E DAR MAIS VISIBILIDADE AO TRABALHO, QUEM SABE CRIANDO UM PROGRAMA NA TV COMUNITÁRIA

E como é o apoio dado à rádio?

Pelo fato de ser um laboratório, talvez no futuro a gente consiga articular parcerias, mas uma bandeira que eu sempre levantei desde o início é a necessidade de não dissociar a rádio da UnB, buscar com que as pessoas se envolvam com os cursos de pós-graduação, que a rádio seja um instrumento de extensão, não seja só uma experiência de entretenimento, e que tenha esse compromisso com a aprendizagem, com a experimentação e acho que nesse sentido até a ponte que a gente tenta fazer entre a RALACOCO e a TV Comunitária pode estimular a criação de uma TV universitária em Brasília. São várias bandeiras que podem ser levantadas a partir do trabalho que é desenvolvido. Uma cidade como Brasília, que não tem uma TV universitária ainda, é lamentável. É importante a gente envolver os estudantes universitários nesse aspecto de criação da TV e rádio universitária lá da UnB e que não fique restrito a um número pequeno de técnicos e professores.

Você participa do projeto de extensão SOS Imprensa há quase dez anos. Como você avalia o projeto e a sua participação nele?

Eu aprendi muito e ainda aprendo com o SOS. Apesar de não poder acompanhar semanalmente as atividades do projeto, acompanho por e-mail. Temos agora o livro que a gente está organizando para a comemoração dos 10 anos de SOS, no qual eu busco participar da questão

editorial. Acho essencial que os estudantes participem da iniciação científica ainda na graduação. Atualmente o funcionamento do SOS é bem melhor do que era no início e essa atuação tem gerado um memorial de casos que é muito importante não só para Brasília, mas para o Brasil como um todo, já que o SOS acabou virando uma referência. O desafio atual é manter constância na atividade e dar mais visibilidade ao trabalho, quem sabe criando um programa na TV Comunitária, colocando cada vez mais os casos em evidência com debates na RALACOCO. Acho que o caminho é esse, buscar otimização de parcerias. A questão não é só pensar em orçamento, mas é preciso pensar em como utilizar espaços já existentes. E o SOS tem uma capacidade muito grande nesse sentido de dinamizar o processo em relação ao crescimento desse debate de ética, responsabilidade e imprensa. Não é à toa que o Campus, o jornal laboratório da UnB, possui desde 98 a seção Ombudsman (leitor que critica o jornal no próprio jornal), sugerida pelo SOS Imprensa. Esse exemplo foi seguido pela maioria dos jornais laboratórios da cidade. A Internet é um meio poderoso para a divulgação do trabalho e o SOS utiliza o espaço. O projeto também é importante para a formação do aluno. Existe um grupo de estudantes que participaram do SOS que hoje são repórteres e que eu imagino ter, em sua vida cotidiana, mais cuidado com a veiculação de notícias.



Perfil

Paulino é formado em Jornalismo na UnB e tem Mestrado pela mesma universidade.

É professor de Comunicação Social no IESB e professor voluntário na UnB.

Consultor do programa Universidade Solidária, uma organização da sociedade civil e de interesse público.

É um dos idealizadores do Programa Extra Campus, que vai ao ar na TV Comunitária de Brasília.

Participa do projeto de extensão SOS Imprensa desde sua criação, em 1996 e da Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária, desde 2001.

“CD contra a Aids tem pré-lançamento” – site da Secretaria de Estado da Saúde do GDF – 11 de janeiro de 2006 - http://www.saude.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=24052

**Portal Oficial do Governo do Distrito Federal**

**Secretaria de Estado de Saúde**

Quinta, 15/06/2006

Busca:

OK



Governo eletrônico

Conheça Distrito Federal
Governo Distrito Federal
Portal do GDF

A SES

Subsecretarias
SUPLAN
SAS
SAO
SVS

Hospitais e Regionais
Escolha uma opção

Programas
Família Saudável
Saúde da Criança
Saúde do Adolescente
Saúde da Mulher
Saúde do Adulto
Saúde do Idoso
Saúde Mental
Saúde do Trabalhador
Saúde Bucal
Saúde Rural
Saúde Prisional
Saúde Ambiental

SES em Números

Exibição de Notícia

CD contra a Aids tem pré-lançamento
(11/01/2006 - 13:42)



O CD "Proteja-se, use a camisinha" foi pré-lançado no sábado, 25 de outubro, em frente ao Teatro Dulcina, Edifício Boulevard Center (antigo Conic). O disco contém 3 raps e 18 inserções que buscam estimular a prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e à Aids. A primeira tiragem do CD é de 150 exemplares. Eles serão distribuídos para as rádios comunitárias do DF e Entorno.

O secretário de Saúde do DF, Arnaldo Bernardino, a diretora da Diretoria de Vigilância Epidemiológica, Disney Antezana, a gerente da Gerência de DST/Aids, Josenilda Gonçalves da Silva, e a assessora especial da Secretaria, Naira Cavalcanti, participaram do evento. Membros da equipe da Gerência distribuíram camisinhas femininas e masculinas e bonés durante o pré-lançamento para a comunidade que assistiu a apresentação.

Resumo das Atividades

Dados Estatísticos

Informe Técnico

Coordenadorias

Coordenadoria do Câncer

Outros Links

Osteoporose

Editais e Portarias



O material foi produzido com a participação dos grupos de rap Versão de Rua, do Varjão; Dignidade Humana, de Samambaia, e CPI, do Recanto das Emas, além dos universitários da disciplina Comunicação Comunitária da Universidade de Brasília(UnB). Os dois primeiros grupos citados se apresentaram no pré-lançamento, cantando e dançando.

'João amou Maria', 'Confiar é amar', 'Você cuida da sua saúde' são algumas das vinhetas do CD. O disco aborda ainda várias situações onde há a necessidade da prevenção, além de ser uma parceria da Gerência de DST/Aids, da Secretaria de Saúde do DF, Faculdade de Comunicação da UnB e Associação Brasileira de Rádio Difusão Comunitária.



Para os integrantes do Versão de Rua, Vanderlei de Oliveira Brito e Kemp Sales de Almeida, a música é uma forma de tirar o jovem da marginalidade, mostrar outra visão da realidade, além de ajudar a prevenir contra as DSTs/Aids. Leandro (Leozinho) Rosa de Jesus e Vanilson Pereira Domingues, do Dignidade Humana dizem que o CD alerta os jovens da periferia sobre as doenças porque eles têm poucas informações, além de ajudar a acabar com o preconceito.

Depois das apresentações, o secretário Arnaldo Bernardino, com Disney e Josenilda foram até o Centro de Testagem Anônima(CTA), no mezanino da Rodoviária, onde as pessoas podem fazer o teste de Aids sem precisar se identificar. Também caminharam pela Rodoviária para ver um local para o lançamento do CD, em 1º de dezembro, Dia Mundial de Luta Contra a Aids.



Saiba mais...

(LINK INTERNO)

mais informações, links adicionais entre outros.

Conheça mais sobre DST/AIDS

7.7. Roteiros de Entrevista

PARTICIPANTES

Formas de divulgação da oficina de rádio:

- Como você ficou sabendo da oficina de rádio?
- Como as pessoas ficaram sabendo da oficina?
- Qual a melhor maneira de chamar as pessoas para a oficina?

Motivação para fazer a oficina de rádio:

- O que te motivou a participar?
- Quais foram suas primeiras impressões sobre a oficina? Depois mudaram? Como?
- Por que você continuou participando aos sábados de manhã da oficina?

Descrição da oficina

- O que você fazia na oficina?
- Como era a oficina?
- O que mais gostava e o que não gostava na oficina?
- Quais atividades foram realizadas primeiro, e depois?

Objetivos da oficina de rádio

- A oficina de rádio teve alguma importância? Qual?
- Você usava a oficina de rádio para o quê?
- Qual é a percepção das pessoas de fora da oficina de rádio? O que as outras pessoas falavam da oficina de rádio?
- Qual o objetivo da oficina de rádio?

Bolsas e a oficina de rádio

- Como foram as formas de financiamento na oficina de rádio?
- Foram prometidas bolsas para quem participasse da oficina de rádio?
- Como você se sentiu quando não recebeu?
- Por que era importante ter recebido a bolsa?

Conflitos:

- Quais foram os principais conflitos na oficina?
- Como afloraram? E como foram solucionados?

ESTUDANTES DE COMUNICAÇÃO

Histórico da oficina

- Como e por que surgiu a idéia da oficina de rádio?
- O que você pensava da oficina de rádio antes de entrar no grupo?
- O que você planejava fazer nesse grupo?

Motivos para participar da oficina de rádio

- Por que você entrou no grupo de rádio?
- Havia algum outro grupo que queria fazer parte? Por que não fez?
- Quais foram suas primeiras impressões na oficina? Depois mudaram? Como?

Planejamento das atividades

- Você participou de algum planejamento?
- Como aconteciam os planejamentos do conteúdo e das atividades da oficina?
- Você modificaria alguma coisa nesses planejamentos?

Objetivos da oficina de rádio

- Quais eram os objetivos da oficina de rádio?
- Esses objetivos mudaram? Como?

O que a oficina de rádio mudou?

- O que a oficina de rádio fazia?
- Quais suas influências? Para você mesmo? Para os participantes do Varjão?

Descrição da oficina de rádio

- Como era a oficina de rádio?
- O que você teria feito de diferente?
- Quais seus pontos fortes e quais seus desafios?

Motivos que afastaram da oficina de rádio

- Por que você deixou de participar da oficina?
- Quais os fatores que dificultam ou auxiliam no desenvolvimento de uma atividade de extensão?

PROFESSORES DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA (PAULINO E ELIZENA)

Histórico da oficina

- Como surgiu a oficina de rádio?
- Quais foram os primeiros participantes?
- Como foi o chamamento no Varjão?
- Como se desenvolveu a oficina?
- Foi um processo linear ou de constantes mudanças?

Objetivos da oficina de rádio

- Por que surgiu a oficina de rádio?
- Quais eram seus objetivos?
- O que motivava os habitantes do Varjão e os estudantes de Comunicação Comunitária a continuarem com a oficina?

Planejamento e apoio nas atividades

- Como a oficina de rádio se inseria na disciplina Comunicação Comunitária?
- Como eram feitos os planejamentos da atividade?
- Quais os apoios que a UnB oferecia à oficina?

Estudantes de Comunicação Comunitária

- Como era a frequência e a continuidade dos estudantes de Comunicação Comunitária na disciplina?
- Qual o interesse que demonstravam na disciplina??
- Como eram selecionados para os grupos de trabalho de campo? O que os motivava para o trabalho e para se matricular na disciplina?

Influência da oficina de rádio

- Que diferenças eram notadas com a oficina de rádio?
- Que tipo de influência e impacto você percebe da oficina nos participantes do Varjão?
- Ela tinha alguma influência nos estudantes de Comunicação Comunitária? Qual?
- A oficina gerou algo diferente ou alguma modificação desde seu iniciou? Qual foi essa diferença e modificação?

PESSOAS EXTERNAS À OFICINA

Relação e conhecimento da oficina de rádio

Como você ficou sabendo da oficina de rádio?

Você sabe como ela surgiu?

Você conhecia alguém que fazia parte da oficina de rádio?

Pontos positivos e negativos

O que você gostava da oficina de rádio?

O que você não gostava da oficina de rádio?

Envolvimento com a oficina

Você fez parte em algum momento da oficina de rádio? Como?

Influência da oficina

O que a oficina de rádio fazia?

Ela teve importância? Qual?

Para que servia a oficina de rádio?

Quais seus objetivos?

Participantes do Varjão e Comunidade

- A oficina era só para os que participavam dela ou trouxe algo para a Comunidade?

- O que as outras pessoas falavam da oficina?

- O que os participantes falavam da oficina?

- A oficina fez diferença para os participantes?

7.8. Transcrições das entrevistas realizadas com os estudantes da UnB e os moradores do Varjão

Fábio Santos Santarém (21 anos), Francis Oliveira dos Santos (17 anos) e Wilson Albuquerque Ximenes (19 anos) – 29 de maio

“Entrevistadora: Tá, deixa eu explicar o quê que é isso aqui. Pra eu formar, tenho que fazer uma pesquisa aí eu pensei ‘Pô, a gente fez um trabalho lá no Varjão, a gente fez a oficina durante uns dois anos, seria legal ver quê que deu, né? E tudo mais’. A idéia seria a, tipo, pesquisa eu tando dentro. Porque o pessoal tem mania que a ciência, tem que tá bem longe de do que eu to estudando, eu to muito dentro. A idéia de eu entrevistar seria mais vocês falarem do que eu tá fazendo pergunta mesmo, então sintam-se a vontade pra tagarelar o tanto que quiserem.

Francis: Então vocês falam aí e eu vou ficar ouvindo.

Fábio: Então, deixa eu perguntar uma coisa. É...

Entrevistadora: Então, assim, eu fiz um pequeno roteirinho, se vocês quiserem seguir ele.

Fábio: Eu acho que é melhor.

Francis: A gente aprova. Não sabe o quê é, não, mas a gente aprova.

Entrevistadora: Que a idéia primeiro é pensar ns formas que teve de divulgação da oficina de rádio. Aí como vocês ficaram sabendo? Como vocês vieram parar nela?

Wilson: Como que a gente ficou sabendo da oficina de rádio?

Fb: Foi o Guilherme que falou.

W: Foi o Guilherme que falou? Não, mas antes do Guilherme a gente já tava fazendo com você, não foi?

Fb: Não, foi pelo Guilherme.

W: Foi pelo Guilherme que...?

Fb: Foi pelo Guilherme que teve o negócio das bolsas.

W: Não, não, a rádio começou. Tem um tempão que a gente tá fazendo rádio, não tem?

Fb: Não.

E: Tem, tem muito tempo, foi antes de ter o primeiro emprego.

W: Foi antes.

Fb: Não, não, como eu fiquei sabendo foi assim.

W: Não, mas, você entrou depois, não foi? O Fábio entrou depois.

Fb: Não, eu entramos eu e você..

E: Gente, eu posso ser sincera? Eu também não lembro muita coisa. Por isso que a idéia é tá trazendo essa história.

W: É que eu não lembro se foi através do pessoal lá da UnB, que a gente fazia o curso. A gente fazia, eu...

E: Ah! É, a gente ligou pra algumas pessoas.

W: A gente fazia com a Marilúcia, a Ângela. A gente fazia um curso, se eu não me lembro, acho que foi com esse que a gente começamos, e teve outros cursos, teve curso de informática, teve dança. Aí foi lá na escola do Varjão mesmo que começou, veio um pessoal da UnB, da outra gente. Depois entrou você e mais quem?

E: A Maria José

W: A Mazé.

E: O Manu...

W: Mas, a Maria José entrou depois.

E: Ela entrou antes de mim.

W: Antes de você?

E: Eu acho que foi.

W: Não, mas, tinha alguém antes da Mazé, não tinha? Não tinha, Francis? Cê lembra quando era lá na sala do, na sala do ‘Se liga galera’? Que eles foram, que eles tinham até uma televisão e levavam vídeo às vezes pra gente? Ah! Não, mas você também não fazia, quem sabia mais era...

Fr: Eu tava lá, sim, na sala do, do ‘Se liga’.

Fb: Não, não você tá confundindo, moço.

Fr: Não.

E: Mas, isso, eu acho que a gente chamou o pessoal da Marilúcia, mas eu tava depois, eu não vi essa parte da Marilúcia.

W: Huhum, que foi ainda com o Paulino, no caso, que tava tomando a frente. Ele saiu agora?

E: Ele tá na Espanha fazendo doutorado, volta no final do ano.

W: Ah, tá. Eu nem sabia que ele era professor, ele tem a mó cara de aluno. Eu fiquei sabendo que ele é professor acho que foi ano passado. Mó tempão.

Fb: Tá bom, Wilson.

E: Então, você a gente te ligou? Como você ficou sabendo?

W: Não, eu acho que, eu comecei com, com esse pessoal da medicina da Marilúcia. Que, assim, com ele a gente tava fazendo curso de informática e acabou, não, primeiro foi, era mais pra debater sobre alguns assuntos, de cidadania, e aí fazia, aí a gente pegava alguns temas e a gente demonstrava qual era a nossa opinião para os outros grupos. Aí tinham vários temas diferentes, aí a gente escolhia o que a gente mais gostava de apresentar em forma de teatro ou música, que a gente fazia música e mostrava pro pessoal ou então fazia teatrinho pra mostrar o quê a gente aprendeu. Aí veio a informática, veio o teatro. E a Marilúcia junto com a galera foi conseguindo mais cursos pra gente e daí surgiu também a, o de comunicação, que o Paulino que trouxe.

E: Mas, você lembra como que passou desse da comunicação que vocês iam para a UnB, para a oficina de rádio que a gente fez na escola?

W: Eu não lembro. Eu lembro não sei se foi da primeira vez que a gente foi pra Ralacoco, a primeira vez que a gente entrou na Ralacoco foi com vocês, não foi?

E: A gente levou vocês lá.

W: Mas, não, a gente já teve lá antes, quando a Ralacoco era pra frente, a gente entrava pela frente. Agora só entra por trás, né?

E: Isso.

W: Faz muito tempo que eles mudaram isso?

E: Faz um bom tempo, sim. Deve fazer um ano.

W: Que parece que a gente só entrou mais pra ver como que era. Entrou mesmo, viu o pessoal fazendo e saímos. Isso foi depois de um tempo já de aula de comunicação que a gente tinha. Agora que to lembrando do professor que dava comunicação, só que eu não lembro do nome, eram dois, um professor e uma professora. Eu sou muito ruim de memória.

E: Você foi a bolsa, Fábio?

Fb: Foi, foi.

E: Qual bolsa que era? Cê lembra?

Fb: O negócio do primeiro emprego só que como não teve, muita gente saiu.

W: Mas, você só entrou depois, nesse negócio do primeiro emprego?

E: Você não entrou antes, não?

Fb: Não.

W: Eu acho que você entrou antes.

Fb: Tsc, tsc, tsc. Eu entrei antes, no grupo novo, aí me chamaram e eu fui.

E: Ah! Legal.

W: Eu acho que no começo da Ralacoco só quem fazia mesmo era quem fazia parte do curso da Marilúcia. Aí depois a gente foi chamando mais gente que queria fazer os cursos, porque tinha pouca gente nos cursos. Aí depois eles, abriu mais a área de informática pros meninos menores também, aí esses meninos foram interessados mais na gente que tinha. Aí vocês pediram pra gente chamar mais gente que quisesse fazer parte do curso de comunicação. Aí depois veio até a, como é que é o nome dela, da menina, cê sabe? Como é que é o nome dela? Tinha uma menina interessada, só tinha uma menina, não era, fazendo?

E: Ah! A Roninha.

W: É a Roninha, devia ter chamado ela também.

E: Eu vou fazer com ela também.

W: Eu esqueci, eu acho que eu vi ela ontem e nem lembrei.

E: Mas... Hum?

W: Agora, de como começou assim, teve essa idéia, vale, que eu falei. Mas, eu não lembro de como foi encaminhada a coisa, não.

E: Fábio qual era a importância da bolsa?

Fb: Pra mim nenhuma, eu não tava nem aí.

E: Sério? Não fazia diferença se tivesse bolsa ou não?

Fb: Não, tanto é que eu continuei.

Fr: Mas, se fazia diferença, fazia, né?

Fb: Fazer, fazia. Por causa das minhas coisas. Mas, pra mim continua do mesmo jeito.

E: E o quê que você sentiu quando você não recebeu a bolsa?

Fb: Não, na verdade, era uma coisa que fazia tempo. Pra mim era normal, eu nunca acreditei nesse negócio de bolsa, não, nem da AOPA.

Fr: É, mas, é, tá pra sair, viu?

Fb: Não, rapá.

W: Nossa, eu acho que foi antes da bolsa que você entrou, sim, porque, tanto é que já tinha um projeto do Varjão.

Fb: É o meu nome...

W: Que ele, o Guilherme falou o seguinte, como tá tendo comunicação, e como se você tivesse fazendo comunicação pra ganhar a bolsa, não foi?

Fr: Mas, isso... Mas, isso...

E: Eu acho que teve

Fr: Mas isso, eu já tava no jornal, já tava fazendo.

E: É, isso já foi depois, numa outra fase, você entrou com o Aerton e os meninos no jornal, né?

Fr: Foi.

E: Mas, antes disse, ah, deve ter tido alguma coisa de bolsa, se o Fábio lembra.

Fb: Teve a bolsa como sempre, teve a do jornal, como dia antes.

W: Que aí, como cê falou, foi lá na escola do Varjão.

E: Isso, naquela época não tinha bolsa, ou tinha?

W e Fr: Não.

F: Não, não tinha, depois a gente fez a inscrição de novo.

W: Isso que eu to falando, o pessoal que tava fazendo comunicação foi incluído no primeiro emprego.

Fr: Foi isso mesmo.

Fb: Ah! Foi porque...

Fr: Teve o pessoal que tipo deu presença...

Fb: Foi alguém de vocês que ligou pra mim.

E: Quem ligou pra cê?

Fb: Acho que foi a Mazé, alguém que ligou pra mim. 'Ah! Você vai fazer', 'Vou'.

W: Mas, como pegaram seu número?

Fb: Alguém de vocês deu, acho que foi o Guilherme que deu.

E: Deve ter sido através da Marilúcia que eu lembro da gente...

Fb: Mas eu não fiz Marilúcia.

Fr: Mas, não ele não fez com a gente, não.

E: Ah?

W: Daquele que fez com vocês curso de comunicação foi só eu e mano. Luciano fez com a gente também?

E: Luciano, não lembro desse nome.

W: Não lembro. No começo, que tinha muita gente, mas depois foi saindo. Não lembro quem era.

E: E como que as outras pessoas ficaram sabendo? Você sabe?

W: Acho que foi mais chamando.

Fr: Foi boca a boca, um falava pra um, aí ia um dia, chamava outro.

E: E quem vocês falavam? Falavam pra alguém, assim?

W: O Fábio acho que foi a gente que chamou você. Que você ficava lá ouvindo.

Fb: Me ligaram.

W: Não.

Fb: Me ligaram de casa.

Fr: Me chamaram.

E: Você foi chamado e você cham, chamou alguém?

Fr: Não lembro (risos).

E: É difícil.

W: Todo mundo aqui tem memória...

E: E pra vocês, qual é a melhor maneira de chamar, de todas essas que vocês lembraram, boca a boca, bolsa, telefonema...?

Fb: Acho que mais fácil foi pela bolsa que todo mundo apareceram lá, né?

Fr: Pela bolsa todo mundo chegava lá, mas aí depois...

E: Essa é a melhor forma?

Fr: Não.

W: O negócio, assim, a melhor forma é boca a boca.

Fr: Boca a boca.

W: Porque você falando com a pessoa você vê que a pessoa tá interessada no seu, que ela vai lá só pelo curso.

Fr: É isso aí.

W: Eu não fazia por dinheiro, por bolsa, o quê vocês me pediam pra fazer, é que eu gostava de ir. Eu também encontrava com alguém, tinha o Kênio também?

Fr: Ah?

W: Não lembro. Sei que tinha mais gente, as pessoas que faziam. Eu sei que no começo a gente chamava mais o pessoal que queria fazer.

Fr: O Jocélio.

W: O Jocélio.

Fb: Que Jocélio? Não era Jocélio, não, moço.

Fr: O irmão da menina.

E: O Naldinho.

W: Naldinho.

Fr: O Arnoldo.

W: O Jocélio também fez.

Fb: Era o Arnoldo, Gil Mendes.

W: O Arnoldo também fez.

E: Gil Mendes, acho que eu lembro desse nome.

W: Eles começaram também, foi antes do primeiro emprego, foi antes do primeiro emprego.

Fb: Eles não, eu que chamei ele.

W: Não, o Arnoldo e tinha outras pessoas que tavam antes do primeiro emprego, depois saíram e depois voltaram quando teve primeiro.

Fb: Que tava...

W: Depois do primeiro emprego eles voltaram de novo. Não foi?

E: O Gil Mendes eu lembro dele de antes também, eu não lembro dele do primeiro emprego.

W: É ele que tá confundindo a gente.

E: E o quê que motivou vocês para participarem das oficinas.

Fr: Sei lá, eles falavam que era legal e eu fui (risos).

W: Eu falei que era legal? Eu, eu devo ter falado mesmo, que eu achava massa.

Fb: Eu foi pra perder a timidez.

E: E o quê que fez vocês ficarem?

W: Eu gostava daquelas idas lá que a gente pegava com um tema, ficava conversando, tendo idéias.

E: Você lembra quais eram os temas?

Fr: Teve até um que nós fizemos até uma gravação.

Fb: É, que nós fizemos e até cantou.

E: Era do vídeo? Do 'Uma onda no ar'?

W: É de "Uma onda no ar".

E: Eu tenho até essa gravação ainda.

Fr: Que os meninos ficavam até cantando uma parte.

W: Esse tema, esse que a gente fez foi antes do primeiro emprego, na escola do Varjão.

Fr: Uhum.

E: Eu acho que foi...

Fr: Foi que...

W: Quando teve o lance do primeiro emprego, Fábio, a gente voltou pra AOPA, que era lá que o pessoal da UnB se reunia. E depois de um tempo que a gente ficou voltando pra escola.

E: É acho que teve um lance desse que a gente não queria ficar usando a AOPA que lá ficava muito lotado.

W: Que ficava falando e ninguém ouvia, a tinha até um negócio de ficar lá fora, lá na praça, porque não tinha condição de ficar todo mundo junto.

Fr: No começo, no começo foi na escola que o pessoal até cantou lá em cima, assim, tipo, eles subiram os degrais, lá na escada, pra cantar aquela música assim. O Rosinaldo tava sim. Tava o Rosinaldo, o Jocélio.

Fb: O Jocélio não tava não. Lembro do Rosinaldo, tava o irmão, tava o Denis, tava o Arnoldo. Tinha duas meninas.

W: E a gente assistiu o vídeo onde?

E: Na AOPA, porque precisava da televisão.

W: Foi na AOPA que nós assistimos?

E: Foi.

W: Aí depois nós voltamos pra escola?

E: É, no outro sábado, a gente fez ess... essa gravação. Mas, e aí? O quê que fez vocês ficarem, o quê que motivava? Qual era a razão de vocês estarem na oficina?

Fr: Eu acho que, assim, mais pela interação. Que, tipo, vocês perguntavam o quê a gente queria fazer. Aí, sei lá, a gente falava, dava sugestão. Aí, assim, no possível, vocês tavam sempre fazendo brincadeira, acho que foi mais isso, não foi?

W: Acho que foi mais a interação do grupo, porque, como a maioria já se conhece, fica mais fácil de trabalhar, tudo que é tema, de conversar, que não vai. Que se pegasse uma pessoa de longe, várias pessoas que a gente não conhece, fica até meio ruim pra gente falar. Você vê que quando você dava o negócio, todo mundo começava a falar, dá idéia. Eu, esses cursos que eu faço, eu gosto por causa do pessoal faz comigo, o teatro aqui é massa, que todo mundo sai brincando, então, não tem aquela coisa muita chata. E também por causa dos temas que tinham, expor idéia, falar lá na frente. Antigamente eu era muito tímido, depois, graças a Deus, depois da Marilúcia veio com, eu comecei a falar mais, eu tinha vergonha, falava meio assim de cabeça baixa. Agora eu não tenho problema de falar e o povo ouvir, não. Falo mesmo, não to nem aí.

E: E você Fábio?

Fb: Hum, eu acho que perder a timidez mesmo.

E: Foi isso que te motivou?

Fb: Foi.

E: Beleza.

Fr: Lembro que, no início, tinha assim muita brincadeira pra perder a timidez, né? Que o pessoal ficava com medo de falar no microfone e tal, fizemo uma rádio poste.

E: O quê que vocês acharam da rádio poste?

W: O Fábio gostou porque as meninas foram.

E: Ah! As meninas do Leonardo?

F: Foi.

E: Porque você gostou quando elas foram?

F: Eu? Assim (risos).

E: Não ouvi.

Fr: Imagina porquê! Né?

Fb: É, não.

E: Mas, além dessa razão óbvia, tinha...

Fr: Mas, que razão óbvia?

Fr: Foi legal também porque nós tava ali, só, só, não sei, o grupo aqui do Varjão, aí elas vieram deram, deram idéia. Falaram da rádio poste na escola delas. Como é que trouxe assim, a batalha pra conseguir.

Foi isso também, não foi, Fábio? (risos)

Fb: O quê, moço.

E: Hum, que mais? Quais foram as primeiras impressões que vocês tiveram da oficina?

Fr: Quais foram as primeiras impressões?

E: É, primeiros momentos, o que vocês acharam?

W: Que ia ser legal.

E: Por que?

Fb: Pelo grupo, que a gente, a maioria já se conhecia, tinha mais intimidade, por causa disso.

Fr: Pois é.

E: E depois, essa impressão mudou?

Fb: Não, continuou a mesma.

Fr: Continuou a mesma, não, né? Mudou, mais pra melhor. Teve...

Fb: Não é que mudou, vai, se concretizou.

Fr: É

Fb: Foi legal.

Fr: Ao contrário, a gente só achou que ia ser bom, aí quando começou a gente viu que tava bom mesmo.

E: E você, Wilson, quais foram suas primeiras impressões?

W: Eu não me lembro bem (risos). Teve um pouco de tempo.

E: Só dois anos, pouca coisa (risos).

W: Eu acho que no começo eu fiquei com um pouco de medo que eu fiquei sem saber o quê ia fazer, falar de comunicação, mas fazer o quê. Porque não foi só, só sobre rádio que a gente falou lá, também teve vários meios de comunicação, a gente começou a fazer cartaz que tinha haver, mas não, só que a gente pensava. Comunicação quando a gente fala já vem logo com rádio, que tava na cabeça. Mas, vê que não é só rádio.

Fr: Rádio, televisão;

W: Eu fiquei, assim, com um pouquinho de medo. 'O quê que eu vou fazer?'. Eu vou fazer um curso de comunicação, mas pra quê?

E: E pra quê você fez?

W: Eu, foi mais para expor idéia e ouvir idéia dos outros, e ver como é que funciona, como que funcionava a rádio, que eu pensei que comunicação era só rádio.

E: E essa impressão mudou?

W: Mudou um pouco, né? Que eu vi que era mais que aquilo que eu achava. Eu gostei mais do que eu achei, porque como eu falei comunicação, falar sobre tema a gente acha uma coisa meio chato. 'Falar sobre tal tema', aí já dava aquela desmobilizada 'Ah! De novo, ouço isso na escola, ouço na TV, ouço isso em todo lugar'. A gente fez isso de uma forma diferente. Então a gente falava o que a gente acha que era isso na nossa comunidade. A gente via aquilo, que você não perguntava 'O quê que era?', mas como que a gente fazia, a gente via aqui e era aqui. Gravidez na adolescência, não é só o pessoal de fora, é um negócio que acontecia aqui, se tinha muitas meninas grávidas, porque, qual que era a causa, a gente falava lá na frente, eu gostei porque eram as nossas idéias que tavam ali e não alguém que vinha dar uma palestra e nem aquele negócio chato, 'Ah! 10% das mulheres tem isso e isso'.

Fr: Foi massa também porque, assim, nós discutimos os problemas daqui do Varjão e também discutimos...

Fb: São muitos.

Fr: E discutimos também como se uma rádio poderia ajudar a solucionar algum desses problemas.

E: E, assim, você acha que uma rádio solucionaria? Ajudaria?

Fr: Solucionaria, não, mas ajudaria, sim

E: E a rádio tem que ser uma rádio mesmo, como seria essa rádio?

Fr: Sei lá, podia ser até uma rádio-poste. Sei lá, colocar em uma escola, assim, tá, pra trabalhar mais assim com conscientização, é.

W: Que eu acho que, assim, o maior problema de uma comunidade pobre é, assim, porque a gente não sabe, não tem informação. Se acontece alguma coisa, a gente fica mais sabendo por boca a boca. A gente tem direito, mas a gente não sabe quais são os direitos da gente. A gente só sabe que tem. Mas, vem um policial me bater, eu não sei quais são meus direitos, eu vou apanhar calado, eu sei que tem algo pra me defender, mas eu não sei como. Então, uma rádio poderia levar pras pessoas. O quê eu posso fazer nesses casos e como me defender. Porque os direitos humanos, é, as pessoas sabem que existem, mas não sabem o quê é. Falar em direitos humanos, o quê é direitos humanos? Eu tava conversando hoje com um amigo meu na escola de informática, que tava falando que só fala em direitos humanos quando vai falar uma guerra, que uma pessoa pega um refém e começa espancar. Isso já, isso já não pode mais, né? Porque antigamente pegava uma pessoa de outro país em guerra como refém cê podia fazer o que quisesse, hoje já não pode mais fazer isso. Prendeu, as autoridades competentes que vão fazer. E diz que uma vez no hospital o quê aconteceu, tinha, um policial tava com um preso algemado, levou ele pra um canto e começou a bater. Se o cara já foi pego, já tá preso, não pode fazer nada, é, ele falou o policial tá agindo igual bandido. Não só porque ele tá humilhando a pessoa, é uma covardia, que a pessoa tá algemada e nem tem como se defender. E mesmo que se defendesse, depois o policial podia fazer uma coisa pior, porque tá agredindo um policial. Então, aí ele disse que falou que o policial, pro pessoal tava olhando, 'Fica quieto e não fala nada', ele até agrediu uns meninos lá e ele teve que calar a boca. E ele pensou o quê ele podia fazer, o policial bateu no cara e depois? Vai passar e fingir não estivesse fazendo nada? Então, a gente tem os direitos, mas não, não corre atrás deles.

E: E a rádio, a comunicação é importante...

W: A comunicação é importante pra gente saber o quê a gente pode fazer nesses casos. Levar pras pessoas o quê a gente tem, que é nosso, e nós não temos a consciência disso.

E: E o quê que vocês faziam na oficina?

W: Na oficina de rádio? Ah! Tinham vários temas lá e a gente apresentava uns trabalhos sobre, apresentando, né? Umas peças como que se fosse da rádio, assim, vocês falavam até sobre jornal também, não foi?

E: Tipo assim, eu vou resgatar aí um pouco das coisas que a gente fez, mas vocês ficam a vontade, o que tem na memória.

W: A memória tá (risos).

E: E você, Fábio, o quê você fazia na oficina de rádio?

Fb: Hum? Nada, eu ficava na minha, fazia as oficinas. Mas, eu achava legal, tipo, as meninas do Leonardo vinham falavam na oficina de rádio, falavam como foi a experiência delas. Ou sobre as várias formas de comunicação que existe, não é só rádio, televisão, negócio de papelzinho, essas coisas assim, também é comunicação. Gesticular já é uma comunicação também. E as coisas assim que a gente via, mas não ligava. A questão da rádio também, como Francis falou, não tem como ser só pra uma escola, mas se é pra uma comunidade não tem que ser em uma escola, tem que ser pro Varjão todo, pra, e também por causa da música também, né? Só pra ficar.

E: A música o quê que tem a música?

Fb: Pra passar música também, todo mundo falou em rádio, falou só que é informação, informação, informação. Mas, tá, onde fica a música nisso também?

Fr: Mas, a rádio serviria pra divulgar a cultura que tem aqui.

Fb: Então, as bandas que tem por aí, os cara que querem cantar, faz um demo e manda pra gente. Tipo uma coisa assim.

W: Aqueles meninos que cantaram ontem, eu não sabia que eles cantavam tão bem, não.

E: Não?

Fr: Ontem não, sábado;

W: Sábado.

Fr: Quando os bichos cantaram...

W: Eu achei até estranho, sabe gente que a gente vê todo dia, não sabe que eles cantam tão bem, né Francis? Eu pensei que eles falavam 'Ah! Eu canto rap'. Todo mundo fala que canta rap, e é aquele besteiro. Aí chegou lá, não tinha nada e eles até que mandaram muito bem.

Fr: Mandaram até um recadinho pro Wilson (risos).

W: E os molequinhos também do 'Bumba Brasil', quando a gente ficava lá na AOPA, eu lembro que eles ficavam fazendo barulho. 'Esses moleque não vão calar a boca, não?'. Eles ficavam lá batendo tambor. No dia que eles apresentaram com a gente, no dia lá do teatro, eles entraram depois, a gente ficou, assim, de cara. Aqueles molequinhos com um bando de lata velha, conseguiram tirar um som legal. Então, a gente aqui tem um bando de gente boa, que sabe, tem bagagem, né?

Fr: É.

W: E a gente não sabe, não tem divulgação. Quando a gente tava falando com o administrador daqui, qual é o nome, Francis?

Fr: Administrador não, qual... Do gabinete lá.

W: O cara do gabinete da administração.

Fb: Rezinho?

W: Não, não é Rezinho, não.

Fb: Tem um morenã lá que...

W: A gente queria saber o pessoal que tem alguma coisa de cultura aqui pra passar pra gente, porque como é um Ponto de Cultura, a gente queria interagir mais com o pessoal e mostrar pra comunidade mesmo. Aqui não tem muita coisa de rádio, é... de apresentar, essas coisas. Eles vão apresentar pra fora e a gente nunca tem nada aqui dentro. A gente até queria promover um dia pra mostrar todo mundo que tem é... êxito e apresentar pro pessoal e também pro pessoal de fora que vem. Pra o pessoal ver que a gente não é só uma comunidade pobre, carente, suja, que não tem informação, e que é um local violento como todo mundo acha.

E: Então a comunicação seria importante pra isso. Você acha que a oficina conseguiu?... dar uma solução.

Fr: Conseguiu, mas pra quem? Pra gente que tava fazendo o curso. Mas, e pros outros que estavam fora? É fácil conversar com uma pessoa a mais, mas conversar ao mesmo tempo com muitas pessoas e expor a mesma idéia pra todo mundo, fica difícil. Porque na oficina tinha pouca gente fazendo o curso. Pra gente que fez ficou mais fácil, a gente até conseguiu assimilar um pouco mais, e os outros?

W: Nós agora somos multiplicadores, né? Aprendemos, tem que passar para frente. Mas, não tem muito como passar.

E: O que precisa pra vocês passarem, isso pra frente?

Fb: Um rádio?

W: Um jornal nosso.

E: E o quê que precisa pra isso acontecer?

Fb: Jornal já tem.

W: O jornal tem, mas que jornal tem aqui?

Fr: Ah! Mais...

Fb: Tem sim, agora que não saiu.

W: Tem um jornal...

Fb: Tem o evangélico, tem o... Tinha dois que tava funcionando agora, parou.

W: É que nem o Chico tava falando aqui, você já viu o jornalzinho do pessoal do IESB? O Chico falou uma coisa que eu achei interessante, tem o jornal, é bonitinho, tem foto, tudo bonitinho. Mas, quem faz o jornal não é a gente, quem faz o jornal é o pessoal do IESB. Eles que vão falar o que eles acham interessante mostrar pra gente. Seria melhor a gente, é... Mostrar a nossa visão pra quem tá lendo o jornal. O quê a gente acha interessante passar. Será que aquilo que eles acham que é interessante pra eles, é interessante pra gente? Entendeu? E eles escrevem de uma forma, será que é a mesma forma que a gente conversa no meio da rua? Ou será que é a forma deles? Que eles tiram uma foto, é a foto que eles acham interessante, não é a foto que a gente acha interessante. Então, um jornal de uma comunidade, ser da própria comunidade, a comunidade fazer e se ver nela. Não ver o quê as pessoas acham que a gente deve ver, senão a gente fica até alienado até do quê eles querem que a gente veja. E não tem muita graça ter um jornal de comunidade feito por outras pessoas, que não são daqui.

E: E o que você acha que precisa pra isso acontecer?

W: Ah! A gente meter as caras, não é não, Francis?

Fr: É isso também, mas.

E: O quê mais que precisa, Francis?

Fr: Não é só chegar e meter a cara, assim.

E: O quê mais que precisa?

Fr: Pra fazer um jornal, tá, dá pra fazer, tem um computador aqui. Tá vamos fazer o jornal que tem o computador. Nós faz o jornal, bota a foto da galera, mas como que nós vamo colocar o jornal na rua? Assim, que material a gente vai usar pra, sei lá, colocar num papel o jornal e sair distribuindo? Distribuir até que é fácil. Nós mesmo podemos sair por aí distribuindo.

W: Mas, é conseguir fazer o jornal, ter dinheiro pra rodar.

Fr: Exatamente, a prensa do jornal que é o mais complicado.

E: Beleza, o quê que vocês, como, é... Como era a oficina? Além do que vocês faziam, como que era?

W: Como que era a oficina?

Fb: Hum? Era divertida, descontraída, não tinha aquela mesmice, todo encontro que a gente fazia a mesma coisa, só conversando, escrevendo no quadro... a gente fazia peça, expressar o quê pensava sobre o tema, teve até aquela, aquela lá. 'Faz um....', como que era mesmo? Um crachá lá com um desenho que fosse um animal que você gosta, a gente desenhou, sem saber nada fez o desenho e quando foi ver a gente tinha que imitar o desenho. Então eu achei, isso foi legal, porque eu... fez um leão, e daí? Mostra como é um leão pra você, tinha que mostrar o quê que é, tinha que imitar o animal. Então, eu achei que isso foi legal, o, no curso.

E: Como que era pra vocês?

Fr: Como é que era? Era bem descontraída e vocês sempre tavam com a preocupação de perguntar se nós estávamos gostando do método de ensino de vocês, se não tava, se tava gostando e queria dar alguma sugestão. O mais legal foi isso, porque teve essa interação, assim, vamos dizer, dos professores com os alunos, e dos alunos com os professores.

W: É, porque tem gente que acha que é dona do sabe tudo. Vocês vão fazer isso e acabou. Não, a gente não vai, a gente vai fazer o quê quer fazer, né? Como a gente quer fazer. Tinha dia que vocês chegavam, 'Como vocês, a gente vai fazer isso hoje?'. Vocês chegavam davam tal tema, a gente falava, ia debater e depois mostrar, né? Isso não é aquelas pessoas que chegam e falam 'Vocês vão falar sobre isso, tem que ser desse jeito, desse jeito e acabou', né? Não, a gente que tá ali fazendo a aula com auxílio de vocês e não vocês fazendo a aula com o auxílio da gente.

E: O quê vocês mais gostavam da oficina e o quê vocês não gostavam da oficina?

...

E: É a hora de falar mal, Fábio, você tava querendo falar mal.

Fb: Hum? Vai acaba primeiro, depois eu dou o golpe final. Vai Wilson, depois eu dou o golpe de misericórdia, vai. É, Wilson.

W: O quê eu mais gostava era aquele momento de apresentar a nossa idéia.

E: O quê você não gostava?

W: O quê eu não gostava? O quê eu não gostei muito foi do local onde a gente fazia o curso, que aquele local, aquela sala era muito chata e vazia, sem nada. E eu acho que vocês não trouxeram muito material, tipo, brinquedo, pra gente fazer as dinâmicas mais atrativas, dinâmicas mais diferentes. Porque normalmente uma dinâmica que a gente faz, normalmente é mais aquela boca a boca. Você vai fazer isso, tal e isso. Mas, eu acho mais interessantes uma dinâmica com umas coisas que você traz, muitas coisas, sendo muito haver você interagir com aquilo.

E: Então faltou trazer mais coisa?

W: É, material pedagógico. Eu acho que se tivesse trazido mais seria, a dinâmica teria mais pessoas. Porque você ia ver que era uma dinâmica pra cada dia e não as mesmas coisas. E meus alunos lá, eu faço algumas coisas, um trabalho com eles com balinha, você já viu aquele que você coloca a balinha na frente e tem que colocar a balinha na boca? Sem fechar a mão e sem jogar de volta?

E: Uhum.

W: Cara, aquilo é super interessante, assim, só deu certo duas vezes que eu fiz com o pessoal. Fiz três, uma não conseguiu, as outras duas conseguiram. É aquela coisa 'Como é que eu vou fazer?', 'Como é que eu vou colocar isso na minha boca?'. Formula várias coisas na cabeça, tem gente que vai desistindo. Quando consegue, pra quem tá dando aula, pra quem tá dando o, o, como que chama?

E: A oficina?

W: Não, a oficina, não, o...

E: A balinha? O quê?

W: Não, a pessoa que tá na sua frente e tem que fazer, o... O tema, não, o professor... O, como é?

E: O oficineiro?

W: É, pode ser. A pessoa que tá lá na frente, você viu que a pessoa conseguiu fazer, sei lá, conseguiu cooperar um com outro e que nessa satisfaz você mesmo, como quando você faz uma coisa que dá certo. Não, não é bom, Francis, pra gente? Pô, eu consegui, pensei que ia dar errado e ficar com cara de tacho. Ficar aqui na frente feito bobo. Então, eu acho que é legal dar um apoio mais pedagógico pras pessoas que estão fazendo, independente de idade, independente de qualquer coisa.

E: E você Fábio? O quê você gostou, o quê você não gostou?

Fr: É, tu não fala nada? Vamo lá, Fábio?

Fb: Bom, eu gostei de inicialmente quase tudo, mas teve uma coisa que eu não gostei foi a interação entre o povo, né? Devia ter mais...

E: Entre o povo é entre o grupo?

Fb: Entre o grupo, não, mas entre os grupos que têm a mesma idéia, que tão querendo fazer a rádio em outros lugares. Como, por exemplo, você trouxe o pessoal do Leonardo. Mas, não trouxe o pessoal de outros lugares. A gente não conheceu outras formas, a não ser aquela vídeo, daquele filme que teve lá, o Zé Galinha, acho que é Zé Galinha.

E: É 'Uma onda no ar'.

Fb: É, coisa assim. A não ser aquele filme, a gente não teve mais exemplos a ser seguidos. Acho que isso que ficou meio assim. Como o daquela mulher lá que deu certo, daquele cara lá deu certo. A gente só falou de um que foi lá naquele colégio que tem dinheiro, agora em uma comunidade pobre, a gente não ficou sabendo de outra comunidade pobre que teve a idéia e conseguiu, a não ser o do filme, mas foi lá em São Paulo ou no Rio de Janeiro.

E: Belo Horizonte.

Fb: É não sei onde foi. Mas, não foi aqui, entendeu? Foi o grande problema, assim, mais coisa pra motivar a gente.

W: Se bem da verdade a gente foi lá na rádio Shekná?

E: Você chegou a ir lá na rádio Shekná?

W: Fui, fui umas duas vezes. Não lembro sobre o quê a gente falou lá, mas eu fui.

E: Como é a sensação.

W: Você tá sentado lá na frente e falando. Eu acho que eu fui com os meninos do rap um dia. E tinha algum tema pra falar lá na frente, eu gostei. O cara elogiou no espaço lá da rádio.

Fr: Que beleza.

E: Te elogiaram daqui ou de lá?

W: Foi o cara lá da rádio. Aqui no Varjão as pessoas falaram 'Ei, Wilson, você tava lá na rádio, é?', 'É'. Que eu pensei que o pessoal daqui não ouvia muito, aí eu ouvi uns comentários 'Ó, o Wilson agora é radialista e não sei o quê'. Achei legal, o pessoal ter ouvido a gente falar. A gente tava falando sobre o transporte que aumentaram a passagem, aí eu falei. E eles me perguntaram também sobre esse assunto, eu achei interessante porque o pessoal além de me ouvir, eles também ouviram o quê eu tava falando e me perguntaram. A não, porque tem muita gente 'Que interessante, o Wilson tá na rádio, vai tá na rádio', você ouve lá, mas nem sabe o quê a pessoa tá falando, nem presta atenção. É isso acontece com filho, eu vou pra apresentação do meu filho, mas não to nem aí pro que ele tá apresentando, só to lá porque ele tá lá, entendeu? Mas, você tá ouvindo, tá prestando atenção, tá concordando, até às vezes não, 'Não é assim, ele tá errado', ou 'É assim mesmo', entendeu? É o quê eu via nas outras pessoas.

E: Francis?

Fr: Eu. Uma coisa que eu achei que a gente devia ter feito, mas não fizemos, é, sei lá, assim, porque a gente tinha ficado com aquela coisa assim, de montar uma rádio. E devia ter, sei lá, saído na rua."

(fim da fita)

"W: Agora não, eu to com criança e adolescente, e agora com pessoas mais velhas. Antes eu tava de 14 aos 18, e agora eu to com pessoal de 20 lá pra cima. Pra lidar com criança é, é bagunça demais, e agora lidar com jovem, não. As pessoas mais velhas não, jovem. Você começa a falar com eles, como eles têm mais experiência que eu, eles começam a falar como é que é pra eles e têm uma idéia nova na cabeça. Eu queria trabalhar com criança, porque criança é o primeiro contato que ele tá tendo com o computador. Lá eu dou aula de informática e cidadania. Ou seja, não é só informática.

E: Onde que é lá?

W: É aqui na casa São José, é aí, uma seção do Lago Norte, a EFTI (a Escola de Informática e Cidadania), que é pelo pessoal do CDI. Eles disponibilizam os computadores, são umas máquinas velhas de doações, mas que ainda dá pra fazer alguma coisa. A gente ajeitando, mas a gente ajeita na hora.

E: E aí?

W: Que a criança é o primeiro contato, que eu pensava, colocar na minha cabeça que eu vou fazer parte daquela criança, que vai ser o primeiro contato dela com informática, que ela vai ter alguns

conhecimentos sobre cidadania, pra mim. Quando eu ver uma criança depois, quando ela tiver maior 'Professor, obrigado, lembra daquilo que você falou? Eu lembro até hoje'. Acho que, pra quem dá aula, é a melhor coisa de se ouvir.

E: E pra o quê vocês usavam a oficina de rádio?

W: De rádio? Era mais pra conversar, né? Sair um pouco da rotina de casa, perder a vergonha.

E: É pra isso?

W: É, conversar um pouco mais. Vê aquelas meninas da outra escola, né, Fábio?

F: Ai, ai, ai, cês são muito...

E: É, e qual era a percepção das pessoas que estavam fora da oficina, o quê que elas falavam?

W: Elas não prestavam muita atenção. A gente conversava mais entre nós. Conversava pras pessoas irem pra oficina, só que elas não iam. Quando cê fala em oficina de alguma coisa que você não tem uma perspectiva de trabalhar com aquilo, não tá te dando uma volta, no caso, com dinheiro, não tá te dando uma volta, acho que você fica achando com uma coisa chata. 'Ah! Oficina de sei lá o quê, eu já vi isso'. 'Já, já vi isso'. Falar sobre droga, 'Já vi esse negócio já, tá, falar tá me enchendo o saco'. Pra quem é de fora e não participa, é um negócio chato, tá? Você chegar em um lugar e falar 'Eu faço comunicação'.

Fb: Meio 179.

W: É, acho que pra quem tá mais de fora que ouvia a gente falar achava uma coisa meio chato. Mas, nem tanto, às vezes a gente conversava meio empolgado. 'Ué, mas comunicação vocês fazem isso?'. Às vezes a gente parava e começava a conversar no meio da rua, tinha gente que ficava meio curioso pra saber o quê que era. 'Ah! Vocês foram na rádio?'. 'Fomos', a gente falava 'A gente foi, falou um pouco', falava como que era. Eles tinham curiosidade, mas tinham medo de fazer. 'Ah! Vou perder o meu tempo', 'Eu queria fazer para ver como que era, mas preferia ficar em casa, perder minha novela, perder meu filme', entendeu? Ainda mais que o pessoal daqui é meio preguiçoso, tem vergonha e medo de fazer as coisas,

Fr: É isso.

E: Quê que é, Francis?

Fr: Ah?

E: Quê que é?

Fr: Não, é que o preguiçoso tá falando e preguiça aqui.

E: Ah! Como que vocês dois achavam que eram pras pessoas que estavam de fora? O quê elas falavam? Qual que era a percepção delas?

Fb: Pensava que a gente tava querendo ser locutores, entendeu? 'Ah! Tá fazendo oficina de rádio, tá querendo ser locutor, trabalhar em rádio'. Na verdade, não era isso bem o que tava sendo visado. Talvez essa que era a percepção. Os outros chegava e perguntava 'E aí, como que era trabalhar em uma rádio?'. Eles achavam que a gente tava tendo curso em um estúdio, tipo essas coisas assim. Mas, na verdade não era assim.

E: O quê que era visado?

Fb: Era mais sobre os problemas da comunidade, sobre o quê é comunicação, nada haver com o quê a pessoa de fora pensava, 'Fazer rádio é só ir lá na frente e falar um cado de coisa que tá acontecendo'.

Fr: É só ir lá pegar um papel e ler

W: Eu acho que pra quem faz o curso, tem muita coisa dos pais. Esses cursos que as pessoas acham que não tem volta de forma mais específica, os pais, acabam não tendo apoio em casa. E tem aquele caso, Francis, cê lembra daquela menina, que a gente chamou ela pra apresentação, a mãe dela não deixou.

E: Que estuda teatro?

W: Isso. É porque 'Você vai lá pra fazer o quê? Vai ajudar pra quê pra você?'.
Fr: 'Você vai ganhar alguma coisa?'.
W: 'Vai ganhar alguma coisa?', 'Teatro, pessoal que faz teatro não dá dinheiro, quem faz teatro não tem mais o quê fazer'. Então, pra essas coisas assim que envolve mais é...

Fr: Assim, o querer mesmo da pessoa.

W: É, não tem, a gente não tem apoio.

Fr: O gosto das pessoas, sei lá, se eu gosto de teatro, vou fazer, vou fazer faculdade de teatro específica assim pra, pra tá ali apresentando. Aí, tipo, será? Que nem o pessoal lá da UnB, eles, o pessoal lá fala, tava contando a história, assim, de, assim, eu faço teatro, eu faço faculdade de teatro só que eu não tenho o apoio da minha família. Que eles falam, assim, que teatro não vai ter, sei lá, você não vai ganhar dinheiro, você não vai poder se sustentar com teatro. Tipo assim, um tema mais de, de dinheiro mesmo, né?

E: E a oficina de rádio entra nisso também?

Fr: Entra.

W: Entra, eu acho que entra porque é uma coisa que as pessoas vêem que não tem volta. Eu lembro que eu fazia, eu gostava de sair de casa e sair fazendo todo o curso que vinha, eu já tava meio que querendo fazer. E o meu pai falava 'Ó, você fica na rua, você faz isso e sei lá o quê', ele pegava e brigava comigo

‘Cê vai sair, cê vai fazer sei lá o quê’. ‘Não, pai, eu to fazendo tal coisa’, ‘Não, cê vai pra rua’. E agora ele tá vendo o peso que teve pra mim agora.

E: Como ele sabe?

W: Que eu fazia informática todos os sábados, ele achava que eu ia pra rua, que não tava fazendo nada e com esse curso eu consegui o primeiro emprego. E depois que ele viu, ‘Como é que você conseguiu?’, ‘Ah! Foi o pessoal que conseguiu pra mim, eles sabiam que eu já tinha uma noção de informática que eles tinham dado e eu consegui. E até a gente começar a conversar com os pais, aí quando cai em um assunto que a gente já teve, aí fica ‘Pô, onde é que meu filho aprendeu isso? Eu não falei isso pra ele’. Eles não falam, mas acho que pra eles tem assim, ‘Meu filho tá sabendo mais que eu, onde que ele aprendeu isso?’. Mas, muitos, muitos filhos de família carente não tem o apoio da família e acho que isso é o que mais dificulta pra gente, é por isso que tem mais dificuldade pra fazer. Pro pai falar em fórum, em alguma apresentação, eles vêm como perca de tempo.

E: E qual que era o objetivo da oficina de rádio?

W: Aí é com você, né?

E: Não, é a partir do que você acham que era o objetivo.

Fb: Pra mim era construir a rádio, que vocês falavam desde o começo que já tinha liberado, que o governo ainda tinha, que alguém tinha liberado aí pra gente poder fazer a rádio. Agora fala você.

Fr: Deixa ele terminar de falar.

E: Você não falou nada, ué.

Fr: Eu deixo o espaço pro Fábio falar.

W: O Fábio que não fala nada.

Fb: Acabei de falar.

E: Qual que era o objetivo?

Fb: Pra mim era construir a rádio que vocês tanto falavam.

Fr: É.

Fb: Que já tinha liberado.

W: Mas, no começo, você nem sabiam da rádio, da rádio comunitária?

E: Tava rolando um boato de que uma das concessões, a do João Costa ia sair, mas, na verdade, até hoje não teve abertura de canal, precisa abrir o canal.

W: Vocês ficaram sabendo isso antes de dar o curso ou depois? Foi depois, não foi?

Fb: Vai Francis?

Fr: Eu acho que o objetivo era tá mostrando como que, como é que a gente podia tá mudando a comunidade com a rádio. Acho que no começo foi exatamente isso, mostrar como que a gente ia poder mudar a comunidade com a rádio, é... Esse objetivo também de, sei lá, a gente aqui também não ia ter a oportunidade de tá dentro de um estúdio, vendo como funciona um programa de rádio. Eu acho que também devia ser um dos objetivos, mostrar como funciona mesmo, que a gente vê falando em uma rádio, mas como é que funciona lá dentro? Como é que acontece aquilo, tal? Os efeitos, essas coisas assim, que aprendemo um pouco lá na Ralacoco. É isso daí. Sua vez Wilson.

W: Acho que o objetivo, pra mim, acho quer era mais capacitar a gente pra formular a idéia na nossa comunidade. Porque, eu não sei se vocês tinham foco mesmo a rádio, porque como o tema de comunicação não envolve só rádio, era mais, acho que comunicação quando me vem à cabeça é mais exposição de idéias. Você expor as idéias de uma forma criativa e diferente. Então, eu acho que era acrescentar mais um pouco da nossa comunidade e a gente levar, é, as idéias pra fora.

E: E tiveram alguns conflitos dentro da oficina?

Fb: Como assim?

E: Tanto de relação de uma pessoa com outra, como de vocês com a gente, teve algum momento que teve algum conflito, mesmo que seja pequeno?

Fb: Não.

W: Acho que não.

Fb: Teve, teve, teve comigo. Aquele lá quando os meninos do rap iam entrar...

E: Como é que é?

W: Não, é que ele não vai com a cara do pessoal do rap. Ele achava que o pessoal do rap não tinha nada haver com o quê a gente tava fazendo lá. Que eles só iam pra lá...

Fr: Só pra tocar rap lá. Vamos supor, se fosse ter uma rádio, eles iam tá lá só pra botar rap pra tocar, não a diversidade de.

W: A idéia diferente do que a gente tinha antes. Até ‘Aqueles meninos chatos lá fazendo rádio com a gente’, aí o Fábio, ‘Não, não deixa entrar lá, não’. Até quando você perguntou se podia abrir pra outras pessoas fazerem, ele não gostou da idéia.

E: Era por isso, Fábio?

Fb: A idéia do pessoal do rap.

Fr: Foi, foi por isso que, assim.
 Fb: No início, certas pessoas me apoiou, mas depois lá...
 Fr: Pode crer que não fui eu (risos).
 Fb: Ah! Tá.
 E: Mas, por que você não queria o pessoal do rap?
 Fb: Mais por isso, porque eu conhecia as peças e sabia que também o quê eles queriam mesmo na rádio era só falar sobre rap.
 E: E como é que surgiu esse conflito?
 Fb: Não, não, é só me expus lá e deu...
 Fr: O conflito surgiu, é, você chegou e aí falou, é, perguntando se poderia abrir pros outros grupos também tá na oficina de rádio, aí perguntou quem, qual era os outros grupos e tal. Aí o Fábio não gostou muito da idéia, aí começou a ter assim, vamos se dizer, uma discussão, assim, um debate. ‘Ô, porque você não quer?’, tal, vendo o lado deles, vendo o lado deles também, dos meninos do rap e tal.
 E: Foi, assim, Fábio?
 Fb: Foi.
 E: E como é que foi solucionado o conflito?
 Fb: Eu saí (risos).
 E: Foi assim?
 Fb: Foi.
 Fr: Pior que foi.
 E: E aí os outros, por que vocês deixaram de participar? Quais foram os motivos?
 Fr: Quê?
 E: Participar da oficina de rádio?
 W: Ah! Foi por causa do horário.
 Fr: Também, né? Porque lá parou e depois...
 W: Quando parou a gente começou a fazer EFTI.
 Fr: Foi.
 E: Parou na época das férias da UnB?
 W: Aí quando voltou a gente já tava no curso que era no mesmo horário.
 Fr: Não, Wilson, não foi depois das férias, não. Foi depois do conflito, que o Ângelo falou que a gente ia ter que mudar o horário e a gente teve que mudar.
 W: Rapidão, mas eles pararam de dar aula por um tempo prático.
 Fb: Mas, eles voltaram a gente tava fazendo ainda. Depois que mudou o curso.
 Fr: Tsc, tsc, tsc.
 W: Depois que voltaram a gente já não deu mais.
 Fr: Foi.
 W: Porque a gente tinha um curso na EFTI, a gente vinha pela manhã e pela tarde. Tinha curso de teatro pela tarde e pela manhã era curso de, de software livre. Não era nem com o Ângelo, era com o pessoal de antes.
 Fr: Foi.
 W: Com o Lúcio e o Reinaldo, depois que o Ângelo entrou.
 Fb: Com o carequinha.
 W: A gente também.
 Fb: Carequinha não deu aula pra mim, não. Só dava aula, só como enfeite.
 W: O Reinaldo?
 Fb: O Reinaldo não é careca.
 Fr: Era sim, não era o pequeno?
 W: Não, o Reinaldo era o que tinha...
 Fb: Tinha entrada, mas não era careca.
 W: Então, mais pergunta?”

(acréscimos)

“E: É isso, querem falar mais alguma coisa?
 W: Não, agora é sua vez (risos). Como foi o curso pra você, o quê você gostou, como foi a experiência?
 E: Cê tá falando sério?
 W: Eu to falando sério.
 E: Como é que foi o curso pra mim? Ué, faz uma pergunta de cada vez. Faz a primeira.
 Fb: Vamo lá, responde na ordem aí.

E: Eu acho que foi uma coisa que foi mudando o tempo inteiro. Quando eu comecei com você era uma coisa assim, talvez surja uma rádio no Varjão, vamos trabalhar isso com os meninos. Antes disso mesmo a gente fez um CD de DST/AIDS lá na UnB, o pessoal do rap foi pra lá pra cantar. Aí teve um dia, teve uma vez que a gente tentou, 'Vamos fazer, vamos pôr eles pra fazer vinheta também'. Que antes a gente que fazia e tinha o rap. E aí surgiu essa possibilidade de ter uma rádio aqui, o Paulino pôs fogo na gente. E aí 'Vamos ter oficina lá'. Aí a gente chegou, a maior dificuldade que a gente teve foi mobilizar, 'Como é que a gente vai fazer pra chamar essa galera?', que a gente tentou primeiro fazer uma oficina de um dia, que tinha a 'Semana de Democratização da Comunicação' e aí a gente pôs uma faixa na AOPA, uma faixa não sei aonde, e apareceram tipo duas pessoas do Paranoá, só. E a gente acabou dando oficina pro pessoal lá de, da UnB, é uma coisa meio, sei lá, sem sentido. Porque lá tem alguns que não tão nem a fim, assim, de fazer alguma coisa de cunho social e tem outros que é muito, assim, 'Ah! Que bonitinho! Não sei o quê', que não tem essa vontade de, sei lá, de, trabalhar com uma coisa série.

Fb: Como foi, assim, o primeiro contato conosco?

E: Com vocês? Então, eu acho que a gente ficou batendo cabeça até que a Mazé deu a idéia da gente chamar o pessoal que tava antes na oficina com a Marilúcia de comunicação. E foi daí que eu acho que a gente chamou vocês. E também nesse tempo surgiu um boato de bolsa, uma quantidade de bolsa lá na AOPA e vieram muitas pessoas. E aí por causa do espaço a gente resolveu vamos fazer na escola. A gente começou lá e aí começou. E aí de início a gente discutia muito, 'Mas, pô, como a gente vai dar uma oficina de comunicação, mas comunicação é meio não é fim, como é que a gente vai trabalhar comunicação pra ser um fim? Ser a oficina de comunicação? Aí a gente escolheu, 'Vamo trabalhar meio ambiente e a partir disso a comunicação'. Foi isso.

W: Então, vocês falaram 'Vou dar oficina de comunicação pro pessoal do Varjão', como é que veio, assim, o quê que veio na cabeça?

Fr: Por ser do Varjão.

E: Então, teve duas coisas. Uma, que a gente queria que 'Pô, vamos fazer comunicação de um jeito que seja útil pra eles', porque não adianta nada ficar falando de, sei lá, de uma grande mídia que nem a gente tem acesso e que tem muita gente, pra você ter noção, na Faculdade de Comunicação mesmo, do pessoal que acha que 'Ah! Porque a gente estuda comunicação, então a gente sabe melhor, a gente não é enganado pela televisão'. E isso é besteira, a gente entra no meio também. Então, vamos fazer de uma forma que tenha sentido pra eles.

Fb: Um projeto que...

Fr: Vão enganar a gente (risos).

E: E uma outra preocupação que a gente teve, que a gente discutiu muito é de trabalhar falando do cotidiano de vocês, mas se aparecesse, sei lá, alguma coisa, sei lá, se aparecesse uma menina quem em casa tem dificuldades imensas, como a gente que a gente tem que ter um preparo de psicólogo. Como que a gente ia lidar com isso. E a gente decidiu, não vamo botar a cara e a gente vê como é que faz. Acho que era muito mais no caso de uma menina que poderia tá apanhando e esse tipo de coisa.

W: Depois do primeiro contato, que você já tava no meio, como é que você via a gente?

E: Então, assim, eu acho que em alguns momentos vocês eram muito tímidos, era muito difícil fazer vocês falarem. Principalmente o Fábio, eu lembro que eu ficava, ai meu Deus, era muito complicado. Mas aí eu acho que uma coisa que eu percebi, meio que uma idéia, uma dica mesmo, uma manha, é de colocar sempre pra desenhar ou fazer alguma coisa pra vocês explicarem o quê vocês fizeram, que aí vocês falavam. Simplesmente pedir pra falar era muito complicado. É que mais? Aí tinha umas coisas que eram muito legais, o vídeo eu achei muito legal. Assim, achei muito legal vocês interpretando, porque eu não sei se eu esperava isso e, por outro lado, eu não sei até quando que a gente conseguiu sair do vídeo, trazer o vídeo pra cá, não sei se a gente conseguiu isso.

Fr: É, e nós não assistimos o vídeo até hoje.

W: Assistimos sim.

Fr: Foi não.

Fb: Você não.

E: A gente mostrou lá na UnB.

W: Lá no dia que a gente foi lá.

E: Mas, e tenho o vídeo, depois se você quiser a gente pode marcar, é só arrumar uma televisão.

Fb: E como você via? Eu quero saber como você via o Varjão antes de conhecer a gente, antes de ter as idéias.

W: Antes, quando falava 'Eu vou trabalhar lá no Varjão'.

E: Ah! Tá.

W: O quê que as pessoas falavam? 'O Varjão é assim'. Não a idéia que você teve depois, a idéia que você teve antes de você ter agora.

E: Entendi. Tá, antes, sinceramente, eu acho que eu nunca parei pra pensar no Varjão na minha vida normal, cotidiana. Não era uma coisa que tava dentro da minha vida, deu pensar 'Pô, o Varjão, como é que é?'. E aí quando você entra na disciplina Comunicação Comunitária o pessoal fica muito assim, 'Pô, eu quero ir lá no Varjão ver como é que é'. O quê eu acho que às vezes é um problema porque a pessoa vem só pra vitrine, que é uma complicação. Pô, não é vitrine isso daqui... Então, isso é um problema que as pessoas vem aqui 'Ah! Vamos ver os pobres coitados', vocês não são pobres coitados. (risos). Vocês não são, só pelo que vocês falaram aí eu sei que vocês não são. E aí eu acho que era muito de querer ver, como é que a gente vai fazer o trabalho lá? Como é que vai ser? Eu acho que é muito mais uma curiosidade do quê uma coisa que o próprio Paulino alertava a gente na aula, que o Varjão é muito próximo do Plano Piloto. Então, qualquer trabalho que as pessoas querem fazer, algo assistencial, ou social, algum projeto, eles acabam escolhendo o Varjão. E eu vejo muito isso aqui, cruzando projetos e às vezes é complicado. Você pode tá fazendo a mesma coisa que outra pessoa tá fazendo.

Fb: E ninguém chegou em você e falou que o Varjão era...

Fr: Não vai pra lá porque pode acontecer de você ser assaltada?

E: Tá, teve, assim, uma vez, ah. Que a Roninha foi casar e chamou a gente pro chá de noiva. E meus pais ficaram, 'Não, mas você vai pra lá a noite? De carro, sozinha? Toma cuidado, volta mais cedo'. Porque é super complicado, porque, assim, já fui pra Ceilândia pra dar oficina, já fui pra alguns outros lugares, e querendo ou não tem, tem esse estigma, e é forte. Tem coisa que eu não acredito, que meus pais acreditam, e é complicado lidar com, que era como o Wilson tava falando. Por mais que meus pais apóiam que eu faça um monte de coisa com cunho social, por outro lado tem uma aquela pressão, 'Pô, cê não vai trabalhar e ganhar dinheiro?', é, 'Você via pra esse lugar sozinha e de carro, carro velho que pode quebrar a qualquer momento, é perigosos'. Tem isso. Não sei se é mudança de geração, não sei o quê que é."

W: E objetivo que você tinha no começo, você conseguiu?

E: Então, esse que era o lance, assim, eu acho que esse objetivo mudou, durante o curso inteiro ele foi mudando. Ultimamente pra mim era muito mais de 'Vamos gerar algum tipo de mobilização', e quando, não sei se o povo foi desmobilizando e indo embora por causa do negócio do primeiro emprego. Aí meu Deus, você questiona, sabe? Se a gente não tá querendo enfiar alguma coisa goela abaixo deles, tá impondo alguma coisa pra eles? Faz sentido? Tem porque a gente tá falando de rádio aqui? Aí você fica meio que com a cabeça, 'Pô, será que eu devia continuar aqui?'

W: Você já pensou em desistir?

E: Então, eu sou meio cabeça dura. Mas, assim, se eu ficar me questionando e chegar à conclusão de que eu to impondo alguma coisa pra vocês, entende? Se não tem validade nenhuma. Porque muitas vezes o pessoal lá que já passou por Comunicação Comunitária, eles, muita gente fala que 'Pô, vocês tão indo lá querendo impor a visão nas pessoas, você tá querendo falar pra eles o que é melhor pra cultura deles'. Se eu chegar a essa conclusão, eu acho que eu paro. E nesse período que teve do primeiro emprego eu já fiquei meio preocupada 'Pô, como é que eu vou conseguir fazer mobilizar de novo?'.
...

E: Então, eu acho que eu já vejo uma mudança na Sabrina. Que eu acho que uma coisa que a gente trouxe pra cá tanto pra ela quanto pra gente, foi a relação que a gente tem, que a gente construiu uma relação pra além do trabalho, que no projeto a gente tem uma relação. E isso é legal, pô. É, a gente tava fazendo a avaliação do fórum depois do primeiro dia e depois que fez a avaliação alguém propôs 'Fala uma imagem do fórum pra você'. Aí veio a imagem que eu falei pros meninos, ó, teve dois momentos que eu só vi o comecinho, não vi o final, mas foi muito importante pra mim. Uma foi os meninos do rap, que eu pedi pra eles, 'Faz uma música do fórum', que eu achei muito legal. E outra foram vocês, vocês estavam no grupo da oficina desde o início, eu não sabia que vocês eram o grupo que a Ionara da Fundathos tinha chamado até no dia que eu fui passar o endereço pro Wilson e ele 'Ah! Não, mas eu to no grupo de teatro'. Aí pra mim é importante, eu não sei explicar porquê. Mas é importante.
...

E: Tá, duas coisas, eu estou no momento da oficina de rádio aqui do Varjão de refletir... Eu to bem perdida, eu não sei mais nada direito e tal. E a outra coisa muito legal são as conexões que tem, isso é muito legal e pra mim me move muito. Mesma coisa do fórum, que eu tava entrando lá na organização do Interagir, do Fórum, e um dos meninos me perguntou o que me move, o que você acha legal. E eu falei, nem sei porque, mas essa interconexão, poder juntar uma coisa que eu faço na Ralacoco, uma coisa que eu faço no Interagir, uma coisa que eu faço no Varjão, acho muito legal. Talvez seja pela potencialidade, o que pode gerar a partir daquela ação.

Fb: Vai lá, Wilson, Fala (risos).

W: Eu queria agradecer você, Ju, pelo trabalho que você fez, tem pessoas que começam o trabalho e não termina... Acho que você mudou quando conheceu a gente, e a gente também mudou quando conheceu você, o pessoal da comunicação... Espero que essa coisa não termine, mas continue.

E: Se for rolar, eu quero continuar...

Fr: Pra todo mundo que tava na oficina, que participou. Eu queria agradecer pela, sei lá, compreensão de vocês. Veio aqui na comunidade Varjão. O povo que não é daqui e tal, da própria economia e tal, e vocês não ligaram a isso, meterem a cara mesmo e conseguiram fazer alguma coisa, chegar até o final.”

Rosiane Rodrigues de Souza da Silva (21 anos) – 31 de maio

“Entrevistadora: Primeiro, como foi divulgado a oficina. Como você ficou sabendo? Você lembra?

Rosiane: Eu lembro como é que foi divulgada a oficina.

E: Você lembra como você ficou sabendo?

R: Eu não to lembrada, não. Deixa eu vê. Deixa eu pensar. Vocês foram na escola falar sobre isso?

E: Não, não lembro de ter passado na escola. Me diz o que você se lembra.

R: Surgiu de uma bolsa... Falaram que ia dar não sei o quê de bolsa, né? Aí eu fiquei curiosa para saber o quê que era e fui. Chegou lá falaram que ia ter várias oficinas... Aí eu peguei e me interessei pela idéia e me inscrevi na de rádio, né? Aí a partir daí eu gostei de participar, porque... é... vocês... o pessoal é... o pessoal ensinaram a gente mais ou menos como é que... como é que os locutores agem, assim, como é que é mais ou menos o trabalho deles dentro de uma rádio, né? E eu gostei porque aprendi muita coisa. Aprendi, por exemplo, eu não sabia me expressar direito. Comecei a aprender mais, né? Não sei ainda porque eu ainda sou um pouco tímida ainda. Até sei, né? Mas, quando eu vou para falar na frente das pessoas, eu me engasgo. Mas, o que eu aprendi mais foi me expressar assim. A gente inventava... programas... coisas para falar, né? E também... hum... histórias, é... exercícios de voz, que eu também aprendi bastante.” e a gente fez várias... Como é que diz? Programações. Teve também o bazar que a gente fez, né?

E: Para o quê que era o bazar?

R: Para arrecadar dinheiro, né? Para o quê mesmo? Que eu não estou lembrada. Para arrecadar dinheiro para ajudar a gente a divulgar uma rádio aqui no Varjão, né? Inclusive eu nem sei como é que ficou essa situação.

E: Então, a concessão de rádio não saiu. Que a gente conseguiu, depois da Shekná, é fazer rádio na internet.

R: Pois é. Só isso mesmo. Até onde eu sei, bom, gostei.

E: Você sabe como as outras pessoas ficaram sabendo da oficina?

R: Eu acho que todo mundo ficou sabendo através disso e depois disso as outras pessoas foram...

E: Isso é da bolsa?

R: Ahum. Acho que mais foi através da bolsa que todo mundo se reuniu, né? Aí depois um foi falando para o outro, falando para o outro. Aí depois todo mundo ficou sabendo.

E: E qual seria a melhor maneira de chamar as pessoas para as oficinas?

R: Não sei, né? Porque a primeira maneira foi falando da bolsa, né? Fala de dinheiro aí todo mundo correu. Mais agora não sei, não. Eu to sem idéia. Mas acho que se, por exemplo, anunciar igual anuncia, falar de oficinas, as pessoas que querem participar, tipo, falar para todo mundo se reunir na AOPA. Aí falar que, você, é importante falar que ia ser importante e não sei o quê. Eu acho que chamaria um pouco das pessoas.

E: Falar que ia ser importante pra quê?

R: Ah! Pra comunidade. Por exemplo, se tivesse curso de computação. Se tivesse como arrumar curso assim, alguma coisa assim, pra chamar o povo. Eu acho que ia ser legal.

E: Mas, por que seria importante para a comunidade?

R: Porque... Assim, tem um monte de colegas minha que tá querendo fazer alguma coisa, entendeu? Curso, curso de alguma coisa. Pode ser de culinária também. Podia inventar um curso de culinária, entendeu? Tem muita gente que tá querendo fazer. Eu também tava querendo fazer de culinária, mas.

E: Agora tá sem tempo? Pra fazer?

R: Não, até que não. Ele não toma muito meu tempo, não. É que a gente fica um pouco desanimada. Preguiça.

E: (risos)

R: Tô com preguiça.

E: E o que te motivou a participar da oficina?

R: O quê me motivou? É porque antes eu tinha tempo vago, né? Eu gosto, assim, de participar de, assim, tudo que tiver, assim, na comunidade que, eu sei que posso, que estou com tempo vago, eu gosto. Eu gostei das pessoas educadas, né? Mas, ultimamente é porque não tava dando mesmo.

E: E quais suas primeiras impressões da oficina?

R: Minhas primeiras impressões?

E: Primeiras impressões, o quê você achou?

R: Eu gostei. Primeiras impressões, eu gostei.

E: Por quê? O quê que...

R: Ah! Eu gostei dos temas que a gente relatou.

E: Você lembra quais eram os temas?

R: Tava com um aqui na cabeça. Acabei de esquecer. Esqueci, mas eu lembro que é bom. Eu lembro que a gente relatou um de violência, né? De violência.... Sobre a violência na comunidade. Se as pessoas... Se os malandros que matam, não sei o quê, deviam ter pena de morte, entendeu? Como lá nos Estados Unidos. Eu lembro desse.

E: Você lembra como surgiu esse tema, não?

R: Não, não lembro, não.

E: E suas impressões? Elas mudaram depois, quando, depois nas oficinas?

R: Mudou um pouquinho.

E: Como?

R: Qual é a pergunta mesmo?

E: Como que mudaram as suas impressões?

R: Minhas impressões Assim, porque eu continuei gostando, sabe? Mas depois eu vi também que não era tudo o quê eu pensei, né? Mas, eu continuei gostando do mesmo jeito.

E: O quê você pensava antes?

R: Não vou falar.

E: Ah! Fala.

R: Não... eu só pensei... A única coisa que eu pensei que não foi a mesma totalmente a mesma coisa.

E: O quê que era que você tinha pensado antes?

R: O quê que eu tinha pensado, né? Deixa eu ver. Ah! Eu pensei que a gente ia, assim, mais adiante, assim, se aprofundando, né? Tal e tal nas oficinas e tal... Aí depois, pronto, a gente quase parou, entendeu?

E: Mas, você tem idéia do quê você queria aprofundar?

R: Ah, sei lá. Não aprofundar assim. Ser mais assim... mas, mais, que ia ter mais programações... Pensei que ia ter mais coisa, assim, para chamar a nossa atenção, entendeu? Até que teve algumas coisinhas, mas aí depois parou.

E: Você lembra mais ou menos em que época parou? Como que tava na oficina?

R: Parou...

E: Não, essas coisas que você falou que teve um momento que parou, você lembra em que momento foi esse?

R: Foi no momento em que a gente estava decidindo a... a... botar a rádio no Varjão... alguma coisa assim. Que a gente estava participando lá da programação da rádio lá do Lago Norte, né? Da Shekná. Aí passou uns tempos, aí parou.

E: Ficou, tipo, sei lá, um programa? O quê que era?

R: Faltou terminar uma coisa, assim, que não foi terminada, entendeu?

E: Dar encerramento?

R: Dar encerramento, aham.

E: Por que você continuou participando de todos os sábados de manhã da oficina?

R: Por que eu continuei participando?

E: É.

R: É, sei lá porque. As pessoas foram saindo, né? Entendeu? Aí eu achei que não era legal eu sair assim, ficar pouquinha gente, assim. Ah! Eu vou terminar de participar, dar uma força e tal, entendeu?

E: E por que você deixou de participar?

R: Ah! Por que depois ganhei nenê. Fiquei com preguiça. Até hoje eu to com preguiça. (risos)

E: E o quê que você fazia na oficina?

R: Ficava lá ouvindo as pessoas conversar, explicar, a dar solução para alguns problemas.

E: Que pessoas falavam as soluções?

R: A Juliana, você. Xô vê. Quem mais? A Mazé, mais o nome do outro garoto, aquele que veio no vizinho.

E: O Leyberson?

R: O Leyberson e a Tati, né?

E: Eram essas pessoas que falavam na oficina?

R: Pessoas que falavam. Falavam mal, como assim?

E: Não, as pessoas que ficavam conversando.

R: É, conversando. Bom, bom.

E: Quem são as pessoas?

R: Você, a Tati, o Leyberson, e a Mazé... só... são as pessoas com quem eu mais me identifiquei, assim.

E: Por que você se identificou?

R: Mais com eles?

E: É.

R: Ah! Porque eles eram os que participavam, assim, da oficina de rádio, os que mais freqüentavam. E, assim, às vezes ainda faltavam, assim, muitas vezes não viam também... E os outros também eram dificilmente de participar.

E: Que outros?

R: As outras pessoas que também participavam da oficina de rádio.

E: Da UnB?

R: É.

E: Você lembra de alguém? Ou não?

R: Lembro muito pouco. De nome não lembro de ninguém, não. Só lembro das que falei.

E: E como que era a oficina?

R: Oficina? Como que era? Como assim?

E: Como que era? O quê acontecia?

R: A gente se reunia mais em rodas, né? De discussões. No começo, a gente é... Fazia teatro, assim, é... sobre rádio... sobre como montar uma rádio, entendeu? A gente até gravou um pouquinho no começo, encenando sobre a rádio... Sobre como divulgar uma rádio na cidade e tal... desenhava também, né? [...] Depois a gente, teve uma vez que a gente foi lá na UnB... Vê lá o programa de vocês lá... da Ralacoco.

E: E como foi lá na UnB?

R: Eu gostei. Foi assim, a gente conheceu a rádio de vocês. Falamos um pouco, escolhemos as músicas, entendeu? Pra passar pro povo. Foi legal. Eu gostei. Hoje eu lembrando, eu lembro que eu gostei.

E: O quê você mais gostava e o que você não gostava na oficina?

R: O quê eu mais gostava? Deixa eu vê. O que eu mais gostei foi a gente fazendo teatro... assim... encenando. Das vezes que a gente foi lá na UnB... Deixa eu ver. Quando a gente discutia, a gente discutia uma polêmica. Eu gostava, por exemplo, por exemplo, é... a violência. Eu gostava de discutir... é... polêmica, entendeu? Eu acho que a gente tinha que discutir mais sobre um assunto, entendeu? E eu não gostava quando ficava só falando de outras coisas que às vezes não tinha nada a ver.

E: Que outras coisas? Por exemplo.

R: Não lembro mais direito. Eu lembro que a gente conversava, conversava... (risos)

E: Você não tem nem idéia?

R: Não me recordo.

E: Quando chegava, recordo... Você tem idéia mais ou menos que tipo de coisa é esse que não tem haver com você?

R: Tenho, mas acho que não vou lembra direito, não. Mas, eu lembro que uma hora tinha que ficava discutindo, que eu não gostava não.

E: Tem mais alguma coisa que você não gostava?

R: Acho que só isso mesmo, o resto eu gostei.

E: Você consegue lembrar que atividades foram feitas primeiro? Que foi feito depois?

R: Deixa ver se eu lembro. No comecinho foi como que seria, né? A oficina, não foi? Vocês pediam a opinião da gente, para a gente levar para lá alguma coisa para fazer, entendeu? Eu lembro só disso.

E: Você lembra o quê você fez depois disso?

R: Deixa ver... depois disso, foi o bazar? Não, né?

E: Eu também lembro pouca coisa, Roninha, to perguntado para você...

R: Cê lembra mais que eu. (risos) Eu não lembro mais. Só se eu lembro no momento.

E: E a oficina de rádio? Teve alguma importância?

R: Pra mim teve.

E: Qual?

R: É eu não sabia muita coisa. Eu não sabia por exemplo como me expressar em uma rádio, gaguejava, não sabia de nada. E não sabia como é que se passava as programações. Como era mais ou menos o esquema lá dentro. Não sabia. Agora já estou sabendo mais ou menos.

E: Isso é importante pra você por quê?

R: Isso é importante. Eu acho que cada informação, cada coisa pra mim, eu acho muito importante.

E: E tem alguma possibilidade de você usar o quê você aprendeu no seu dia a dia?

R: Tem, né?

E: Como?

R: Repete a pergunta aí?

E: Como que você usa o quê você aprendeu no seu dia a dia?

R: Como que uso o que aprendi no meu dia a dia?

E: É. Você usa?

R: Eu acho que sim... Eu acho, sei lá, me comunicando com as pessoas. Não to lembrada muito, não, mas acho que eu uso.

E: Se comunicando com as pessoas?

R: É, comunicando dum jeito assim. Ah! Dum jeito assim que eu não sei (risos). Mas eu acho que eu uso.

E: E você usava a oficina de rádio pra quê?

R: Pra quê eu usava a oficina de rádio? Não to lembrada, não. Pra quê que eu usava. Ah! Usava pra discutir as coisas lá. Discutir, por exemplo, o filme dos meninos do Varjão. Todo mundo... assim, pra falar sobre esse filme, pra falar, pra falar dos grupos de *rap*, pra falar sobre muitas coisas, foi o quê eu lembro.

E: E qual era a percepção das pessoas que estavam fora da oficina de rádio? O que as pessoas falavam? As que não estavam participando? Quando você contava.

R: Ah! Falavam que era legal. Falavam, assim, 'É! Roninha, manda um alô lá para mim!' Os meninos gostavam, as meninas também. Tinha gente que falava mal de gente lá dentro.

E: É? Como assim?

R: É, 'fulano não sabe nem falar', ficava rindo. Tinha uma vaiacão da porra.

E: E você sentiu vergonha?

R: Não, eu não senti vergonha, não.

E: E qual era o objetivo da oficina de rádio?

R: O objetivo das pessoas?

E: O objetivo da oficina.

R: Da oficina? O meu objetivo, o meu objetivo, eu não sei o da oficina.

E: Hum, pode falar.

R: Ah! Sei lá. Eu achava que a gente, as pessoas iam fazer. Botar uma rádio poste, né? Que estava falando. Eu achava. Só isso.

E: E por que você acha que não aconteceu?

R: Não sei, não sei se é porque eu nunca mais saí. Eu também quase nem saio mais aqui no Varjão. Nem sei se botaram ou não botaram.

E: Você sabe o quê precisaria pra botar uma rádio poste?

R: Eu sei, de muitas coisas. Dinheiro. Inclusive, foi um dos motivos, né? Que a gente parou e arrecadou dinheiro e ele não deu muito.

E: Como arrecadou esse dinheiro?

R: Através do bazar, né? Que a gente arrecadou.

E: E com quem ficou esse dinheiro. Você lembra?

R: Comigo (risos)

E: Cê lembra se a gente usou esse dinheiro pra comprar alguma coisa?

R: Não lembro, não. Depois que passei o dinheiro pra Cácio, e a o Cácio passou pra vocês, não lembro mais, não.

E: Comprou coisa pro rádio web. Pra fazer a rádio na internet. Lembra que tinha um som e tal?

R: Aham! Era aquela. Por exemplo. Deixa eu te perguntar. Teve a inauguração de uma rádio? Foi essa?

E: Não. Lembra que a gente fazia, acho que você ainda tava, que a gente fazia no computador da AOPA? A gente colocava o microfone pros meninos.

R: Lembro.

E: Então, era pra internet, daí deu o dinheiro pra...

R: Ah! Tá, agora to lembrada. É porque como era outros meninos mais que participavam dessa, eu fiquei mais de fora. Que eles tomavam mais frente pra ficar lá.

E: Uhum, e por que que eles tomavam mais a frente?

R: Não sei, é porque eles queriam ficar cantando lá, *rap*, sei lá.

E: E o quê que você queria?

R: Eu não queria mais nada, fiquei só na minha.

E: Você não queria mais nada, por isso que os meninos participavam mais?

R: Pode ser que sim, né? Não, também porque eu tava perto de ganhar nenê e eu fiquei mais desanimada.

E: É... e você lembra quais as formas de financiamento que teve da oficina de rádio?

R: Financiamento?

E: É.

R: Como assim?

E: Dinheiro, de onde é que veio dinheiro pra vocês, pra oficina.

R: Não lembro, não.

E: ... E, em relação às bolsas... Em relação à bolsa, como você se sentiu quando não recebeu a bolsa?

R: Como eu me senti com o negócio da bolsa?

E: É.

R: Ah! Eu só pensei, assim, que era mentira, só isso. Mas, eu não pensei mal das pessoas, entendeu? Não falei nada. ‘Ah! Acho que isso é mentira, é normal, mas eu vou continuar participando porque eu estou gostando. Foi o que eu pensei na hora, assim.

E: Cê lembra de onde que viria essa bolsa?

R: Não lembro, não lembro, não.

E: Você não lembra nem quem, que... é...

R: Eu lembro que o... como é que é o nome do... daquele que... que tava lá na AOPA...

E: O Guilherme?

R: O Guilherme. Era ele que entregava as bolsas para nós, alguma coisa assim. Eu não lembro, não.

E: E por que que era importante ter recebido a bolsa?

R: Dinheiro é sempre importante, né? (risos) Porque era importante? Porque eles prometeram, né? Pra mim a importância é isso (risos).

E: E você lembra se teve alguns conflitos na oficina?

R: Teve no começo, né? Não! Não sei. Pra mim, acho que não considerei como conflito.

E: Mas, o quê que era? Quais que eram esses conflitos que você disse que não eram conflitos, mas que você lembrou de alguma coisa?

R: Não, não sei se foi no meio da oficina, no final, a gente tava começando uma nova etapa. Ah! Não.

E: Fala...

R: Acabei de lembrar que eu não posso falar.

E: Por que você não pode falar?

R: Por que isso aí todo mundo tá ouvindo.

E: Eu vou pegar trechos e vou fazer um trabalho sobre isso para os professores, a idéia é mostrar pra vocês.

R: Eu lembro só de um conflito vago. Mas acho que isso aí não pode ser falado.

E: Por que não pode ser falado? Por causa da pessoa?

R: É por causa das pessoas”

(interrupção)

“E: Você pode contar sem contar o nome da pessoa?

R: Não, com certeza vão saber que eu que estou falando, entendeu? Aí se eu falar as pessoas vão saber na hora. Também isso não é tão importante, não. Foi conflito nosso.

E: Interno?

R: Entre os meninos. Entre a gente. Não tem nada haver...

E: É bem no início? Quando tava...

R: Não, depois. Não foi conflito. Só foi uma. Não é nada, não.

E: E você lembra como surgiu esse conflito?”

(interrupção)

“E: Então, esse conflito que você tava falando? O quê que foi?

R: Não... Foi só os outros meninos, que você já sabe quem é, né? Não queriam que os outros meninos do *rap* participassem. Tudo deles eram *rap*, *rap*, *rap*. Os outros meninos não gostavam muita da idéia de só *rap*, *rap*, *rap*. E achava que os meninos só queriam... Só foi isso mesmo.

E: E como surgiu esse conflito?

R: Surgiu por causa disso, porque como ia começar uma nova etapa da oficina de rádio, aí as pessoas, aí eles perguntaram pra gente como a gente fazia pra trazer mais gente, né? Aí a gente pegou e falou, a gente pode chamar os meninos do *rap*. Até foram vocês que deram a idéia, aí eu concordei com a idéia, mas os meninos não gostou muito da idéia de chamar eles. Por causa disso que to falando pra você. Acabei de falar.

E: Como que solucionou esse conflito?

R: Porque simplesmente chamaram os outros meninos, simplesmente os outros meninos foram e pronto. Depois disso não deu mais problemas, só que aos poucos os outros meninos pararam de ir. Aí ficou mais os meninos do *rap*.”

(acréscimos)

“E: E quanto tempo você está no Varjão?

R: Xô vê, 11 anos.

E: 11 anos?

R: Ahum. Já mereço um lote, né?

E: (risos). E...

R: É importante você falar isso do lote.

E: Fala aí;

R: Porque as pessoas aqui não quer entregar o lote para as pessoas que... que... por exemplo, não estão entregando lote para as pessoas que merecem, entendeu? Está tendo... está tendo alguma coisa que eles estão fazendo aí. Que eles só estão dando lote só para as pessoas que... não sei como eles estão falando, fazendo... só sei que tem gente aí que não tem direito e está recebendo lote, está recebendo apartamento aqui no Varjão. Está a maior bagunça, está a maior burocracia.

E: E quem tá dando esse lote e apartamento?

R: Eu não sei... é o governo, né? Pode ser o governo.

E: E quem não recebe, acontece o quê?

R: Quem não recebe? Por exemplo, se eu não receber vou ter de botar na justiça. Eu tenho direito, eu tenho onze anos, vou fazer doze anos de Varjão.

E: Você precisa ter quantos anos pra ganhar o lote?

R: 5 anos. Tem gente que tem menos tempo que eu e já recebeu, entendeu? Não sei o quê é. Tem um que falam que é porque tem gente no meio ganhando dinheiro pra finalizar o processo, né? Eles não estão mais querendo mexer em requerimento. Não tão querendo mexer em requerimento. Eu acho isso um absurdo, absurdo.

E: E se não ganhar na justiça, o que acontece? Não ganha lote, não ganha na justiça?

R: Na justiça? Não na justiça só não ganha na justiça quem realmente não tem direito. Eu acredito ainda na justiça. Eu ainda acredito. Mas, se essa justiça da terra falhar, a de Deus não falha. Não falha, não falha. E temos 2 pessoas, vou falar o nome de uma. Uma tal de ..., que trabalha na administração, e essa vai pro inferno com tudo o que ela tá fazendo com muita gente aqui no Varjão... Trata as pessoas mal. A gente vai lá, porque quando a gente quer uma coisa a gente tem que correr atrás, porque se a gente não correr atrás, as pessoas já não estão querendo dar nosso direito. Se a gente não correr atrás, aí que eles folgam e não dão mesmo. Quando a gente vai lá pra querer saber, simplesmente a ... vira a cara e fala que não tá mexendo nos requerimentos, que tá tendo não sei o quê de reunião, teve não sei o quê de reunião e decidiram que não vão mexer em requerimento, que não sei o quê e já vejo neguinho aí formalizando processo, entendeu? Formaliza e já recebe não sei que diabo foi, eles estão fazendo. Eu só sei que essa ... tem contas a pagar. E ela vai pagar. Porque se ela não pagar aqui na terra, só Deus sabe o quê vai fazer com ela. Eu só lamento.

E: E você quer falar mais alguma coisa da oficina de rádio? Perguntar alguma coisa? Acrescentar alguma coisa?

R: Eu acho importante, o quê eu acho importante na oficina de rádio é que ela tinha que continuar em um horário bom.

E: Por que deveria continuar?

R: É bom para as pessoas que não têm nada o quê fazer. Ou que tem e se interessa, né? A gente que quer ser, algum dia quer se locutor de rádio, quer ser locutora.

E: A oficina serve pra quem quer ser locutor de rádio?

R: Serve, porque aprende. A pessoa já fica por dentro de fazer o curso. Sei lá, faculdade disso. Segunda coisa, cresceu na vida, aí.

E: E pras outras pessoas da oficina?

R: Praticar alguma coisa, não ficar sem fazer nada. É isso, tá?

Ju: Tá"

Margareth Gomes Mota (29 anos) – 1º de junho

"Entrevistadora: Tá, é... primeiro é... Primeiro é a idéia de fazer o histórico da oficina. Como e por que surgiu a idéia da oficina de rádio?

Margareth: Ah! Surgiu na disciplina Comunicação Comunitária, em que a gente foi dividido em grupos para trabalhar com a comunidade do Varjão. E aí a gente viu quais atividades a gente podia desenvolver. E entre as atividades que a gente citou, uma que a gente viu que podia ser realizada era a oficina de rádio, porque via que a galera gostava de trabalhar com música, gostava de se envolver com música, com dança, e a gente estava verificando como que, com uma comunicação comunitária, de repente com uma rádio, tinha tudo haver para integrar a comunidade, com o fato deles gostarem de música e tudo mais. Então, a gente verificou que essa poderia ser uma atividade que a gente poderia desenvolver junto com a comunidade.

E: E o quê que você pensava da oficina de rádio antes de entrar no grupo?

R: Ah! Eu não tinha uma idéia muito formada ainda, a idéia que eu tinha é que se a gente ia fazer uma oficina de rádio, tinha que dar as noções básicas pra eles, o quê que é trabalhar com rádio, é... princípios básicos de operação. Mas, a gente não tinha muito idéia a princípio porque a gente não sabia se poderia desenvolver mesmo na prática ou se ia ficar só na teoria. Então, a princípio era bem na teoria mesmo, a gente explicar como é que funciona uma rádio, o quê que precisa, roteiro, locução, esse tipo de coisa.

E: É, e o quê você planejava fazer nesse grupo?

M: Ah! Justamente trabalhar com essa parte mais de explicar mesmo o funcionamento de rádio, trabalhar com eles essa idéia de ter um programa, o que é um programa, o que você precisa para fazer um programa. Toda a linha de desenvolvimento que você tem de um produto pra rádio, Mais essa parte de orientação mesmo.

E: Mas, por que você queria fazer isso?

M: Porque é a parte que mais, mais me interessa no rádio, é a parte que eu mais gosto, a parte de desenvolvimento e de planejamento de qualquer programa ou de iniciativa que venha a trabalhar com rádio.

E: É, por que você entrou no grupo de rádio?

M: Porque eu adoro rádio (risos). É a matéria que eu mais me identifiquei no curso de jornalismo, então pra mim trabalhar com rádio e poder passar os conhecimentos que eu tinha pra outras pessoas era o mais viável, assim, dentro das propostas que foram aparecendo dentro da matéria.

E: Você ficou entre algum outro grupo, ou não?

M: Fiquei entre rádio e o grupo de biblioteca.

E: E por que não o grupo da biblioteca?

M: A biblioteca não, porque a minha primeira opção era o rádio. Entre trabalhar com a biblioteca e trabalhar com a rádio, a minha primeira opção era o rádio. Se eu não pudesse trabalhar com o rádio, aí eu trabalharia com a biblioteca.

E: E quais foram suas impressões na oficina?

M: Foram legais, mas, assim, a princípio eu verifiquei que não dá muito para você ter uma oficina de rádio se você não tem um planejamento anterior a você desenvolver essa oficina. Acho que o problema que teve na matéria foi justamente esse. A gente foi pra fazer uma oficina, mas sem saber o quê a gente podia fazer, quais os mecanismos que a gente podia fazer, quais os mecanismo que a gente tinha a nossa disposição. Então, eu acho que primeiro a gente tinha que ter sentado e visto o que nós tínhamos para depois chegar lá e trabalhar e não foi o que aconteceu.

E: E, a... essas impressões mudaram depois, em algum momento?

M: Não, não, elas continuaram as mesmas, se confirmaram, só.

E: É e você participou de algum planejamento?

M: A gente começou a fazer um planejamento pra ver é... se tinha a possibilidade deles trabalharem com uma rádio que já existia, teve o rádio-poste tudo mais, mas o problema foi que era muita cogitação e na verdade a gente chegava nas outras semanas e via que de repente a rádio lá já não existia mais, já não tinha o mesmo espaço, que o rádio poste não ia dar porque não tinha equipamento. Então, assim, o planejamento até a gente começou, mas a partir do momento que o tempo foi passando, algumas coisas não foram dando certo. E acabou que não...

E: O quê que não deu certo, por exemplo?

M: Ah! O, a, a emissora não deu certo porque a gente tinha um espaço na rede evangélica e a rede evangélica tampou o espaço deles. Aí não conseguiu arranjar um espaço em outra rádio, a rádio-poste também porque, no final das contas, porque não tinha equipamento. E aí, como o tempo do semestre é muito curto, acabou que não deu tempo de buscar novas formas para a oficina dar certo.

E: E, assim, na sua experiência, você vê a oficina de rádio como algo que dá esse semestre ou algo que dá pra continuar?

M: Não, dá pra continuar, é que nem eu tô te falando, tem que ser uma coisa, primeiro você tem que planejar o antes pra depois você chegar lá e oferecer uma coisa pra eles. Porque a gente chegou oferecendo uma coisa que nem a gente sabia se a gente tinha. Então, por isso que não dá, tem que primeiro planejar internamente para depois levar para a comunidade.

E: Beleza. É... como que aconteciam os planejamentos do conteúdo e das atividades da oficina?

M: Então, como era uma vez por semana os encontros, ficava meio complicado, porque, ao mesmo tempo que ficava difícil do grupo se encontrar, a gente não sabia o que a gente tinha disposição. Então, ficava muito no plano das idéias, a única coisa que a gente tinha de certo eram os conhecimentos que podiam, que a gente podia passar para eles. Ou seja, o que é roteiro, dicas de locução e tudo mais. Então, muito teórico. O planejamento ficou muito nessa parte teórica mesmo.

E: E você vê alguma utilidade pra essa parte teórica?

M: Para quem é muito interessado em rádio já de cara, sem conhecer, mas já é interessado, eu vejo porque já é conhecimento. Tudo que você gosta e você tem a oportunidade de conhecer um pouco mais, é... é

lucro, porque você se interessa. Mas, por exemplo, para quem não tem um interesse já, uma predisposição a gostar de rádio, de repente pode ser chato, pode não ter interesse nenhum a não ser que a pessoa chegue e de repente tenha contato direto com a atividade. Daí desenvolva algum tipo de empatia. Mas, fora isso, acho que só pra quem tem um interesse prévio mesmo.

E: É, você modificaria alguma coisa nesses planejamentos?

Modificaria, que nem eu te falei, tinha que sentar todo mundo antes. O professor, quem cuida da parte, assim....

E: O professor também?

M: O professor também, o professor é fundamental nessa parte. Sentar o professor, sentar o líder da comunidade, quem que está cedendo o espaço, esse tipo de coisa. Todo mundo que tá envolvido, que vai, que vai entrar em contato com a comunidade. Sentar todo mundo junto e verificar o que a gente tem de disponível e o que a gente pode fazer em cima do material que a gente tem. Então, faltou isso. Faltou sentar primeiro, analisar a situação para depois aí fazer alguma coisa.

E: É... quais eram os objetivos da oficina de rádio?

M: Então, era justamente aumentar o contato da comunidade com... Proporcionar para a comunidade mais uma, mais um meio de comunicação, mais um meio de expressão para o, para as pessoas que ali viviam. E também, despertar, sei lá, o interesse dos jovens por uma atividade que não fosse só ficar na rua... ou não ter nada para fazer, não ter nada para fazer depois que saí da escola, por exemplo. É ter uma alternativa para a comunidade. Uma alternativa saudável e que ao mesmo tempo lidasse com a comunicação, que é a nossa matéria e que é nossa área de atuação.

E: Quando você fala que é mais um meio pra comunidade, um dos objetivos da oficina de rádio seria a rádio, com uma emissora, seria a rádio como...

M: A rádio como o meio de expressão de um determinado grupo social. E ser o ... meio de comunicação pra eles de diversão, cultura, é, lazer em uma comunidade carente.

E: É, esses objetivos mudaram?

M: Não, acho que os objetivos acabaram continuando sendo os mesmos. Eles só não conseguiram direcioná-los, a gente só não conseguiu fazer um plano pra que a gente pudesse pelo menos cumprir um deles, entendeu? O único objetivo que a gente conseguiu na verdade, eu acho que foi despertar a vontade neles de ter, ter uma rádio comunitária. A gente percebeu que o interesse deles, pelo menos, de algum deles, pelo menos, aumentou. 'Não, a idéia é legal, vamos fazer uma rádio comunitária mesmo'.

E: É... o que a oficina de rádio fazia?

M: Então, a gente tinha alguns encontros que eram teóricos, que a gente sentava com alguns rapazes, e algumas moças, e explicava como era o funcionamento de uma rádio, o que era uma rádio comunitária. Principalmente, explicar para eles o que era uma rádio comunitária... é... a gente teve algumas experiências práticas que eles puderam é... simular a confecção de roteiros, é... escolheu o tema de um programa... é, até fazer um programa mesmo, que eles chegaram a fazer de, na rádio-poste. Então, essas foram as experiências mesmo, tiveram contato com o quê é a rádio"

(interrupção)

"E: É, e quais eram as influências da oficina de rádio tanto pro pessoal do Varjão, quanto pra você?

M: Acho que para eles foi a novidade.... de... de... de entrar em contato com um mundo que eles não conheciam, que de repente, que eles estavam só na qualidade de receptores, de repente, eles tinham a oportunidade de ver que eles poderiam ser produtores também e ter o controle da programação. Ter a oportunidade de ser comunicar e de ser expressar ao mesmo tempo. Para mim, pessoalmente, ficou a idéia de que realmente dá para você desenvolver uma idéia de que realmente dá para você desenvolver uma idéia dessa, mas a idéia de que o planejamento é fundamental. Então, assim, meio que mexeu não só com minha parte da... da... da parte de comunicação social, que era a parte que eu trabalhava, mas também na parte de administração, na parte de você ver que não adianta só você querer comunicar uma idéia, mas você tem que planejar primeiro, antes, antes de, de fazer.

E: É... como que era a oficina de rádio? Mais uma descrição mesmo.

M: Acho que ela era bem experimental. Acho que a palavra certa é essa, uma coisa bem experimental, porque, como a gente não tinha nada sólido, nada concreto para trabalhar com, com, com o pessoal que estava na comunidade, então ficou sendo experiência tanto para eles, que estavam lidando com uma coisa que eles não conheciam, quanto para a gente que tinha que passar a idéia do quê que era um programa de rádio, a idéia do quê que era uma rádio comunitária bem no campo abstrato mesmo, sem ter muito, muita oportunidade concreta de fazer isso. Então, eu acho que foi uma experiência, na verdade.

E: É... o quê você teria feito de diferente?

M:... O planejamento, eu acho, Talvez a gente devesse ter se reunido e cobrado um pouco mais o planejamento, Não ter deixado tanto a coisa...

E: Ter cobrado de quem?

M: Do professor.... da... Acho que mais do professor. Assim, de ter sentado mesmo e falar ‘Olha, a gente só vai seguir em frente, se a gente conseguir organizar direitinho aqui o quê que vai dar’. Mas, por outro lado também era complicado isso porque a gente nunca sabia quem é que estava. A oficina de rádio não era uma coisa... é.... Não era uma oficina com participantes fixos, pré-determinados. A gente tinha, cada sábado a gente tinha pessoas que iam e que faltavam e pessoas que estavam indo pela primeira vez. Então, ficou uma coisa meio difícil de controlar. Então talvez seja, se a gente tivesse tido esse controle desde o início, ficava mais fácil de trabalhar.

E: É... e quais os pontos fortes e os desafios dentro da oficina?

M: Ah! O ponto forte é.... você ver que realmente as pessoas se interessavam. O rádio é uma coisa que interessa as pessoas. Então, é legal para quem gosta e para quem trabalha na área. Você ver que as pessoas têm ainda um fascínio pelo rádio, se interessam. Então, um ponto forte realmente foi esse. De despertar o interesse, de despertar a vontade das pessoas para que elas se comuniquem através do rádio. E o outro que você perguntou?

E: O desafio.

M: O desafio, o desafio foi justamente esse de trabalhar sem ter uma base, sem ter, sem você ter instrumentos pra que pudesse desenvolver suas idéias. Foi o grande desafio.

E: É... e os motivos que, a, acabaram afastando da oficina de rádio. Por que você deixou de participar?

M: Porque a gente não tinha, não tinha essa idéia de continuidade. Embora a gente estivesse em um semestre e todo sábado a gente estivesse lá, cada sábado a gente estava começando a mesma coisa que a gente tinha iniciado no semestre. Então, a gente não tinha... eu não sentia a continuidade, nunca sentia a continuidade. Então, fica meio difícil você trabalhar com uma coisa que você não sabe se, se existe ou se não existe, para falar a verdade. Então, diante dessa incerteza, assim, a gente não continuou.

E: E quais fatores auxiliam ou dificultam o desenvolvimento de uma atividade de extensão?

M: Acho que o quê facilita é... A vontade que a comunidade tem de aprender, de participar. Então, se você, acho que em qualquer comunidade que você chegar oferecendo conhecimento, você vai ser bem recebido e você vai ter uma boa audiência. Mas, ao mesmo tempo, você tem o desafio de ter uma estrutura. Acho que o principal, o desafio de uma atividade de extensão é essa, você tem que ter uma boa estrutura, tem que ter uma fundação pra você desenvolver. Se você já não tiver um grupo bem formado, com base sólida, participantes sólidos, com planejamento e material, não adianta você ir para a comunidade. Porque lá, eles estão carentes justamente disso. Eles estão carentes de alguém que chegue lá, que guie, que oriente, que ofereça alguma coisa para eles. Então, se você não tiver isso pré-determinado, não tiver, é, feito esse ciclo completo, não adianta você ir pra comunidade, porque você não vai conseguir desenvolver seu trabalho.”

(acréscimos)

“E: É isso, você quer acrescentar mais alguma coisa?

M: Não, assim, se for servir de sugestão pra matéria, de repente se você for...

E: É, porque eu vou aproveitar, assim, eu espero que seja aproveitado.

M: Assim, se você for trabalhar com alguma parte de sugestões ou então de, sei lá, observações... A idéia é... é essa mesma. Qualquer trabalho que você for fazer com comunidade. Principalmente quando você mexe com rádio, que é um instrumento de comunicação, você tem tanto a parte, que nem eu falei, a parte teórica mesmo, que seria a comunicação entre as pessoas, a oportunidade de expressar, a integração social e tudo mais. E você tem a parte prática, técnica da coisa, que é você ter mesa de som, gravador, onde divulgar, enfim. Então, tem que.... as pessoas têm que entender que essas duas partes têm que andar juntas quando você vai trabalhar com rádio. Talvez o grande problema da Comunicação Comunitária foi esse, foi esquecer um pouquinho que essas duas partes tinham que andar juntas. Então, é muito bonito você ter um projeto de falar assim ‘Vamo levar, vamo fazer uma oficina de rádio em qualquer comunidade’, mas se você não tiver o quê oferecer de concreto pras pessoas chegarem lá, aprender, produzir, fica meio frustrante. Foi o quê aconteceu que a gente viu com os participantes, eles ficavam ‘Sim, mas a gente quer fazer’. Para uma pessoa que não conhece é muito mais fácil ela entender quando ela pratica, quando ela vê a voz dela saindo, vê o rádio funcionando, do que eu chegar para ela e falar assim ‘Olha, rádio é legal, você pode se comunicar, você pode fazer isso, isso, aquilo’ que ela não vai entender. Ela só vai entender quando ela tiver a prática. Então, a idéia seria essa, se houver, se houver novas iniciativas nesse sentido na UnB, que alguém, que um grupo, enfim, quem tiver na disciplina em frente disso, planeje. Tenha um pré-planejamento pra chegar na comunidade e oferecer alguma coisa.”

Leyberson Lelis Chaves Pedrosa (21 anos) – 1º de Junho

“Entrevistadora: Aí tem um roteirinho que eu vou seguir, mas você pode se sentir livre pra acrescentar coisa, pra me perguntar...

Leyberson: Você entrevistou o Manu? O pessoal todo?

E: O Manu vou entrevistar amanhã, eu já entrevistei mais o pessoal do Varjão por enquanto.

L: Alô, testando.Som.

E: Então, primeiro tentar traçar um histórico da oficina, como e por que surgiu a idéia de uma oficina da rádio?

L: Qual?

E: Lá do Varjão.

L: Ah! Tá, aquela última.

E: Eu to analisando como um todo, desde...

L: Como um todo?

E: Desde quando eu entrei.

L: Assim, eu não posso falar da totalidade, porque eu entrei, tava fazendo as contas, no começo de 2005 efetivamente pra disciplina Comunicação Comunitária que é, que é oferecida pelo Professor Fernando Paulino na época. Mas, antes eu já tinha visitado o Varjão uma vez ou outra, se não me engano, pela Ralacoco, que é uma Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária, e que a gente fez um trabalho lá. Eu acho que foi até a nossa participante que convidou a gente pra ir lá. Conheci e tudo e vi que já tinha um trabalho de uma construção de uma rádio comunitária no Varjão. Já tinha tido uma oficina com antigos, antigos moradores de lá, jovens e tudo mais. Então, entrei nessa disciplina e achei interessante continuar esse trabalho de montar uma oficina, de montar uma oficina, né? Com outras pessoas, isso não foi uma idéia minha, foi mais uma proposição da disciplina e eu aceitei, eu topei, queria levar isso pra frente. E daí eu fiquei nela, na disciplina Comunicação Comunitária 1 e daí logo depois no segundo semestre eu continuei fazendo Comunicação Comunitária 2.

E: É, mas você lembra um pouquinho, é, por que teve essa proposição na disciplina?

L: Eu acho é uma própria demanda antiga da, lá do Varjão, que, que eles queriam montar uma rádio. Não sei, não sei exatamente se surgiu dos moradores da associação de moradores, que entrou com um pedido no Ministério da Comunicação, no Ministério da Comunicação ou se isso começou com os primeiros contatos da disciplina, isso eu não tenho certeza. Mas, eu sei que a, a comunidade do Varjão tava muito ansiosa por uma rádio. Isso os contatos que o próprio Paulino trouxe, né? Então, tava muito ansiosa pra ter uma rádio e nada mais, e o que aconteceu é que o Paulino foi trazendo essa discussão pra sala de aula, os outros participantes, os outros estudantes também, que são muito batalhadores, não só o Fernando Paulino, mas as pessoas interessadas nisso foi trazendo e aí, acho que a proposição partiu, partiu dessa idéia, da necessidade da comunidade de ter uma rádio e da necessidade da disciplina Comunicação Comunitária fomentar um trabalho em cima de, do, do princípio da disciplina, Comunicação Comunitária, e criar alguma coisa.

E: E o que você pensava da oficina de rádio antes de entrar nesse grupo?

L: Pensava em que termos? Pensava em...

E: Porque tinha outros grupos quando você entrou em Comunicação Comunitária.

L: Uhum.

E: Você poderia ter ido pro da praça, da biblioteca, da creche, vários outros. Mas, alguma coisa você já tinha pensado de cada um delas, o quê você pensou da oficina de rádio?

L: Ah! Não. Ah! Tá. Eu pensei. Deixe eu pensar um pouquinho. É, eu acho que assim, eu acho que eu nem queria ir pra oficina de rádio especificamente, porque como que a minha área é mais jornalismo, escrevo e não apareço, não gaguejo, não falo errado, que tem como corrigir, sempre foi mais aquela coisa de escrever atrás do texto; até pensei em entrar pra jornalismo impresso e tudo, que teve a produção de um jornal lá. Mas, aí, eu já, eu vi um pouco da filosofia do trabalho que eu participava antes, da Ralacoco, que era que todo mundo pode fazer parte de um... de alguma construção de uma rádio. E porque não, chegar lá mesmo com pouca experiência, mesmo gaguejando, mesmo sem ter o talento devido para rádio, porque que eu não poderia dar essa oficina lá dentro, né? Ajudar a construir já que eu já tinha uma experiência mínima anterior.”

(interrupção)

“E: O quê que você planejava fazer na oficina de rádio?

L: Como é que é?

E: O quê que você planejava fazer no grupo da oficina de rádio?

L: Caramba, tem que parar meia hora aqui e pensar, né? Enquanto isso vai gravando. Ah! Eu vou tentar jogar tópicos, o que mais me vem a cabeça. Em termos gerais, acho que a gente queria permitir uma troca com a comunidade, uma coisa de trazer... fazer com que ela tomasse a frente da rádio, que é... que ela

tivesse os mínimos conceitos, alguns mínimos conceitos de discussão, e que ela batalhasse para a construção de uma rádio e que tivesse o mínimo de instrumentalização. É, muito mais bonito falando do que fazendo, porque a gente se depõe com várias dificuldades e tudo mais... Se depõe não, se bate com várias dificuldades. Mas, eu acho que de planejamento, planejamento mesmo, assim, as atividades específicas?

E: É o que você pensava antes de entrar no grupo? 'O quê que eu posso fazer na oficina de rádio'?

L: Ah! Não, então acho que a resposta que você quer é que eu poderia dar um pouco da parte técnica, né? Eu acho que trazer um pouco da... da... dessa capacitação técnica, que eu já tinha, tinha pego na Ralacoco, ali. 'Ah! Eu quero fazer parte da comissão técnica da Ralacoco'. Aí eu entrei e mexi nos equipamentos, aprendi que as pessoas que faziam parte da comissão técnica não sabiam muita coisa. Então, a gente podia construir alguma coisa. juntos. Cabeí ficando meio que sozinho uma época e fui descobrindo, pesquisando e tudo. Então eu percebi, 'Pôxa, se eu consegui, (risos) por que outra pessoa não poderia pegar essas coisas e, às vezes, a discussão parece ser chata ou não, mas quando você descobre que você consegue entender onde liga um cabo e fazer aquilo funciona e fazer aquilo... que seja comunicação, que, que faça outra pessoa ouvir a partir de uma simples ligação, acho que isso tinha algum valor. Então, eu queria ajudar em toda estrutura da oficina de rádio, mas eu acho que eu, a coisa que eu mais poderia dar lá era essa parte técnica, e não técnica meramente burra, que você vai repetir comandos. Mas, que se possa construir novos, pesquisar e inovar também, né? Uma coisa que a tecnologia permite.

E: E por que você entrou no grupo de rádio?

L: Você não perguntou isso no começo?

E: Hum, mas você não respondeu.

L: Foi por que que eu entrei. Ah! Tá! Que eu falei que queria no impresso, mas não chegou. Então aí, eu respondi sim, que eu queria, que eu sabia, tinha alguma construção anterior, na Ralacoco mesmo. Não sendo um sábio em rádio e tudo mais. Então, eu achava que eu poderia contribuir muito mais em uma coisa que eu já tinha uma experiência e eu tinha uma discussão anterior que não precisa ser um grande intelectual, um grande sabedor, cheio de diploma para dar uma oficina de rádio e sim que se chame a comunidade, sente e discuta com ela algumas perspectivas e que consiga construir isso junto. É um trabalho mais difícil do que você chegar lá com manuais prontos formados, mas que eu acho que tem muito mais valor quando se tem algum resultado. Então, eu acho que eu respondi.

E: Respondeu duas. (risos). Quais foram suas primeiras impressões na oficina?

L: Cara que tudo, eu acho que as primeiras, as primeiras impressões eram que a gente pensa demais e na hora de acontecer é tudo diferente... Eu acho que a primeira coisa que a gente pegou ali foi a dificuldade em passar a idéia, passar a idéia do que a gente queria ali. Que as pessoas iam porque.

E: O quê que a gente queria ali?

L: O quê que a gente queria ali? Eu acho que construir, pelo menos na oficina de rádio, era permitir que as pessoas construíssem a oficina de rádio, não a gente como capacitadores e tudo. Mas, a comunidade construísse isso, que ela se entendesse como rádio e que partisse dali para frente e que não precisasse mais desse alicerce, que seríamos nós, né?

E: O quê significa se entender como rádio?

L: Acho que se entender como rádio, é entender porquê fazer rádio, porquê fazer uma comunicação comunitária, qual a necessidade ali dentro da comunidade, se é divulgar os problemas, questionar as autoridades... divulgar as coisas boas também, prover um discurso, um debate ali na comunidade, atrair as pessoas, levantar a auto-estima e... Isso é uma parte, de entender o conceito de porquê fazer a rádio e acho que também a outra é de dar uma perspectiva de vida, assim, ter alguma coisa para fazer ali. Eu acho que a rádio é um grande instrumento. Acho que as pessoas que as pessoas que estão ali sábado e domingo sem fazer nada poderiam participar de, de uma coisa diferente, que uma coisa que se fosse deixar correr, eu acho que ninguém levaria nada para eles, né? Mas, que eles possam buscar, mas é mais difícil.

E: Quando você fala em rádio, você fica pensando em quê?

L: Quando eu falo em rádio?

E: É.

L: Você diz em... Cara, é porque a minha concepção de rádio já mudou tanto por causa da, dessa história. Antigamente, eu pensava rádio como sintonizar 104,45, aí você ouve lá a programação e tudo, e fala 'Ah! Legal eu fui informado, ouvi rádio, estive na rádio, teve rádio'. Mas, acho que agora fala em rádio eu penso em um coletivo que quer fazer uma comunicação por vias sonora. Ah! Todo mundo ouvindo e que, que esse rádio não seja só na hora em que ele ligou o aparelho e está transmitindo. Mas, que rádio está uma construção do conteúdo, da discussão para quê, por quê. Não sei se eu estou sendo retórico até, acho que é isso.

E: Quem é todo mundo ouvindo?

L: Acho que, quem é todo mundo ouvindo?

E: Porque todo mundo é muita coisa.

L: Ah a Juliana não me deixa ser genérico. Fugir pelas tangentes. Na, eu acho que todo mundo, todo mundo, não vai ser ninguém. Primeiro, que se fizesse uma transmissão ali com um transmissor de 25 watts seria quase só a região do Varjão ouvindo, se fosse 50 também, só um pouquinho da asa norte. Acho que pra transmitir pra todo mundo, assim, Argentina, Japão, a gente precisaria de um bocadinho (risos). Brincadeira, deixa eu voltar à pergunta e parar de fugir. Cara, eu acho que todo mundo ali é as pessoas, a comunidade local, quem tivesse o interesse em ouvir uma rádio que tivesse uma linguagem mais próxima da, de um contexto mais próximo a sua vida.

E: Certo, você tava falando de suas impressões, primeiras impressões.

L: Ah! Sim, tem que voltar? Tá vendo a gente foge da pergunta. Ah! Não. Minhas primeiras impressões foi isso, toda essa construção, toda essa dificuldade das pessoas se perceberem como, como um grupo que quer montar uma rádio, quer ser uma rádio. E as dificuldades que a gente criou milhares de planos e as coisas não foram acontecendo. Eu acho que as primeiras impressões foram de desânimo até e depois. Não, tá, as primeiras impressões foram de desânimo.

E: Não, pode falar que a próxima pergunta é se as impressões mudaram e como?

L: Não, ué, essas impressões elas mudaram não deixou de ser difícil as coisas, mas... É interessante até mesmo para a formação de vida, a própria experiência da gente que foi lá dar capacitação, que a gente aprendeu a lidar com essas adversidades, que a gente não vai querer mudar o mundo, salvar o mundo com apenas discursos, ou apenas uma mínima capacitação, que aquilo ali é apenas um começo e que é uma tentativa, né? Talvez não tenha êxito no futuro, não tenha nada, mas pelo menos é uma tentativa, se não houvesse essa tentativa, talvez não se mudasse nada, nem que seja por uma pessoa ali na rádio, em um grupo que tinha, grupo, às vezes, de 10 pessoas, 8 pessoas, 5. Mas, apenas 1 pessoa tivesse mudado ali, eu acho que isso valeria a pena. Porque aí a gente pensa naquela coisa da, uma pessoa vai passando para outra e em algum momento aquilo vai se difundir e que necessariamente não precisa ser para todo mundo, mas atingindo um pouco da comunidade. Pode falar quando eu tiver sendo retórico e fugindo do assunto.

E: Eu acho que tá sendo legal, tô vendo um monte de cruzamento na minha cabeça de outras entrevistas. Então você participou de algum planejamento da oficina de rádio?

L: Cara, eu participei de uns almoços lá, uns almoços interessantes, que aí foram. Eu participei sim, eu acho que eu participei da maioria, se eu não me engano. Não sei quantos, mas eu me lembro de um que foi na casa da Maria José, mais conhecida como Mazé, que foi uma macarronada lá, meio ...

E: Foi strogonoff.

L: É strogonoff, tá vendo que eu não tenho boa memória, né? Se vocês quiserem mudar tudo depois. (risos). É, a gente até participou com a Roninha, que é uma das participantes do grupo, que a gente sentou e foi discutir os problemas, o que estava achando e tudo mais. Se não me engano, se foi nesse momento ou em outro, que ela falou que tinha momento que tava muito chato. Tava muito chato o que a gente estava fazendo... e a gente percebeu que era exatamente porque as pessoas não estavam conseguindo perceber aquilo, tinha um problema de comunicação até na oficina, que a gente falava uma língua, a pessoa entendia outra e às vezes esperava uma coisa delas e elas estavam esperando outra da gente, ou às vezes não estava nem esperando, só estava ali mesmo porque estava ocioso no sábado e domingo.

E: É, e como que aconteciam os planejamentos tanto do conteúdo, quanto das atividades da oficina?

L: Tanto do conteúdo, quanto das atividades da oficina? Cara, eu acho que tinha uma grande falta ali de um planejamento mais consistente, porque falava em fazer um planejamento mais consistente, marcava 2 ou 3 reuniões, mas aquilo não era... Como é que fala? Não era tão contundente assim. Mas...

E: O quê você quer dizer com contundente?

L: Ah! Não sei, mas, assim, eu acho que a gente começou a fazer e depois planejou.

E: Ah? Como? A gente começou a fazer e depois planejou.

L: Peraí, deixa eu organizar a minha memória.

E: Não, eu não entendi, é sério.

L: Não, é porque eu lembrei, eu lembrei de outro fato aqui que eu queria colocar no meio.

E: Ah, tá.

L: Eu acho que a gente começou a fazer a oficina, assim, nessa vontade de fazer rádio, a gente discutiu algumas coisas teóricas lá na Comunicação Comunitária. mas eram em termos mais gerais, mas para produzir a oficina de rádio a gente pensou inicialmente, mas não fez o planejamento a longo prazo. Aí, depois chamou a Roninha e fez esse planejamento, então fez esse planejamento. Sentou lá com todo mundo e aí, esse planejamento era para ser usado, mas ele também não foi cumprido na totalidade, que aí você poderia dizer 'Ah! Foi uma merda não ter cumprido e tal, foi todo mundo irresponsável'. Mas, não, foi aí o grande desafio e a grande descoberta, que as coisas mudam, as pessoas faltam, as pessoas ficam doentes, as pessoas não têm interesse, as pessoas trabalham no sábado e que por isso as coisas não acontecem tão matematicamente, tão... ah eu esqueci o termo lá do cara... da matemática lá... depois vocês colocam no Michaelis e digitam, mas, o cara muito cartesiano, muito cartesiano, né? Então a gente

descobriu, a gente tinha até umas participantes no grupo, não sei se a Juliana chegou a entrevistar, que eram pessoas de Comunicação Comunitária 1.”

(fim da fita)

“E: Diga, as pessoas de Comunicação Comunitária 1 falavam que não seguia o cronograma.

L: Ah! Não. É... elas ficavam chateadas porque elas pensavam em fazer uma coisa no sábado, e as coisas não aconteciam. Então, elas ficavam meio... vamos usar o termo, putas mesmo. Só que. Putas no bom sentido, viu? Acho que não tem mal sentido nem bom. É... então, elas ficavam assim ‘Ah meu Deus! A gente veio aqui para dar uma, fazer, participar da disciplina e tudo, e as coisas não acontecem, vocês mudam tudo’ e ficavam brigando com a gente como se, como se isso dependesse necessariamente do pessoal de Comunicação Comunitária 2. Só que elas não tinham percebido ainda, que a gente conseguiu perceber acho que 1 semestre atrás é que as coisas são difíceis é... as pessoas mudam e que a gente está lidando com pessoas, lidando com situações totalmente diferentes, das nossas, né? Então, é muito fácil chegar ali ‘Ah! Eu quero cumprir minha disciplina de 4 créditos. Quero encher a cabeça das pessoas de tal informação e depois volto para a casa e durmo feliz’. Mas, não, se tenta encher a cabeça da pessoa de informação, rebate tudo, talvez uma coisa ou outra entra, e não é uma coisa só de sábado, você vai ter que ir sexta, participar de reunião de segunda, terça. Como elas reclamaram também ‘Ah! Vocês fazem reunião no meio da semana ou tentam conversar, assim não dá’. Mas, assim também não dá com a comunidade que não só existe em um dia, ela existe durante toda a semana.

E: E as coisas não aconteciam por quê? Era esse fator humano que levava a não acontecer? O quê que era?

L: Ah! Cara.

E: Quais eram os problemas que você falou?

L: Ah! Por que não acontecia?

E: É.

L: Tá, vamos lá, vou tentar trazer mais pro prático. Bom, teve um dia em que faltou participantes, os participantes não iam, apareciam 2 ou 3 pessoas que a gente ia na casa das pessoas chamar, porque não tava a fim, tinha curso no dia, tinha trabalho no dia, ou tinha outras prioridades que não era a rádio. Isso é uma coisa, a falta das pessoas participando, a falta de continuidade no trabalho. Outro problema, hum... Por que as coisas não aconteciam? Outro problema era que a gente pedia pra fazer umas coisas e as coisas não eram feitas não porque as pessoas não queriam, mas eu acho que elas não tavam muito assimiladas com o quê a gente queria que elas fizessem. Outras coisas, aí tem que lembrar, cara, tenho péssima memória. Teve motivo mais prático, faltou ônibus, aí foi difícil, chegamos atrasados. Aparecia outro grupo lá, associação cultural que precisava fazer uma atividade, então a nossa atividade foi interrompida por causa de limite físico, questão de espaço, questão de barulho, a gente nunca pôde. Teve que entrar nessa atividade, por exemplo. Acho que teve, eu não vou lembrar especificamente, talvez a Juliana possa fazer o resgate na pesquisa dela. É, mas é... teve algumas coisas assim, coisas de interrupção. Às vezes uma necessidade passava na frente da outra, uma prioridade, e a gente sempre reclamava. Eu acho que eu fui um cara que fechei a cara umas três vezes lá porque ‘Ah! Eu quero que as coisas aconteçam, que o meu grupo funcione’. Mas, aí.

E: Fechava a cara pra alguém específico?

L: Ah! Eu acho que eu fechei pro Paulino, não sei se eu fechei pra Juliana, pra Juliana não. Não sei. Eu lembro que para o Paulino eu fechei a cara feio, não sei nem se foi para ele especificamente...

E: Por quê?

L: Cara, assim, se for um dia lembrando assim, eu acho que eu queria que alguma coisa acontecesse, organizada e tudo, eu queria o meu padrão metódico, não sei. Eu não sou tão metódico, mas quando eu sou eu fico com raiva porque as coisas mudam e o Paulino mais tranquilo e tudo, ele queria envolver todos os grupos em uma atividade. E daí foi o Paulino, outros grupos se envolvendo em outra coisa, atrapalhando o quê? Daí eu fiquei ‘Ai, ai, que merda, isso não acontece e tal, a gente vem e se desgasta aqui, vem dá o trabalho todo, dão o suor e tudo, vem e as coisas não acontecem, que chato, eu não quero participar’. Pô, aí você percebe que você vai fazer essa crítica com eles ou com você mesmo, que você não está sendo um pouco egoísta de achar que as coisas vão rodar, vão acontecer ao seu redor, né? Esse é um grande problema quando você lida com comunidade, você acha que elas são obrigadas a estarem ali perto de você toda hora.

E: E você quer falar mais alguma coisa sobre como aconteciam os planejamentos?

L: Como acontecia? É eu tenho que lembra. Ah! Não. Mas, você fala, assim, questões sensoriais mesmo?

E: Sensorial (risos).

L: Ah! Não sei, às vezes tava tudo calmo, relax.

E: Não, como que era? Como que funcionava? Tinha alguma metodologia? Tinha alguma forma de fazer? Tinha... como que era?

L: Eu acho que eu, como sou uma pessoa meio bagunçada mentalmente, eu acho que eu não lembro especificamente eu lembro que a gente dividia funções. Tirava, pensava, fazia tipo um desabafo primeiro do que aconteceu, do que estava esperando é... Cara, eu não lembro. Mas, acho que aí a gente pensava no que ia trazer para a próxima aula, o que a gente ia fazer, dividia as funções, o que a gente ia fazer, dividia as funções, quem ia trazer o quê, trazer o quê. E levava para a próxima aula. Mas, eu acho que tinha mais coisas, as nuances que eu não lembro.

E: Você modificaria alguma coisa nesses planejamentos?

L: Se eu modificaria alguma coisa? É difícil dizer porque o que aconteceu passou. Assim, o que aconteceu é um processo, uma experiência. Então, eu vou modificar uma coisa que aconteceu para melhorar no futuro. Não, não via acontecer de novo, a comunidade não vai ser a mesma, as pessoas não vão estar com o mesmo sorriso na cara.

E: Mas, no planejamento?

L: Então, pois é, eu acho que o planejamento dependente muito o que você sentiu da comunidade, o seu primeiro contato, do que você tá trazendo. Planejamento. Eu acho que não é a forma do planejamento em si, mas o conteúdo que você já tem nesse planejamento pra traçar. Claro que é bom ter uma organização, claro que é bom você tentar cumprir ao máximo esse planejamento pra que as coisas aconteçam e, talvez a única coisa que poderia mudar nesse planejamento. A única coisa não, vai, que tem mais coisa, a coisa que poderia mudar é pensar mais a longo prazo mesmo pra uma forma que segure as pessoas na oficina. Talvez, trabalhando, trabalhar com algumas coisas vencidas que todo mundo faz, usar um certificado, não sei se seria a melhor forma, mas mostra pra pessoa.

E: Qual que é a melhor... Desculpe, termina.

L: Não, não, pode continuar, depois você corta isso.

E: Qual que é a importância do certificado?

L: Cara, na verdade, assim, ideologicamente um certificado não vale nada, que é um papel. Mas, eu acho que vale mais, que a pessoa vai mostrar para outro que participou de alguma coisa e que na hora dela buscar seu trabalho e tal, acho que amanhã o Manu vai falar muito dessa questão da prática. Da questão da... O Manu que é um dos nossos companheiros, fala muito disso 'Você fica teorizando, teorizando, mas, pô, a pessoa precisa trabalhar' e você vai ver o Manu vai estralar o dedo direto, 'Vamo fazer isso, vamo fazer aquilo', 'E agora, e o agora?'. Então eu acho que o certificado ajuda muito nesse sentido de buscar um emprego, buscar uma formação melhor. Mostrar que teve aquele trabalho, aquele processo, que fica aquele registro mesmo. Acho que é mais um registro que você passou por uma fase, e que as pessoas saibam reconhecer isso no futuro também.

E: Quais eram os objetivos da oficina de rádio?

L: Quais eram os objetivos da oficina de rádio? Cara, eu acho que a Jú já fez essa pergunta uma três vezes só pra eu me confundir. Aí ela pega a primeira parte, analisa com segunda resposta (risos), com a terceira e fala 'Pô, Leyberson, você mudou só nesse discurso'. É legal essas coisas de psicólogo. Xô pensar. Cara quais eram os objetivos da rádio?

E: Da oficina de rádio.

L: Da oficina de rádio. Era fazer as pessoas se entenderem como rádio?

E: É?

L: Fazer as pessoas tomarem conta da rádio, montarem a rádio e tocarem a rádio. E... e mais audacioso ainda, fazer que novos atores entrassem nessa rádio, que as pessoas, propagar isso pra outras pessoas.

E: E esses objetivos mudaram?

L: Pra mim? Ou pra eles?

E: Durante a oficina. Não sei, aberto.

L: Ah é? Se os objetivos mudaram. Cara, as demandas mudavam, eu acho. Os objetivos permaneciam os mesmos, inertes, mas eu acho que a, ah sei lá, um bazar para arrecadar dinheiro pra oficina ou pro, aí, pra, aí tá, ou pra creche mudavam. Então, isso mudava e segurava um pouco o objetivo X que a gente tinha. Ia trabalhar com outra perspectiva, e com as interrupções que tinham, que eu não posso falar que eram ruins, agora, em uma análise mais crítica. Mas, que, que seguravam esses objetivos um pouco e atrasavam talvez. Os objetivos sempre continuam,

E: É... o quê que a oficina de rádio fazia?

L: (risos) O quê que ela fazia? Então, vamos lá, ela sentava com os participantes em círculo. Apresentava uma idéia. Trazia 'Vamos hoje falar sobre...'. Às vezes nem tinha o que falar, a gente trazia na hora. Mas, é sério, eu acho que rolou isso já, pelo menos da minha parte, eu era meio picareta às vezes. Às vezes muito competente, às vezes muito picareta. É... Deixa eu ver. Cara, eu.

E: Vai ficar registrado depois que eu formar, sabia? É uma monografia.

L: Que eu to falando que eu sou picareta?

E: É.

L: Cara, eu lembro que eu, às vezes, por n motivos eu.

E: Mas, tem que falar mesmo.

L: Eu tinha que discutir mais, aprofundar no que eu ia dar na aula de sábado, mas eu não fazia isso. Eu ia muito mais pelo tal *feeling*.

E: Mas, isso é uma coisa boa ou ruim?

L: Cara, esse negócio de visão de boa ou ruim, não vai dar certo, porque é uma coisa que poderia ser boa em certos momentos, mas ruim. É sempre bom você ter uma abordagem crítica, uma discussão, uma leitura de texto. Ou sei lá, tentava pensar um pouco que seja no trabalho que vai desenvolver, mas eu acho que nem sempre rolava. E tinha vez.

E: E por que não rolava?

L: Ah! Porque os seres humanos são malditos, ou tão com preguiça ou tão com muito trabalho, ou não tão com saco praquilo mesmo. Ah! Sei lá, eu acho que é dificuldades do dia a dia mesmo, que interrompe, às vezes não dá. É, tá, quais os objetivos da rádio? É isso?

E: Não, o quê que a rádio fazia?

L: Não, o quê que a rádio fazia? Tá, a gente fazia reuniões, trazia algumas, alguns textos. Eu não sei se a gente já leu algum texto, não lembro. Acho que isso é alguma coisa que eu gostaria, não sei, um exemplo, falar aqui. Mas eu acho que a gente colocava principalmente eles para falarem muito, o quê que achavam, o quê que queriam. Dava, dividiam algumas pautas, algumas matérias para eles fazerem. Tentava levar em algumas atividades, como foi lá uma atividade no Lago Norte, no Lago Sul, na verdade, ah, na ponte, na terceira ponte do lago. Tentava dar uma capacitação técnica também. Como 'Ó, esse equipamento liga aqui'. Essa parte era mó chata, eu via a cara da Juliana Mendes olhando para mim, 'Você está falando muito difícil, ninguém está entendendo nada'. Aí eu fiquei puto com ela também. Agora eu lembrei, nesse dia eu fechei a cara para ela, fechei mesmo (risos). Mas, tudo bem porque eu sou meio estressadinho, assim.

E: Mais alguma coisa que a oficina de rádio fazia?

L: Fazia umas rádio-poste de vez em quando. Participava do programa na Shekná, que era uma rádio evangélica, que cedeu um espaço lá para a gente. Não sei se você quer que eu conte a história tudo da rádio Shekná, pode, precisa?

E: Ah! Já que você falou.

L: Ah! Mas, ninguém falou isso ainda? Não, pô, a rádio Shekná é uma rádio evangélica ileg... que não está dentro da lei lá. E que funcionava a 50 watts e só tinha programação evangélica, que era de uma igreja e foi convidado a gente pra participar, que eles se diziam comunitários, que abriram um espaço pro *rap*. Então, pro *rap* não, mas pra comunidade, que no caso, por ter ido uma associação lá da AOPA, a AOPA, chamou a gente.

E: Quem chamou a gente?

L: Cara, porque quem veio primeiro contato lá foi aquele presidente da associação lá, esqueci o nome dele.

E: O Dida.

L: O Dida, a Juliana tá chutando. É, o Dida veio lá e falou que tinha um pastor, o pastor Jorge, não era?

E: Fernando.

L: Ah! Fernando Jorge, não sei, que passou por aí. Veio o pastor Fernando e falou com o Dida que havia um espaço pra fazer a participação de rádio. Que tinham aberto um espaço, tinha e tal. Veio e a gente foi, e discutiu com o pessoal e o pessoal foi lá fazer uma programação. Começou com uma programação de *rap* gospel, de falar, de evitar falar os termos que eram normalmente utilizado. Até um xingamento não poderia ser utilizado no ar. Primeiro, porque nem sempre é bom, né? Segundo porque era evangélico e o pessoal tinha medo. E o pessoal começou a ter experiência de rádio, que era uma transmissão, era uma divulgação. E também começou a aparecer os egos de quem tava participando, porque.

E: O quê significa isso?

L: É, eu acho que quando você tá ali de frente de uma rádio, de frente, você começa a ganhar, você começa a ter espaço, ter voz, as pessoas te escutarem. Eu acho que isso mexe com, um pouco com o ego da pessoa, assim. Às vezes eu quero falar muito e a pessoa não deixa, às vezes eu quero falar pouco e a pessoa manda eu falar muito. Por exemplo, tinha lá... Como é que era o líder comunitário lá? O Costa lá?

E: O João Costa.

L: O João Costa e, e os boatos que rolavam é que ele falava que o programa era só dele. Eu não posso afirmar com 100% certeza que era ele porque eu não fiz uma apuração, eu não ouvi nada. Mas, os meninos chegavam, alguns meninos chegavam a reclamar, que eu não vou falar o nome, que aí seria um pouco antiético. Você também tem que tratar isso bem no texto, tá? Criar um conflito e ninguém morrer lá. Mas, os meninos chegavam 'O João Costa tá falando que o programa é só dele e tal' e ficavam pê da vida mesmo com a situação, porque era um programa, e era uma coisa que a gente discutia muito nas

oficinas, que era exatamente de todo mundo, que todo mundo constrói, depende do coletivo. De repente alguém vai e sobressai mais, porque sabe falar melhor, porque já participou, já trabalhou em uma rádio. Que saber falar melhor também é relativo, que sabe, que é menos tímido e tudo, que toma a frente, como é um líder comunitário e tudo. E o pessoal ficou meio chateado assim e tudo. E eu acho que o ego é nesse sentido.

E: É... e quais são as influências da oficina de rádio tanto em você, quanto no pessoal do Varjão?

L: Tanto em mim, quanto no pessoal do Varjão? Assim, para os poucos que resistiram lá no Varjão, acho que ficou alguma coisa, não saberia dizer o quê ficou, não sei se profissionalmente isso vai ser bom pra eles, não sei se pessoalmente isso vai ser bom pra eles. Mas, sei que, que alguma mensagem ficou, porque perderam. Perderam entre aspas tempo pra ir lá, participar das atividades que nem sempre aconteciam da melhor forma possível. Às vezes eles ficavam meio perdidos, a gente ficava meio perdidos. Deixa eu ver, Juliana, não, não acabou ainda a fita. É, a gente ficava meio perdidos, eles também ficavam meio perdidos. Mas, eu acho que pras pessoas lá criou primeiro uma relação pessoal muito forte lá, perceberam que os universitários não são bichinhos extraterrestres, né? Que podem ser amigos também, que podem ser normais, ou anormais como todo mundo. Ou seja, quebrou esse muro que existe entre quem é inteligente, quem não é inteligente, quem tem curso, quem não tem curso. Essa coisa meio mistificado aí pelas divisões sociais, pelas tais lutas de classe (ó que medo, daqui a pouquinho eu falo de Marx aqui). (risos). E, assim, teve a parte da própria rádio mesmo, é, eu acho que a Ju mesmo que em trouxe, então não é uma coisa que, eu me afastei um pouco lá do contato, por dificuldades, às vezes por que tinha que fazer outras coisas no sábado, então, depois de Comunicação Comunitária 2 eu não continuei. Mas, então, parece que algumas pessoas só se perceberam como rádio, que querem rádio, depois que, depois que acabou tudo, que não tá mais acontecendo oficina e tudo, que aparece a menina lá, que é a Sabrina que 'Vamo lá montar a rádio', que quer puxar também eu passei a gostar mais dessa coisa de democratização, de comunicação comunitária porque eu tive um contato prático, não era só uma coisa de discussão, de estudante ao redor 'Vamos democratizar a comunicação', direito de todo mundo e tal. Eu percebi que isso pode existir realmente, não sei se no Varjão isso tá existindo com toda a efervescência que eu imaginava, que eu esperava. Mas, eu acho que ficou essa boa vontade, ficou essa coisa de existe rádio, isso deve existir pra todo mundo. Se existem meios de comunicação, que as pessoas devem ocupar, independentes de serem formadas ou não, cada uma ali no seu espaço e que possam participar, genericamente. E agora, no caso, eu to levando meu projeto final, vou levar, com esse trabalho de oficina de rádio lá em Padre Bernardo, que é um projeto de extensão da UnB, então eu to aproveitando todas as experiências possíveis que eu tive. Acho que no Varjão foi uma grande primeira experiência de que existem milhares de cuidados, milhares de adversidades, e que eu vou ter que levar isso pra frente e tentar solucionar.

E: E o quê você teria feito de diferente na oficina de rádio?

L: Cara, tirado a Juliana Mendes, era a primeira coisa. Maquiavelicamente pensando assim, há há, os fins justificam os meios. Isso você vai cortar, né?

E: Não.

L: Não? Então, tirar a Juliana Mendes, não vou me corrigir, me retratar aqui publicamente. Eu não tiraria a Juliana Mendes não, que ela é uma das pessoas que dava mais ordem ao trem. É, cara, de verdade, assim, sem brincadeira, o quê que eu faria na...

E: Diferente na oficina de rádio.

L: Diferente na rádio. É meio difícil falar assim o quê naquele momento eu faria de diferente, mas eu acho que futuramente, eu já chegaria mais com uma consciência do que eu estou fazendo ali. Uma, uma crítica pessoal a todo o meu trabalho e pensar direito o que eu to fazendo ali, que ali não é, essa questão da experimentação, por mais que eu estou ali aprendendo com as pessoas tenho que ter a consciência de que quando você cria uma expectativa, tem que ter cuidado para não se frustrar, né? Eu acho que é a primeira, tudo, é o quê eu for fazer lá, tivesse esse pensamento antes, que era, o quê que eu vou causar a falar isso. Isso eu acho que é uma coisa que a gente tem que pensar muito. E, em termos práticos, assim, o quê eu mudaria? Acho que talvez dividiria mais funções, assim, tentar, tentar evitar essa coisa de eu sei um pouco mais da parte técnica, então eu uso isso. Tentar colocar cada um pra fazer e se não fizer, deu erro e tipo porquê que deu erro. Eu até pensei, vou centralizar mais e deixar as coisas funcionarem. Deixar as coisas funcionarem que eu já sei mexer um pouquinho, como se fosse um ponto de sucesso da rádio. Mas, eu acho que não, que era, tipo, que a minha idéia seria dificultar ainda mais o trabalho.

E: Tipo, desculpa, eu não entendi você queria que se dividisse mais as funções ou que não se dividisse mais as funções?

L: Ah! Não, desculpa, eu confundi, então. Não, no primeiro momento, eu queria, eu até quis centralizar muito certos trabalhos técnicos para que as coisas acontecessem, os outros processos acontecessem, de rádio. Mas, acho que agora se eu fosse levar, eu levaria ainda mais dividido, por mais que eu dividi alguma vez, mas eu centralizei, eu sei que eu centralizei algumas coisas, levasse mais dividido ainda essa parte técnica, quem vai fazer o quê, o quê vai fazer o quê, pra quê? E que, que o meu envolvimento

fosse o mínimo possível nessa construção, que fosse mais uma coisa de divisão e aconselhamento, conselho, porque se as pessoas não entenderem a dificuldade de cada processo, se a gente sair dali, aí que a primeira dificuldade vai buscar... Agora confundi um pouco... Aquela primeira dificuldade vai ter que correr atrás de uma pessoa de fora, não, às vezes essa construção demorada sirva pra alguma coisa nos problemas futuros. Isso é o que eu faria.

E: Quais são os pontos fortes e os desafios da oficina de rádio?

L: Quais são os pontos fortes e...

E: Os principais desafios.

L: Mas, isso não é contraditório.

E: Como assim?

L: Os pontos fortes podem ser desafios também.

E: Podem.

L: Quais são os pontos fra... Cara, eu tenho que pensar, tem hora que tem que dar *pause* bota meia hora pra pessoa pensar e escrever, não consigo pensar, assim, racionalmente. Pontos fortes? Do grupo? Mas, depende, do grupo?

E: Da oficina.

L: Da oficina. Cara eu acho que o grande ponto forte é mostrar que cada um pode fazer rádio, né? Que essa é a grande idéia, assim. Não teria outra coisa pra dizer senão eu taria meio jogando, falando muita besteira aqui que você vai me cortar depois.

E: E os desafios?

L: Os grandes desafios... Eu acho, aí cara, eu falei isso agorinha a pouco. Grande desafio... Se bem que eu falo demais e isso confunde. E... O desafio... Era chegar a 60 com a Juliana Mendes dirigindo, pode ser? (risos)

E: Não.

L: Ah, não, isso é mais de satisfação própria, né? De fazer o outro correr. Cara, o grande desafio da rádio é fazer, e não deixar a peteca cair mesmo. A Juliana não deixa eu mexer no aparelho aqui que vai quebrar, né Juliana? Tem que fazer as pessoas perderem essa mania de 'Não mexe nas coisas'.

E: Depois eu vou usar essa fita.

L: Mas, você vai usar essa fita?

E: Eu vou transcrever depois.

L: Ah! Transcrever, mas isso aí dá pra transcrever depois. É, eu acho que o grande desafio mesmo, usando clichê, é não deixar a peteca cair, né? Que é que as pessoas se sintam, e isso seja um processo eterno talvez, até que caia uma bomba nuclear e todo mundo morra, eu acho que pelo menos as baratinhas façam a rádio. (risos)

E: Por que você deixou de participar da oficina?

L: Por que você tá rindo, Juliana?

E: Vai ser tão bom analisar seu discurso. Você não tem nem noção.

L: É, noção eu não tenho por isso que vai ser tão bom analisar o discurso.

E: Por que você deixou de participar da oficina?

L: Por que eu deixei de participar da oficina, ei, como você fez essa pergunta? É genérica ou foi só pra mim?

E: Não, é genérica.

L: Ah. Eu deixei de participar da oficina porque eu tinha que fazer primeiro um curso de espanhol, precisava aprender uma língua, então, eu tomei isso como prioridade naquele horário, não porque não era menos importante, mas eu tinha que fazer um curso. Aí era de espanhol porque era o único horário que eu tinha. Senão eu não almoçava ou morria de fome. Que mais? Tô fazendo meu drama, não, né? Pode cortar essa parte. É, isso, primeiro, e segundo questão de horário, eu não tinha como participar nos sábados, né? Por mais que, eu não cortei minhas relações no que eu possa ajudar e tal, assim. Se precisarem, se eu tiver tempo, horário e tudo, eu vou lá ajudar numa boa. Eu só não posso me comprometer todo sábado no mesmo bat-horário a participar da oficina pelo menos nesse semestre.

E: E quais fatores dificultaram ou auxiliaram o desenvolvimento, aí, desculpar. Quais fatores dificultam ou auxiliam no desenvolvimento de uma atividade de extensão?

L: Porque ela só faz perguntas genéricas? Pergunta os nomes dos participantes pra ver se eu lembro e tal?

E: No final tem as perguntas burocráticas.

L: Ah! Tem as perguntas burocráticas? Quanto anos, é? Quais os fatores?

E: Quais os fatores que dificultam ou auxiliam o desenvolvimento de uma atividade de extensão?

L: Ah, sim. Eu acho que a primeira dificuldade ali é porque isso foi no campo universitário, dentro da academia? A atividade de extensão?

E: É, extensão dentro de uma universidade.

L: É porque isso pode ter em vários lugares, mas dentro da universidade para nós estudantes, é, primeiro, a cultura de que extensão seja uma coisa a parte dentro da universidade, seja mais uma questão de se estar bem consigo mesmo e tal, de estar bem ‘Ah! Meu Deus! Eu estou fazendo um trabalho social, que bonitinho e tal’. Acho que existe essa grande barreira de quebrar que isso é uma necessidade da universidade, o tal tripé deve funcionar. Que faça pesquisa, mas que faça extensão realmente desde do início. E outra dificuldade é saber que as pessoas não são melhores ou piores do que ninguém, principalmente os universitários, que geralmente têm prepotência, isso também não tira o meu da reta, não tira o de ninguém, que eu acho que a gente chega lá muito prepotente na nossa sabedoria ou às vezes, a gente também se diminui, não sei se isso aconteceu com alguém lá. ‘Ah! Eu sou universitário, mas eu não sei nada’, acaba esquecendo que esse pouquinho que você sabe pode levar e acabar ajudando uma comunidade. É... então é isso, tem essas dificuldades, e quais são?

E: O quê que auxilia?

L: O quê auxilia a atividade de extensão? Cara, dentro da academia hoje pouquíssima coisa auxilia.

E: Mas, você sabe dizer alguma coisa?

L: O quê auxilia, cara... Ah! Eu acho que existem pessoas que pensam no social dentro da universidade (risos). Mas é sério existem pessoas que tocam o barco pra frente, sacou? Consegue fazer isso e tem o fator, fatorzinho. Eu acho que, cara, pelo menos o discurso existe, né? Lá dentro da universidade.

E: E onde esse discurso tá?

L: Nem que seja nos livros ou na retórica de alguns professores. Eu acho que, por ser bonitinho falar de extensão, falar de sociedade, comunidade e tal. Da necessidade de se dar bem com o outro, de viver em sociedade, fazer isso. Eu acho que essa questão do discurso tá, ainda tá impregnado na universidade, que deveria não ser só um discurso, mas uma prática do tripé, porque isso é o mínimo que facilita lá dentro. Não sei se isso é exatamente a resposta melhor que eu daria. Mas, eu acho que em termos gerais é.”

(acréscimos)

“E: Dúvidas, angústias, crises?

L: Não, cara, eu acho que crise é o que mais tem lá. De Comunicação Comunitária? Ah, tá! Tem uma grande crítica aí na, na discussão de como estava sendo dirigida a Comunicação Comunitária. Eu acho que uma coisa que tem que deixar registrada é que às vezes o Paulino que era o coordenador na época, professor...”

(fim da fita)

“L: Bom, então, eu tava falando, eu tava falando assim. Como a própria filosofia de trabalho do Paulino é uma coisa mais solta, da pessoa se envolver com a atividade, tocar isso. Tanto é que ela falava assim ‘Ó, é mais importante...’... Assim, tinha muita crítica muita gente fazia pelos 4 créditos, deixava de fazer as coisas com compromisso e seriedade. Mas, o Paulino até dizia, disse uma vez no ônibus até ‘Mas pelo menos daí tá saindo algumas Julianas Mendes, alguns Aertons Guimarães e tal, algumas pessoas que valiam a pena, né?’. Então, pelo menos ele tocava esse lado bom, mas uma crítica a esse pensar, uma crítica nem positiva, nem negativa, mas construtiva mesmo, de que às vezes acabava muito solto e as pessoas deixavam de participar realmente, né? Eu não tenho nenhuma solução pra falar, só...”

E: O quê é deixar solto?

L: Ah, o quê que é deixar solto? Ah, Juliana, essa pergunta não tava no *script*, vou falar com meu assessor depois. O quê é deixar solto? Não, é, assim, porque tudo, a gente já falou sobre isso, é... Porque era uma cultura, o Paulino não é aquela figura rígida da academia, aquele cara que é chato, sacou? Que fica, é ruim porque deu nota 7 porque fez isso, espirrou na aula e tal. Que fosse um cara muito rígido por nota. Então, ele deixava as pessoas se envolvendo nas atividades, não ficava em cima, não pedia muitos trabalhos, relatórios finais, essas coisas burocráticas que existem em muitas outras disciplinas, fichamentos e tal. Que faz com que a pessoa mesmo não gostando fique naquela coisa de trabalhar, trabalhar, e, mas aí eu acho que faltou, falta assim, faltou um pouquinho alguma forma de cobrança. Não da pessoa em si, mas do grupo, algum, alguma, não sei se produto final, mas alguma análise final, alguma coisa. Não tenho resposta nenhuma, mas acho que tá faltando alguma coisa.

E: É isso?

L: É, pode cortar?”

Michelle Matilde Mattos dos Santos (23 anos) – 1º de junho

“Entrevistadora: Então, começando a tratar de um histórico da oficina.

Michelle: Deixa eu lembrar aqui.

E: Então, como e por que surgiu a idéia da oficina de rádio?

M: O quê? Da gente fazer? Ué, já tinha uma oficina de rádio lá antes de.

E: Quando você entrou você tinha uma idéia de como ela surgiu? Por quê?

M: Não, eu não sabia nada, eu escolhi a oficina de rádio porque eu gosto de rádio.

E: Ah! Você não sabia...

M: Não. Eu sabia que existia é... Caramba, Jú, a minha memória...

E: Relaxa.

M: É deste tamanho. Mas, assim, eu lembro... Cara, eu lembro muito pouco, foi semestre passado. Mas, vamos lá. Vocês já tinham falado na reunião, se eu não to enganada, tinha uma experiência que teve antes, eu nem sei se vocês conseguiram colocar em prática. Ah! Conseguiram, você usaram uma rádio evangélica e tal. Aí, assim, eu fui bem pelo meu interesse pessoal mesmo, não pensei em ninguém, porque, pôxa, eu acho que eu vou aprender mais, entrar em contato com a rádio, sabe? Mas, foi bem de experiência pessoal mesmo. Eu não sabia como seria, se iam colocar em prática, até mesmo porque na época, tava todo mundo na fase de tentar algo porque tinha perdido. Tinha o espaço na, na, naquela rádio que era evangélica, depois perdeu o espaço, aí a gente passou o semestre tentando colocar isso em prática de novo, fazer aquela rádio-poste, depois teve aquela idéia de televisão. Ai, Jú, acho que foi isso.

E: E o quê você pensava da oficina de rádio antes de entrar no grupo? Você pensava em alguma coisa ou não?

M: Ah! Jú...

E: Porque você falou que não tinha nem idéia do que era, você foi por seu gosto pessoal. Mas, você chegou a formular na sua cabeça 'Pô, eu vou fazer isso'?

M: Foi, gosto pessoal. Caramba, eu imaginei que a gente fosse juntar os meninos mesmo, assim, falei 'Ah! Vai ser bem prático, né?' Porque colocar esse pessoal aqui para teoria e a gente vir com aquela idéia de 'Ah! Eu estou vindo da universidade, sou estudante, sou universitário e vou passar tudo para vocês', eu falei assim, 'Vai ser muito chato'. Então eu acredito que vai mandar o povo par a rua e... Então eu imaginei isso, pô, provavelmente a gente vai estabelecer pautas e aí vai criar... esses meninos vão fazer matérias e a gente vai tentar ficar naquela posição mais de monitor, mesmo, né? Tirando algumas dúvidas, dando algumas orientações, mas sem ser aquela aulaaa, sabe? Uma coisa mais, bem didática. Não, vamos aprender fazendo, né? Já tinha tido aquela experiência que foi no dia, uma limpeza do lago, né? Foi bem interessante a entrevista com o menino, que...

E: Você chegou a escutar?

M: Eu escutei, a gente não participou, mas tinha essa gravação na época que a gente entrou na oficina. Aí eu lembro que foi uma surpresa 'Pô, os garotos se deram bem com o gravador, de um jeito, eles perguntando, mas conseguiram tirar umas sonoras de assuntos bons, assim'. E, e, uma coisa engraçada, quando você é estudante e vai fazer uma matéria você fica morrendo de vergonha, sabe? O cara não vai saber que eu to per... é, o cara vai saber que eu não entendo desse assunto. E os meninos não, os meninos chegavam lá e falavam que não sabiam mesmo e perguntavam o entrevistado, sei lá, na maior. Então, puxa, saiu bem legal. Era essa idéia, 'Vamos pegar, é, vamos preparar pauta, os meninos vão pra rua e a gente vai cobrir'. Aí eu ficava imaginando, aí eu não sabia, se pintar uma rádio a gente pode veicular isso gravado mesmo, mas não tinha uma noção.

E: É, e porque você entrou no grupo de rádio? É por uma questão de gosto, só? Não tinha nenhum outro grupo que você queria?

M: Olha, deixa eu pensar, tinha aquele da biblioteca, né? Ah, não, tinha aquele de leitura, ah...

E: Com as criancinhas.

M: Com as crianças, aquele também me chamou a atenção e aí eu ainda fiquei assim, eu ainda pensei nos dois, mas depois.

E: E por que não o da leitura?

M: Caramba, ah! Ah! Eu lembrei. Duas coisas. Interesse pessoal e obviamente por causa de amigos, tava com a Karen e com a Maga. Entrou em um consenso mesmo, vamos entrar juntas em um grupo? Sei lá, vamos sentir, eu não conheço... a maioria das pessoas, como eu falo? Eram minhas amigas mais próximas que eu tinha, aí eu sabia, pô, se tiver que fazer algum trabalho vai ser muito mais fácil de encontrar, que já tem uma rotina parecida, e, assim, ajuda, se for uma furada ou vai sofrer ou as três vão se dar bem juntas. Então, foi essa idéia de ir pra oficina. E o lado, sempre o interesse com rádio, vamos ver. Porque era aquela, eu estava na época fazendo estágio na Rádio Câmara e eu fazia muita produção, não fazia trabalho de repórter e aí como eu estava nessa... assim, com sede mesmo de aprender tudo sobre a área, eu falei 'Pôxa, legal uma rádio comunitária', entendeu? Eu não vou ter experiência de fazer acho que em outro lugar, vou sair daqui formada e vou procurar emprego, a chance seria agora. E aí, então, foram esses dois lados, teve os amigos e teve o interesse pessoal.

E: Ahm, quais foram suas primeiras impressões quando você chegou na oficina?

M: Na oficina, aí, deixa eu lembrar agora, Jú. Da, eu tava, que assim, eu tava tendo aquele sentimento de... Eu não sei qual, se foi as primeiras, quando isso surgiu, sabia que tinha uns meninos ali, achei interessante ali... Aquela pessoa que não é nenhum pouco objetiva, ela vai dar uma volta imensa. Mas, enfim, eu pensei 'Pôxa, tem um grupo interessado em rádio, um grupo do pessoal que gostava de *rap*, então, pôxa, a primeira coisa que eu senti ali foi cara, pra chegar nesses meninos e conquistar, pelo menos um pouco de atenção, a gente vai ter que prestar, dar, não impor o quê a gente quer, afinal, a rádio é pra eles'. Então, eu lembro que eu falei, assim, 'Tem que ter essa parte do *rap* porque tudo que eles falam é *rap*'. Eu lembro que logo nos primeiros dias, acho... não sei... eu acho que eu não estava nem na oficina de rádio, que eles colocaram alguma meninos para cantar um dos *raps* e uma coisa que chocou assim... Eu acho que a gente está acostumado a ter o preconceito e não sofrer o preconceito. E aí o menino cantou uma música e falou mal do bodinho que mora na Asa Norte, sabe, tinha. Ah! Assim, vou matar, não sei o quê, dá porrada e blá, blá, blá. Quando aquilo bateu no meu ouvido, eu lembro que eu olhei para a Margareth ainda, ela assim, e falei 'É, cara, eu não estou acreditando', sabe eu nunca tinha tido essa sensação de alguém já olhar para a minha cara, não me conhecer e já falar 'você está...'. Naquela hora eu acabei vestindo a carapuça, apesar de não ter grana, enfim. Pô, eu moro na Asa Norte, então quando chego aqui, eu vi que existia uma diferença, que eles viam aquela diferença e que, sabe, talvez eles já me olhavam com várias... Que eles já tivessem uma idéia minha com várias imagens, com esses aspectos negativos que talvez até eu tenha de chegar ali, aí... sabe, de você ir para um lugar mais de periferia. Então, bateu aquilo e 'Putz, eles também têm um preconceito'. E depois você começa a pensar nisso, você fala... porque na hora eu não gostei de escutar, sabe, doeu o tapinha na cara, assim, de você ouvir isso, pôxa... Aí você começa a entender, cara, esse bicho nasceu aqui, sabe? E desde de sempre ele deve ter sido maltratado pelas pessoas de lá. Porque o maltratar não é só no chegar e falar 'Pô, eu não gosto de você porque você não tem dinheiro, olha só o tipo de música que você escuta', no olhar, né, cara. Você olha e já percebe se a pessoa teve uma empatia por você ou não, se ela já te olhou achando você inferior ou não. Então eu fiquei imaginando 'Pô, isso deve ser forte na vida do pessoal daqui', entendeu? Então, doeu um pouco entrar em contato com a realidade. No começo. Mas qual a pergunta, que eu fugi totalmente (risos).

E: Porque você entrou no grupo de rádio?

M: Então, aí, beleza, eu falei 'Pô, legal, vai ser uma chance de trabalhar isso, conhecer um novo mundo', eu tava animada com isso. Só que eu achei muito bagunçado no começo, eu lembro que a gente, como eu imaginei que já tinha tido no outro semestre já ia vir algo mais, sei lá. A gente tentou fazer um cronograma, vamos fazer isso, isso, e isso. E cada sábado que ia o cronograma mudava novamente. E, caramba, aquilo me fez perder, assim. Eu ficava perdendo a vontade, eu falava, assim, 'Não, não', a gente tinha fechado tudo bonitinho e eles... Porque, eu imaginava, claro, que não é porque você começou de um jeito e estabeleceu um calendário que você tem que ir seguindo ele até o fim, porque se você sentiu que os meninos tão tendo necessidade de algo diferente, faça algo diferente. Mas, geralmente, quem mudava era a gente, sabe? Porque a gente ficava contado, ô, que no outro final de semana ia ter o não sei o quê e no outro final de semana não tinha aquele rádio. Ou então não tinha... Eu lembro que as decepções geralmente eram pro lado do... A gente demorou definir o cronograma do rádio, aí veio aquele ba... Eu esqueci o nome do menino, que veio com a idéia da televisão, que aí, assim, o que já não tava organizado, ficou mais bagunçado ainda. Então, a gente, a gente estava aquele caos inicial, então vamos sentar todo mundo, o que foi legal também, porque, assim, foi a oportunidade dos novos tentarem também influencia no que estava acontecendo, não foi algo que eu cheguei e de repente 'Ah! Estamos aqui há mais tempo e você vai fazer isso e você vai fazer aquilo', foi sempre bem uma coisa de escolher. Então, isso foi bem legal. Então a gente conseguiu, fechou o cronograma, pensamos tudo certinho, se ia dar tempo, e tinham idéias maravilhosas, entendeu? Trazer gente de fora... trazer gente de fora para dar uma palestra, de repente, eles iam ter chance de fechar dois programas e ver. Eu lembro que eu pensava, assim, 'Esses moleques não vão ter saco nenhum, eu acho, de ficar às vezes escrevendo', tirei isso por mim, porque pra mim a melhor parte é quando eu vou gravar, entendeu? ... A parte que entra no estúdio, não sei o quê. Falei 'Ah! Eles vão gostar quando escutarem a voz', e essa parte eu não pude ver, entendeu? De ser realizada, então, foi uma coisa que decepcionou, e aí, infelizmente, foi acontecendo ao longo do semestre é... Eu fiquei decepcionada com a disciplina porque no final, nas últimas três aulas eu não compareci. Eu tinha arranjado um outro compromisso, mandei um e-mail pro Paulino falando que eu não ia comparecer mais, porque eu sentia que eu já não estava influenciando nada ali. Eu sentia era que eu estava decepcionando os meninos, porque a gente sempre vinha com uma promessa no sábado, que não era cumprida no outro. Se, por exemplo, onegócio da televisão. 'Ah! Vocês podem pegar um grupo daqui que a gente vai entrevistar. Pô, meu irmão teve banda, eu lembro que era assim se você falava 'Alguém vai entrevistar a gente', 'A gente vai ter espaço de colocar', mesmo que for pouco. A gente prometeu que o pessoal da comunidade. 'Ah! Essas casa aqui vão conseguir ver, sintonizar e todo mundo, pô, eu estava empolgada com o negócio, 'Aí, que legal'. A gente fez os meninos se prepararem, 'Tem que tá aqui tal

horário, tem que tá com a banda, tem que entrevistar'. E no outro sábado, 'Ah! Não tem antena'. Pô, porque você não viu a antena antes! Tá brincando com os sonhos, entendeu? E aí eu me decepcionei e me senti mais decepcionada pelos meninos, porque eu fiquei imaginando eles devem tá imaginando 'Esse povo vem aqui'... que é em geral o quê acontece, poucos são como você Jú, ou como outros, que tão ali, acho que bem mesmo pelo lado de, do comunitário. São pessoas com esse perfil, como o Paulino, pô, o cara não ganha nada pra tá ali. É amor mesmo. Eu tava ali com o objetivo, não eu vou fazer os outros... tava com o objetivo de aprender também. Esses meninos deve vir esse pessoal, pede pra gente se reunir, a gente tem a maior dificuldade de se reunir durante a semana, a gente vai ter dificuldade de falar com eles, a gente não tem acesso à internet (tinha que ir lá na AOPA), e aí quando chega naquele lance no final de semana com as coisas prontas, elas não acontecem? Sabe? Então, eles estão vindo aqui para quê? Para ganhar menção? Para fingir, para poder massagear o ego, porque é uma coisa que acontece muito com essa.... esses trabalhos voluntários (que isso não é trabalho voluntário, que a gente tá ganhando crédito, né?). Existe isso, existe uma chamada, apesar do Paulino fazer tudo parecer, tornar uma forma menos, não maçante, de uma forma interessante, de você gostar de ir. Existe um contrato ali pra você continuar. Então eu ficava, um preconceito, uma imagem, sei lá. Esse pensamento que eu tenho que às vezes a gente faz um trabalho voluntário e você gosta de mostrar para os outros, né? Assim, 'Ajudei tal fulano, não sei o quê'. Então, você tá fazendo um trabalho voluntário pra ajudar a pessoa ou tá fazendo um trabalho voluntário pra você mostrar que você é uma pessoa legal? Ali, eu acho que eu nem tava, eu tava pensando em de repente ajudar aquelas pessoas, mas tava querendo aprender com elas. Que eu achava que na prática, que eu não tinha em rádio, vai ser legal, os meninos vão quebrar a cara e eu vou quebrar a cara junto. E aí foi chato isso, que eu comecei a imaginar, que eu não sei, eu nunca conversei com eles, talvez eles nunca tivessem pensado nisso. Talvez eles tivessem se perguntado porque eu sumi, em certo sentido.

E: Você nunca conseguiu conversar com nenhum deles?

M: Como assim? Não, depois de perguntar isso, de chegar 'Vem cá, você acha que isso aqui tá dando certo', no final, sabe? 'Você acha que valeu a pena?', 'Quais os defeitos?'. Eu não tive essa oportunidade. Quer dizer, eu não tive porque eu não me dei, porque eu faltei as últimas aulas, as últimas três aulas. Enfim, eu tava fazendo outro curso já, entrei em contato com o Paulino, aí ficou aquela coisa bem burocrática, 'Ah! Eu tenho falta pra, eu tenho falta suficiente, não vou ser reprovada, então eu vou faltar porque não tá, porque o que eu achei que fosse me prender lá, não me prendeu lá. Aí foi chato, não tive nem a oportunidade de conversar com os meninos e saber o quê eles tavam pensando, tirei conclusões próprias, talvez estivessem completamente erradas, de que eles já tavam de saco cheio de ver minha cara ali, por exemplo, sabe? Ela vem, dá uma aulinha, volta, isso não saí disso, não evolui, sabe? Foi a impressão que eu tive. Acabou que a impressão, é porque não foi desde o começo, mas tinha...

E: Não, deu pra entender.

M: Então, tá.

E: E você participou de algum planejamento?

M: Do, da oficina?

E: É.

M: Participei, a gente fez aquele cronograma, né? Tentando, pra tentar, fechamos certinho, a gente fechou dois grupos, que seria um cuidar da estrutura, e o outro que cuidaria mais dessa parte de, do conteúdo de rádio. Aí, eu fiquei nesse que era a minha área de interesse mesmo, era também a área que eu acho que eu conseguia ajudar um pouquinho no sábado, porque aquela parte de organização não ia ter muito. Então foi essa parte de organização inicial, né? De fechar as datas, dar aqueles pitacos, 'Ah! Vai ser bom', acho que teve um momento que todo mundo, eu acho, todo mundo da oficina, a gente sentou junto e definiu o cronograma. Aí teve aquela parte, depois teve aquela parte de uma aula, que eu lembro que a gente fez uma officininha rápida de texto de rádio e é isso.

E: E você modificaria alguma coisa nesse planejamento?

M: ... Olha, Jú, eu não tive tempo de ver o planejamento em prática. Então, não tenho nem como. Por exemplo, se eu tivesse feito o planejamento, ó, não deu certo e aí voltar, entendeu? Talvez eu pudesse formular. 'Ó isso não deu certo'. Esse foi o problema para mim. Eu não tive como concluir nada porque as coisas não aconteciam. A sensação que eu tinha era que ia prum lado, pra lá. Ah! Agora to até lembrada, eu lembro que às vezes acontecia nem por problemas de, tecnológicos, 'Ah hoje...'. A gente chegava lá para tal coisa e o Paulino 'Vai ter uma apresentação'. Aí, eu, 'tá, vai ter apresentação'. A gente ia para apresentação. Aí voltava, aí no outro dia. 'Ah! Não sei o quê vai ter uma apresentação'. Pô, legal, eu acho que os meninos não tão ali para eu ser o centro das atenções, mas eu não estou servindo para nada, entendeu? Vim, pô, me amarrei em ver. Lembro do grupo de crianças, é, era *Nova Geração*, não sei o quê. Achei massa, mas depois você começa a ficar repetitivo, você começa, aliás, começa tornar previsível que não ia acontecer, então, por exemplo, o que eu mudaria era organizar. Fechar um cronograma, seguir esse cronograma. Apareceu um cara dizendo que vai colocar uma televisão, apareceu alguém com uma idéia melhor. Então, traz um planejamento e me diz, garante que isso vai acontecer.

Porque a gente dividia com os meninos os sonhos e depois tirava, uma semana de diferente. E a gente tava começando antes. Essas pessoas já estão acostumadas a ter desilusão, é o que elas fazem da vida, é o cara, é o deputado que aparece dizendo que vai ter escola, depois não tem escola. Aí depois são estudantes universitários que aparecem lá pra ganhar nota e dizer que estão ajudando. Faculdade particulares que vão, ‘Ó a gente é solidário’, a UnB não. A UnB pelo menos não tá ganhando, acho que não, não tá ganhando com isso, não divulga que tem essas atividades como propaganda. Mas, então, assim, o quê eu mudaria é isso, fechar um cronograma bonitinho, certinho, com os meninos e apresentar, ‘Você acha que isso aqui vai dar certo?’, ‘Você concorda com isso aqui?’, sabe? Uma aula inicial. Fechamos o cronograma vamos apresentar, e aí? Vocês acham que isso aqui vai ser divertido? O quê vocês têm de proposta? Ah, propõe e tal, bom, agora o quê a gente vai fazer, só vamos mudar se a gente ver que não tá dando certo, os meninos tão conversando, tipo, tá ficando maçante isso aqui, você não tá aprendendo nada, tá um saco, nem a gente tá aprendendo nada. Ou então, se aparecer alguém com uma proposta melhor a gente tenha a certeza de que a proposta vai ser colocada em prática. A gente ficava naquela de melhor ter um pássaro na mão que dois voando, a gente não fez isso. A gente abandonou um, ficou com outro, e depois não ficava com nenhum. E aí aquele sábado passava. Era chato, assim, sabe? É complicado.

E: Beleza, e quais eram os objetivos da oficina de rádio?

M: Ah! Vamo lá, eu não sei, agora eu não lembro se tinha um objetivo é fechado, eu acho, que pelo menos que eu lembre era colocar esse pessoal em contato com a área, era uma chance deles falarem de rádio, de comunicação. É, era uma oportunidade deles serem sujeito e não objeto, que é uma coisa que o pessoal lá reclama muito, né? De chega um jornalista, isso foi legal pra gente guardar, até pra profissão mesmo. Chega um jornalista e, acho que não foi nem no caso do Varjão, era um outro, até outro estudante que tava, qual era o outro local? Tinha também um outro local que o pessoal ajudava. No era, do...

E: Tinha a 314 norte e o Varjão.

M: Tinha a 314 norte e o Varjão, mas não era da UnB, era um cara, como era o nome do menino? Levantava, era uma outra área de periferia, bem, enfim, tinha...

E: Era o Calebe? Calebe da Estrutural.

M: Isso, era da estrutural, que eu lembro que eu também guardei isso que ele contando, foi até o trabalho dele final, mostrando que, como é que é a gente quando vai fazer uma matéria. Quando a imprensa vai fazer uma matéria como é que ela coloca o Varjão, ela coloca, ela faz é reforçar aqueles estereótipos. O Varjão não, a Estrutural. E a periferia de um modo geral, você reforça o estereótipo. O Varjão aparece é na página policial, entendeu? Ah, levou um tiro e tal. Então aquela chance era, pô, vamos mostrar que tem algo legal aqui pra ver, é um lugar que tem muito *rapper*. E lá no Varjão, putz, antigamente falava *rap* eu pensava na Ceilândia, eu pensava que fosse mais lá. Sabia que a periferia de modo geral...

E: DF inteiro eu acho.

M: É, né? Pois é, a periferia de um modo geral. Mas, eu vi que lá, cara, era muito mais forte que eu imaginava. As coisas que os moleques falam que tem, moleques no bom sentido, né? Tudo que os meninos falam, que as pessoas falam tem isso no meio, né? Então, eu achei isso que pô, aquilo que eu te falei, talvez o nosso elo seja isso, aí que a gente vai conseguir uma ligação com eles. Pô, vamos tocar sua banda, vamos fazer entrevista com banda, entendeu? Porque se de repente colocassem os meninos ‘Vamos procurar os problemas do Varjão’, talvez, assim, começasse de uma maneira muito didática. Ela traz pelo menos, porque, pôxa, tem outras matérias que a gente pode fazer e tentar mudar. Então o objetivo, pelo menos o quê eu tinha em mente, colocar em prática, a oficina de rádio pode ser legal, porque de repente dele pode sair alguém interessado em trabalhar com rádio, na área.

E: Então, assim, o objetivo seria alguém trabalhar na rádio?

M: Dois objetivos, fazer a pessoa conhecer.

E: Mas, pra quê? Porque eu acho que o objetivo na verdade...

M: Cara...

E: Você entendeu o quê eu to falando? Isso que você tá falando é uma coisa prática, mas qual o objetivo? Onde você quer chegar? Você vai fazer ele conhecer pra quê?

M: Para ele poder ter uma opção no futuro, sabe? Saber que, de repente, ali ele tem uma oportunidade de falar ‘Pô, é isso que eu quero trabalhar na minha vida, porque eu gostei de rádio, eu gostei de entrevistar, tem que ser locutor, a gostei de escolher a programação musical’, entendeu? De repente o cara acha ali a profissão, uma paixão, assim. Aconteceu isso comigo, entrei em jornalismo e não sabia o quê eu queria fazer, na verdade, eu nem sabia o quê era jornalismo, escolhi por que cargas d’águas, enfim. E aí fui conhecendo várias, várias, várias áreas e de rádio era a que eu queria. Caraca, se eu tivesse entrado em contato com isso antes, eu saberia que era nisso que eu queria trabalhar. Então era uma chance dos meninos e, acho que principal, nem tanto essa, porque, assim, era uma forma de ter a voz deles, entendeu? Eles deixarem de ser objeto e virarem sujeitos, sabe? Da história. Eu vou contar a história daqui porque eu conheço a história daqui, muito melhor do que você como até o Calebe falou, o jornalista mal desce do

carro, olha lá de dentro com medo de sujar o sapato, entendeu? Dá uma anotaçõezinhas e volta para a redação com a história que ele já... a imagem que ele já tinha daquela peri... daquela cidade. Entendeu? Aí então era a chance de dar voz aos meninos e deles não ficarem sempre a mercê, sei lá, dos outros veículos. A única oportunidade que, era a oportunidade que eles teriam de fazer isso, nenhuma outra rádio faria isso por eles, a não ser a rádio deles.

E: Beleza, e você acha que esses objetivos mudaram ao longo da oficina?

M: Eu, eu não consegui enxergar, é chato, né? Um depoimento totalmente assim de decepção.

E: Não, mas a idéia é realmente pegar isso mesmo.

M: Mas, mas qual é a sensação que eu tive, Jú? Nossa, eu lembro de eu comentar com a Margareth, assim, quando eu voltava no ônibus, assim, pô, o que a gente fez? O quê a gente ajudou? Depois eu comecei a ficar desestimulada, a gente vai arrumar isso e semana que vem e não vai ter. Então, por exemplo, o objetivo não foi, a gente não chegou no objetivo, não por causa dos meninos, talvez inicialmente a gente imagina, pô, esse pessoal vai acordar sábado de manhã? Eu nem sei se eu sairia da minha casa sábado de manhã pra ir lá pra uma coisa de estudante, e aí, o, o, o obstáculo, a barreira, foi a gente, nem foi os garotos, sabe? Isso foi chato, a gente não conseguiu o objetivo por causa da gente. O erro foi aqui.

E: É, e o quê a oficina de rádio fazia?

M: Bom, vamos lá, a gente programava as coisas, é, a gente. Aí que tá, é complicado, eu lembro que a gente fez essa matéria do dia lá da limpeza do lago, por exemplo, a gente tentou editar a matéria. O quê a gente fez? Vamo lá, vamo tentar lembrar a gente ensinou os meninos, botou em contato, mais ou menos porque nem eu sei, a gente conversou com os meninos mostrou mais ou menos como era a estrutura de um texto para rádio, a gente discutiu mais ou menos como poderia ser organizado um programa. Eu lembro disso que com aquela rádio-poste a gente chegou, ah, você vai fazer a entrevista, não, conseguiu dividir, dividiu mais ou menos a ordem das bandas. Ah! A gente, os meninos tiveram chance de entrevistar, entendeu? Assim, a gente sentava 'O que você acha...'. Isso era uma coisa legal, geralmente a gente não chegava e falava 'Faz essa pergunta, essa, essa, essa'. A gente falava 'E aí, o que você quer tirar da banda? Será que não é legal isso?'. Porque, afinal de contas, quem conhecia a realidade mais eram eles. Então, eu acho que quem conseguiria fazer perguntas até melhores eram eles. Então a gente conseguiu o quê? Vamos lá, é... botá-los para entrar em contato com esses textos, fazer entrevistas, locução mesmo, né? Apresentar e tal. Da rádio, foi mais isso, porque no final, que eu lembro que a gente sentou e dividiu, eu não apareci mais. Foi uma que, a gente até sentou, foi até dentro do ônibus que a gente dividiu os assuntos, ia ter os programas. Eu não sei nem como foi depois, se eles realmente fecharam, se eles realmente apresentaram, como é que ficou, sabe? Então, foi pouca coisa que eu acho que a gente colocou em prática, sabe? A gente ficou, a gente foi desorganizado demais, idealizando, e o semestre passa muito rápido, e aí a gente não colocou muita coisa em prática não.

E: É, e você acha que, você vê influências da oficina de rádio tanto pra você, em você, quanto pra eles?

M: Naquela hora, você fala da influência do quê ficou, ensinou algo? Ou como assim?

E: É, dela ter influenciado em algum ponto, a oficina de rádio, mas não pensando só nos meninos do Varjão, mas pensando em você também.

M: Pois é, eu não sei o quê prendia aqueles meninos, que se eu tivesse no lugar deles, eu teria desistido já na, sabe, na segunda vez que eles... 'Ah! Vai te catar, se vocês não têm o quê fazer no sábado, eu tenho', entendeu? Mas sei lá, talvez eles, mas aí já é achismo, talvez eles nem tenham tantas outras opções de lazer e ali era uma, um lugar que você podia, era uma praça, você podia se reunir, usava internet, era a chance de você entrar em contato com outros amigos que não os mesmos rostos, discutir música e tal. Eu não sei se a, a oficina influenciou algo neles. Infelizmente eu não tive esse, essa resposta, sabe? Eu não sei se algum deles ali saiu de repente com uma noção melhor, de por exemplo, de veículos de comunicação, de como é que eles podem usar isso em favor, de divulgar o trabalho, deles, entendeu? Eu não tenho noção. Eu tirei por mim, eu acho quem acabou se dando melhor na história acho que fui eu, entendeu? Que entrou em contato com uma realidade que só conhecia de TV, de jornal, é... Vi que as coisas têm que ser feitas mais com pé no chão, que é isso que eu tava falando com você. Que a gente fica muito empolgado pra dar certo, não hora não dá. Então se, tá, é muito legal sonhar com uma televisão, vem cá, mas a gente tem uma rádio-poste, por enquanto o quê a gente vai fazer é isso. Apreendi mais no sentido de praticidade. De aprender, de repente, sei lá, se eu for fazer uma matéria lá, eu não chegue tanto que nem aquele repórter que não sai do carro. Chegue com uma visão 'Pô, eu vi que o Varjão tem coisas diferentes, entendeu? E sempre você entra em contato com as pessoas e tenta olhar de uma maneira, sei lá, sem julgar, e geralmente a gente julga de uma maneira ruim. 'Ah! É bandido', mora lá no Varjão ali é bandido e tal, já passa, assim, meio, então, você começou a... Então, eu acho que quem aprendeu mais fui eu, não tanto com rádio, mas com planejamento mesmo que não deu muito certo e essa questão de tirar esse preconceito com a periferia, de ver que, pô, tentar entender o porquê do *rap*, que ali tá uma forma, talvez que eles não tenham na mídia, ali na música que eles tem de contar a história do jornal, a história

que você, o bodinho da Asa Norte conta, né? Com a sua visão, agora eu vou contar na minha música a história de quem vive isso. De que nasceu aqui, de quem não consegue escola, de quem é, tem é, que alguém promete alguma coisa com interesse em troca, depois consegue esse interesse abandona como acontece... Pôxa, eu achei o máximo ali a disciplina do Paulino, que tem a Comunicação Comunitária 2, e que muitas pessoas ficam mesmo para a 2, então eu fico imaginando. Depois, imagina a cada 6 meses novas pessoas, vai ser um saco, porque os meninos vão estar com iniciantes querendo ensinar as mesmas coisas, talvez com um grupo, com algumas pessoas como você, o Paulino, que ficam. Não fica sempre voltando, né? A gente vai evoluindo, olha o grupo chegou aqui, olha a gente já fez isso no passado, mas e a parte difícil é em cada semestre tornar mais atraente.

E: É, então, eu acho que você provavelmente não vai conseguir responder isso, mas você teria feito alguma coisa de diferente?”

(interrupção)

“E: Cê consegue pensar em alguma coisa que você teria feito de diferente? Na oficina.

M: Cara, essa do planejamento, mesmo, né? Tentar colocar. É engraçado que eu lembro que muitas vezes os meninos, eu não tinha, sabia se eles tavam gostando, ou não, né? Que a gente colocava eles pra escrever, eu, putz, esse povo não tá gostando de escrever, cara, sabe? Assim. Ou então colocava eles pra cobrir, eles ficavam meio perdidos, eu sentia um pouco falta disso. Pô, será que o pessoal tá gostando disso aqui? Será que tá se tornando uma coisa chata? Até pensei, será, o quê eu perguntei, o quê será que segura esse pessoal aqui sábado. Talvez, o respeito mesmo por ver o interesse de vocês, do Paulino, porque sei lá, tava interessado em sentir algo que estava lá pra ser feito.

E: Essa é uma das perguntas no eu questionário.

M: Então, vai, diga.

E: Não, é isso, de porque que eles continuavam indo lá todo sábado. É, mas depois a gente continua. É... pontos fortes e desafios dentro da oficina?

M: Pô, o desafio é esse, você trabalhar e não ter estrutura. Ali, a idéia da oficina já é uma idéia que vale, você botar, não tem nada ali, vamo tentar tirar algo dali.

E: O quê seria a estrutura?

M: Pôxa, a estrutura é o seguinte, os meninos chegarem lá, e, assim, não tem gravador. Como é que eles vão fazer uma oficina de rádio sem gravador, né? Tá, por mais que você consiga meia dúzia de estudantes, pô você conseguiu alguns gravadores. Aí, agora, como é que a gente vai colocar isso no ar?”

(fim da fita)

“E: Tava falando de estrutura, e desafio.

M: Ah! Verdade, como eu tava falando, né? Você não tem gravador você consegue, por exemplo, eu lembro do, eu esqueci o nome dele. Do Leyberson, que ia atrás até dessa parte de, de informática e tal.

E: É o Leyberson.

M: Lá, os meninos, quando você começou é muito mais fácil obviamente você chegar lá com uma estrutura. Ah! Vamos fazer a oficina aqui para trabalhar, isso lá a gente não tinha, o que era legal, na medida do possível, ia se virando, isso é uma parte legal, sabe? ‘Ah! Não vai conseguir gravar.’ ‘Tá! tá! tá! Vamos colocar o pessoal para falar na rádio-poste e fala ao vivo. Não tem como colocar o gravado, a gente coloca ao vivo, sabe, isso foi interessante. Então, eu acho que os desafios eram mais nessa parte. Outro desafio grande é você colocar gente que mal tem prática com o assunto pra tentar passar isso pra outra pessoa. Você não sabia a melhor forma de passar, pô. É o quê eu tava te falando, será que tá sendo chato? Será que eles tão gostando? Será que eles tão achando um porre? É, enfim, não quero aprender o quê essa menina tá falando aqui. Então, o desafio é esse, dessa parte de, de instrumentos, da parte tecnológica de aparelhos e também de é, e, de saber passar, saber falar algo que interessava, algo que seria bom, que servia pra alguma coisa pra eles. E também o outro desafio grande é você ter uma resposta, né? É você conseguir saber se está dando certo, porque muitas vezes eu ficava meio... Eu não sabia se eles estavam com vergonha de dizer se estava ruim, sabe? Porque eles aceitavam muito o que a gente colocava, sabe? ‘Olha, a gente vai fazer um texto’, ‘Tá’, não que escrevesse o texto era sentado e escrevesse, mas ninguém fala ‘Ah, não quero escrever’, sabe? Ninguém falou isso. ‘Eu não quero fazer texto, não’, sabe? Que você ouve dentro da sala de aula direto falando, ‘Vamo dar um trabalho...’, não, era muito, era passivo mesmo. A gente chegava com uma proposta eles aceitavam, aí, por isso que mais dava dó a história de não dar certo, putz, esses garotos ainda confiam, sabe? E no final não dá certo, que desespero. Os desafios são esses. O outro, era a parte positiva, qual era?

E: É, falar de pontos fortes.

M: Caramba, ponto forte eu acho que é essa parte do, ah, eu acho que o ponto forte mesmo é o pessoal interessado, sabe? O pessoal que está ali querendo fazer o negócio vingar, entendeu?

E: Você diz o pessoal do Varjão?

M: Não, o pessoal da UnB mesmo. Tipo o grupo que já está lá há mais tempo com o Paulino. O grupo que está trabalhando. O grupo que viu que algo deu errado e pensa de outra forma. Eu me lembro de decepção desabafando no ônibus, falando com a Tatiana e a Tatiana me animava, 'Não, que a gente vai vir na outra semana, que a gente vai fazer acontecer'. Cara, eu não tinha mais aquela paciência dela, de assim, ela, entendeu? Isso eu admiro, isso eu acho legal, acho que isso que tá fazendo a proposta vingar, é, um dia a oficina ficar legal e vir mais pessoas. Porque, a partir do momento que tá bom, o boca a boca é a melhor propaganda. Pô, é legal fazer isso lá, e aí atrair mais gente, fazer um trabalho melhor, então eu acho que o ponto forte mesmo são as pessoas interessadas. Dos meninos, eu acho isso, eles eram bem dedicados, eles iam lá todos os sábados. Às vezes a gente ia na casa de um, na casa de outro, então, em fim, mas mais comparecia. Mas, eu acho que é o interesse mesmo das duas partes. Mas, eu fiquei admirada mesmo dessa parte do pessoal da UnB que via que tava sem estrutura e com dificuldade, mas mesmo assim continuava.

E: É... Por que você deixou de participar da oficina?

M: Porque eu parei de frequentar?

E: É.

M: Bom, decepção, mesmo. De cada sábado ir e me sentir inútil. 'Não estou ajudando em nada', só to ganhando crédito aqui, entendeu? E não era bem pra isso que eu queria a disciplina, escolhi Comunicação Comunitária, tá. Você quer se formar, você quer ganhar crédito. Sábado é um dia muito legal de você encaixar uma matéria quando tá com problema de horário. Mas, não era só isso, pôxa, tinha a vontade de conhecer uma outra, uma realidade que tá tão próxima e mesmo assim eu conhecia por cima. Então, comecei, foi isso, comecei ir e ver que tava igual, mas não tá evoluindo, porque. Aí que tá, talvez não tava evoluindo pra mim, talvez os meninos tavam achando o máximo, mas eu não tive esse retorno, sabe? Talvez o pessoal do pessoal estivessem, 'Não, mas a gente tá crescendo', mas pra mim não tava, né? Então, foi isso, comecei a me desestimular e vi que se eu não tivesse ido aquele sábado, eu não teria feito falta, sabe? E... e que esse sábado ajudou? Não ajudou em nada, a gente ficou sentado aqui na praça. Falando isso da parte da oficina de rádio, que eu via que as outras oficinas tavam evoluindo mais, por exemplo, a de leitura. Os menininhos viam, gostavam, já tava aquela empolgação, gostavam do que era feito. Agora, a biblioteca tava surtindo efeito, os meninos tavam vindo catalogando. Tinha uma outra que saiu dali mesmo.

E: Tinha a de jornal que eles iam pra escola.

M: Isso, que eles iam lá, que eles preparavam, que eles levavam rádio. Pô, eu não sei porque eles iam lá pra escola, então eu não tava lá, eu não sei se eles tava dando certo e tal. Pra mim, pra eu que tava de fora, acredito que estava. Então, nossa, pôxa, e aqui não tá dando tão certo, então comecei a desestimular e tal fui fraca, assim, devia ter ficado e tentado melhorar. Mas, enfim, eu comecei a ver não tá dando certo, não tá melhorando. Aí ficou aquela coisa, se não vai fazer nada no sábado de manhã... Vou pra lá, não vai dar em nada, aí o ônibus atrasa, aí você tinha marcado às 8h e fica pensando nos meninos que tão lá, que droga, você fala pro moleque às 8h da manhã porque você vai gravar, e isso o ônibus não chega porque, enfim, essas coisas acontecem. Aconteciam sempre. Aí, então, isso foi desestimulando. Aí começa aparecer outras coisas na sua vida, apareceu um cursinho de final de semana, enfim, a gente vai ter que matar as últimas aulas, A gente entrou no acordo as 3. Então, vamos para o cursinho? Vamos! Cara, sem brincadeira, se tivesse me prendendo, porque se eu tivesse vendo que tava dando fruto, pô, a maior sacanagem, venho até aqui aí no final a gente concluí todo o cronograma, fechar o semestre com chave de ouro e eu vupt, vou embora. Mas, eu vi que, não, o semestre passou e foi, foi, foi, foi aquela coisa. E a gente continuou, teve greve e a gente continuou lá. Teve uma parte que ainda faltou, a gente tava interessado ainda de botar aquilo pra frente, mas depois a gente começou a desestimular, eu falei, ah, quer saber, não to com falta lá, não to conseguindo ajudar, acho que to é decepcionando o pessoal, vou fazer outra coisa, perdi a vontade mesmo.

E: É...e que fatores auxiliam ou dificultam no desenvolvimento de uma atividade de extensão?

M: Ah! Vamo lá, um, deixa eu pensar aqui...O tanto que você está comprometido, entendeu?

E: Isso auxilia ou dificulta?

M: Ah! Depende se você tá comprometido (risos), entendeu? Se você tá lá pelo ideal de não, é isso, vai dar certo. Porque, quando você vê o resultado, te estimula a continuar indo, você vê que ah o moleque tá gostando de fazer isso, ele gostou de não sei o quê, veio comentar. Quando você não tem esse resultado, começa a desestimular. Então, por exemplo, uma pessoa que tivesse mais, aí, meu Deus, sei lá, mais engajada mesmo, auxiliasse, aí ia ser bom, é... O que dificulta uma atividade de extensão? Deixa eu tentar ser objetivo para facilitar seu trabalho depois porque é foda aquelas pessoas prolixas, entendeu? Por exemplo, as pessoas tão interessadas, têm outros interesses, têm outras obrigações, entendeu? A gente

está o meio de um semestre. E um sábado de manhã é um dia que dá para você tramar e adiantar muito trabalho. É um dia que dá para você dormir até mais tarde. Um dia que você não vai, você não vai dormir assim nos outros dias, entendeu? Então, existe essa questão do acomodamento mesmo, se você vê que não tá dando resultado, compensa mais você fazer outra coisa, você tem, esse é um tempo perdido, ninguém usou esse tempo e eu pelo menos poderia ter empregando pra outra coisa. Então, eu acho que essa questão do comprometimento, sabe? Da matéria? Será que é por causa de crédito? Talvez se você tiver aqui por conta de crédito não seja a melhor matéria para você fazer. Tem muitas outras matérias pra você fazer e ganhar crédito fácil, sabe? Essa matéria vai te dar um, vai exigir um pouquinho mais de você, sabe? Você vai estar lidando com pessoas, cá não vai, não é aquele tipo de coisa que se você deixar de frequentar, se você deixa de ir você não prejudica só você mesmo, você tá decepcionando pessoas. Pô, esse é o mais triste ainda, você deixa de ir e lasca o trabalho do outro, que está muito mais empenhado que você. Então, eu acho que isso é questão, então o quê dificulta na atividade de extensão qual seu interesse pela atividade, você tá interessado no propósito dessa atividade, do quê tá interessado ali na ementa, ou você tá interessado no seu umbigo? Sabe? Pô, se você tá interessado no umbigo, não dá futuro, porque uma falhinha que você tiver, qualquer coisa que você tiver, faz com que você desista. Eu acho que eu quando cheguei nesse lado da matéria eu fiquei, pôxa, eu estava, eu pensava estar muito mais estimulada do que eu tava, porque eu desisti do processo de uma maneira fácil, não sei se é porque eu não enxerguei tudo ali, entendeu? Você tá dando murro com ponta de faca, isso não vai dar em nada. Eu fui uma dessas que tinha o umbigo no final, talvez eu não tenha começado assim, eu acho que não, eu até gostava. Eu sempre gostei do jeito do Paulino de dar aula, de ele colocar as coisas, dos textos, me ajudaram muito de ver algumas coisas de maneira diferente, mas no final eu fui egoísta, peguei.”

(interrupção)

“M: Deixa eu pensar, então, o quê mais pode dificultar, a questão do umbigo que eu já me encaixei nela... Hum... Cara, sem brincadeira, eu acho que se você tiver comprometido, a parte da estrutura e mais que eu tô falando ela fica em segundo plano. A gente estuda na UnB, a gente sabe que ali não tem muitas coisas de outras faculdades e a gente consegue se virar muito bem lá dentro. Então, se vocês tiverem comprometidos, os dois lados, eu acho que dá pra se esperar por esse lado. Não teve, sabe, da minha parte, de algumas pessoas. Pô, eu acho massa que tem um grupo ali que realmente tá empenhado, então por isso que não morreu, por isso que valeu algo ali da oficina. Mas, pelos outros, sabe? Por aquelas, eu acho que a gente acaba até desestimulando os meninos, com aquela cara de bunda, assim. Os meninos, me olham, se nem eles tão interessados nisso aqui, quem dirá a gente. Agora o outro ponto forte, cara, eu fico imaginando os pontos fortes assim, mais pra gente, aluno, e não pra eles, assim. Pra mim, foi o quê eu te falei, assim, os textos ajudaram, uma nova forma de ensino, entendeu? Como é que você, você chegar lá com seus, suas imagens e daquele lugar, e como é interessante você tentar se desfazer disso, por mais que seja, e tentar entrar naquela realidade, que você vai conseguir entrar em contato com os meninos, aprender muito mais. Você fica até querendo reforçar seus estereótipos já, anteriores, achando motivos. ‘Ah! Tá vendo, ele falou na letra que não gosta de gente da Asa Norte’. Ele também é preconceituoso, morte ao Varjão, entendeu? Não, né? Então, você tenta tirar um pouco desse estereótipo que te ajuda a crescer, cara é isso, assim, as pessoas ali interessadas, o conteúdo passado e o principal problema é o interesse, principalmente dos alunos, que muitas vezes tão ali...”

E: Da UnB?

M: Da UnB. Porque os meninos iam e não tavam ganhando nada por aquilo. A gente tava indo muitas vezes por ‘Já perdi uma falta, ainda tenho uma lá’. A questão do umbigo mesmo é o que mais dificulta, porque de repente não dá pra você fazer na faculdade, mas vem cá, quem tá interessado mesmo de ir lá, ajudar, entrar naquela realidade. Ou, vem cá, esse espírito voluntário, esse espírito comunitário vai durar as primeiras aulas só, entendeu? Porque senão você vai ficar e depois sair.”

(acréscimos)

“E: Então, você é a primeira pessoa que me dá muita vontade de conversar enquanto você tá falando, não sei se é porque eu já entrevistei outras pessoas.

M: Ou porque você já me conhece a muito tempo.

E: Pode ser, primeiro o lance que você falou do... de você morar aqui e eles morarem lá e esses olhares que se cruzam. Lembra que eu te falei que tem um documentário na Câmara que eu tenho vontade de pegar que eu assisti uma vez? Eu perguntei pra vocês onde vocês conseguiram o de estética?

M: Ah! Eu não lembro o documentário que você queria, mas eu lembro de você perguntando isso fora do horário de aula, sábado, para mim era difícil. Tá. Difícil porque você não tem tempo? Ah, também. Também tinha isso de não ter tempo. Mas, não era só isso, era estímulo, sabe? Assim, de você

não tava, aí, vai encontrar lá sábado vai discutir tal. Não sei se você lembra disso, acho que você lembra disso, teve aquilo de ‘Vamos fazer pela internet, vamos fazer não sei o quê, e-mail, dá pra resolver’, entendeu?

E: Eu lembro dessa reunião pela internet.

M: Eu não fui pra primeira reunião, porque a gente tentava fazer as coisas tudo no sábado e realmente, aí junta tudo. A gente comentou que o semestre o quê, passa muito rápido, se você for toda aula.

E: E vocês não ficam o semestre inteiro, vocês ficam só metade, é outra coisa...

M: Não, fala. Ah! Quiser, tá, deixa eu falar. Aí, por exemplo, o semestre passa muito rápido, são poucas aulas, se você usa as aulas pra planejar, os meninos estão perdendo aula, só tá diminuindo. Então, aí houve a idéia de que quem tá engajado de verdade vai no sábado lá encontrar. Porque é uma vantagem, existem vários grupos assim. Tem o Enegreser na UnB que se encontra todo sábado a tarde, entendeu? O pessoal de Comunicação Comunitária fazia frequentemente reuniões, povo não ia, se marcava de encontrar pela internet, eu to sendo sincera. É seu trabalho eu não posso ser hipócrita, entendeu? Eu não ia, e por que não ia? Que saber, tá sol, vou ficar em casa e não vai dar em nada e puft. Eu fazia outra coisa, se eu tivesse engajado mesmo arranjava tempo pra reuniãozinha rapidinha? Vamos reunir aí encontrar e tal. Talvez eu já não acreditasse que fosse dar fruto, entendeu? Agora é estranho, você disse que a reunião foi no começo do semestre. Se eu estava com esse pensamento no começo do semestre, já estou começando a fazer... Meu Deus vou chorar, (risos) Brincadeira. Começo avaliar também como eu tava... porque teve aquelas aulas com o Paulino...

E: Pois é, vocês fazem muito a parte teórica e no final, na metade do semestre você vão pra lá.

M: É verdade.

E: Eu acho que, agora eu tô avaliando, isso é muito louco. Duas coisas que eu acho, primeiro isso de vocês entrarem no meio e geralmente as outras turmas deu tudo certo porque a gente conseguia planejar a longo prazo. Esse a gente tava desestruturado e vocês entraram. A gente não conseguia planejar junto e ainda gerou um conflito: Comunicação Comunitária 1 e Comunicação Comunitária 2. E o Guilherme trocando a programação todo sábado. Não, teve um dia em que eu não fui, eu falei ah, foi o dia que vocês fizeram a oficina dentro do ônibus, que eu ajudei planejar e tudo, e eu falei que eu tenho o texto do DELE e não vou poder ir. Só, que no almoço a gente ia sentar pra planejar a Comunicação Comunitária para o próximo semestre. A Tati e o Leyberson chegaram contando, eles estavam tão assim alterados, porque o Guilherme tinha alterado o projeto mais uma vez e vocês tavam ‘Não, mas a gente tem que seguir o cronograma’.

M: Eu lembro de falar com a Tatiana várias vezes, porque eu já tava puta. Ela falou, eu falava, essa palavra você tira do seu trabalho final senão fica muito vulgar, eu tava puta.

E: Alguém já falou puta antes.

M: Tá tudo bem, né? Eu já falei foda, puta, não sei o quê eu sou desbocada. Eu lembro que, como é que fala? Eu falava com a Magá, isso não tá dando certo, não tá dando certo, falar que é complicado, tipo, não tá dando certo, a gente tá decepcionando os meninos e tal. Aí teve uma hora que eu comecei a comentar com a Tati, cara, ela tentando me estimular, ‘Não, mas a gente tem que ir lá, não sei o quê’, eu já tinha entregue os pontos, sabe? Eu não, a gente tá indo lá pra fingir que tá fazendo alguma coisa. Eu não sei se ela lembra de falando isso, mas eu lembro de falando.

E: Não entrevistei ela ainda.

M: Não, mas eu lembro de contando pra ela que eu já tava desestimulada alguma das vezes, assim. O dia da oficina no ônibus foi um dia legal, um dia divertido, bagunça, quando a gente reuniu os meninos até conseguiu fazer uma coisa ou outra. Pra mim foi legal, pra eles, não sei se foi. Flui, entendeu? Sei lá. Lembro que tinha um pequenininho, não vou lembrar o nome.

E: Juninho.

M: Mas, tinha o pequenininho que ficava ali, brincando ali, enfim. Foi até divertido, mas eu lembro que depois de um tempo eu falava muito com a Magá eu falei pra Tatiana mesmo, cara a gente não tá ajudando em nada, não. A gente tá vindo aqui por causa do nosso umbiguinho mesmo e pronto. E chato, né?

E: Mas, tem que dizer, porque eu acho que são duas, não sei se é esfera, são dois lados. Tem o quê acontece com o pessoal da disciplina e o quê acontece com o pessoal do Varjão e o Paulino, quando ele fala, ele puxa muito pra tá desenvolvendo a responsabilidade social também nos universitários. Que tem esses dois lados, essas duas moedas. Quando você entraram, eu não sei, vou ainda entrevistar o Will, o Edilmar que tava na época também mas ele não chegou a falar muito, que ele gostava muito da parte técnica, então é isso que ele destacou. Vou entrevistar o Will como era pra ele na época. Mas, eu não sei até que ponto a gente conseguiu uma coisa naquele período não, porque tava muito crítico, muito complicado. Mas, se você for pegar a Roninha, que participou de quase todo, quando vocês entraram ela ainda tava vindo.

M: Ela tava, ela ia ter o neném.

E: Isso, ela consegue, na fala dela eu consigo perceber, tipo, aqui não foi mais pra frente, teve um momento que não tava mais aprofundando, não tava conseguindo mais. E os meninos que eu entrevistei de antes dela, sei lá, eu, foi eles que me entrevistaram depois na hora, eu percebo muito de, tinha o, de conseguir montar o objetivo de que era pra mim mais ou menos onde a gente tava. De expressão, de direito, de não sei o quê.

M: Eles conseguiram?

E: Então, com esses eu acho que a gente conseguiu chegar em algum lugar, aí teve uma outra...

M: Os mais antigos, né?

E: Os primeiros e aí, quando entrou com o *rap* mudou um pouco, eu não sei, eu acho que de certa forma foi importante pra eles que foi a época da Shekná, eu ainda entrevistei. E teve essa outra fase.

M: Que foi a fase do período negro da disciplina pelo que eu to vendo, porque a impressão que eu tinha, mas eu não sabia se era algo daquele semestre, pra mim era, aí, ficava aquela questão assim, tipo, será que não deu certo também, às vezes você pensa, porque eu não me empenhei e tal, mas, os esti. Talvez a bagunça, talvez tenha faltado isso da gente sentar, porque o que se passa...

E: Eu não sei o quê faltou, eu não tô querendo falar que vocês estão erradas, porque eu não acho. Acho muito legais as coisas que você falaram. Eu fiquei muito, as coisas que a Margareth falou, tipo, de que, eram coisas que assim, eram coisas que você não viam acontecer, e tinham coisas que vocês viam acontecer, mas que eu não achava que você tavam vendo. Então, não tô querendo ó...

M: Pra mim, é novidade agora saber que vocês tavam vendo aquela crise, entendeu? Assim, tá, vocês sabiam obviamente que tinham coisas erradas acontecendo, mas pra mim vocês não tavam com essa sensação de crise, por exemplo. 'Ah! A gente não conseguiu esse sábado porque teve um problema', mas não era uma coisa, assim, meu Deus, tão grave, tão, assim, pô, nunca teve desse jeito, não. Querendo produzir legal, que nem você falou agora que um dia chega a Tatiana e o Leyberson porque não conseguiram, pra mim esse chateado era comigo, com a Magá e com a Karen, entendeu? A gente tá chateada, agora o resto, pra mim, não tava chateado. Porque talvez se eles se mostrasse chateados, aí, que o negócio despencava de vez, entendeu? Porque tava pra cair mesmo, então, talvez fosse isso. Então pra mim tava tudo assim, eles tavam emprenhados e tal, mas com nenhuma crise, assim, em relação à disciplina, pra mim, essa parte era a gente. Eu ficava me questionando, será que é porque eu to com outros interesses, aí não to me dedicando à disciplina como talvez devesse tá dedicando. Aí também fica naquela coisa, ah, também não adianta dedicar, porque não tá acontecendo nada, não tá evoluindo, não sei o quê.

E: Quando eu ouço você falar da televisão eu acho muito engraçado você falar que você se empolgou com aquilo.

M: Pois é, cara...

E: Eu fiquei muito, tipo, se eu pudesse eu teria barrado aquilo. Não, então, é uma coisa que veio pros meninos.

M: O menino prometeu tanto de uma forma tão forte, e ele trouxe tudo tão, tão claro, que eu acreditei muito que ia funcionar. Ainda porque eu perguntei pra ele muitas vezes, Jú, vem cá, como assim? Tão rápido? Aí você é tá. Aí que massa, e os garotos no dia seguinte...

E: E eu nem sei se é porque a gente acreditava que ia dar ou não ida dar, mas perceber, pô, a gente não tá passando disso aqui porque a gente planeja isso e agora vai mudar de novo, ia mudar de novo pra televisão, mas vamos trazer pra eles.

M: Eles escolheram, não foi? Ou a gente...

E: Não, não, a gente abriu pra escolha.

M: Eu acho que eu fiquei dividida, eu lembro agora.

E: A gente abriu na roda pra escolha.

M: Eu fiquei assim pô que legal essa oportunidade, mas o medo de não, de, sabe, talvez eu pensei isso depois de putz, não aconteceu. Bom, foi no sábado seguinte, em um sábado ele mudou tudo. Porque o menino chegou no sábado, gente boa o menino. Ele chegou no sábado, assistiu a aula com o Paulino, chegou a gente já tinha o planejamento. Aí foi, começou a dar idéias, a idéia da televisão, obviamente se você oferece um rádio pra pessoa e uma televisão, você vai querer a televisão. Tem muito mais coisas, é uma coisa que eu adoro, mostrar a banda, mostrar a cara. Pra quem quer aparecer é muito melhor que o rádio, né? Aí o, aí houve aquela empolgação. Então eu falei, né, legal, nossa, o garoto, não lembro, o cara.

E: Eu não lembro o nome dele não.

M: Ele é amigo da Patrícia, que a gente trabalha lá Radiobrás. Mas enfim, aí, ele botou tudo ali tão claro, como se fosse tão certo, tão fácil, 'Porque lá em São Paulo eu fiz'. 'É, sério?', 'É, eu fiz, deu tudo certo, e não sei o quê'. Então tá, bora fazer, então os meninos aceitaram e eu nem me lembro como era, assim, se eu fiquei triste porque era televisão, se eu não queria deixar, ou se eu fiquei empolgada. Eu realmente não lembro, eu lembro que a gente, tipo quem tá interessado e vai ser beneficiado são eles, então deixa eles escolherem. Aí realmente, talvez fosse a hora de você falar putz não, a gente começou algo aqui, mas

tinha que ter falado com mais... Você não vai chegar pro seu filho, uma criança, não, mas esse brinquedo melhor você não dá agora, não. Porque a gente tá dando outro aqui ainda. Lascou, Jú, sabe? Se propôs na frente dos meninos, aí já era, entendeu? E você passou, agora os meninos vão ver que tem uma televisão ali e não dá certo, agora escambou de vez, foi chato, acho que os meninos ali, acho que deu problema no transmissor.

E: É, o transmissor dele tava quebrado, que tava dentro da caixa.

M: É, ou, vamos ligar antes? Né, tudo bem, né? Foi. Aí foi chato, sabe? Eu nem lembrava que eu tinha ficado empolgada, não.

E: Você que acabou de falar.

M: Não, você falou pra mim antes, Jú.

E: Você falou (risos).”

(fim da fita)

“E: Eu perguntei se você tem dúvidas, sugestões, perguntas.

M: Ah, tá! Lembrei, porque, assim, fica difícil dar uma sugestão porque o que eu fiz foi ficar perdida, sem brincadeira.

E: O quê precisava pra você não ter ficado perdida?

M: A gente ter feito algo, Jú. Sabe? Ter saído do papel, ter saído da brincadeira, sabe? Do planejamento, entendeu? Ter colocado daquilo em prática, porque não levou a nada novo, né? Os meninos se apresentavam ali, tá isso eles faziam antes da gente chegar lá, quer dizer. E eles, eu acho que ia ter algum jogo de futebol, ia ter algum evento que eles poderiam gravar... Eu não senti muita vontade em gravar, sabe? Eu acho que esse pessoal não tá empolgado em gravar, não sei. Será que talvez tivesse outro modo de fazer a oficina, em vez de levar tanto pro lado do jornalismo? Sabe? Pô, rádio tem coisas mais interessantes, assim, de você jogar na brincadeira. Quem nem quando você pega um gravador quando é pequeno, você não sai fazendo matéria, né? Entrevista. Você brinca, mas jornalismo é muito mais livre, você entrevista e tal. Mas, não aquela coisa fechada, você chega ali, ‘Ó gente tem que ser assim, objetivo e tal’. Não sei também se vai dar certo, chegar ali e soltar um gravador pros meninos, vamos brincar? Tem um microfone aqui e ver o quê vai acontecer. Realmente, eu saí perdidíssima, porque assim, cê aprende, você tenta, você errou, você faz de novo. Eu não errei, não é que eu errei, eu não tive oportunidade de errar, pôr em prática. Errei em outras coisas, né? De não ter dado mais atenção para a matéria, de não ter me, é... não abrir espaço para me encontrar fora daquele horário, para crescer. Tratei de uma forma muito burocrática algo que não era. Sabe? Tinha que ter outro. Nossa, a pessoa que for fazer a matéria acho que tem que ter muito mais consciência de que você, de que você não vai ficar ali só naquele sábado e vai ter um trabalhinho final e ponto. Você vai ter que se dedicar, sei lá. Faltou isso da minha parte desde o começo, desde o começo.

E: Você acha que a matéria deveria ter pessoas mais selecionadas? Quem entra, quem não entra.

M: É triste falar isso, mas... Eu acho chato.

E: Tô pedindo sua opinião, o quê você acha?

M: Como estudante ia achar um saco chegar lá, ‘Como assim eu não posso pegar, se eu não posso pegar como eu vou saber que é bom?’, blá, blá, blá. Talvez devesse ter uma reunião sabe? Alunos de Comunicação querem pegar a matéria... Alunos de Comunicação Comunitária, porque é triste, a UnB já é uma zona em fazer matrícula, fazer isso antes. Mas, Comunicação Comunitária, conversar com as pessoas antes de matricular, entendeu? Fazer tipo uma reunião, entendeu? Tipo, o Paulino, finalzinho do semestre, professor responsável, a gente vai falar da disciplina Comunicação Comunitária, quem tiver interesse tem que passar por aqui, entendeu? E você, e naquela reunião tentar explicar, colocar na cabeça do povo, cabeça dura, como é que vai fazer mesmo o trabalho ali, entendeu? Cabeça dura é a minha, entendeu? Que vai ser diferente, que não vai ser algo que vai depender só muito de você, você faz seus horários ali, eu tava, nem lembro o quê eu tava. Ah! Eu tava cheia de créditos, outro problemas seríssimo, que eu não tinha tempo pra nada. Eu lembro que quando teve a greve eu achei até bom, que as outras matérias eu vou poder pegar só depois, eu lembro que eu fiquei me dedicando à Comunicação Comunitária e outra que era da Nélia, Seminários Avançados em Audiovisual, aí eu, eu podia, que toda noite eu tinha algum filme, comia muito do tempo, que eu tinha final de semana fazer os outros trabalhos e tal. Então, isso influenciou muito, eu tinha muita carga já de matéria e eu tava estagiando, eu não tinha muito tempo e o tempo que eu tinha eu não tava com muito saco. Ah! Não vou de novo pro trem da UnB, passei a semana inteira, quero dormir, quero descansar, né? Então, eu acho que, de repente, eu não sei como poderia ser feito, eu não sei se vai ser feito, mas seria de fazer com que tivesse mais consciência, sei lá, botar realmente gente que iria dar mais fruto ali, eu não dei. Tá é chato, eu não gosto de, é chato encarar isso, né? Mas, é fato, eu não produzi, eu me senti inútil na disciplina, ganhei quatro créditos por ganhar, porque eu não fiz nada. Tentei no começo e depois, e será que tentei? Nem sei, porque a gente fez um

planejamento, tentou botar, mas não deu certo. Porque é fácil falar, sentar aqui e botar a culpa nos outros, ‘Ah, o planejamento não deu certo eu fui desestimulada’, pô, eu não tive interesse também, você vê que o negócio não tá indo muito, você perde o interesse, você acaba desanimando de ir.

E: É isso?

M: É isso, ai, ai, ai”

(interrupção)

“Como, tipo, eu mesma fui percebendo aqui, algumas coisas eu fui descobrindo agora, sabe? Eu estava com a imagem de... eu fui falando para você ‘Ah! Essas pessoas não vão para lá...’. Eu começo e aí, você vai ver quando você for analisar que no começo o discurso é muito mais acusativo, né? ‘Ah! Porque as pessoas vão para lá, que as pessoas vão ligando para o próprio umbigo, não sei o quê.’” Depois eu começo a ver ‘Ué, eu também tinha este... pensando no meu umbiguinho aqui’. Eu me toquei disso agora, sabe? De algumas coisas assim. Eu sabia que no final eu falei, pô, eu chutei o pau da barraca e fui fazer um cursinho, mas a minha, antes de conversar aqui contigo, eu tinha ah, chutei porque tava uma merda e não ia dar em nada mesmo, vou arranjar outra coisa pra fazer. Mas, agora sentando e lembrando, eu vi que desde o começo eu também, assim, a parte teórica eu fiz, que era uma parte que dependia só de mim, que era uma parte mais burocrática e quando chegou a hora de e aí, mostrar o interesse, acho que faltou, mas eu só percebi isso agora também.

E: Isso chama pesquisa participante, tô vendo que funcionou.

M: Ah! Tá bom.”

Manuel Carlos Marques Montenegro Lopes da Cruz (26 anos) – 2 de junho

“Entrevistadora: Então, primeiro é tentar fazer um histórico da oficina, é... Como e por que surgiu a idéia da oficina de rádio?

Manuel: Que pergunta difícil. Um, acho que é a necessidade de, da gente, é, continuar trabalhando com aquele público, os meninos do Varjão, as meninas também, já tinham alguma experiência com rádio e a gente achava que o contato das outras atividades da Comunicação Comunitária, é.

E: Mas, por que rádio?

M: Por que rádio? Acho que foi porque naquela época a gente tinha esse objetivo, meio sem planejar muito de ter, fazer a rádio comunitária do Varjão. É, a idéia era, era meio que capacitar, só que não naquela idéia fria de treinamento técnico, assim. Era de trocar vivências e tal. E fazer uma atividade usando muito o lúdico, mas pra dar instrumentos, né? Tornar eles capazes de, sei lá, de tocar uma rádio sozinhos, meio que, é, atraí-los pra essa idéia de rádio e mostrar, tentar mostrar um pouco também o quanto uma rádio ajudaria no desenvolvimento da comunidade deles e deles mesmos, individualmente, assim.

E: E havia essa possibilidade de rádio?

M: Então, havia do jeito que existe hoje, super difícil, tem que, se não me engano eles tiveram um pedido de concessão negado e... Assim, existe se a comunidade for atrás e se, né? Muita gente se mobilizar e tal, mas eu não vejo muita diferença se, por exemplo, a gente tentasse hoje.

E: E o quê que você pensava da... Ah, não isso já tá no meio. O que você pensava em fazer na oficina de rádio?

M: Ah, eu minha parte?

E: É o quê tava na sua cabeça.

M: Eu queria, assim, eu queria dar o treinamento mais técnico possível já que tinha você e a Mazé no grupo, que se preocupavam com o lado humano das pessoas. Porque eu pensava que é... da experiência que eu tinha de antes do trabalho lá de Comunicação Comunitária, as pessoas, pelo menos os jovens que eu conhecia, a molecada, eles têm uma definição muito clara do que é o nosso contato, nós universitários, sacou? Brancos e para eles ricos, com dinheiro morando bem, tendo todas as condições, tendo o conhecimento técnico e outros conhecimentos tantos, e eles, pô, sem grana, às vezes, sem poder pagar uma passagem de ônibus. E ... tendo que fazer bicos, sem perspectiva nenhuma. É... meio desiludido com a educação, tendo que estudar em escola pública, o que ajuda a desiludir qualquer um com a educação. E... diante dessa assimetria na relação eu via que, pôxa, eles queriam uma ferramenta técnica que fosse servir realmente a eles se desenvolverem e... Terem alguma possibilidade de emprego depois, né? De virar alguma fonte de renda aquele conhecimento todo, mesmo sendo lúdico, mesmo servindo para outros propósitos de realização pessoal, de identificação com a comunidade, de noção de pertencimento, de valorização do trabalho livre. Disso tudo, eles precisavam, eu acho, eu acho que a carência deles, a necessidade deles, que eu conseguia identificar, era com o conhecimento técnico que fosse ajudá-los, assim, de uma forma mais, é... Imediata, assim. De eles, por exemplo, saírem dali e trabalhar, operar uma

mesa de som num show, operar a mesa de som num comício. É... ser assistente de operação de uma rádio ou outra qualquer. É, de ser um profissional ou um técnico desse meio audiovisual, pelo menos...

E: Você acha que isso foi possível?

M: Bom, eu acho que a gente não se aprofundou tanto quanto é, eu queria... eu esperava pelo menos. É, mas eu me lembro que eu mesmo faltei várias vezes, isso foi displicência minha, eu não consegui levar pra turma o quê eu esperava, mas só, uma coisa ficou, muito deles também faltavam, mas eram sempre, pela idéia que eu me lembro na minha mente, eles mudavam, a gente não via as pessoas, mas isso é comum em qualquer atividade que a gente fez lá ou faz em outros lugares, tem muito essa, essa... Não sei se é uma descrença ou uma desconfiança, assim, no que é o trabalho, do que vai render para eles. Eu acho que isso sempre permeia essa relação, da gente com eles, assim. Da gente, universidade, detentora do saber e proponentes da iniciativa, assim. E eles participantes da oficina. Eles, participantes dos cursos, eu acho que sempre tem essa, é uma coisa que a gente tem que lidar.

E: É, e, por que você entrou no grupo de rádio?

M: A princípio era o único que eu tinha mais conhecimento prático, e era o quê eu podia contribuir mais.

E: Havia algum outro grupo que você queria entrar?

M: Ah! De vídeo, acho que sim.

E: Por que não o de vídeo?

M: Porque se eu não me engano, na época, o Acauã tava começando a fazer o filme, o filme e tal, e eu queria, tanto conhecer mais sobre audiovisual, aprender pra mim, quanto, ajudar o pessoal fazer o filme deles, assim, o roteiro foi deles, foi bastante, foi construído muito por eles.

E: Mas, então por que não o vídeo?

M: Acho que por esse, por esse diagnóstico que eu fazia da nossa relação, de, de, já que a gente vai estar ali, já que o tempo é curto, já que tem esses problemas todos, esse ruído todo na nossa relação, o que eu podia mais dar de concreto para eles era aquilo, era rádio.

E: Beleza, e quais foram as suas primeiras impressões da oficina?

M: Ah, sempre aquela questão de que podia ser mais gente, de que eles podiam tá mais interessados, que eles tinham meio que esse pé atrás. E que lá, de repente, a gente podia ser mais objetivo ainda. Não, não, menos humano, assim, não é do sentido de, de chegar lá com uma programação mais objetiva. Por que ah, eu me lembro que a gente ia pra lá, 'Ah! Então, agora', a gente ficava nessa dúvida, nessa hesitação. E pra quem tá fazendo a oficina dá a idéia de que as pessoas não estão organizadas, de que aquilo tá meio solto, de que o tempo tá sendo gasto meio a toa. E, eu acho super importante, assim, que as pessoas se sintam valorizadas ali pra, pra conseguir mais alguma coisa.

E: E de onde que vinha essa dúvida nossa?

M: Ah, Jú não sei, acho que a gente, por mais que a gente se reuniu antes e tal. A gente não planejava atividade por atividade, semana por semana. De repente era por isso.

E: E essas impressões mudaram em algum momento ou não?

M: Ah, Jú, pelo que eu me lembro não, ficou esse mesmo, essa mesma impressão.

E: Beleza, é, você participou de algum planejamento?

M: Participei bem no começo, aquela reunião com o Flávio, com a Mazé, com você.

E: E como que aconteciam esses planejamentos? Como se planejava tanto o conteúdo quanto as atividades da oficina?

M: Eu acho que a gente se reuniu uma ou duas vezes, reuniões super longas, a gente planejando, a partir, assim, do objetivo, do que a gente esperava, do que a gente queria passar, o quê que a gente queria abordar, como que é a abordagem, é... filosoficamente também discutir o projeto, a proposta e... eu acho que a gente esboçou um plano mínimo de ações e de atividades que foram, sei lá, se modificando, né? Entraram algumas, saíram algumas.

E: Por que isso se modificava?

M: Jú, eu não lembro, assim, especificamente, não. Pô, mas eu acho que...

E: Não, por quê?

M: Acho que pela reação dos meninos, acho que pelo contato mesmo, a gente viu que aquele plano que a gente tinha feito não levou em conta algumas coisas que a gente viu lá na hora, que a gente só ia poder perceber lá na hora. Acho que por isso, eu acredito.

E: E você modificaria alguma coisa nesses planejamentos?

M: Eu tentaria fazer isso, como eu te falei, essa coisa mais fechada, com módulos, assim, e tava, a gente tá fazendo uma, uma oficina, assim. A gente tá querendo montar uma rádio comunitária em Padre Bernardo, entendeu? Um projeto de extensão da professora lá da biologia. E uma coisa que a gente está conversando muito, agora, com uma supervisão mais de perto do professor Wagner Rizzo, é que é, por mais que seja uma experiência de troca, a gente tem que chegar lá com um planejamento mais estruturado, assim, para, tanto, para, mas não só para resultados, que é sempre, assim, importante. Agora eu vejo mais a necessidade de registrar as coisas e documentar para depois você avaliar melhor, né? E até

as aulas que a gente tá vendo com o Daniel de planejamento e tal, de Comunicação Comunitária. É, mas, também para não ficar essa estação, essa incerteza, essa dúvida no meio do caminho, entendeu? O grupo chegar lá, não ter dúvida sobre o que a gente, a nossa experiência, a nossa proposta, assim. Eles saberem que a gente não é um bando de jovens, assim, sem o quê fazer e tão lá meio que altruisticamente, meio que fazendo uma caridade, passando a mão na cabeça deles. Mas, a gente tá lá propondo uma coisa concreta que vai melhorar a vida deles, que pode vir a melhorar a vida deles.

E: Beleza, e quais que eram os objetivos da oficina de rádio?

M: Jú, pelo que eu me lembro (risos) era ajudar a fomentar essa idéia no Varjão, de ter uma rádio no Varjão.... De capacitar e meio que levar o bichinho da rádio para morder eles e contaminar o pessoal com essa idéia de que, pô, uma rádio ia ser legal para o futuro deles.

E: Beleza, e você acha que eles mudaram em algum ponto? Esse objetivo?

M: Não sei se os objetivos, mas os meios, acho que ficou bem mais de uma troca de vivências, de chegar a esses objetivos por outros caminhos. Assim, não é uma crítica, mas eu acho que o processo, né? Foi conduzido por quem tava tocando mais. Você, a Mazé, o Flavinho na época, não sei se o Flavinho tava.

E: Acho que ele tava dentro do planejamento, mas não participou das oficinas, não.

M: Ele não foi nas oficina, né? Mas eu acho que pô.

E: Mas, quais eram esses outros meios?

M: Ah! Eu acho que brincadeiras, de jogos, de interação. Às vezes eu acho que eles tavam com vergonha, assim, não viam como muito aquilo se relacionava com a proposta inicial. Mas, aí também não é culpa das, de ser lúdico, as atividades, né? É aquela coisa, no nosso planejamento é uma coisa, quando a gente chega lá encontra vários outros elementos. Eu acho que eles ficavam meio, mas acho que é em geral, meio que uma desconfiança em relação a tudo em geral, a novidade, é... Eles, sei lá, acho que a relação que eles têm com o Estado, o resto da sociedade, né? Não periferia, assim. Eles têm uma relação, sei lá, uma relação meio paternalista. Pelo menos com o Estado e parte da sociedade, porque muitas das mães dos meninos eram empregadas ou faziam funções, é... Não subalternas, mas, não sei qual é o adjetivo, mas sei lá. Tinham mil chefes acima deles e sempre estavam mais prontos a obedecer, que conversar, e ocupar o espaço que a gente dava pra eles, enfim, interagir e, e, interferir no planejamento, na construção do processo. Eles não estavam acostumados com esse espaço todo, esse poder todo. De poder reclamar, de poder propor outra coisa.

E: É, e o quê que a oficina de rádio fazia?

M: Jú, pelo que eu lembro (risos), tinha uma parte de exercícios, assim, coletivos, de pensar o filme, ah... Eu não tô lembrado se foi nessa época que a gente discutia aqueles textos do Gindré. Do monopólio da comunicação, lembra, assim?

E: Eu acho que não, que foi pra outro grupo.

M: Foi pra outra pessoa? Ah, uma coisa meio difusas, mas, pô, eram atividades lúdicas que levavam o pessoal a interagir entre eles, despertar a criatividade, discutir rádio, discutir o quê que faltava para eles, o quê que uma rádio podia contribuir... Tinha uma parte técnica também, mas eu acho que a gente não soube torna-la mais concreta, mais como se fosse despertando uma idéia de que tudo aquilo poderia ser mais concreto, não era algo abstrato ali, era um conhecimento super técnico que poderia servir para qualquer um que estava ali. Faltou, de repente eu fazer isso, puxar mais esse lado, assim.

E: Por quê?

M: Porque pra mim essa era a, a função mais importante do contato ali, então meio que ficou minha responsabilidade, eu acho.

E: E, quais eram as influências da oficina de rádio, tanto pra você mesmo, quanto pros meninos do Varjão?

M: Acho que pra eles, eu posso responder por mim, né, Jú?

E: Quais eram suas percepções.

M: Deles?

E: É, o que teria tido de influência neles?

M: Influência neles, acho que, que eu consegui identificar um pouco neles essa idéia de que rádio não é um bicho de sete cabeças, e um conhecimento super sofisticado e tal, e que eles podem fazer rádio numa boa. É... podem fazer uma vinheta, podem fazer programa, não é difícil. Isso eu acho que a oficina fez. Para mim, sei lá, foi mais um aprendizado, uma vivência, que me ensinou muita coisa de, dessa relação entre dois, dois sujeitos muito diferentes, assim, né? Limitando a gente como universitários, limitando lês como, em geral, secundaristas, mas de baixa renda, que vivem no Varjão sem vários direitos, assim, direito à educação, direito à saúde, direito à polícia é... direito à segurança. E a gente tem um monte de direitos e vivemos com muitos privilégios e eles viverem com muito pouco, né? Eu acho que isso, que eu cheguei foi muito isso.

E: E como que era a oficina de rádio?

M: Ué, Jú (risos), pelo que eu me lembro, a gente chegava lá na escola, na escola classe, né? Do varjão, pegava uma sala, já estava meio que combinado com a diretora, juntava o grupo. Já tava pré-combinado se eu não me engano. Aí sentava, né? Não sei, nas primeiras tinha, sei lá, umas 8 ou 10 pessoas, às vezes tinha umas 5, ia caindo, depois voltava, a gente conseguia resgatar um ou outro que já tinha participado e estava interessado um pouco. Daí, a princípio, expunha a atividade do dia, que, pelo que eu me lembro são essas, de atividade lúdicas, coisas assim de interagir, tal. E, por aí, ficava na manhã com eles nessa interação com o objetivo de continuar, com esses objetivos de poder despertar, sei lá.”

(interrupção)

“E: Tá, e o quê você faria de diferente na oficina? O quê que era? Era essa parte técnica? O quê?

M: Era de estruturar melhor, planejar atividade por atividade, final de semana por final de semana. A gente chegar e discutir, meia hora pra essa atividade, trinta minutos pra essa atividade, depois a gente vai entrar nessa. É... porque, sei lá, na semana passada a gente viu que de repente eles, eles precisam se soltar mais, de repente eles não tá, não tá contribuindo tanto pra eles, não tá contribuindo tanto pra proposta, assim, pra o que a gente tá fazendo. Acho que é pensar mais e fazer as modificação em cima das reflexões, mais a tempo, dentro das unidades, sei lá, dentro da sequência do tempo, assim, dentro dessa linha do tempo, para a gente poder ter resultados mais mensuráveis, assim, mesmo que seja a nossa própria percepção que os resultados sejam impressões, né? Acho que a gente não tinha muito isso, pelo menos pelo que eu lembro, Jú.

E: E quais os pontos fortes e os desafios da oficina?

M: Os pontos fortes eu acho que... é essa proposta de, de fomentar essa idéia de uma rádio comunitária no Varjão, que, independente da gente, eu não vejo quem mais poderia puxar essa idéia no Varjão, que não fosse um líder comunitário ou um empresário, que ia ser dono da rádio, como tem em outros lugares. Eu ouvi esses dias, engraçado, ontem, eu duas história da Paranoá F, da rádio comunitária do Paranoá, engraçado, que o Randal do TamNoá, que a gente encontrou no fórum, ele toca um programa na Paranoá. Só que eu encontrei o Geninho, que é amigo dele, e diz que eles tão pagando, que eles cobram pros meninos tocarem programa.

E: Ah é?

M: É, e que, e que é assim, uma rádio comunitária com um dono, que tem várias por aí, não só no Distrito Federal, e que acaba virando uma pequena emissora, uma emissora comercial de baixo alcance. Só que quando o Geninho me contou essa história a noite, eu conversei com o Nenê, que tem a rádio Porão do Rock, que em tese é a rádio comunitária da Asa Norte, e daí ele falou que eles suspenderam a rádio, pararam a rádio porque a rádio Paranoá FM entrava no sinal e daí, como eles já tinham reclamado, procurado a ANATEL, gritado aos sete ventos, só que não rolou nada, ninguém, não melhorou. E aí, por exemplo, o sinal deles pegava aqui aí de repente, um quarto da Asa Norte você ouvia Porão, no outro quarto você ouvia a Paranoá FM, que a Paranoá, eu acho que antena deles é muita alta e não sei qual a potência do sinal deles, do transmissor deles, que, pelo que eles me falaram é de 25 watts. E eles respeitam e tal. Então, fecharam por causa desse tipo de coisa, que é, é, não sei, se fosse, se fosse um grupo, um conselho comunitário do Paranoá se eles ficariam sensíveis, por exemplo, a existência de outra rádio e aí abaixariam, sei lá, pensariam em um jeito de mudar, né? Pô, acho que a grande, o grande desafio da rádio comunitária no Brasil, fugindo um pouco do desafio da oficina, mas às vezes é o desafio da oficina também, não tem como não ser. Mas, assim, é convencer as pessoas ou, pelo menos expor essa idéia de que, pô, uma gestão coletiva de uma entidade de uma coisa que nem uma rádio comunitária é muito melhor para todo mundo, assim, fortalecer tanto o espírito de comunidade, a capacidade das pessoas de negociar, de expor as idéias, de comunicar, de interagir melhor com as pessoas, sem essa coisa de... de... horizontalizar as relações, não tem um chefe mandando, né? Porque as pessoas estão muito acostumadas com isso, é, meio que domestica as pessoas, você tá sempre esperando um patrão te mandar fazer alguma coisa. E se você é um patrão aí você, você se sente na incumbência de mandar todo mundo, todo mundo e, e às vezes isso até prejudica, porque há vários processos que os patrões. Não os patrões, mas os chefes que acabam pegando, adotando essa postura de patrão, muitas vezes....”

(fim da fita)

“E: Então, você tava falando da questão de chefe, desse negócio de...

M: É dessa mentalidade de, das pessoas, que o capitalismo, tem, né? Que tudo depende de uma hierarquia, que o sucesso de uma atividade pra dar depende de uma hierarquia que tem um chefe e tal, eu percebo assim, a experiência que eu tive como trabalhador e como, estagiário é um trabalhador, assim. É, o chefe sempre centraliza demais as demandas do plano estratégico, o quê inibe, por outro lado, se exime dessa parte operacional. E o problema de, é que eles não tem, eles não tem, é, uma resposta, respostas, do

canal de comunicação do operacional, que realiza as tarefas no dia a dia, pra poder influenciar as decisões estratégicas e ao mesmo tempo, e porque ao mesmo tempo, ele não tem muito esse contato com o com quem tá tocando as coisas operacionais e, ao mesmo tempo as pessoas que tão no operacional ficam meio que, não vêm muito aproveitado o trabalho que elas fazem, a percepção delas do trabalho que elas fazem. Que as modificações que elas proporem, que elas têm pra propor se elas tivessem algum grau de influência no plano estratégico. Então, na rádio comunitária é, passa por isso, porque numa, numa rádio que tem um dono, que tem uma hierarquia, que tem um chefe que manda em todo mundo e que chega a cobrar das pessoas pra fazer um programa, que é meio ilegal, é... A gente fica, essa sim, eu fico, sei lá. Meio, lógico que eu poderia tá um pouco mais por dentro da rádio Paranoá pra eu falar, mas assim, acontece esse absurdo, da rádio invadir outra rádio comunitária. Se fosse uma rádio comunitária é, isso é uma postura de uma rádio que enxerga a outra rádio como concorrente, não como uma outra iniciativa comunitária pra desenvolver a comunidade ali do lado, sacou? E, e numa rádio comunitária ideal, que é um conselho de gestão coletiva, acho que as pessoas teriam, pelo menos, mais chance das pessoas se sensibilizarem com isso, poder mudar, né? E como, nessa gestão horizontal, coletiva, o operacional e o estratégico se misturam, é, eu acho que teriam, sei lá. O funcionamento da rádio teria uma resposta muito mais rápida, entendeu? A esse tipo de problema e a vários tipos de problemas, não só. Eu acho que é um desafio da oficina pensar, tornar as pessoas cientes, ou sei lá, convencer as pessoas de que é melhor trabalhar em grupo, porque, não só lá no Varjão, mas em qualquer lugar, você vê é, as pessoas optarem muitas vezes por uma solução individual que resolva o problema delas e não que resolva o problema de todos. Mas, essa solução individual muitas vezes ela é de curto prazo e não resolve o problema de todo mundo. E quando acabar, essa solução deixar de existir, sacou? Um emprego, um bico que alguém faz vai voltar o problema individual de uma pessoa que sobra pro coletivo, então o coletivo vai ficar grande de novo e sem condição de novo, e ainda vai ficar essa coisa de, pô, você não vai poder contar muito com aquela pessoa, se viu que na primeira oportunidade ela sai fora foi resolver a vi... o problema dela. E, assim, é uma tarefa muito difícil pra uma oficina de rádio resolver, mas, é, eu acho que a gente pode pensar nisso, tem que pensar nisso, porque é, a gente vai encontrar em qualquer comunidade, com comunicação ou não.

E: É, por que você deixou de participar da oficina?

M: Por que eu deixei de participar? Ah! Jú, eu acho que é coisa pessoal, assim, não sei dizer. Se eu tava ciente, sei lá. Muitas festas coincidiram de ser sexta-feira (risos). Mas, cara, esse, é pessoal, acho que não vai ajudar muito pro seu trabalho.

E: E quais fatores que dificultam ou auxiliam o desenvolvimento da atividade de extensão?

M: Dificultam.

E: E auxiliam, pensar os dois.

M: Dificulta: um, grana; dois, não ser institucionalizado, porque parece que é uma coisa meio improvisada que você faz lá no seu tempo livre e na verdade é um dos pilares dessa universidade, ou pelo menos dever ser.”

(interrupção)

“M: Então, dificuldades da extensão: um, dinheiro, porque a gente sempre acaba pagando para trabalhar; dois, a gente não ser uma atividade institucionalizada da universidade, qualquer atividade de pesquisa que você faz, qualquer não, mas tem muito mais chance de você receber dinheiro, receber apoio da universidade, estrutura física, um ônibus que seja para você fazer pesquisa é... sei lá para ensino, você dar uma aula, do que você fazer extensão. Parece que extensão é um trabalho voluntário que depende só das pessoas e isso... é... dificulta mais, dificulta no curto prazo, lógico, no plano imediato, mas dificulta também a longo prazo, porque uma das grandes dificuldades, um dos grandes problemas da extensão universitária, aí, né?... Tem pessoas que já escreveram textos inteiros sobre isso, é que a atividade acaba sendo uma coisa super pontual. Fica lá 1 ou 2 anos e depois sai da comunidade sem apresentar, sem dar satisfação nenhuma e... e cresce, acaba deixando muita desconfiança, assim. As pessoas não acreditam mais que a universidade é uma instituição pública que deveria pelo menos pensar com eles a solução para os problemas. É, que mais? Outras dificuldades? Coisas que auxiliam ou dificultam? Ah! Dificuldades eu acho que, não sei se é tanto no plano da universidade, eu acho que é.... As pessoas em geral são egoístas, né? (risos) E pra você descobrir uma pessoa que disponha de seu tempo sábado, vamos dizer um tempo livre em geral, que é o plano da extensão, ela precisa de uma recompensa pra isso tudo. Então, para você descobrir uma pessoa que se convença que aquilo é bom para ela, que ela vai melhorar como pessoa, que ela via ter alguma vantagem pessoal, é difícil, né? Demora. Por isso que tem menos voluntário, por isso que tem menos gente, sei lá, numa matéria que tem crédito sábado de manhã. Apesar de quê, no nosso caso de Comunicação Comunitária, dá crédito. Optativo, e tal. Mas, por exemplo, essa mudança que o Extramuros conseguiu da extensão virar crédito, obrigatório, 10% do curso, ah... Acaba que, trabalha com

essa perspectiva também, as pessoas serem egoístas e fazerem as coisas por causa de uma recompensa. Algumas coisas que auxiliam, a marca UnB. Você chegar lá dizendo que é da UnB meio já te dá uma aura de... respeito, as pessoas te escutam mais um pouco, acham que você tem conhecimento meio que diferenciado e tal. Senão excepcional, pelo menos, maior que o deles, sei lá, diferente do deles, vai fazer eles te escutarem. É... putz, coisas que auxiliam a atividade de extensão em geral? Ah! Eu acho que só de você, da proposta extensionista, de você ir a campo e se propor a discutir os problemas com a comunidade, eu acho que as pessoas já se sentem ajudadas, assim, já sentem que você está se solidarizando com eles e tem uma abertura um pouco maior, do que se você fosse chegar lá por exemplo e fosse fazer uma pesquisa e... não só quero sua entrevista e tal, e depois vou embora pra minha casa. Eu acho que, é uma coisa que auxilia.”

(acréscimos)

“E: Alguma coisa que você quer acrescentar? Dúvidas, sugestões, perguntas, angústias?

M: Então, qual é o seu projeto mesmo, Jú? Você tá fazendo um relato sobre as oficinas, e...

E: É, vai ser meio que uma avaliação de como foi a oficina a partir da análise do discurso, aí eu vou pegar algumas categorias disso. Por exemplo, eu já vi na fala dos meninos, comunicação ligada a direitos humanos. Aí pegar todo mundo que falou sobre isso e analisar, entendeu? E aí o quê deu? O que a oficina fez? E aí.

M: Pra montar uma oficina.

E: Disso, e pode ser usado pelas pessoas, não sei agora com outro professor, mas acho que o Paulino poderia usar muito isso, dele dar na aula pra gente não ficar tão perdido, e saber o quê é, para eles também saberem, pô, e aí?

M: E aí, né? Pra que serve? Pô, legal.

E: É isso?”

Sabrina Nascimento Frontina (16 anos) – 2 de junho

“E: Como você ficou sabendo da oficina de rádio?

S: É por causa que eu fiquei sabendo de uma amiga minha que era da rádio, ela falou assim, que era muito bom, que o pessoal lá de rádio no Varjão. Aí eu peguei ‘Ah! Eu também quero’ e eu peguei e fui mais ela.

E: O quê que ela falou?

S: Que tinha uma oficina que queria fazer uma rádio aqui no Varjão. Aí, eu peguei e fui, sabe? Para ver se era bom mesmo. Aí eu peguei e fui, e gostei.

E: E sua amiga é a Roninha?

S: É

E: Beleza. É, e como que as outras pessoas ficaram sabendo da oficina, você sabe?

S: Ah! É por causa que lá no colégio a gente ficava discutindo, aí nós tava falando que tinha oficina de rádio, não sei o quê, não sei o quê. Aí todo mundo se interessou. Algumas pessoas que iam mais, nossas amigas, assim.

E: E essas pessoas chegaram a ir na oficina de rádio?

S: Chegaram, o, os meninos lá, não sei o nome deles lá, não. Mas, chegaram.

E: E qual que era a melhor maneira de chamar as pessoas pra oficina?

S: Ô, falar de rádio, uma rádio no Varjão.

E: Falar o quê?

S: Falar que vai ter uma rádio no Varjão e o objetivo é esse e que toda comunidade vai participar disso.

E: E qual que era a sua motivação pra fazer a oficina? O quê que te motivou a participar?

S: Ah! Ficar falando na rádio, assim, e depois ouvir a sua voz de novo é bom. Só isso, ô, que emoção.

E: E quais suas primeiras impressões da oficina?

S: Como assim?

E: Você chegou e qual foi a primeira coisa que você percebeu, que te, te chamou atenção? O quê você pensou, assim, no primeiro momento, você chegou lá um dia e o quê que você pensou?

S: Ah! O quê eu pensei, ah, eu ficava com vergonha, aí depois eu fui enturmando e pensei, assim, aí tomara que eu vá para rádio. Aí até que aconteceu mesmo, a gente foi para aquela rádio Shekná. Aí perdi a vergonha. Pensei que ia ser difícil, mas me controlei e estou aí falando mais do que nunca.

E: E as coisas que você pensava antes, no primeiro dia da oficina, elas mudaram? Voc~e começou a pensar outras? Foi diferente?

S: Não, mudaram, não. Teve, e até fez o símbolo, da Radiola, foi muito bom, aí que me deu mais motivação pra rádio mesmo, pra participar.

E: O quê que era a Radiola?

S: Radiola?

E: É, que você falou que fez o símbolo da Radiola.

S: Pra ser da rádio aqui do Varjão, assim, porque todo, toda, assim, toda rádio tem um símbolo, aí a gente inventamos de fazer um símbolo pra nossa rádio também.

E: Beleza. É, por que você continuou participando da oficina todo sábado de manhã?

S: Ah! É porque a gente quer abrir essa rádio, entendeu? Nós já fez vários bazares, aí a gente está tentando pôr uma rádio aqui no Varjão. Aí também, assim, fazer pesquisas, falar na rádio, ver o quê que tem aqui no Varjão, muitos grupos de *rap* e *hip hop* canta aqui no Varjão. Então, é isso que a gente gosta de fazer.

E: E como que poderia ser essa rádio?

S: Poderia ser? Como assim?

E: É uma rádio com transmissor, é uma rádio... Como que é essa rádio?

S: Ah, ou é rádio-poste ou rádio normal, transmissora. Mas, a gente tá pensando na rádio-poste, né?

E: E o que falta pra isso acontecer?

S: Ah! Isso falta, acho que só as coisas de rádio mesmo.

E: Quê coisas?

S: Som, as caixinhas, as caixas de por na rua e também a autorização.

E: O quê você fazia na oficina?

S: O quê eu fazia na oficina? Ah! Eu ficava pesquisando o que tinha no Varjão e falava lá no rádio. Pesquisar, todo mundo tinha uma parte para pesquisar. Ai quando ia na rádio, falava. Todo mundo tinha uma parte pra pesquisar e quando ia na rádio falava nossa parte assim, era mó legal. Eu me sentia locutora, né?

E: E como que era a oficina?

S: Ah! É ótimo, você, aí, você se distrai, é muito bom mesmo, e você pode, ó, você perde a vergonha, quem tem vergonha, perde a vergonha, porque quando você tem todos os seus amigos assim, é bom.

E: Mas como é que era? O quê você fazia lá?

S: Ah, a gente cantava. Chamava outros grupos pra cantar, falava muitas coisas diferentes, pesquisava o quê tava acontecendo na escola e, só. Tem umas coisa a mais, só que eu não to...

E: O quê mais gostava e o quê você não gostava na oficina?

S: O quê eu mais gostava mesmo era de cantar, de participar. Quando eu perdi a vergonha, agora eu sou sem-vergonha, quando eu perdi a vergonha eu comecei a cantar mais a Roninha, a gente apresentava bastante. E o quê eu não gostava é que o tempo era muito pouco, só.

E: O tempo no sábado, ou no que?

S: É, no sábado, que a gente ia lá pra rádio, era pouquinho. Aí quando a gente via, acabava, voltava muito rápido.

E: E quais atividades foram realizadas primeiro e o quê foi realizado depois. Assim, pensando em uma linha de tempo.

S: Atividade primeiro? Primeiro, era, falava o que acontecia no Varjão. Primeiro tempo, falava o que acontecia no Varjão e em torno do Varjão. E depois a gente cantava, né? Tinha esse momento, chamava todo mundo para cantar também. Convidava a governadora também... É governadora? Ih meu Deus não é governadora, não. É...

E: É líder comunitária? Administradora?

S: É administradora. Convidava várias pessoas. E por último nós sorteava uns brindes e todo mundo ficava ligando e a gente tocava música.

E: A oficina de rádio teve alguma importância?

S: Teve.

E: Qual?

S: Teve porque, assim, eu acho, né? Pra mim, teve porque, é, quando a gente ia lá na rádio, todo mundo ficava com vergonha, né? Teve importância que a gente perdeu mais o medo, eu to falando tanto disso, né? O medo, e da gente descobriu muitas coisas diferentes que a gente nunca viu.

E: O quê, por exemplo?

S: Ah! Como, fala do computador, como troca de música e o outro coloca, faz outra coisa. Isso aí a gente aprende muitas coisas. O quê é uma rádio, né? Aprende muitas coisas né? O telefone também toda hora tocando e... só.

E: E você usava a oficina de rádio pra quê?

R: Pra quê? Eu era pra... pra... Eu queria ser locutora, né? Era pra treinar minha voz mais, perder mais a timidez, só.

E: Você queria ser locutora na oficina ou em geral?

S: Não, na oficina, porque eu tenho vergonha, sabe? Aí, eu tava treinando mais na oficina.

E: É... Qual era a percepção das pessoas de fora da oficina de rádio?: O que as pessoas de fora da oficina falavam?

S: Ah! ‘Que legal! Eu também quero participar’. E eu, ‘Ô é sábado’. Aí o sábado. Aí também lá na escola todo mundo comentava na sala de aula da rádio. Eu levava papelzinho, Shekná FM 107,9. ‘Ah! Então, eu vou ver’. Aí quando chegava, quando passava o sábado. ‘Ai! Que legal! É bom mesmo. Eu telefonei e tal’. Só isso.

E: Mas, porque elas achavam bom?

S: Porque, ó, *rap*, música e brindes. Tinha o *rap*, os brindes. E as pessoas assim, muito legais também, conhecíveis, como.

E: Pessoas o quê?

S: Que eu, conhecidas falando, as meninas falavam pra mim, né? Que era legal por causa disso.

E: Legal, e qual era o objetivo da oficina de rádio?

S: O objetivo era fazer uma rádio aqui no Varjão, e... Fazer uma rádio-poste no Varjão ou rádio normal para toda comunidade. O objetivo é só esse.

E: Tá, e quais foram as formas de financiamento da oficina de rádio?

S: Ah! Foi bom, teve bazar, teve dois bazares e. Dois bazares e todo mundo ajudou, foi isso mesmo.

E: E foram prometidas bolsas pra quem participasse da oficina de rádio?

S: Não.

E: É, tiveram conflitos na oficina?

S: Brigas, né?

E: É tipo, entre vocês, entre vocês e a gente, entre a gente? Em algum momento teve algum conflito?

S: Não (risos). Não teve, todo mundo participou igual, todo mundo. Nossa, tudo na paz. Todo mundo também tinha sua parte de falar, tinha seu momento, tinha sua hora, tinha seu minuto. Então, não teve nada.”

(acréscimos)

“E: Você quer falar mais alguma coisa sobre a oficina? Críticas, sugestões? É, comentários em geral?

S: Só falar que a rádio é muito boa, todo mundo gostou e quando acontecer mesmo, colocar os postes aí, ou uma rádio normal, aí que todo mundo vai interessar mais ainda, vendo nossos esforços, de todo mundo, da comunidade, aí que vai vir mesmo grupos culturais para visitar nossa rádio. E a rádio de toda comunidade.

E: O quê precisa pra oficina continuar, tipo, pra ter essas caixas de som no poste?

S: Precisa, é, precisa acho que um pouco de dinheiro e as coisas para rádio. E a autorização que não saiu até agora. Só. E o povo também, tem que compartilhar aí também, senão... Senão, sem ajuda....

E: Você tem alguma frustração?

S: Que, que é isso?

E: Alguma coisa que tipo, te decepcionou, que você queria que a oficina tivesse e não teve, ou alguma coisa era pra ter acontecido e não aconteceu?

S: Não.

E: Não?

S: Ah! Não, teve uma vez que eu fiquei com um pouquinho de raiva porque eu perdi o ônibus, a van, né? Aí eu tive que ir de pé, mas só.

E: Que van era essa?

S: A van do, como era o nome daquele homem?

E: Do Dida?

S: Do Dida, a van do Dida, aí eu perdi a vanzinha. Eu cheguei, acho que o Dida marcou às 10h acabou e todo mundo vai. Aí eu cheguei, perdi e tive que ir a pé era umas 10 e pouquinho, não sabia que era ali, ali na pracinha, e perdi.

E: É só isso?

S: Uhum.”

Maria José Rodrigues de Sousa (24 anos) – 3 de junho

“Entrevistadora: Como e por que surgiu a idéia de fazer a oficina de rádio?

Maria José: Porque eu sou mais antiga no projeto, eu peguei um pouco antes. E que já tinha essa idéia de oficina, mas era uma oficina de comunicação geral, tipo, junto com o pessoal... Com o pessoal do curso de medicina, que era um projeto maior na área de saúde, que tinha o objetivo de combater a violência, né? E as doenças sexualmente transmissíveis, dentre elas o HIV, né? Então, ele bolaram um projeto, que eles iam ser capacitados em saúde, mas como saúde, só capacitação em saúde, capacitar esse jovem em saúde

não ia chamar, juntaram outros dois cursos que foi a parte de análise de sistemas, que faria a capacitação em informática e o pessoal de comunicação também entrou. Na época o Paulino não sei bem como começou isso, porque já peguei já estava andando. A idéia era capacitação dessas crianças também, essas crianças e jovens, para a parte de internet, né? Computador, *office*, capacitar para o mercado mesmo. Para eles poderem ter uma opção. Ter mais chance de concorrerem no mercado de trabalho. A comunicação entrou junto para ir com a parte de arte e teatro, né? O objetivo era mais, a comunicação não era um fim, ela era um meio de estimular a... fazer as crianças se expressarem, se soltarem na parte de expressão e tudo, né? Na comunicação, nas oficinas de rádio que rolavam, principalmente rádio. A gente já tinha um enfoque maior em rádio porque era o meio que eles mais se identificavam, né? E vira e volta a gente fazia uma coisa de teatro, atividades lúdicas dentro da oficina também, porque não era um fim. A comunicação não era vista como um fim, ela era um meio, Que o quê era um fim mesmo dentro do projeto era a saúde, que era o projeto lá da Medicina que era a capacitação de saúde. E a comunicação entrou justamente para isso, para fazer as crianças colocarem o que elas aprenderam na parte de saúde, de medicina, com o pessoal da medicina, de outras formas, comunicar isso. Como que elas vão sensibilizar a comunidade delas, como que elas vão se tornar líderes, porque elas iriam se tornar multiplicadores. E a comunicação para multiplicadores é fundamental. É a pessoa ser desinibida para conversar em público. Então foi mais ou menos isso e depois a gente, o projeto da Medicina acabou mas a idéia das oficinas permaneceram a idéia permaneceu. A idéia permaneceu porque a gente viu que era importante. Então eu vi que faltou um pouco de. Quando começou o projeto faltou um pouco de, dessa parte de conteúdo, porque a gente tava capacitando tecnicamente comunicação quando saiu o pessoal da Medicina a gente já não tinha mais conteúdo, não tinha mais a base teórica de algumas coisas. Então, pra rádio foi uma parte que falhou.

E: E como que passou dessa oficina geral de comunicação pra específica de oficina de rádio? Como é que veio?

M: Foi no semestre seguinte, porque veio com ... e aí depois também surgiu coincidentemente, no meio dessas coisas todas surgiu o Ponto de Cultura [...] O projeto Ponto de Cultura do governo federal, que o Varjão foi contemplado, a AOPA, né? Aí eles deram a idéia da gente fazer oficinas. Aí não entrou só rádio, entrou rádio, vídeo, jornal impresso (que já tinha). Na verdade a comunicação comunitária já tinha essa parte de jornal impresso. Mas o rádio entrou forte mesmo nessa parte do Ponto de Cultura, quando foi estimulado, aí fizeram a inscrição de criança e tudo. Foi assim uma coisa ligada com a outra. O projeto da Medicina acabou e a gente tava dando oficina de comunicação e aí aproveitamos já e demos mesmo uma continuidade a isso. Aí foi que o Ponto de Cultura, o surgimento do Ponto de Cultura no Varjão estimulou já... Meio que ficou as ações da comunicação pelo menos uma parte.

E: E... Assim, antes de começar concretamente a oficina? O quê que você planejava fazer lá dentro?

M: O quê eu planejava fazer lá dentro?

E: É, o quê você tinha na sua cabeça?

M: Eu comecei quatro anos atrás. Pra saber o que tinha na minha cabeça...

E: Mas, eu digo da oficina de rádio.

M: Da oficina de rádio? Tá. Eu, para mim, eu nunca separei muito, não. Essa questão de quando eu fazia o projeto de medicina e a de rádio, quando ele veio. Eu almejava sim. Eu achava que era importante ter um rádio no Varjão, achava que implementar uma rádio no Varjão seria muito importante. Eu já tava meio que iniciando isso. Mas, eu já tava meio que vindo de uma forma anterior, já que começou com a Medicina. Que essa parte da expressão mesmo. Pra mim... se eles já comessem... se eu já visse mudanças naqueles jovens, mesmos de eles se tornarem líderes e tudo se pudessem. Eles pudessem expressar ou colocar suas idéias. E não só colocar e eles realmente terem o poder de, de, de... influenciar na comunidade deles para aquilo que a gente tava pensando e eles também estavam pegando. Na verdade, a gente não estava passando. Eles despertavam para muitas coisas lá. Pra mim já era um avanço porque eu acho que nada é perdido, né? Acho que tudo é um crescimento, mesmo que seja uma pessoa, pra mim não é quantidade, pra mim é mais qualidade do que quantidade, eu sempre prezei muito por isso. Podia ser uma pessoa interessada, mas a gente não deixa morrer, sabe? Assim é... Então pra mim, eles foi bem isso. Claro, almejando a questão da rádio porque o papel da rádio para mim eu nunca vi, assim, a rádio é importante como um fim, tudo, ia ser bom para a comunidade, mas o fato deles conquistarem e terem, conquistar aquilo ali, eles irem atrás e buscarem é um negócio que me motiva. Fazer com que as pessoas sintam a importância de lutarem pelo que querem. Via como um meio assim, então, acho que de qualquer forma foi, mas muitas coisas terem dado errado, a gente conseguiu... Foi pouquinho, mas foi.

E: Você lembra suas primeiras impressões na oficina? Aí na oficina de rádio? Quando a gente começou a dar... Você lembra quais eram suas primeiras impressões?

M: Eu sou uma pessoa muito otimista, assim, eu não... Eu sou naturalmente otimista, então, impressões, assim, eu sempre tive, eu já convivía com a comunidade, pois na verdade eu já conhecia o Wilson e a galera da rádio, eu lembro que do projeto da medicina, então eu sempre achei assim."

(interrupção)

“E: Então, tava falando das suas impressões, quando você era bem otimista.

M: É, eu sou uma pessoa que tenho para mim e assim pro meu otimismo morrer, precisa de muita coisa, muita coisa mesmo. Pra mim, eu estou até agora no Varjão é porque eu vejo, eu tenho sempre a esperança de que as coisas vão melhorar e eu vejo realmente alguma coisa... Muitas melhoras. E nessa parte...

E: Em que era a melhora, por exemplo?

M: Não, eu acho que o Varjão começou a ser mais olhado por Brasília, de uma outra forma, assim, apesar de ainda ter aquele estereótipo de violência e tudo, eu acho que começou a ser olhado tanto pelos meios de comunicação, também de certa forma começou a veicular aquela coisa do vídeo, trabalho comunitário, apareceram, certa forma, não foram, teve uma crítica grande. A própria ações dos meios de comunicação, aquela Ação Global começou a atuar no Varjão. Então, todo mundo começou olhar pro Varjão, mas até eu não sei se é tão positivo, ou negativo. Também tem o seu lado ruim, porque lá se sobrecarregou enquanto outras comunidades estão mais carentes, assim, estão precisando, não tem nenhuma, ninguém tá olhando por elas, né? Mas, pro Varjão, via. A questão do transporte também, eu vi que já era uma mudança. O ônibus tá entrando no Varjão. O ônibus tá entrando no Varjão. Daí não era, até o começo do ano passado não tinha isso, que eu saiba não tinha. Eu tinha certeza de que nós estávamos atuando no Varjão, ter dado esse olhar para o Varjão fez com que outras pessoas olhassem também, vissem, ‘Ali precisa’. E a gente precisa, entendeu? Começou a ter mais pressão pra poder, o poder de pressão também, que acaba tendo. A comunidade se tornou mais consciente, líderes que eram sementinhas... Assim.... Tipo, o potencial de ser líderes, de, de, influenciou a comunidade positivamente, tavam apagados porque não tinham espaço para eles atuarem. E com esse projeto isso aí foi despertado, muitas pessoas que até então, ou pessoas que já eram, já tinham uma meia liderança, e lá começou a se... E outras pessoas estão despertando pra isso. E tão vendo outras saídas, porque a gente pensa assim, a gente pensa ‘Eu tenho que atuar’, ‘Eu tenho que trabalhar fora da minha comunidade’, porque não trabalhar lá dentro? Eles começam a ver coisas aqui dentro, eles trabalharem, atuarem, eles ganharem renda.

E: Suas primeiras impressões?

M: Sobre as minhas primeiras impressões, né? Ah! Eu já conhecia os meninos desde o projeto da Medicina, né? Que tava acontecendo a quatro anos. O Wilson, né? Então, eu já tinha encontrado com eles e achei que tavam, eles davam boas contribuições, eles já se expressavam muito. Assim, quando eu conheci eles na Medicina, eles eram mais tímidos. Mais tímido com relação a gente, porque o nosso papel ali ainda impunha um pouco de medo, porque eles acham que a gente tem todo o conhecimento e acham que a gente está lá para passar todo o conhecimento, aquele formato antigo. Então, isso é muito natural, eu acho muito natural porque nós fomos assim também, então, a gente espera muito que o professor fale. Então, eu não achei nada de espantoso na atitude deles, então o nosso papel foi justamente esse, tirar deles o quê eles tinham de melhor. Acho que a gente até conseguiu. A primeira sessão eles participaram, eles estavam mais amadurecidos, naquela época, já. Eu via que eles já tavam porque, porque na época da Medicina era muito... Eram mais jovens... No meio da... era uma bagunça que surgia, sabe? Na hora que ficava legal, tinha um que bagunçava... Pela idade, maturidade, que é normal, e criança exige mais mesmo. Quanto mais novo, mais energia, mais eles gostam de mudar mais. Eu acho que precisa trabalhar a metodologia de cada coisa conforme a idade e tudo. E lá, não, eles conseguiram focar. Eu achei que eles... Minha impressão é que conseguiram. Pediram para eles apresentarem peça, eles apresentavam. Fazia as atividades lúdicas, eles participavam. Então, eu vi de forma bem positiva, a participação deles.

E: E suas impressões mudaram em algum ponto? Em algum momento?

M: Acho que mudanças sempre ocorrem, eu acho que...

E: Mas, você sabe falar como?

M: Eu acho assim, depois eles foram saindo. Ficaram um semestre com a gente, na verdade, a maior parte da turma, aquele semestre, eu senti que a gente segurou muito bem aquele semestre, aquela turma... Assim, vinha e voltava e eles estavam lá com a gente, foi até o semestre, o primeiro que a gente... Eu acho que até o fator do Ponto de Cultura que tava oferecendo bolsas, eu acho que estimulou a participação mais forte. Também teve isso. E teve também o momento emocional, que a gente via que eles estavam se envolvendo lá nas atividades, realmente não só por ali presentes de corpo, né? Como poderia acontecer, e com o tempo... Eu... Sei lá.... Eu acho que eu acho que melhorou, porque às vezes a gente fala ‘Ah! Eles sumiram da oficina’. Mas, quando eu conversei com eles, eles estavam trabalhando, eles estavam conseguindo outras oportunidades, que a oficina deu o que ela tinha que dar na época que eles podiam e depois eles não podiam mais, porque eles estavam com outras coisas... Tem a parte financeira que pesa, né? Então só vi que eles cresceram e conseguiram, eu acho que de certa forma eles... Foram pra outros... outros desafios na vida deles. Outras coisas que eles são profissionais. Acho que a gente fez com eles, não que a gente, mas o quê a rádio, a oficina de medicina, mostrou esses novos horizontes e fez também com

que eles tivessem contado com outras pessoas e facilitou, até abriu portas em outros lugares. Emprego, acho que, a Marilúcia da Medicina dava muita força pra eles, pra esses jovens.

E: E você participou do planejamento da oficina?

M: Participei, né, Jú? (risos)

E: Então, como que foi? Você não lembra, não?

M: Eu participei, eu to... Porque eu sei que você sabe.

E: Que a idéia era pra eu não te perguntar. Mas, vamo lá, como? Como aconteciam o planejamento de conteúdo e atividades?

M: Eu acho que, a gente participou, que eu participei de uns 2 ou 3. Teve o primeiro que a gente participou, que foi justamente logo que a gente começou, né? Que a gente fez e teve até um grupo maior lá da UnB, né? Do primeiro, quem participou foi o Marcelo, você, o Leyberson, o Manu. Foi até a gente fez na casa do Manu, lembra? Foi o primeiro que a gente fez.

E: É, então, o Leyberson não tava nessa época, não.

M: Não? Não tava.

E: O Marcelo também não.

M: Ah! Então... Não, o Marcelo tava. Tava

E: Não lembro, não. Mas, vai.

M: É, então, eu achei...

E: Você lembra, eu não lembro. Mas, vai.

M: E foi muito rica as discussões, porque a gente. Eram pessoas com idéias muito diferentes, assim. Então, a gente questionando tudo... Teve um debate muito grande, até demais. Foi bom.

E: O que você lembra, assim, do debate?

M: Que, que teve assim essas questões de ações, de, de, tipo. Ai! Até de metodologia. Como é que a gente... A gente discutiu de tudo, até o plano de aula, como o quê que a gente ia fazer durante as oficinas, metodologia e até a questão de envolvimento. Eu, eu não esqueço que teve o... uma discussão até em torno de... Por exemplo, se chegar alguém com problema de violência em casa, o que a gente faz? Então, a gente já estava se preocupando além da comunicação, a forma mesmo de se envolver, e meio que, uma coisa meio que psicologia, pedagogia. A gente falando, a gente não é pedagogo, como é que a gente vai ensinar? A gente não é psicólogo, como que a gente vai, se chegar uma criança com um problema desses em casa, como é que agente vai chegar? Então, eu achei, pra mim, me chamou muita atenção, eu não me esqueço dessa, dessa, dessa discussão, porque entrou em questões mesmo que tipo, como é que a gente vai fazer? Porque a gente, na verdade, a gente estava vendo as nossas próprias fragilidades, como seres humanos mesmo, inseguros, entendeu? Que na vida a gente tá toda hora passando por isso. Que pode ser um amigo seu falar de problema, e às vezes a gente tem que se tornar psicólogo de amigo. Às vezes o amigo está com um problema.

E: É, eles perguntaram pra mim e eu falei exatamente isso. 'Ah! Eu lembro que a gente discutia que... se chegar um menino que apanha em casa. Como que a gente faz?'.

M: E a gente colocou problemas reais que existiam. Mas isso daí existe até em comunidades não carentes. Esse problema se existe, pode ser um amigo seu. Um dia chegar e 'Pô, meu pai bate na minha mãe', entendeu? Ou então outros problemas de violência. E aí? Porque a gente na verdade tá correndo o tempo inteiro esses riscos, mas quando a gente vai trabalhar com uma comunidade que tem mais chance de, de abordarem com esse tipo de questão e tudo, a gente se colocou isso. Foi muito bom que a gente amadureceu outros lados que às vezes a gente, a gente não tem a percepção. A gente às vezes se forma para ser comunicólogo, mas a gente tem a visão muito ali. E na verdade é muito mais amplo, o... quando você trabalha em projeto, quando você trabalha com uma comunidade, você tem que virar psicólogo, amigo, porque não adianta você falar 'Agora estou, sou professor, não quero me envolver'. Não existe isso. Professor quando vai pra escola, 'Eu sou professor, só vou pra sala ensinar', não é. Às vezes ele tem que ser psicólogo, porque aluno, saber até identificar a linguagem não verbal, que às vezes é a mais difícil. As pessoas mais... tem dificuldade não verbal também, isso daí é uma sensibilidade... Outro tipo de sensibilidade que nos enriquece, não nos limita. A gente não precisa ser formada em psicologia pra gente poder dar uma mão ou poder orientar uma pessoa.

E: Você lembra de mais um planejamento? Alguma? Como era feito?

M: Hum, como era feito? A gente sempre se reunia. E... o convite a Tia Ju organizava a parada (risos). Marcava com a galera. A gente ia na casa de alguém ou num negócio e discutia perguntava assim, ah, o que tava achando, como que era a motivação, o que te motivava tá lá. Perguntava esse tipo de questão que é muito importante, porque tem que ter um motivo para a ação. Então, se a gente tá ali tem que pensar nisso, que é a questão né? Até de satisfação, você não tá ali a toa, tá ali por algum motivo, nem que seja para ganhar a nota na, na, na matéria, mas tem que ter alguma coisa. Eu não estou ali porque... sei lá, né? E... depois a própria coisa... as instruções mesmos, esse texto aí, a gente dava opiniões, assim, e era, a... Eram muito bem recebida, todo mundo interagia muito bem na questão de tipo 'Vamos fazer uma oficina

sobre isso', 'Vamos focar mais no teatro', 'Vamos focar mais nisso, vamos dar tempo para isso'. Bem organizado na ótica e também permitindo entrada de novos, novos, coisas de palestra... Acho que também flexível também. E essa era bem a questão, a gente sempre planejava mais e não dava menos. Ainda bem que a gente sempre planejou para mais, assim, que sempre que não dava 'Ih, não vai dar tempo de fazer a outra atividade'. Mas, a gente sempre tinha idéia de atividade, eu achava isso fantástico, assim. Porque era todo mundo pensando, todo mundo motivado para dar idéias e tal. E a gente já tentou fazer por... A gente sempre apresentou depois para a turma lá... os alunos... os meninos que estavam, né? Participando das oficinas, os meninos e meninas. O mais engraçado é que era mais difícil, assim, com eles era mais difícil. Assim, eles aceitavam sempre muito o que a gente falava. Acho que esse daí foi uma grande dificuldade nossa, a gente nunca conseguiu tirar deles alguma idéia que eles queriam... Geralmente a gente ia perguntando e eles, 'Ah isso aí é bom, isso é bom'. Eles se conformavam muito com o que a gente falava. Talvez porque eles nunca tinham tentado nada, né? Tentar o novo às vezes. Nem a gente, né? Não sei a gente, eu acho que essa parte ficou pra mim, uma coisa meio... Sei lá, que, que, que tinha idéia pra gente fazer.

E: Você modificaria alguma coisa nesse planejamento?

M: Qual planejamento?

E: Em geral. Todos esses que a gente fez. Tem alguma coisa? 'Pô, a gente deveria ter feito assim ou não'. Deveria ter feito assim? Poderia ter apresentado tal coisa, tirado outras?

M: Eu acho que o negócio maior nem é a questão de tirar ou colocar, porque a gente tentou muita coisa, foi bem diverso. O único negócio é que eu acho que teve pouca participação da comunidade nisso.. E que eu não sei, estou buscando até agora. Tá quatro anos de trabalho, a gente tá desenvolvendo projeto lá, eu to participando disso, eu acho que é um grande desafio, o grande desafio é envolver eles. Como envolver? Como? É isso que eu me pergunto até agora, porque eu não sei. Você tenta, tenta, tenta. Às vezes é com tempo também, vai indo, vai indo, vai indo, que eles vão se tornando mais, né? Que a gente vê, por exemplo, a Sabrina, eu já vejo diferença na Sabrina por exemplo, né?

E: Como assim?

M: A Sabrina ela, ela começa... Ela tá falando muito mais, tá se expondo, ela tá falando quais são as necessidades dela e tudo. Ela tá deixando mais explícito o quê que ela é, ela não tá com vergonha da gente. Como a gente vê no olhar, porque a gente identifica pelo olhar, quem tem mais vergonha e tudo. A Sabrina... Mas, ela, o João Costa, mas o João Costa é bem mais velho, né? Que fala o quê eles têm bem claro, não ficam ali com medo de expor pra gente. Acho que falta ainda a gente quebrar mais alguma coisa aí nessa parede que tá... que é a gente e eles juntos. Mas, eu acho que a gente tem o grande papel de chamar eles mais. Não sei de que forma, mas a gente tem que ter tempo, tem muitos limitantes pra gente também. Muitos limitante que a gente também deixa. Isso que é o negócio. Se eu quisesse, acho que poderia dar mais.

E: É... e quais eram os objetivos da oficina de rádio?

M: O objetivo era... o grande objetivo era botar a rádio para funcionar no Varjão. Pelo menos era esse que eu tinha claro. Eu não sei se a gente, gente deixou isso muito claro, mas era muito fazer com que eles tivessem uma rádio mesmo, fazer com que eles tivessem seus programas.

E: Como seria essa rádio?

M: Não sei, eles que fariam, né?

E: Alguma idéia?

M: Não, nunca... né?

E: Você nunca pensou num...

M: Formato?

E: Seria uma rádio com transmissor, seria uma rádio aberta, seria uma rádio-poste, seria a rádio de alguma associação? Seria... Você pensou em alguma coisa assim?

M: Hum, não, porque eu acho que a gente já pensou muito e acho que ... Não gosto de ficar pensando no formato muito. Principalmente porque não vai ter, não vai ter... Não sou eu que vou, que vai usá-la. São eles, né? Então, isso aí tem que ser construído. Eles... Eu acho que isso também faltou muito, eles definirem o formato que eles queriam. Porque às vezes a gente fica meio que impondo, vai, vai dando alternativas. Acho que ainda... eram eles... Por isso que eu acho que essa fase de construção com eles é válida, porque a gente dá soluções, tem milhares. Todas são viáveis, são boas, mas o quê que eles acreditam? Até hoje eu não tive resposta.

E: Você acha que esse objetivo mudou em algum momento, ou não? Permaneceu.

M: Não, eu pra mim, o quê, o quê me motivava era o caminho. Era saber que eles estavam trilhando o caminho, que eles estavam buscando algo assim. O negócio, assim, é ter um objetivo, mas também um caminho, o quê que a pessoa evolui naquele, naquele percurso, nem que seja como um ser humano, até, por exemplo. Comunicação, a gente vê aquela coisa da comunicação tal, passa pros outros, mas a comunicação tá aqui dentro da gente. Às vezes a gente pode ser um... uma roda de amigos numa

discussão e isso daí é importante. Porque eu acho que a gente pode, de uma certa forma, poder ter dado uma, uma oportunidade a que eles desenvolverem isso. Uma chance para eles se expressarem mais e falarem as coisas que eu até achei bonito, muito legal, quando as pessoas no final daquela oficina naquele semestre começaram a se abrir. Lembra que teve?

E: Que oficina? Qual semestre?

M: Àquele primeiro semestre que a gente teve lá há uns dois anos. Que teve a Roninha, tal. No final das oficinas, lembra que a gente, teve uma sessão ‘Abre coração’, assim. E eles começaram a expressar o que eles sentiam. Teve até um menino que falou ‘Eu tenho vergonha de ser pobre’, então, eles falavam coisas que às vezes tipo... Entendeu? Ele queria ser mais, ele, ele se sentia mal com isso, porque tipo, depois, ele não podia oferecer nada de melhor para uma, de repente, esposa ou algo assim. Tinha umas angústias, que na verdade tá dentro de muita gente. Dentro da gente, e eles conseguiram pelo menos expressar isso. Poder falar de sentimentos, falar de angústias. Às vezes o fato de você poder expressar e falar uma coisa que você tá sentido, uma angústia é melhor do que, do que, do que você ter ficado, sabe? ‘Beleza, estamos vivendo bem.’. Entendeu? ‘O problema está fora de mim’, quando na verdade, eles acabam voltando pra si mesmo, ‘Caramba, eu acho que eu tenho esse problema’. Eu tenho esse problema de não tá, não tá, não ter... Ter essa idade que eu tenho e tá desempregado, porque não é, isso daí a gente vê que não mexe só com a questão financeira, mexe com a auto-estima. E isso foi expresso numa conversa, a gente conseguiu tirar isso. Foram poucos minutos, foram. Mas a gente, e a gente conseguiu se posicionar falando ‘Não, não é nenhuma vergonha. Não é vergonha porque isso acontece e é o problema que tá no mundo, entendeu?’.

E: E o quê a oficina de rádio fazia?

M: Oi?

E: O quê que a oficina de rádio fazia?

M: A oficina de rádio não fazia nada, quem faziam eram as pessoas (risos).

E: O quê que as pessoas faziam?

M: Acho que tentava, né?

E: O quê?

M: Tirar deles o quê eles tinham de melhor. Tentava de alguma forma, pelo menos, eu sinto. A minha parte, assim, comunicação eu vejo como é um... o... o maior bem que tem, assim, a mente com a comunicação, assim. Quando você pensa e poder falar, poder se expor, poder... sem críticas, sem se criticar, porque a pior crítica somos nós que nos damos, somos nós que nos podemos, nós que nos cortamos. Porque a partir do momento que a gente começa a expressar... Não, não precisa falar... Ou falar... Falar, não... Mas realmente pensar e poder expressar... Dar idéias, saber. Saber que e... comunicação é transformação, mesmo, porque a palavra muda muita coisa, muda nas famílias, muda numa comunidade. A pessoa que fala dá idéias, ela participa e tudo, às vezes, ela gosta. Ela vale mais que... E a gente vê isso em grandes coisas, porque é mais valorizado. Então, no mercado profissional, você participar de uma entrevista. Na parte da oralidade, de você se expressar, de você se comunicar. De você atingir as pessoas também. Atingir de forma... Atinge mesmo. Mexe com a, a emoção... Fala aquilo que a pessoa sabe que tem um problema, mas ela internaliza. Mas, aquele problema, sabe? É comum. Com a comunicação, uma pessoa que consegue botar para fora aquilo, aquele problema, tá atingindo mais outras pessoas e de certa forma elas acabam até buscando, tendo uma identidade comum com a outra. Caramba nós temos problemas em comum, então agora nós podemos trabalhar. Porque antigamente não. Ficava cada um numa ilha, isolado, enfrentando suas angústias sozinhos. Outro cheio de gente angustiada com as mesmas questões, as mesmas coisas, e não se falavam. E eu acho que a oficina de rádio, que a gente de certa forma estimulou isso na maneira deles pensarem e tudo. Não sei agora porque a gente perde o contato com essa turma também, o quê é ruim. Outra coisa que eu acho é que a gente acaba perdendo naturalmente, vão trabalhar e tudo e a gente não é, a gente não tá ali 24 horas, só sábado de manhã, então é difícil mesmo, né? Só isso.

E: É... quais as influências da oficina de rádio, tanto para os meninos de lá, quanto pra gente? O quê influenciou neles e o quê influenciou na gente?

M: Influencia deles é achismo, é tudo achismo, e eu já falei muita coisa, né?

E: É percepção.

M: É o quê eu percebi, é muito do quê eu percebi, mas para a gente, para mim, assim, eu posso dizer... Eu acho que a gente, a gente cresceu mesmo em outras coisas, aumentou o campo de visão. Porque a gente sai de uma universidade, assim, pelo menos na minha época, eu sai de uma universidade que tá formando para o mercado de trabalho, redação, aquelas angústias todas que todo mundo... Para mim foi uma porta de saída porque, eu digo, o mundo é muito mais amplo do que um... uma redação de jornal. Tudo bem é bom, não desmereço, mas a mim, eu queria ver de outras formas. Porque quando eu fui obrigada a escolher comunicação, escolhi porque eu escolhi, tinha 16 anos e não sabia o que tava fazendo, né? Tava ali, né? Tinha, era pressão, ‘Pô, tenho que escolher um curso’, escolhi. Mas, para mim eu sempre fui

muito indecisa, porque eu sempre vi... eu gosto de ver a coisa de uma forma maior. Por exemplo, eu tento entender coisas econômicas, o que vai ter em economia. Eu tento, entender psicologia, pra entender psicologia, administração, arte. Acho que o mundo tem que ser... é maior do quê, do quê... Ao conviver com a comunidade, eu vivenciei um pouco disso e eu amadureci. Porque eu vi muitos problemas, até meus, assim, com relação a minha formação e minhas angústias, eu compartilhei com aquelas pessoas. Mesmo não tão explicitamente, mas eu também tava compartilhando, e lá tava surgindo respostas para questões minhas mesmo. Lá eu busquei na, na conversa com as pessoas simples ali, a gente, eu encontrava resposta para. Pôxa, eles vivem na escassez e fazem muita coisa com isso. Que é o que acontece. E a gente não vive na, na escassez que eles vivem e a gente se amarra. É porque a gente quer. Então, ali eu vi que foi uma coisa muito de libertação, de eu poder falar, aprender a falar uma linguagem mais simples. Porque não precisa... Para mim essa questão de falar uma linguagem mais simples é fundamental, a linguagem tem que ser sempre simples para todo mundo poder se entender. Foi bom, uma coisa maravilhosa, compartilhar isso. Que mais? Amadurecimento, eu acho que amadureci muito também nesses 4 anos. Quando eu iniciei o trabalho, eu era uma pessoa totalmente angustiada, eu queria obrigar, assim, aquela questão de ter cumprido, eu fiz um trabalho logo que comecei a fazer a disciplina. Eu fiz um trabalho e eu vi que o pessoal tava caindo fora, eu fiquei sozinha para promover um evento no Varjão. Eu, e aí, envolvi a menina do Varjão, que me ajudou, foi uma menina da própria comunidade que me ajudou. Só que o quê eu tinha vontade de fazer era... tipo... 'Pôxa, só eu que fiz lá', eu achava injusto ter que, que, que passar todos os meus colegas, que não fizeram, não tinham me ajudado. Aí depois com o tempo eu fui pensando 'Cara, que besteira, na verdade, tudo o quê eu fiz tá aqui comigo'. O professor pedia pra fazer um evento lá. Fui sozinha, foi difícil, foi. Mas, só eu sei, só. Mas, se me pedirem pra fazer outro de novo, eu já vou ter facilidade pra fazer tudo. Essa coisa de nota, eu me desapeguei muito dessa coisa de, de... tipo, você vale o quê você. O teu colega não fez, se ele ganhou, deixa ele. Porque a... a pior mentira é que você conta para você mesmo, assim, sabe? Então, eu comecei a administrar essa coisa humana dentro da própria faculdade mesmo. Aquela questão, tipo, a... você não. Às vezes o amigo do meu grupo, que eu chamei a atenção deles, por eles não ter me ajudado. Coisas que a gente enfrenta, enfrenta e vai enfrentar a vida inteira. E vai ficar toda hora estressada com isso. Aprendi a desestressar com muita coisa também, é verdade. Não quer fazer, não faz. É livre, é livre. Porque eu tô aprendendo, tô aprendendo, tô me envolvendo mais. E hoje em dia eu digo, lá comunidade, eu chego, e o pessoal, nossa, conhece, conversa, já são muito mais do que simplesmente uma pessoa que eu dava oficina, que eu organizei um evento lá três anos atrás. É uma pessoa que a gente realmente tem uma ligação, que a gente confia, que o pai chama para conversar para mostrar o quê a filha fez com ele, entendeu? Então é uma coisa que você vai, vai se envolvendo de outras formas com a, vai sempre recriando a forma de envolvimento. No começo era mais distante, hoje em dia já... quando eu vou para lá parece que, que já dá uma... sensação de... de pertencer de sentir livre ali dentro, já não ter medo. Porque às vezes a gente fica no Varjão, 'Você não tem medo do Varjão?'. Eu não, eu não tenho. Você vem a noite, a gente vem a noite, você também foi a noite, né, Jú? Pôxa, a gente começa desmistificar aquela coisa da violência, também não é assim.

E: Você estava falando da questão da influência, que...

M: Que a gente acha que tem despertado neles. Eu não sei se foi consequência da oficina de rádio, porque outros processos acontecem na vida de todo o ser humano juntos. E que às vezes, coincidentemente, acontecem um monte de pressão ao mesmo tempo, entendeu? Às vezes, não sei... Comigo, eu digo, o Varjão influenciou, mas muitas outras coisas aconteceram, por exemplo, para, para eu mudar também, né? Então veio junto um monte de coisa. Comecei a participar de um grupo de jornalismo ambiental. Acho que já tem uma pré-disposição das pessoas a se interessarem por um tema, ou por alguma coisa. Já tá ali latente. O que a gente faz é nada mais que despertar aquilo e falar 'Isso é possível.'. O que você está pensando aí dentro é possível, tá, tá, pensando, né? Tá entendendo o que eu tô falando? Então, na verdade, quem estava ali tava juntando um monte de gente com o mesmo interesse, com as mesmas angústias, com muita coisa parecida, semelhantes. Mas, o quê é que nós fizemos? Elas até aquele momento, elas estavam mais latentes, tavam mais... As coisas estavam mais guardada para elas. A gente, naquele momento, acho que muitos eu acredito, possam ter despertado, como acontece, né? Mas, isso também, isso depende da predisposição de cada um também, de se entregar, ir, né? Fazer as palhaçadas, nossas brincadeiras lá, tem que se entregar, não é? Não ficar com vergonha. Então, quem se entregou lá com certeza já recebeu. Ela recebeu, pôxa, hoje em dia eu consigo imitar um macaco, eu não conseguia em uma turma com 20 pessoas, eu não conseguia imitar, eu era tímida. Ele só ter feito aquilo, isso aí já é um impacto. Ele ter falado, ele ter feito um desenho e apresentado lá na frente do grupo, e falado as idéias que estava pensando sobre aquilo. Até de repente se expor sem eles criticar e falar que a violência é necessária. E teve... teve um grupo que viu a... a violência como uma alternativa forte e que a gente não pode.... e.... né? Para eles é. Então, não ter vergonha, E é isso mesmo. E a gente. E o nosso grande papel, assim, é... tipo, a gente não olhar para as coisas com crítica, a gente tem que mesmo abrir o coração.

Aquela coisa, assim, é sentimento menor... Tem que abrir porque vai escutar um monte de coisa. Se a gente mostrar uma crítica logo de cara, a gente pode fechar um canal. Eu acho que a gente... a gente fez um trabalho muito legal nesse sentido. Que a gente perguntou, questionou, mas também quando chegou em um limite que eles não... a gente parou, deixa ele, tem que deixar ele com as idéias, porque a gente não sabe, nem a gente tem a resposta na verdade. A gente descobre que às vezes a gente acaba não tendo respostas, porque a realidade deles é diferente da nossa. Para lá, talvez seja necessário, quem disse, né? Às vezes o cara, ou ele morre ou ele mata. Que é o quê acontece, está acontecendo nos morros do Rio de Janeiro com guerra, aí o quê acontece? Você tem que se proteger, a gente não sabe porque a gente não passa por isso. Não sabe nem um quarto. Apesar de ter...as questões...o... avançado para a cidade, para o Plano Piloto, a violência os seqüestros, acontecem. Mas, não é a mesma coisa de você tá vivendo ali lado a lado com bandido, traficante. Então é outra coisa, é outra realidade que a gente nunca vai entender. E que eles ali por ter expressado o quê eles pensavam, a gente tem que olhar, 'Pô, é uma alternativa', eu acho que é... que eles.... Eu acho eu deve ter outras coisas que vai surgir na cabeça deles a partir da oficina. E eles vão abrindo mais pra outras oportunidades, que a oficina foi só um, uma pontinha pra vida deles.

E: E, assim, a tentativa de tentar descrever a oficina? Como que ela era?

M: Era?

E: Você não consegue descrever mais ou menos a parte mais...

M: Concreta mesmo?

E: Você não consegue descrever mais ou menos a parte mais concreta mesmo, o quê acontecia? Como que acontecia?

M: Eu acho que eu falei muita coisa nessa área. Assim, dentro da fala, assim, eu falei das questões de, do avanço... A gente tinha teatro. A gente tinha muita liberdade para, para atuar, para fazer e a gente deu oficinas como parte de pauta jornalística mesmo, depois técnicas de rádio, é, teatro para desenibir eles, e eu lembro que eu fiz uma oficina que foi muito legal, assim, foi divertida. Fui eu e o Baiano...

E: Que Baiano?

M: O Victor Baiano, é. E, que a gente falou sobre a voz. A importância da voz, assim, falei de cuidados, que mexe até com questões de saúde. Tipo, a... o que faz bem para a voz e o que não. Água gelada não faz bem, entendeu. Foi uma pequena mudança, mas de repente, alguém vai lembrar 'Pôxa, não vou tomar água que tá gelada, porque vai estragar minha voz'. Porque também não vai ser para... a rádio que eles vão, porque também a maioria, a gente sabe que não vai para a rádio. Isso é uma coisa, é um fato. Mesmo que a rádio existisse, sabe que não ia durar... não ia, no futuro, aquela mesma turma não ia tá. Então, a gente acaba capacitando para outros tipos de coisa. Capacita para um... Quanto mais a gente capacitar, mais gente vai ter de gente pra participar da rádio. Mas, aquelas outras partes... As outras partes que não vai para a rádio? De repente não vai participar da rádio. Nunca mais vai ver. Vai ter contato com alguém de rádio. Ele já tem alguma coisa que mudou ali. Questão de saúde, de cuida, questão de você preservar teu corpo, a voz é importante, porque, tipo, quando você tem voz, você tá bem, mas aí um dia você tá rouco... quando você tá com alguma coisa... então, a gente é... diversificou bastante, diversificou muito. Essa parte expressiva dele, acho que foi mais isso. A gente, a gente também, a gente era meio travado assim de se soltar e foi se soltando.

E: E o quê você teria feito de diferente? Mais alguma coisa?

M: Falei de várias coisas, a maior participação deles.

E: Não, mas, assim, algo que você pudesse fazer dentro da oficina?

M: Se eu pudesse fazer... Ah! Não sei eu acho que sempre dá pra fazer algo diferente, só que eu não penso. Eu faria diferente, porque hoje é diferente. É porque eu sempre, eu sempre, quando eu trabalho, e agora to aprendendo muito mais isso. Assim, aprendi ter com um chefe meu que foi embora lá do SNI, se entrega. Assim, sabe, se entrega, faça o quê você puder fazer no momento, nunca fica pensando no passado, o passado foi, aquilo que eu fiz valeu. Se eu pudesse fazer mais, eu faria, mas não faria, eu vou fazer, seu eu puder, se eu tiver condições hoje. Hoje você tem por exemplo o quê o Daniel tá procurando fazer, porque eu não tinha essa visão. Tipo, organizar em projeto, botar uma coisa, um projeto com meio, começo e fim. Sei lá. Começo, meio e fim para organizar também, meio começo e fim (risos). Comece com o meio (risos).

E: Então, é, você não consegue... Você pode ter motivos de pensar no presente agora?

M: É, porque a gente fez o quê quando eu entreguei, fui nas oficinas e fiz o melhor que pude naquele momento. Posso ter certeza disso tranquilamente assim.

E: E, assim, você já falou de alguns desafios. Mas, você consegue pontuar outros e falar de pontos fortes também na oficina?

M: Eu falei de pontos fortes.

E: Você só falou de desafios.

M: Desafios e pontos fortes também. Eu juntei em uma fala se misturou muita coisa que tem, o que eu vi como ponto forte é a parte do medo, o contato com as pessoas, da parte deles terem se soltado e tudo. Eu acho que o ponto forte é o que você falou, é montar a rádio, que eu sou muito otimista, até te falei, não ter olhado como fim a rádio, que é sempre um processo que evolui. As pessoas mesmas, dentro daquela caminhada, ali. O caminho do... de ter uma rádio, fazer um programa. Mas, aí eu penso, nosso papel é fundamental, eu sempre achei que a gente sempre, muito flexíveis, flexíveis com as idéias que eles nos davam, ou entre a gente mesmo. Essa flexibilidade que sempre se manteve sempre. Essa coisa nada muito rígida, não tomar partido. Às vezes essa coisa de conflito que vai existir, que em qualquer comunidade, entre qualquer pessoa, a gente tá um pouquinho mais acima disso. A gente não tá no fim tomar partido de A ou B, o projeto tem que ser uma coisa acima disso, de interesses ou de coisas. Aí então esse episódio, vai ter que ter, aí depois, porque isso é muito fácil de ver. Porque a gente, tipo, tender ir para um lado e dispensar outro, depois quando vê, o outro lado nos abandona e a gente tem que correr atrás daquilo que a gente deu um pontapé. Então, essa coisa a gente tem que... Uma coisa que eu acho ali, eu acho que, assim, a maioria do grupo já tá tranquila, assim. Pessoal que tem trabalhado até agora tá muito flexível, tá muito aberto, discutindo. Muita discussão, muita preocupação. Até as discussões podem demorar uma eternidade às vezes a gente discute uma metodologia, o planejamento demora muito tempo, mas eu acho que vale a pena. Além da interação, primeiro que a gente precisa ter uma interação. Então, ter uma coisa, uma sinergia entre a gente, que isso eu acho que tem e... E buscar essa sinergia maior com o grupo. Acho que esse é o grande desafio, eu acho que dentro dessa coisa maravilhosa que tem, é uma sinergia maior com a comunidade mesmo, o que a gente tá buscando, que a gente ainda não encontrou de talvez eles terem mais confiança na gente, eles acreditarem, eles entenderem também o projeto. Porque às vezes a gente deixa muito no campo emocional e eles ainda, às vezes não pegaram, não sentiram parte do projeto. Porque esses abandonos, as pessoas saem quando elas não sentem parte. Mas, não é culpa da gente, né? Também é coisa deles que ainda não nos contara, e a gente precisa tentar, a gente precisa tentar... No final a gente tá trabalhando pra eles, né? É pra eles desenvolverem seus projetos e para eles terem sua rádio, pra eles terem de administrar isso, eles seriam uma outra gestão mesmo, eles seriam responsáveis por isso. Esse é o grande objetivo também. Um dos grandes objetivos é eles tomarem conta, tomarem as rédeas da situação e seguirem em frente, assim.

E: E pensando no desenvolvimento de uma atividade de extensão, o quê facilita e o quê dificulta?

M: Extensão, dificulta transporte. Esses abandonos das pessoas, que a gente vê que são poucas que ficam, né? Que dão continuidade e tudo. Agora já tá tendo até mais.

E: Você diz as pessoas do Varjão ou as pessoas da UnB?

M: Da UnB também. É uma coisa que uma reflete na outra, né? Engraçado, agora que você me perguntou, eu (risos) pensei. A gente é reflexo da sociedade. A sociedade não... às vezes não capta ou não. Porque é um trabalho difícil mesmo, que ninguém tá recebendo nada por isso, são pessoas que tão indo mesmo, com, por acreditar num negócio, por um ideal mesmo, mais forte. Então exige dos dois lados muita força de vontade, muita. Entendeu? Não que a gente esteja de mão amarrada, e que a gente não possa fazer nada por isso, claro que a gente pode. A gente não pode colocar, não. Porque o nosso grande objetivo é envolver, é sensibilizar, é tocar as pessoas para que elas se sintam responsáveis. Tanto as pessoas da comunicação, quanto as pessoas do Varjão. E de outras comunidades com as quais a gente se envolve.

E: E, assim, voltando, você consegue lembrar mais coisas que dificulta ou auxilia?

M: Mais, né? (risos). Boa pergunta, essa parte da desistência, assim, é muito forte, é uma coisa que prejudica.

E: E algo que auxilia?

M: Auxilia, é a boa vontade de algumas pessoas. Alguns mestrandos que querem ficar e acreditam. Da gente aqui que acredita. E ter esse espaço dentro da faculdade mesmo. Você sabe que não é, não é assim que surgiu... é porque os professores tem o apoio, né? Mesmo que não seja o apoio, né? Não é material. Mas, é o apoio vamô lá. Claro que é material, que tem uma sala, tem, tem, pode mostrar vídeos, tem acesso a tecnologias para poder trabalhar, eu acho que tem tudo que favoreça, né? Tem muita coisa boa também, tem a parte da infra-estrutura também porque é importante e a gente precisa para trabalhar. E a gente tem, né? Mas, essa boa vontade aí, né? Porque também, né? A infra-estrutura sem ninguém não é nada, então.

Acácio dos Santos Costa (16 anos) e Martinelli Fonseca da Silva (17 anos) – 3 de junho

“Entrevistadora: Como que vocês ficaram sabendo da oficina de rádio?

Acácio: Ficamos, através, sabendo duma, da AOPA.

Entrevistadora: É, mas como foi?

Martinelli: Eu, não. Eu fiquei sabendo por causa de Paulo.

A: Fui indicado por outra pessoa.
E: O Paulo te falou da oficina?
M: É foi, aí ele me chamou e eu fui. Daí fui.
E: E você foi por causa da AOPA? Como que foi?
A: É da AOPA.
E: Mas, como que foi? Você estava lá na AOPA, ele falou que ia ter oficina?
A: Vai ter oficina de rádio. Eu fiquei sabendo. Aí outra pessoa me chamou, acabei indo.
E: E como as outras pessoas ficaram sabendo da oficina de rádio? Você sabe?
M: As outras?
E: É, os outros participantes?
A: Ixi, agora é uma coisa que ao sei. Acho que foi através do programas de rádio.
M: Acho que foi isso também.
E: E qual a melhor maneira que vocês acham para chamar as pessoas para a oficina de rádio?
A: Melhor maneira?
E: Melhor maneira.
A: Divulgar.
E: Divulgar como?
A: Ah! Com panfletos, carros de som. Essas coisas assim. Senão pelo rádio mesmo.
E: Também acha isso?
M: Mesma coisa.
E: E o quê te motivou a participar da oficina de rádio?
A: Fala, Martinelli, você.
M: Eu? Ah!
E: É, quais foram seus motivos para estar lá? Por quê?
A: Ele está incomodado com o rádio, né?
E: Esquece o rádio.
M: Vai Cácio, responde ocê.
A: Então, vou responder, o que me motivou a entrar na rádio, a se interessar por rádio, foi a história do rádio, da locução, como se fala assim ao público, e também como, e se acaba aprendendo novas coisas e outras coisas aí.
E: O que são as novas coisas? Você não sabe de alguma?
A: Que aprendi?
E: É.
A: Eu estou aprendendo a falar correto, corretamente, dialogar assim como segunda pessoa. Estou tentando passar informação, assim, para outras pessoas.
E: O motivo é diferente, não é a mesma coisa, é?
M: É a mesma coisa.
E: Qual que é a mesma coisa?
A: Fala Martinelli.
M: Já falou tudo, quê que eu vou falar? Eu gostava de está lá para passar a música que a população gosta. Como que, que vê Cácio. Rap, pagode, forró, MPB, funk (ajudado pelo Cácio).
E: E quando vocês chegaram na oficina, quais foram suas primeiras impressões?... É... as primeiras impressões que vocês tiveram. Chegou lá e...? Qual que é a primeira? O quê você pensou, o que você sentiu?
A: Antes eu achei que o negócio não ia para frente, não. Mas, acabou indo.
M: Eu também. Eu achei que era, que era só o começo mesmo, precisava ter coragem.
A: Tava muito sem fé.
E: O quê que acabou indo pra frente?
A: O rádio.
M: Que nós, nós ia lá no Lago Norte, lá. Nós começou fazer a rádio lá. Nós começou a ir para outras rádio lá, na 102. Que mais?
A: Começou a conhecer os radialistas. Essas coisas.
M: Começou a conhecer isso tudo, a interagir.
E: E no primeiro momento, cês acharam que não ia dar certo, por quê? O quê que dava essa suspeita?
M: O mal, a má expressão do Ponto de Cultura.
E: Por causa do Ponto de Cultura?
C e M: É.
E: Qual era a impressão que vocês tinham dele?
M: Ah! Esse pessoal só quer enrolar nós. Porque sempre vem um que promete aí fica uma semana ou duas semanas. Aí faz tudo que nós queria lá e depois disso some. Aí não tem mais. Só fui pra aprender

mesmo, criar experiência. Aí acaba gostando. Tem uns que vai outros que fica igual nós. Esse foi até hoje.

E: Por que você continua participando todo sábado de manhã na oficina?

A: Por quê? Caramba

M: Eu gosto

A: Para aprimorar meus conhecimentos.

E: O quê você gosta?

A: Pra inovar.

M: Pra inovar e levar uns CDs pra passar lá.

E: E o quê?

M: Dar uns CDs para passar lá.

E: É... o quê que você fazia na oficina?

M: Eu? Eu era sonoplasta (A: sonoplasta).

A: E eu, eu era locutor. (risos) Radialista.

E: E como que era a oficina?

A: A oficina, como que era? Você se interagiu em um grupo e desse grupo todos participavam. Acho que era isso.

M: E cada um tinha um momento para falar. Falar, apresentar o programa. Não era só um. Tinha, cada um falava, falava o quê era para falar, pra ser falado lá.

E: Mais alguma coisa? Como era?

M: Não.

E: O quê que você mais gostava e o que você não gostava na oficina?

A: O que eu mais gostava? O que eu mais gostava era quando as pessoas começavam a ligar, começavam a se interessar pela rádio.

M: Eu a mesma coisa.

A: Está crescendo e... Perguntavam que tava acontecendo e começavam a pedir música. E falar o quê tava gostando.

M: O que eu não gostava é... e que era pouco tempo.

A: O que eu não gostava é o pouco tempo e a aparelhagem.

E: Por que você não gostava?

A: Porque se fosse mais sofisticada...

M: Porque você colocava, assim, um CD aí o outro... dava pause lá e o outro, não conseguia passar. Aí pensava que a pessoa lá que não tava sabendo mexer. O microfone que dava um negócio lá e não saía a voz.

E: E quais... Assim, pensar a questão de tempo, o quê foi feito primeiro e o quê foi feito depois nas atividades?

A: No rádio?

E: É, na oficina. Na oficina, o quê foi feito primeiro?

A: Caramba. Foi primeiro como ia ser elaborado o programa, o quê ia precisar para montar uma rádio poste...

M: O quê que era pauta, essas coisas, qual era o nome? Esqueci o outro.

A: E depois chegamos a conclusão que dávamos conta de montar uma rádio. De nós mesmo tomar de conta de um horário programado.

E: E o quê precisa pra montar a...

A: Rádio?

E: Uma rádio.

A: Trabalho. Poste que precisa das caixinhas, precisa do apoio, da mesa, microfone, precisa também de fio, como fala? Fio pra...

E: Mas, o quê precisa pra montar todo esse equipamento? Para conseguir esse equipamento?

A: Pra conseguir?

“E: O quê precisa para acontecer uma rádio-poste?”

A: Ajuda da comunidade, patrocínio.

M: E apoio também.

A: Apoio.

E: Da comunidade?

A: É, de qualquer pessoa.

M: De alguém que queira ajudar.

E: Você tava falando da pauta, o quê mais?

M: Esqueci. Eu tava lembrando quando esqueci. Tava vendo no papel lá que eu tenho até hoje. Parece.

E: Ah! É? Você tem o papel? E vocês usavam a oficina de rádio pra quê?

A: Rádio?

E: Para quê vocês usavam a oficina?

A: Caramba. Para a utilidade de passar informações...

M: para divulgar os grupos daqui do Varjão. Que mais?

A: Para passar informação para a comunidade, o que tá acontecendo no dia, os eventos, as denúncias que tem que fazer, os eventos culturais que tão chegando próximos. Um bando de coisa mais. Nossa informação em primeira mão. (risos)

E: E qual era a percepção das pessoas que estavam fora da oficina? O quê elas falavam?

A: Caramba o Varjão tem uma rádio! (risos)

M: Tinha uma, né? Foi aquela 102 ali, ela rapidão parou. E essa agora é... é mais, assim, voltada para os adolescentes. Essa agora, essa que teve aqui no Varjão. Que tá, ela, assim, tá pegando os adolescentes para fazer a rádio. Tem uns que só vai assim, o adolescente... os adolescentes só serve para escutar mesmo (risos)

E: Você acha que nas rádios os adolescentes só servem para escutar? (risos)

M: Não, não, na parte... E tem alguns que é assim. Liga a rádio lá e passa rock e tal, rap e pronto...

A: Não me faz passar vergonha, não.

M: O locutor você pode ver, a maioria dos locutor é tudo de idade já. Né, não?

A: O bom da rádio que ele tá tentando falar é que os, os radialistas ser jovens e essas coisas acabam chamando a atenção do público jovem, aí o público jovem presta atenção.

M: Isso que eu queria explicar que o Cácio explicou tudo (risos). Resolveu tudo.

E: E qual era o objetivo da oficina de rádio?

A: Objetivo da oficina de rádio?

E: É.

A: Ocupar o jovem, assim, e até às vezes tentar profissionalizar, tentar fazer, incentivar eles a seguirem uma carreira às vezes de radialista. Essas coisas assim, e como é que fala? Ter um, ixi, deu um branco agora mesmo.

E: Qual é o objetivo da oficina de rádio?

M: (risos) Cácio já falou tudo aí, já. Falei que sou ruim de dar entrevista.

E: Mas, você consegue pensar em alguma coisa?

M: Nada.

E: Os objetivos?

M: Deixa eu vê (risos)...

E: Beleza. Quais foram as formas de financiamento da oficina de rádio?

A: As formas de financiamento foi, bazar...

M: Acho que só foi bazar e...

A: Ajuda dos integrantes.

M: É.

E: E foram prometidas bolsas para quem participasse da oficina de rádio?

A: Foram, mas não foram cumpridas.

E: E como que você se sentiu quando você não recebeu a bolsa?

A: Como me senti? Eu me senti indignado, me senti indignado. Eu tava fazendo uma coisa, assim, que o pessoal prometeu...

M: Ah! Acabou enrolando.

A: Tive até impressão assim que o dinheiro foi praticamente desviado ou algo assim.

E: Esse dinheiro viria de onde?

A: Ministério da Cultura. (risos)

M: Até hoje, não vi nenhuma bolsa.

E: E por que que era importante ter recebido a bolsa?

A: Caramba, era um incentivo. Pôxa. Um incentivo para a pessoa fazer alguma coisa. Porque...

M: Não só incentivo, também.

A: É, porque os jovens...

E: Como é que é?

A: ... praticamente ele se ocupa em serviços, assim, quando não sai do colégio, já sai para trabalhar para ajudar o pai e a mãe. Aí tá ali naquele dinheiro, e não vai deixar de ganhar aquele dinheiro para ajudar o pai e a mãe para fazer um curso, aí não se preocupa. Vai fazendo o curso ganhando dinheiro, aí para de trabalhar e vai ajudando. Vai ajudando, vai fazendo as duas coisas ao mesmo tempo (risos).

A: Fala!

M: Deixa eu ver aqui.

E: Por que que é importante esse... é... receber uma bolsa?

M: Para não andar quebrado (risos).

E: E por que que é importante não andar quebrado?

M: Ah?

E: E por que que é importante não andar quebrado?

M: Quer dizer que nós não tá trabalhando, nós tá parado. Aí nós vai para lá... e... Em vez de procurar um serviço, nós tá indo para lá. Por isso.”

A: Pra lá, pra onde?

M: Pra lá da rádio.

A: Entrevista gravada...

E: E quais foram os principais conflitos na oficina?... Teve conflitos? Por exemplo, entre vocês? Vocês e a gente?

A: O João.

M: O João Costa.

E: É? E qual que foi?

M: Ele queria fazer o negócio só do jeito dele.

A: Ele queria fazer o programa do jeito dele, ele não era socialista, ele era burocrático (risos).

M: Ele queria fazer o negócio tudo diferente.

A: É que ele não era um cara socialista, ele queria tomar praticamente o rádio.

M: E como se eu chegasse na rua e fizesse assim... Quem apresenta o programa é eu, Cácio, e sei lá, Roninha e mais uma pessoa e falar que só eu que apresento. Por causa de mim que a rádio ta dando, deu certo.

E: E como é que surgiu esses conflito?

M: Ah?

E: E como é que surgiu o conflito?

A: A partir da ganância dele. Não era socialista como eu falo, era burocrata (risos).

M: É os óio de bomba (risos).

E: E teve solução? Como que foi solucionado?

A: Teve, conversando (risos)

E: Foi? O quê que vocês conversaram com ele?

A: Fizemos um acordo.

M: Aí nós arrumô. Quem foi que arrumou aquela rádio lá 102 pra nós ir?

E: É a Radiola do CEUB, não é?

A: Foi nós mesmo.

M: Eu acho que é.

A: Foi nós mesmo.

M: Aí o João Costa, João Costa. Nós chamô João Costa e João Costa então ficou na paz.

A: Aí entramos num acordo.

M: Aí depois disso aí ficou na paz.

E: Vocês entraram num acordo porque vocês foram para 102 e chamaram ele para ir também?

A: É.

E: E depois da Shekná, como foi a oficina de rádio?

A: Pra mim deu uma parada porque eu comecei a fazer outros cursos aí.

M: Parou, né?

E: Parou?

M: Não tá continuando. Não, assim, parou assim, o quê eu to falando. Eu sei não tá continuando no sábado não.

E: Agora tá parado, mas teve um período que a Shekná, deixou de ir lá, mas continuou ali na AOPA. Você lembra o quê a gente fazia?

M: Fazia no computador lá.

E: E qual era a diferença pra você?

M: A Shekná era melhor.

E: Por quê?

M: Porque dava para todo mundo escutar, não só quem tinha internet, computador... Um milhão que escuta.

A: Pra barão.

M: E é alguns que escutam ainda.”

“E: Vocês querem acrescentar alguma coisa? Sugestões, críticas, comentários?

A: Algumas sugestões, queria que a rádio tivesse como foco botar uma rádio comunitária no Varjão. Se pudesse arrumar uma pessoa profissionalizante, na área de radialista, para poder passar umas coisas novas, como sonoplastas, essas coisas, era até bom.”

E: Por que é importante ter o foco de fazer uma rádio comunitária no Varjão?
A: Por quê? Basicamente toda cidade tem rádio comunitária, somente o Varjão que não tem. Com rádio comunitária tem como fazer a população acordar, assim, a ter uma opinião própria, a reivindicar uma melhoria para a sociedade.
M: Quer falar. Faz isso.
E: O quê é preciso pra ter uma rádio comunitária aqui no Varjão?
A: Já não fez essa pergunta, não?
E: Mais ou menos.
A: (risos) Responde aí cara.
M: Pôxa, perguntou pra você.
E: Eu perguntei pros dois.
A: Qual a pergunta?
E: O quê é preciso pra ter uma rádio comunitária aqui no Varjão?
M: Incentivo, apoio da administração, apoio dos Pontos de Cultura que tem no Varjão e um professor. Um professor, só escolher.”

João Costa Xavier (28 anos) – 3 de junho

“Entrevistadora: Como é que você ficou sabendo da oficina de rádio?
João Costa: Oficina de... Assim, fiquei sabendo primeiro através do professor...
E: Paulino?
JC: Fernando Paulino, que sempre... A primeira vez que eu encontrei com ele foi na escola no fórum de DLIS, tava formando um grupo, né? Desenvolvimento Loc... Integrado Sustentável da Comunidade Ativa. Então, o Fernando foi a primeira pessoa que eu fiquei sabendo foi através dele.
E: Então, quando surgiu a oficina de rádio foi através dele, também?
JC: Não, não entendeu. Foi ele que nos colocou em conexão com os estudantes...
E: Com a UnB?
JC: Com a Universidade de Brasília, né? Com os estudantes da Faculdade de Comunicação Comunitária e com isso a gente foi interagindo, e.... e as divulgações foram feitas através dos alunos.
E: Tipo uma coisa consequência?
JC: Consequência, e com a companhia do professor sempre, o professor.
E: E como as outras pessoas ficaram sabendo?
JC: Algumas pessoas ficaram sabendo através, através de... da minha pessoa, né? E de outros moradores, lideranças comunitária. Outras lideranças tavam, e nós ficamos de comunicar a essas pessoas.
E: Certo. E qual que foi, pra você, a melhor maneira de chamar as pessoas para a oficina? De divulgar? Qual que foi a melhor maneira?
JC: Olha, hoje em dia através do... Através dos carros, dos carros de som da cidade. Através do jornal comunitário, que nós temos o jornal é... “Varjão em Ação” do Zé Maria e temos também o jornal do IESB. E antes nos tínhamos também uma chamada de, o pessoal que chamava a gente para...
E: Não, não preocupa, não. Tá? Mais alguma coisa?
JC: Não, então foi assim, a, nós a lideranças tínhamos um elo de comunicação, né? De sempre tá passando para a comunidade, buscar outras pessoas que quiserem fazer parte da Comunicação Comunitária.
E: Beleza. E o quê que te motivou a fazer parte da oficina de rádio?
JC: Não sei se você sabe, mas eu antes trabalhei em uma rádio comunitária, vamos dizer. E rádio sempre foi meu sonho. A Rádio Nacional da Amazônia, em ondas curtas e médias, e tinha um raio de, na faixa de 49 metros e daí eu tive a oportunidade de ouvir e eu fui apaixonado por rádio desde essa época. Ouvindo o programa do Nelson Moura, do Márcio Ferreira, do Maurício Brás, né? Foram pessoas, assim, que mexeram comigo. Às vezes eu chegava a pensar que, que os comunicadores de rádio não existiam, né?”

(fim da fita)

“JC: Eu achava que os radialistas eram.... não existiam. Para mim não eram seres humanos, né? Depois é... eu tinha uns 14 anos nessa época eu morava no interior, né? Numa fazenda, nome da fazenda Água Branca depois fui pro sítio do meu pai Riacho da Porca, sempre escutando a Rádio Nacional, sempre se ouvia falando de rádio. Eu pensava, assim, sem saber da existência do computador, mas eu pensava que seria só coisa do computador. De alguma coisa que pudesse falar, né? Ou no caso, hoje seria o computador. Aí depois também você descobre que o computador não é inteligente, quem é inteligente é o homem que opera o computador, entendeu. Aí você descobre que tem tudo, é... que o homem está sempre presente em todas as ações.

E: Quais foram as suas primeiras impressões quando você tava na oficina?

JC: As melhores.

E: É?

JC: As melhores, as melhores...

E: É? Mas, por quê? O quê que tinha?

JC: Porque, assim, porque, a motivação, né? E outra coisa também foi aquela de interagir com o pessoal da Universidade de Brasília, os meninos aí da Faculdade, aquele laço de amizade, de... Não sei se é porque eu sou muito carente, se vê. Mas, tudo isso para mim foi muito bom, e ainda é bom ainda.

E: E essas impressões mudaram em algum momento?

JC: Não, assim. Eu tive experiência, eu tive experiência, assim, um pouco assim, com um aluno da Universidade de Brasília que eu acho que a gente não acabou se... Assim, né? O quê que eu pensava, não era o quê essa pessoa também pensava, entendeu? Mas, assim. Mas, por outro lado tudo foi muito bom, as outras pessoas todas também foram muito boas, assim. Mas, assim, em questão de visão, aquela visão, a... esse aluno também tinha outra visão. Mas,

E: Sobre o quê?

JC: Sobre comunicação comunitária, entendeu? Às vezes, assim, a pessoa queria colocar palavras na minha boca e eu deixei de falar aquilo que eu realmente queria falar. Então, eu sempre gosto de falar aquilo que eu penso, aquilo que eu acho. Às vezes a pessoa queria mudar um pouquinho o meu jeito de ser, e eu não, não quero esse, isso... trem, não.

E: Assim, não quero saber quem é, não. Mas só para saber, é dentro da oficina de rádio ou alguma outra?

JC: Dentro da oficina de rádio, dentro da oficina de rádio.

E: É? É... e por que que você continuou participando todo sábado de manhã da oficina?

JC: Porque é o quê eu mais gosto de fazer. Porque comunicação pra mim é tudo. E você sabe muito bem que sem comunicação a gente não consegue é.... comunicar com outras pessoas, entendeu? Então, eu acho...

E: E por que que é importante comunicar com outras pessoas?

JC: A comunicação é sempre importante desde o início, desde quando os homens começou a fazer os primeiros sinais de fumaça, isso já fazia parte da comunicação. A comunicação é o... é o, o quê o homem ainda precisa se comunicar, eu acho que ainda falta muitas pessoas, tipo, ouvirem e serem ouvidas.

E: E por que que é importante ouvir e ser ouvida?

JC: Porque a partir daí que você começa a entender e compreender os fatos.

E: É... e o quê que você fazia na oficina?

JC: Ah! Um pouco de tudo, né? Eu comecei, eu comecei com o programa de oficina rádio e locução. Depois fui para aquela parte técnica de operação de rádio e vídeo. Fui, é... edição. E depois tive a oportunidade de operar por alguns minutos a TV Comunitária aqui do, de Brasília. E para mim foi fantástico.

E: E como que era a oficina de rádio?

JC: A oficina de rádio foi desenvolvida tanto pelo fórum DELIS e tanto pelos alunos da, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Assim, propondo novas, uma comunicação, um novo conceito na comunicação para as comunidades locais e para o Varjão.

E: Que novo conceito é esse?

JC: É um conceito de você a ouvir e começar passar para as pessoas suas idéias. Defendendo as nossas idéias e nossos objetivos, né? E sempre, é... a gente conseguir manter a coletividade, conseguir, é, passar a nossa experiência para outras pessoas visando que elas também venham a se sentir beneficiadas com aquilo que nós havíamos aprendido antes.

E: A... O quê que você mais gostava e o quê que você não gostava na oficina?

JC: O quê eu mais gostava? Ah! Eu gostava de tudo, não tem nada que eu não gosto da oficina. E, assim, às vezes, assim, na hora de fazer entrevista, no caso que a gente foi fazer a entrevista lá na ponte JK, mexeu um pouco comigo, que eu fiquei um pouco com medo de entrevistar as pessoas, mas depois também você vai se soltando. E tudo, é, o tempo faz o tempo e faz você se compreender e se entender melhor e você vai... vai automaticamente, vai desprendendo daquele medo e insegurança que você tem.

E: E foi bom ou foi ruim? Eu não entendi, na ponte você gostou ou não gostou?

JC: Ótimo, foi uma das experiências mais boa, né? Que eu tive a oportunidade de andar no barco, operado pelo pessoal dos Corpos de Bombeiros, né? E eles explicaram para a gente os fatos e a importância do lixo na rua, foi uma operação que tava fazendo sobre o lixo, né? Eu esqueci o nome e foi uma coisa muito importante, não só para nós para aqui de Brasília, mas para o Brasil e mundo.

E: E pensando numa linha do tempo, que atividades aconteceram primeiro na oficina de rádio, o quê aconteceu depois?

JC: Ah... Aconteceu, a oficina de rádio eu me lembro muito bem que nós fomos para a universidade, algumas lideranças daqui foram para a universidade fazer é a comunicação, fizemos também um trabalho

de doenças DST/AIDS, né? No hospital DIAS, Centro de Saúde Dias, foi o primeiro centro de saúde em Brasília e eu não me esqueço disso e enfim, foi uma série de atividades assim que é impossível descrever nesse momento, entendeu? Eu teria que me racio... eu sou bom de raciocínio, mas nem tanto assim para me lembrar de tudo.

E: Ta. E... a oficina de rádio teve alguma importância?

JC: Com certeza, a oficina de rádio para mim...

E: Qual?

JC: O poder da comunicação, entendeu? E outra coisa, você poder interagir com as pessoas também. Fez eu abrir novos conhecimento e também passar novos conhecimentos pra, para as pessoas, para as pessoas universitárias que estavam nos visitando. Então, isso é muito importante e, assim, a gente aprendeu ter uma visão ampla. Hoje, eu falo que graças ao professor Fernando Paulino que trouxe os alunos pra cá pro Varjão, não só desempenhou as nossas mudanças, hoje a gente é... se entendemos. Havia um ciúme entre as lideranças, hoje não há. Há respeito e você hoje sente que o seguinte, todos ocupam seus espaços e todo mundo sabe que tem espaço pra todo mundo, que ninguém ocupa o espaço de ninguém, basta você se fazer presente.

E: E você usava a oficina de rádio para o quê?

JC: Eu usava, primeiramente para aperfeiçoamento em comunicação, e depois também porque são coisas que eu gosto desde criança foi o meu sonho. E para eu melhorar tanto o meu relacionamento não só com a comunidade, mas também com meus amigos, com essas pessoas mais próximas de mim.

E: E qual que era a percepção das pessoas de fora da oficina de rádio, o quê que elas falavam?

JC: O quê que as pessoas falavam, do Varjão?

E: É, por exemplo, você tá na oficina de rádio, mas aí você sai e conta para alguém ou alguém ficou sabendo da oficina, como que... o quê que elas percebiam?

JC: É, tem aquelas pessoas que são otimistas, né? 'Ó, isso é bom, vai em frente, o saber nunca ocupa espaço', entendeu? E aí haviam também algumas pessoas que eram negativas 'Pôxa, isso é aí é só papo furado, sai dessa, isso aí é só aluno querendo se formar, aluno querendo, precisando de nota', entendeu? Mas, eu nunca levei por isso. Primeiramente porque o seguinte, acho que cada pessoa tem ir por si próprio e não pensar que as pessoas fazem a cabeça de ninguém. Você tem que saber o quê que é bom e o quê que é ruim. E aquilo que é bom, e esse foi o meu caminho que eu preferi, foi estar presente, buscar os conhecimentos e tentar desafiar mesmo: Você vai fazer isso mesmo que a universidade quer? Vai ser isso que os alunos vêm fazer aqui? Então, foi isso aí.

E: E qual que era o objetivo da oficina de rádio?

JC: O objetivo foi antes, entendeu? Fazer com que a comunidade se compreenda e seja compreendida. E também, é, conhecer os seus direitos, seus deveres. A oficina, um dos principais fatores da oficina de comunicação foi isso. E manter a comunidade informada, do quê é bom, do quê é ruim, tudo tem que ser falado.

E: É... quais que eram as formas de financiamento da oficina de rádio?

JC: Não entendi.

E: Formas de financiamento. De conseguir dinheiro para a oficina.

JC: Foi através do bazar. A Juliana, né? Essa idealizadora, juntamente com é... formaram alguns grupos, né? Com as pessoas do Varjão e conseguiram fazer um bazar e com isso conseguiram alguma fonte e... Venderam alguns produtos com preços bem inferiores e... Produtos já, porém usado, mas de qualidade, né? Que pudessem ser usado várias vezes, e com isso arrecadou alguns reais.

E: E foram prometidas bolsas para quem participasse da oficina de rádio?

JC: Olha, o... O Guilherme da AOPA prometeu umas bolsas para todos alunos que participassem da oficina de rádio, né? Porém, numa faixa etária, menos de 24 anos de idade.

E: Não era o seu caso, então?

JC: Não era o meu caso. Foi 16 a 23 anos, era 24 anos, acima não era. Não era o meu caso.

E: É e quais... e tiveram conflitos na oficina?

JC: Uhum.

E: Quais os principais conflitos?

JC: Assim, eu, por parte dos a, das pessoas da comunidade do Varjão, assim, era ciúme de alguém, alguém achando que tava ocupando espaço, outro achando, assim, que era melhor do que o outro. Outro achando, assim, também que deveria ter é... assim, um processo, deveria... é... assim, você que sabe, então, você presta atenção e vai aprendendo também, tenta, vamos nos reunir, vamos nos encontrar, e não havia, né? As pessoas só queriam estar na oficina de rádio, já pensando no caso que a gente foi para a Shekná FM. Tinha pessoas que nunca havia pegado em um microfone e chegou e, não quis sentar para fazer um trabalho, fazer uma pauta, né? Ou seja, fazer uma... Cê entendeu o que eu quero falar... E no final, aí quando chegava lá 'Ah! Não, eu quero falar' e falava umas coisas e depois as pessoas do Varjão que ouviam e estavam ouvindo o programa 'Pôxa, mas o fulano falou isso, falou isso', entendeu? Mas, o

conceito da UnB realmente era falar, né? Mas, assim, a gente era cobrado e eles também foi criticado aqui no Varjão por ser participante da oficina, por falta de conhecimento e de não querer achar que o importante era só chegar lá e pegar o microfone e falar.

E: E esses conflitos, como é que eles foram solucionados? Foram solucionados?

JC: Como eu te falei pra você, através da comunicação. Comunicando, conversando, não vou brigar.

E: Mas, assim, é...

JC: Teve um momento em que eu falei, que eu tive que falar... com impulso, né? Eu tinha que falar. Teve um momento que eu tive que chegar. Eles não chegavam em mim para cobrar em mim, mas chegavam no aluno da universidade, 'Ô, o João ta fazendo isso' e eu chegava 'Não, não é isso'. E eu tive que falar para o aluno se era isso nós queremos. O Varjão é um lugar de pessoas carentes, é. Agora, nós... a gente não pode deixar que a carência toma conta, que nós semos carente também de comunicação, de falar, de falar, né? E também não podemos pensar também que as ondas são limitadas, que as ondas da Shekná tavam vindo só para o Varjão. Como eu sempre falava, as ondas também tá indo pro Lago Norte, tá indo pra Asa Norte. Então, nós tempos que nos preocuparmos com tudo que nós vamos falar."

"E: Cê quer acrescentar alguma coisa, fazer comentários, perguntas, dúvidas....

JC: Só quero dizer que os alu... assim, as atividades do... assim como eu tive essa oportunidade, eu espero que outros jovens aqui do Varjão possam, né? Que o pessoal da Universidade de Brasília, da Faculdade de Comunicação, possa tá, nunca... Sempre, assim, buscando os a, os jovens, e tentando com que esses jovens participem de alguma oficina, tanto de comunicação, quanto de teatro, enfim, de várias atividades que eles puder oferecer para a nossa comunidade."

Natalia Veil (22 anos) – 3 de junho

"Entrevistadora: Primeiro vou tentar fazer o histórico da oficina, então, como e por que surgiu a idéia da oficina de rádio? Você sabe?

Natalia: A oficina de rádio surgiu como uma das possibilidades de atuação da, esqueci o nome do lugar.

E: Do Varjão?

N: É, não, do Varjão, mas o nome específico lá da.

E: Ah! Da AOPA?

N: É, eu acho, que foi isso, surgiu assim, como uma das possibilidades de atuação da AOPA, vinculada à UnB, considerando que era a Faculdade de Comunicação e era uma das coisas, das coisas que a faculdade poderia oferecer. Então, foi assim. Mas, eu não participei do processo de surgimento, de nascimento, e tal. Essas coisas eu vi depois.

E: O que você pensava da oficina de rádio antes de entrar no grupo?

N: No grupo de rádio?

E: Quando o Paulino dividiu os grupos, tem a biblioteca, a praça, a oficina de rádio. O que você pensava da oficina de rádio antes de você entrar no grupo?

N: Era a que, que pensava que era a que mais me despertava interesse porque era a que eu não sabia nada. Assim, todas as outras eu imaginava mais ou menos qual o caminho seguiria, né? Mais ou menos ia trilhar, mais ou menos as informações. A de rádio era 100% nada que eu sabia, nossa como que eles vão dar uma oficina de rádio. E não por eu duvidar, mas realmente por eu não conhecer nada. Então, era a que eu interessava, né?

E: Você se interessava. E o que você planejava fazer no grupo?

N: Participar e aprender, aprender. Participar, assim, porque eu era aluna matriculada na disciplina, no entanto, eu pretendia muito mais aprender porque eu não sabia nada. Então, eu não estava como, na suposição da Mazé, que tava como instrutora, como alguém que tava lá para passar, para ministrar. Realmente aprender.

E: E você aprendeu alguma coisa?

N: Alguma coisa.

E: O quê que você aprendeu?

N: Ah! Bom, como eu não pratiquei, como eu não tinha muita intimidade, mas o quê eu achei mais legal, talvez isso eu tenha até que rever depois, mas o quê eu achei mais legal da oficina de rádio foi ter os instrumentais, entendeu? Porque a questão, eu fiquei na parte técnica lá. Bom, primeiro eu aprendi um monte de coisa que eu não sabia. Quando a gente foi dividir os cartazes com as funções, as possibilidades que existem no rádio e eu fiquei na parte técnica, que liga, né? Que liga, liga o *plug* aqui, sai o *plug* lá, abaixa o som aqui, ou... Então, assim foram essas questões que eu aprendi no dia, mas quando a gente não coloca em prática. Mas, foi muito legal quando eu coloquei para funcionar.

E: Por que que foi legal?

N: Porque ele funciona, porque eu vi funcionando, entendeu? É ruim porque o microfone tava com mau contato, aí, é ruim. No mais, foi muito bacana.

E: E por que você entrou no grupo de rádio? Por que você não sabia nada, era isso? Ou tinha algum outro motivo? Tinha algum outro grupo que você queria fazer parte, como é que era?

N: Foi o único grupo que me interessou. O outro grupo que eu lembro forte, assim, Grupos com nome forte que existiam era rádio e biblio, livraria, biblioteca. É, rádio, biblioteca e... Talvez foi porque eu tenha pensado em entrar também. Ah! Tinha uma cento e... uma coisa da Asa Norte que eu não tinha o menor interesse.

E: Da 314.

N: Bom, a rádio, por que o rádio? Porque é uma coisa que já me passou pela cabeça, eu acho bacana, quando eu vi aquele filme também...

E: “Uma onda no ar”?

N: Uma onda no ar? Não lembro, é um de Belo Horizonte. Nossa, muito louco, uma rádio pirata. Acho que por causa disso tudo, pelo causa do contexto.

E: E por que não...

N: Ah! Sim. Só um minutinho. Por eu estar na comunicação, que eu acho que é o de melhor que eu poderia aprender lá. Que por exemplo, eu estava no projeto da comunicação, e eu acho que a rádio poderia ser o melhor, uma das melhores oficinas a serem dadas.

E: E por que não os outros grupos? Por exemplo, você falou que tinha o da biblioteca, tinha o da Ralacoco, qual que era o outro?

N: Não, não, o da biblioteca eu me interessaria só.

E: Ah! Não teve nenhum outro que te interessava?

N: Não.

E: É... quais foram suas primeiras impressões na oficina?

N: As primeiras impressões, eu sempre, deixa eu pensar um pouco para ser mais objetiva.

E: Não preocupa, não.

N: É... É ruim a questão da estrutura, sempre é incomodo, porque ‘Ah! Pra onde a gente vai’, então leva tudo aquilo para fora. Ah! Lá fora é legal, é arejado, mas passa cachorro, passa gente. E eu achei que os meninos apesar de, meninos e meninas, apesar das influências externas, houve bastante interesse, pelo menos no começo e no final foi afunilando quem mais tinha vontade mesmo, no final até onde eu fiquei. E...

E: Essas impressões mudaram em algum momento?

N: Em relação à estrutura, não.

E: E em relação ao interesse dos meninos?

N: No começo, nossa, eu acho que na primeira aula era muita gente, um rodão de gente se apresentando, depois sempre vai diminuindo, diminuindo, diminuindo. Ficam sempre as mesmas pessoas, as mesmas cartas carimbadas, todo mundo sempre. E eu acho que o interesse... Mas, eu acho que isso é natural de qualquer grupo, sempre começa grupão e termina grupinho. Mas, eu acho que houve interesse, sim. Porque eu acho que era, assim, um material muito palpável perto do quê vocês estavam oferecendo. Era uma coisa que dava resultado, entendeu? Era uma coisa que você, se você aprendesse, você dominasse, você poderia colocar na prática e dar resultado, nesse sentido.

E: É...você participou de algum planejamento para a oficina?

N: Participei pelo messenger.

E: E como que foi? Como era planejado o conteúdo e as atividades da oficina?

N: Você trazia tudo pronto. Não, tudo pronto, não, assim. Você trazia as idéias, mas tipo assim, você que coordenava, no sentido de que é... o Leyberson?

E: Uhum.

N: É, o Leyberson, você, foi uma vez, foi uma vez só que foi você. Ah! Eu acho que eu não participei e depois ficou só a tarefa. Eu não me lembro exatamente. Mas, o quê eu me lembro com relação a planejamento foi que eu sempre fui convidada, a participar e as reuniões já mudaram. Mudança mesmo, ‘Ah! Você não pode nesse horário, então vamos fazer nesse horário’. Então, o que é, havia uma flexibilidade grande para que houvesse planejamento. Mas, o que eu me lembro é isso, assim. Você, de uma forma ou de outra, você que já tava, você já tinha pensado, as outras pessoas não levavam alguma coisa pronta, você sim. Por algum motivo, você tomou as dores. Não sei, se

E: Tomou as dores?

N: É, como se você fosse uma monitora direta do Paulino, não sei porque, entendeu. Talvez ou talvez pelo seu objetivo do TCC, não sei. Mas, eu sempre senti isso, que você tomava as rédeas da oficina.

E: É... você modificaria alguma coisa que você lem... assim, não sei se você lembra muita coisa do planejamento, pelo que você ta falando. Mas, cê modificaria alguma coisa nele?

N: Como assim?

E: Do planejamento. Desse momento de 'Vamos planejar'.

N: Ah! Do momento de 'Vamos planejar'. Não, acho que isso foi bacana. Acho que quem quis participar teve como participar, se não participou porque ou não correu mais atrás ou, entendeu? E era, o que eu achei mais interessante é que era aberto ao grupo inteiro, né? E, tipo assim, sempre as mesmas pessoas passavam, as mesmas 2, 3 pessoas, sendo que, tipo, 10 pessoas eram convidadas. Mas, a forma como foi feito, dadas as circunstâncias, que é um projeto, que era uma disciplina, que não é uma coisa de caráter obrigatório, porque o Paulino também era uma pessoa de cabeça bem aberta. Então, eu acho que, assim, dada a circunstância, foi feita da melhor forma, o planejamento.

E: Beleza. Eu to pensando em uma coisa que eu pensei em te perguntar e esqueci o quê que era.

N: (risos)

E: Você falou que talvez as outras pessoas não tivessem interesse de participar no planejamento, você tem alguma percepção de por que isso acontecia? Por que quem eram sempre, você falou quatro pessoas? Por que isso acontecia?

N: Porque ao mesmo tempo que a liberdade que o Paulino dava das pessoas se sentirem a vontade onde elas estavam. É... é bom, é ruim. Tipo assim, é muito mais bom, pra quem sabe aproveitar é muito mais bom. Mas, é bom também para as pessoas que não são... qual é a palavra?... que sei lá, que não fazem o dever de casa, tipo assim... Todo mundo teve oportunidade de participar do planejamento, entendeu? E não participou porque não era obrigatório, talvez, porque não valia nota, entendeu?

E: É... quais eram os objetivos da oficina de rádio?

N: Ensinar rádio para o Varjão, ensinar. Tentar ensinar para os meninos como que se manuseia, os, os instrumentos de rádio, como que apresenta um programa de rádio, como que se faz um programa de rádio para o Varjão.

E: Mas, por que isso? Para que ensinar isso? Como.

N: Ah! O objetivo da comunidade, da interação, da divulgação, do fortalecimento, da comunidade, da Com Com?

E: Comunicação Comunitária. E esses objetivos mudaram em algum momento?

N: Não, como que mudaria na minha cabeça? Sei lá, se tivesse algum interesse pessoal de alguma marca, não sei. Era sempre a comunidade que tava lá.

E: Uma marca?

N: É, não sei. Tipo assim, se esses interesses da comunidade mudaram em algum momento?

E: É, se, se o objetivo mudou? O objetivo de...

N: Ensinar a comunicação comunitária, a importância?

E: É.

N: Não, de jeito nenhum. Não via nem para onde. Eu, eu não consigo nem enxergar para onde mudar.

E: E o que a oficina de rádio fazia?

N: A oficina de rádio, ela reunia as pessoas e aí dividia mais ainda, né? A oficina de rádio acho que dividia. Dividia em setores, em várias funções que têm na rádio. Eu lembro muito da técnica, né? Da parte operacional, da parte que eu ficava. Mas, tinha a parte de, de apresentação, tinha a parte de planejamento da apresentação, quem fazia o quê na oficina, ou quem faria as entrevistas, tinha a parte de quem escolhia as músicas. Então, eram várias partes que ficavam mais ou menos 2 ou 3 pessoas em cada parte. Então, era mais ou menos como acontecia.

E: 2 ou 3 pessoas do Varjão? 2 ou 3 pessoas da UnB?

N: 2 pessoas do Varjão, 1 pessoa da UnB, com uma pessoa da UnB.

E: Mais alguma coisa que a oficina fazia?

N: Eu acho que não foi da oficina, mas teve um planejamento de lançar a rádio. Não sei se foi da oficina da rádio, acho que não, acho que foi do núcleo todo. De lançar, de fazer uma festa, de promover a rádio. Teve um dia que eu achei assim, bastante bacana e frustrante ao mesmo tempo. Foi o dia que iam implementar uma antena...

E: Da TV?

N: Pois é, e ia ter uma outra oficina, uma outra coisa. E foi aquela empolgação toda, aquela empolgação, até que deu zebra. Isso foi muito chato, acho que, imagino que para eles isso é muito chato.

E: Por quê?

N: Porque frustra. Cê faz a maior expectativa. Eu que não sou da comunidade, eu que tenho acesso a isso, eu que tenho oportunidade nesses meios, tipo assim, fiquei na expectativa, me frustrei, entendeu? Imagina os meninos, que para eles é mais difícil esse acesso. Aí eu penso isso.

E: É... e você, assim, pensar um pouquinho as influências que a rádio teve. E aí pensar em duas esferas, em você, influências, e as influências que você percebe no pessoal do Varjão. Quais foram?

N: As influências em mim? Da oficina de rádio? Foi gratificante, a influência foi muito gratificante. Realmente, assim, porque eu manuseei equipamentos de rádio e isso foi novo. Se de repente eu entrar em

uma rádio hoje não vai ser tudo novidade, eu já vou saber um pouco. Então, assim é gratificante. É gratificante o contato com o Varjão. É gratificante o contato com o Paulino, com você. São pessoas que tomam a frente e eu quero muito entender o porquê. Tipo assim, qual é a motivação pessoal da, sabe? Porque tem a motivação pessoal, não é só interesse acadêmico. Tipo assim, não é só o Paulino é professor tem que dar aquela disciplina, você é a monitora e tal. Você nem tava, em Com Com 2, cê tava?

E: Não sei, acho que no turno que você entrou eu tava com monitoria.

N: Enfim, talvez a carga de responsabilidade seja melhor, maior. Mas, é diferente. Tipo assim, não foi isso, você perguntou outra coisa. Então, essas influências que despertaram em mim, entendeu? Essa coisa de, de terem pessoas a frente, isso sempre chamaram atenção. E, nos meninos, eu acho que desperta, influencia uma certa auto-afirmação do que eles gostam, do que eles querem, do que eles, de uma oportunidade, enquanto para mim ali é só um 'Pôxa, que bacana, mais um conhecimento', para eles pode ser o conhecimento que vai fazer a diferença, entendeu?

E: Que diferença pode fazer?

N: A diferença deles chegarem de repente em uma Shekná da vida, numa outra rádio dessas e construir um trabalho, alguma coisa assim. 'Olha eu sei mexer na mesa de som', 'Eu posso fazer um trabalho externo'. Essa diferença, coisas que talvez eu nunca vá usar, mas que serviu para minha curiosidade, para eles pode servir para a necessidade deles.

E: A... como que era a oficina de rádio? Descrever mais mesmo.

N: Assim, chegávamos às 9h lá no... sempre chegava meio atrasado porque a gente saía, porque é muita gente, aí sempre atrasa um pouco. Aí a gente chegava lá, primeiro o grupão, aí o coordenador de lá

E: O Guilherme.

N: O Guilherme sempre já tava fazendo alguma coisa. Sempre, quase sempre ele já tava fazendo alguma coisa, a gente esperava. Saía, div, às vezes tinha o grupão, a conversa entre o grupão. A apresentação de alguém que chegou novo, alguém que tá no pedaço. Aliás, sempre teve alguém novo, eu não entendia como, porque essas pessoas chegavam lá, como chegavam lá, o quê queriam lá. Enfim. E depois disso, tinha a divisão, porque a AOPA é um quadradinho não cabia todo mundo lá. Aí tinha a divisão, ficava um pouco lá dentro, duas, dois grupos acho que ficavam lá dentro, um grupo ia para dentro do ônibus, outro grupo ia para a praça. E aí aconteciam as oficinas. Aí a oficina de rádio, de acordo com o planejamento, que já tinha feito, era desenvolvido. E com a participação dos meninos, e das meninas. E era assim, a conclusão geralmente. Ah! E o que era bem bacana, eu acho bem bacana é que sempre faltava tempo, mas mais que assim que começava atrasado e esse pode ser um dos motivos, mas, é porque quando falta tempo é porque tá bacana, tá legal, entendeu. Eu acho que pode ser isso.

E: Ah! É?

N: É, a gente geralmente acabava quando tinha, já estava estourando a hora, e tipo assim, tem que acabar porque tem que ir, uma coisa assim. Tem que guardar as coisas. E isso é legal porque de alguma forma as pessoas estão envolvidas de verdade.

E: Mais alguma coisa? É... e o que você teria feito de diferente na oficina?

N: Podia ter feito mais. Fazer mais.

E: Mais o quê?

N: Por mais que eu tivesse muito mais com a curiosidade de aprender e conhecer, eu podia ter feito mais no sentido de organizar. Já que eu não tinha o conhecimento de rádio, eu poderia ter ajudado mais talvez no planejamento, na. Talvez no envolvimento dos meninos de alguma forma. Controlando coisas que talvez eu pudesse controlar. Controlar? Organizar, entendeu?"

(fim da fita)

"E: O quê mais? O quê que é o mais?

N: Mais é se envolver mais, é se doar mais, é. É abraçar a causa, né? Que você tá ali, nas... Você optou tá ali, é uma disciplina optativa, é um semestre, sabe? Abraçar a causa.

E: Você teve alguma frustração?

N: Comigo.

E: Com você?

N: Ah! Sempre. Sempre com relação ao que eu poderia ter feito. Mas, assim, ao que eu poderia ter feito e deixei de fazer, ao que eu poderia ter, é, estudado e deixei de estudar. Ao que eu poderia ter participado mais, dado idéia, ou que... Sempre isso, mas.

E: Mas você acha que você tinha meios para fazer isso?

N: Ah! Sim. Sempre tem. É só, é só ir, nunca, é só participar, é só agir, é só. Mas, enfim, deixa eu tentar, tirando o erro. Se eu me frustrei, sim, com a oficina, com o espaço, com...? Hum, ah, sim. É...me frustrei, assim, porque teve um sábado que eu faltei, teve um dia que foram gravado, foi gravado um programa, e aí esse programa, no sábado seguinte eu faltei, e parece que foi nesse sábado seguinte que foi passado

esse programa para o CEUB, foi passado na internet, foi alguma coisa assim. Essa lacuna eu perdi, essa lacuna de, de ver o trabalho pronto, alguma coisa assim, ou que foi passado na Shekná, eu não lembro. Eu sei que teve um programa que foi gravado, não foi?

E: A gente passou pros meninos para eles escutarem e aí eu passei para o pessoal do CEUB, mas eu não vi...

N: Você não sabe se...

E: Isso foi até um erro, eu não sei, como, que hora eles conseguiram...

N: Pois é, a minha frustração foi não ouvir o que a gente fazia, porque a grande expectativa da rádio é essa. Tudo bem que não ia ter como. Eu não moro no Varjão, não moro no Lago Norte, eu não ia ligar a minha rádio e ouvir, né? Pra frente, quando tivesse uma estrutura. Mas, eu queria ter ouvido lá, em algum momento, assim, alguma coisa que foi produzido. E não teve, pra mim não teve. Talvez eu faltei justamente no dia que teve alguma coisa. Foi um sábado, que eu lembro.

E: É, quais os pontos fortes e quais os desafios da oficina?

N: Ponto forte sem dúvida é o conhecimento. O quê vocês dominam. O, é que eu to conf, o Leyberson é o que tem o óclinhos, fica na... É que tem um que dominava bastante o, a coisa do instrumental ali.

E: O Leyberson sabe bastante pra caramba a parte técnica e tem óculos.

N: É. Então, e... O instrumental, a questão de você tá lá na frente e tá guiando, a questão da energia da Mazé, a questão. Então, eu acho, assim, que pontos fortes da oficina era, é... as pessoas que estão coordenando, guiando, ensinando. Pontos fracos é a questão da estrutura, que é importante. Só, o resto é... é de cada um, sabe? Como cada um vai... Se é uma disciplina, obrigatória, que a pessoa vai levar pela barriga, se a pessoa vai abraçar o projeto, ou se é o menino tá indo obrigado ali porque a mãe manda ir, ou porque... Então, o resto eu acho que é individual.

E: É e porque, assim, cê não deu continuidade depois?

N: Depois e dezembro?

E: É, depois do semestre.

N: Ah! Não, mas eu já parei em dezembro mesmo. Porque tinha a opção de, assim, porque, assim, o Paulino tinha falado assim, 'Ah! Cês podem ir até dezembro e janeiro fica quem puder, quem quiser, quem achar que é importante, e tal'. Em dezembro eu já parei. Tava na época rolando, ainda tem, eu trabalho com uma criança autista e eu tava, foi por uma questão assim. Foi a questão da criança autista que eu trabalhava, e aí a gente tava fazendo esse trabalho a tarde, aí meu trabalho mudou para a tarde e eu tive que jogar ela pra noite e não tava dando tempo. Aí tinha que ir para o final de semana, e como, quando se dá para negociar não ir, e é longe, e é sábado de manhã. Mas, se bem que sábado de manhã não fez diferença, porque eu, eu tenho o mesmo horário, sábado de manhã. Então foi por uma questão de, de um outro trabalho.

E: Uhum. É quais fatores dificultam ou auxiliam o desenvolvimento de uma atividade de extensão?

N: Quais os fatores que facilitam ou?

E: Dificultam. Uma atividade de extensão.

N: Não, ó, facilita...

E: O quê que é bom, que, tipo que tem oferecido lá, seja na universidade, seja lá no Varjão, seja em outro lugar, que faz ser mais fácil, que ajuda a você desenvolver uma atividade, e o quê que, meio que, se torna um obstáculo?

N: Ah! Sim. Olha, eu lembro. Bom, o que facilita é o fato da universidade ter liberado, por exemplo, o ônibus, que era meio, meio até que duvidoso que chegaria lá, sempre chegou. Assim, coincidentemente o sábado que não teve eu faltei, que foi cada um no carro pessoal. Mas, aí, a questão da universidade proporcionar isso. O quê dificulta é burocracia sempre, apesar de ser importante, mas é... eu lembro uma vez que a gente, não sei se foi em uma conversa paralela, mas, em algum momento a gente tava precisando de uma câmara, ou de uma rádio, ou de uma antena, eu não lembro o quê que era. Mas, para chegar nesse momento, teve uma outra coisa que eu lembrei, para chegar nesse momento, era toda a burocracia que nem se pensava em fazer. Uma coisa que atrapalha, eu não sei, mas é um caso isolado, o caso da creche lá, que a menina precisava de uma, uma carona para a L2, sei lá, e a gente não podia dar porque o carro era da universidade, o ônibus era da universidade. Enfim, mas, a extensão, eu fiquei muito feliz, assim, de participar de um projeto de extensão, eu nem sei bem o quê é, é extensão, né?

E: É, uma disciplina de extensão.

N: É. É... e uma extensão que sinta se que é extensão. E para mim, quase tudo poderia ser extensão, e infelizmente não é, porque, não sei. Porque há uma prioridade para a academia, não sei porque. Mas, eu acho que tudo o que é mais importante tá fora, a gente estuda e as nossas demandas tão lá fora, sei não eu acho que tinha conciliar, tinha que ser um por um. Não que a acad, não que a sala de aula não é importante, mas que é um por um, sala de aula e extensão, sala de aula e extensão, talvez. A medida deveria ser igual, e não dez salas de aula para meia extensão."

Flávio Henrique Martins Cremonese (24 anos) – 3 de junho

“Entrevistadora: Como e por que surgiu a idéia da oficina de rádio?”

Flávio: Deixa eu lembrar. A idéia é que o Varjão, a gente tivesse todas as modalidades possíveis para as pessoas se comunicarem. A gente pensou em um jornal e no rádio comunitária, que é um meio de comunicação que as pessoas gostam de participar e de fácil acesso.

E: E antes de começar o planejamento o quê você pensava? Como, vamos agora começar a planejar a oficina de rádio, o quê que você tinha na sua cabeça?

F: A parte mais importante, pelo menos quando eu me envolvi no projeto, era de dar autonomia para o grupo social do local desenvolver todo esse projeto, ou pelo menos tocar esse projeto sem interferência dos alunos da UnB. Porque a maior parte das experiências de comunicação que a gente viu lá, na verdade, era quase que uma prática dos alunos, da teoria que eles aprendiam em sala. Os estudantes chegavam lá com um projeto de jornal aí tocava o projeto de jornal, diagramavam o jornal, conseguiam grana para rodar o jornal, iam embora ou tinham greve na UnB e depois o jornal ficava lá às favas. E a idéia, assim, pelo menos defendida pelo Professor Paulino, era da gente capacitar formadores de opinião ali, agentes comunitários para tocar os projetos mesmo quando a UnB entrasse em greve, mesmo quando chegasse as férias, ou mesmo quando os alunos da UnB deixassem de se interessar pelo projeto.

E: E. Pronto? E o quê você planejava quando você entrou nesse grupo? O quê que você queria?

F: Ah... Se eu não me engano a primeira turma de Comunicação Comunitária que eu participei da disciplina foi no segundo semestre, nessa época você tem um monte de sonhos e você acredita em um monte de coisa diferente do que quando você tá chegando no final da formação. Eu acreditava que sim, era possível fazer tudo isso que o Paulino propunha pra gente, dessas experiências, de dar a voz para a população que nunca é ouvida. Deles fazerem uma coisa com a cara da periferia. Desvinculada do centro, do Plano Piloto. Então, a minha maior esperança era essa, que fosse um programa que falasse do, das promoções que tão tendo no supermercado, dos eventos, das feirinhas que as mulheres vão fazer para vender, das quermesses, e que tocasse a música que o pessoal gosta e não só reproduzir o que o pessoal de Rio e São Paulo, do eixo Rio-São Paulo, e aqui mais próximo o pessoal do Plano gosta. Então, a idéia é que fosse do Varjão e para o Varjão, a gente da UnB só ia entrar para capacitar tecnicamente eles, e até explicar para eles o conceito do, das teorias, e discutir com eles como é a formação da comunicação comunitária. Não só aquela coisa tecnicista de ‘Ah! Você aperta esse botão, você ouve nesse equipamento’. Mas, sim uma idéia de manter essa experiência de comunicação, e mostrar pra eles que qualquer um pode fazer rádio, qualquer um pode fazer um jornal, qualquer um pode se comunicar, basta ter coisa a dizer. Técnica e teoria não é tão difícil de você aprender.

E: E qual é a sua opinião agora? Isso você falou que era quando você estava no segundo semestre cheio de sonho e de esperança.

F: Ah! Eu não sei, cara, porque aí vai entrar aquela coisa de frustração de final de curso que acontece com algumas pessoas. Eu vi muita coisa, eu vivi muita coisa durante quatro anos da Faculdade de Comunicação, que me deixam meio que decepcionado. Tanto nessa experiência que a gente teve no Varjão, que eu participei durante dois anos, quanto na própria publicidade, na própria comunicação em si. Eu não sei se é possível isso e se as pessoas realmente querem isso. A gente, no Varjão, a gente viu uma coisa que eu até discutia com o Paulino às vezes, o professor que, que tocou essa disciplina durante muito tempo, é que a gente entra lá como um bando de estrangeiro, querendo doutrinar essas pessoas, querendo, sabe, tudo pra gente é feio, é sujo, é pobre. E aí quando você vê, que não é nada daquilo que você tá pensando, Você começa a se revoltar, principalmente com a opinião da universidade tem do local, e que o local tem da universidade.

E: Como assim?

F: Eu já conheci realidades até piores que a do Varjão, mas para muita gente da UnB, muitos colegas meus da disciplina, era o primeiro contato que eles tinham com pobreza, que o Varjão nem é um pobreza tão extrema assim, que eles ficam em um lugar privilegiado. Então, não pode ser tão pobre, tão feio e tão violento. Mas, algumas pessoas da UnB que tiveram esse primeiro contato faziam comentários totalmente estúpidos, assim como ‘Ah! A gente. Ah! Meu Deus, como essas pessoas vivem aqui’. Ou olhavam para as coisas com olhar de nojo mesmo, olhar de superioridade mesmo, que algumas até ficavam indignadas, até, naquela, ‘Eu tenho que fazer alguma coisa, eu tenho que trazer pra cá a civilização, isso não é civilização, isso não é vida’. Quando você começa a pensar ‘Pô, essa é a cabeça da pessoa que tá na academia, essa é a cabeça da pessoa que tá cursando a universidade pública. Cê imagina como sendo uma pessoa, assim, preparada, cê imagina como sendo uma pessoa pronta para ter uma consciência reflexiva bacana. E aí a... Então, nessa idéia de que as pessoas vêem o outro como sujo, como pobre, como feio, fazem piadas. Tinha pessoa que fazia piada estúpida, fazia brincadeirinha estúpida. E achavam que o único problema de lá era a questão de educar ambientalmente as pessoas para não jogar o papel no chão, sabe? Teve o caso da menina que ficou indignada porque uma criança jogou um papel de balinha no chão.

Com se isso não acontecesse no Plano Piloto. Aí ela olhou pro lado e falou assim ‘Ah! A gente tem que por uma lixeira aqui’. Como se o problema fosse a ausência de lixeira na pracinha das mangueira do Varjão. Ou o problemas as crianças ficarem brincando no campinho de terra batido, não é nenhum problema, não, sabe? E a... do mesmo... e a outra coisa que me deixou chateado foi que as pessoas do Varjão, quando a gente chegava na UnB, o Manu até brincava que a gente descia da nave espacial que era o ônibus que levava a gente pra lá, às vezes que tinha ônibus, que algumas vezes também não tinha. E fazer a visita no Varjão, as pessoas chegavam com uns problemas que, assim, cotidianos delas, que achavam que a gente podia resolver, que a gente tava na faculdade. ‘Ah! Você veio da faculdade, que bom, que maravilha, tá vendo aqui na minha rua? Eu vou ali pegar o papel pra você, ó, eu moro aqui a tanto tempo, eu queria legalizar o meu lote’. E aí é muito frustrante, que as pessoas chegam com problemas reais, problemas que eles vivem durante o dia, e você não tem como responder a esses problemas, você não é o salvador da pátria, você nunca vai ser e não existe isso, e as pessoas esperam isso de você. Eles acham que por você tá na faculdade, você tá chegando da Universidade de Brasília, você é especial, e que você vai fazer alguma coisa por eles. Aquela velha idéia de político assistencialista que a gente tem, aquela velha idéia de pessoas que vêm do centro para a periferia trazer o progresso. Uma coisa que talvez elas poderiam fazer se elas não tivessem sempre essa ilusão, essa falsa expectativa de quem vem um salvador. Então, assim, é frustrante pelos dois lados, pelo lado da universidade, que encara algumas pessoas, da universidade que encara aquele grupo social quase que não humano, como, ah, a margem de tudo. Ah, eles têm problemas socioeconômicos, eles têm problemas de estrutura, mas são pessoas como qualquer um. E aí, do mesmo modo, as pessoas que acabam se acomodando com essa situação. Uma vez, a gente até chegou a comentar que no Varjão a gente tinha uma situação engraçada, que como fica muito perto de uma zona economicamente privilegiada, que é o Lago Norte, tem muito programa assistencialista lá, que falta pessoas para serem assistidas por esse programa. Então, todo fim de semana, chegou uma época lá que tinha gente da UnB, tinha um pessoal do CEUB, e acho que outra da Católica, e uma pastoral não sei das quantas de grupos religiosos, aí. Então, eu não sei, é frustrante por esse lado, porque as pessoas querem muito, elas esperam muito desse tipo de ação que chega lá e elas acabam se acomodando.

E: E por que que você decidiu ajudar no grupo de rádio?

F: Bom, quando, né, nessa matéria Comunicação Comunitária, a gente dividia as tarefas sempre por grupos, assim. Eu sou de publicidade, faço publicidade, e eu não tenho interesse em ajudar muito no jornal. Aí a gente, a vez que eu me envolvi no jornal foi até por essa área da publicidade, de fazer anúncios, em fazer um jornal voltado para a comunidade, por isso a gente procurou pessoas do comércio local para que, fazer anúncio no jornal. E a gente teve até uma outra experiência que foi engraçada, não tem muito haver com o quê você tá perguntando, mas como é que esses falsos projetos acabam frustrando as pessoas, elas acabam ficando descrentes. Quando a gente procurou incentivo do comércio local para fazer o jornal, algumas pessoas não quiseram nem nos receber, a gente começou a achar estranho tanta antipatia. E, mais na frente, quando a gente entrou em uma loja, se não me engano, de material de construção, o cara falou ‘Tudo bem, até faço o anúncio no jornal de vocês, mas eu só pago depois que sair. Porque vieram, veio um povo picareta aqui uma vez, vendeu pra gente anúncio, a gente comprou e o jornal nunca saiu’. Então, você fica nessa de como as pessoas usam essa, esse tipo de ação para ganhar dinheiro, e como que se aproveitam da ingenuidade das pessoas. E outro, é, como a falta de pertencimento que as pessoas sentem do local. Como elas não têm muito apego com isso. Um comerciante até queria fazer um anúncio com a gente, no jornal, mas desde que ele circulasse no Lago Norte, desde que ele circulasse no Plano Piloto. Que ele falou que ele não tem interesse em vender para o pessoal do Varjão, porque ele não precisa do pessoal do Varjão comprar, talvez eu até entenda a questão dele, de querer colocar um anúncio num mercado que tenha um maior poder de compra e tudo mais. Mas, a gente tentou argumentar com ele, tentou explicar pra ele que na verdade o que ele tava fazendo era anunciar e ser visto pela comunidade local, que era importante para a empresa dele. Mas, qual que era a pergunta mesmo, que a gente saiu dela.

E: Saiu completamente.

F: Completamente.

E: É, por que que você decidiu ajudar no grupo de rádio?

F: É, aí eu contei porque eu ajudei antes na publicidade. Eu ajudei no grupo de rádio porque nessa época eu tava, não tava cursando a disciplina, segundo uma amiga minha, eu nem me lembrava disso. Mas, era onde era preciso, onde tava faltando gente pra ajudar. Como eu fazia parte da Ralacoco (Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária). Daí para fazer parte dessa ação da rádio foi um pulo, porque a Ralacoco sempre se envolveu muito com essa ação de Comunicação Comunitária no Varjão.

E: E tinha algum grupo que você queria tá perto, ou então fazer parte?

F: Tinha um grupo que eu achei muito bacana, que ele teve na segunda, se eu não me engano no meu segundo semestre de Comunicação Comunitária, que era o grupo que tava tentando ajudar a creche local. É, eu não me lembro o nome da creche agora.

E: Da Núbia.

F: Da Núbia, mas você lembra o nome da creche, qual que era?

E: É ‘Criança Cidadã’.

F: Que foi assim, uma experiência fantástica das pessoas. Hum, um nível de determinação e luta maravilhoso, eu queria ter ajudado mais nessa parte, mas era ruim porque na época eu nem pude. Porque o pessoal lá desenvolve, assim, num encosto, na encosta do barranco, tudo, assim, tudo com maderite e tudo mais. E quando chega a época da chuva eles têm até que suspender algumas aulas porque não, a água invade a sala de aula. Eles fazem tudo isso, eles cobram o mínimo necessário para manter as funções, mas não deixam de atender essas, as crianças, que se não fosse por essa creche iam ficar em casa sozinhas, na rua sozinhas, que pai e mãe saem para trabalhar. Foi até na porta dessa creche que funciona até outra coisa, assim, tocante. Você acaba se envolvendo muito por mais que você não queira se envolver com os projetos e as pessoas, você acaba se envolvendo muito. Chegou uma senhora, uma senhora, bem velhinha já, eu acho que ela tinha uns 55, quase 60 anos, por aí. E pouco, como eu te falei antes, procura a gente pra qualquer tipo de problema. Ela chegou pra gente falando que o neto dela precisava de uma escola de segundo grau porque ele não tinha, desculpa. Segundo grau, não, ele tava fazendo a oitava série, ele não tinha condição de ir pra escola, porque ele não tinha o dinheiro para comprar o passe. Lá na, na, no Varjão não tinha a série que ele tava estudando, no turno que ele precisava estudar, ele tava se envolvendo com drogas, vendendo drogas segundo a avó dele. Ela chegou pra gente, tava, eu tava sentado com outro menino da comunicação, que ele até se formou. E ela chegou para gente, assim, desesperada, pedindo que a gente ajudasse ela de alguma maneira, que levasse uma escola pro Varjão, foi lá na, foi na própria creche, que ela queria que, porque um dos netos dela, um dos mais novos podia participar na creche, só que o outro mais velho não podia participar da creche, estava, se não me engano, na oitava série. E, assim, são coisas que você não podia resolver, são coisas muito maiores que você. Talvez se a população do Varjão tivesse uma força maior de, de união, tivesse uma presença maior, podia reivindicar coisas perante a população, só que eles esperam essa chegada do salvador, e, tipo, eu não acredito que exista realmente um salvador. Mas, tem essa de políticos indo lá fazer promessas que de quatro em quatro anos vão lá fazer as mesmas promessas que não cumpriram.

E: E você teve alguma primeira impressão da oficina de rádio?

F: Olha, eu, lembro que tinha gente até tentando emprestar alguns equipamentos da Ralacoco para o pessoal começar a rádio lá, uma mesa. Mas, eu nem acompanhei esse processo até o final. Eu sei que é muito complicado, mas seria muito interessante se a Ralacoco tivesse conseguido apoiar a formação da rádio no Varjão. Eu lembro que antes desse projeto nosso de rádio tinha um senhor que tinha uma rádio lá. Hum, depois ele acabou se mudando...

E: Jeová?

F: Jeová, mas ele acabou se mudando de lá.

E: O Jeová tá lá, mora lá até hoje.

F: Mas, o quê que acabou com a rádio? Vendeu equipamento, alguma coisa assim.

E: É eu acho que...

F: Transmissor, mas não foi proibido, não.

E: Ele é bem legalista, tem que ser legal.

F: Então, eu lembro que tinha essa rádio do Jeová lá, tinha a rádio bicicleta também do pessoal. Tinha umas coisas interessantes. Mas, eu acho que, daria certo sim, a gente viveu coisas boas e ruins na Ralacoco. Teve momento que a gente falou ‘Não, a Ralacoco agora decola’, e não ela tinha problemas de novo de sinal, de emissor, de desmobilização. Então, assim, a gente acaba acreditando que é um problema cultural ou é um problema local, é não, é que realmente você fazer uma coisa bem feita e, e essa coisa perdurar, essa coisa persistir ao tempo, não é fácil, não. Exige, assim, muita dedicação, assim, a não ser que tivesse uns 3 ou 4 Marcelos lá no Varjão para vestir a camisa e tocar a coisa sozinho, fica difícil.

E: E como aconteceu esse planejamento de conteúdo e atividades da oficina?

F: Ah, das oficinas de um modo geral ou da oficina de rádio?

E: Da oficina de rádio.

F: Olha, no início do projeto, a gente tinha umas idéias bem ambiciosas. Desenvolver a capacidade de, das crianças e dos adolescentes que iam se envolver com o projeto. Eu lembro que a Mazé tinha uma idéia e chamar o pessoal que trabalha lá com o grupo de DST/AIDS pra fazer parte do projeto da rádio, de fazer com que a rádio tocasse tudo os outros projetos sociais da, da comunidade, que ela fosse um elemento para unir todo esse tipo de ação, informar tudo. Porque tem muitas coisas bacanas que poderiam dar certo, e a rádio seria o elo entre esses projetos paralelos que correm no Varjão.

E: Mas, pensando um pouquinho no planejamento, você consegue descrever como é que era?

F: Ah! Ju, eu não vou lembra agora não, cara.

E: Você lembra que tinha alguma coisa que você queria mudar no planejamento, que você mudaria hoje?

F: Eu teria que pegar o projeto do planejamento de novo e olhar. Eu não lembro de cabeça como é que era... Eu lembro que o planejamento, quando a gente discutiu foi uma discussão muito bacana, todo mundo se envolveu com o projeto e deu idéias legais. Mas, eu não... pensar tópico por tópico não vou conseguir agora não. Teria que pegar o projeto dar uma olhada.

E: Mas, na forma de fazer?

F: Sim, na forma de fazer tinha uma coisa que a gente até discutiu na época, que é, era muito importante envolver a comunidade do Varjão na etapa, na etapa desde o planejamento, coisa que na época a gente não fez, não foi possível. Eu lembro que, que a Mazé, o Manu, você, o Marcelo, a gente até queria fazer isso na época, só que não acabou fazendo por falta de tempo, falta de recurso, as velhas amarras que a gente inventa para impedir os projetos. Mas, hoje, se fosse para ser feito, se alguém for tocar, acho imprescindível ter os agentes da comunidade desde a primeira etapa, desde a primeira reunião de planejamento sobre como vai ser dada as oficinas, sobre como vai ser as dinâmicas, ter alguém com, com alguns representantes da sociedade local.

E: E quais que eram os objetivos da oficina de rádio?

F: Era capacitar pessoas para tocar a rádio posteriormente de quando o pessoal da, da UnB saísse, e que essas pessoas fossem multiplicadores, que, que é o que a gente sempre tentou fazer com Comunicação Comunitária de um modo geral. A rádio era para ser a mesma coisa, essas pessoas serem capazes de viver sem o assistencialismo da UnB, essa coisa da gente falar 'Olha, aperte esse botão. Olha, um jornal se faz assim'. Sabe? Fazendo bem feito, fazendo mal-feito, fazendo. A idéia é que eles fizessem por eles, que fosse o jornal dele para ele, fosse o jornal, fosse a rádio deles para eles.

E: Você acha que esses objetivos mudaram em algum momento?

F: Acho que os objetivos não mudaram, mas na prática eles não chegaram a ser cons, consolidados. Eu me lembro assim até quando eu participei do projeto, depois eu acabei me distanciando do projeto.

E: E o quê que a oficina de rádio fazia?

F: Fazia em que sentido? Prático, assim, de que ela? Ela tinha reuniões onde a gente tentava ver a opinião das pessoas lá, lá na hora sobre alguns temas, eu lembro que a gente fez essa junção bem bacana entre ir jogando as técnicas e as teorias de como fazer uma rádio comunitária com temas que permeiam a necessidade deles, como educação, saúde, violência, e DST/AIDS, como eu falei, o projeto que a Mazé queria inserir que era muito bacana, que a gente participou. Cê lembra o nome da professora? Era Mara?

E: Marilúcia.

F: Marilúcia, né? Teve até uma reunião que a gente fez em conjunto lá na sede da AOPA no Varjão com a Marilúcia, que foi nós da, da Comunicação Comunitária com ela. Depois que o pessoal da comunidade saiu ela virou e falou para nós 'Ó, trabalhar come esse tipo de, de serviço é uma coisa que às vezes vai te deixar para baixo, vai te deixar frustrado, que o meu projeto aqui de, das'. Ela chegou a falar o nome exato. Mas, 80% das meninas que trabalhavam com o projeto de combate a DST/AIDS e o uso de camisinha e métodos anticoncepcionais, engravidaram. E ela falou assim, 'Você pode olhar de fora e achar que é um dado ruim, achar que o nosso trabalho não tá funcionando. Se das 10 adolescentes que estão aqui hoje engravidadas é porque o nosso trabalho ta ruim, mas, na verdade, a gente pensa que se não fosse por esse trabalho, se não fosse por essa conscientização, taria bem pior'. E acho que com a rádio comunitária é a mesma coisa, você vai pra lá, você tem um projeto, você tem, chega cheio de esperanças, você acredita na potencialidade local, mas as coisas não acontecem do dia para a noite, sabe? Em dois, três anos, em dois anos meus de Varjão, e... 7 anos do Paulino no Varjão, 10 anos da UnB no Varjão, não vão fazer as coisas mudar, é um processo demorado, é um processo que depende principalmente de você acreditar que aquelas pessoas vão ter condição de tocar aquele projeto sem você, aquelas pessoas vão sobreviver às greves da UnB. Mas, a gente, eu não posso tirar a razão deles de ficarem decepcionados ali, é a mesma coisa que acontecia com a gente na UnB de chegar pra uma aula e não ter professor, se teria várias alternativas para combater a falta de professor. 'Ah! O professor veio, o professor vinha, lá vinha, mas não veio, mas, você poderia ter muita coisa para fazer diferente, você podia fazer reclamação, você podia pedir para substituir o professor, os alunos podiam se reunir em grupo e dar aula mesmo sem o professor, só que, aquela coisa, né? A sociedade acaba se acomodando, e não faz as coisas.'

(fim da fita)

"E: Você consegue perceber influências da oficina de rádio tanto nos participantes do Varjão quanto nos estudantes da Comunicação Comunitária?

F: Sim, é. Acho que sim. É um processo longo.

E: O quê? Quais são?

F: Eu não sei, eu falo mais por mim, né? Assim, da experiência pessoal. Eu, eu acho que alguma coisa eu aprendi, principalmente a não se frustrar quando as coisas não dão certo. Você pode até não ter conseguido tudo o que você queria, mas você tentou, então valeu a pena. Valeu a pena porque algum resultado deve ficar, sabe? Cê plantou uma semente bacana pra crescer uma árvore, ter sombra e ter frutos. A semente mirrou, a árvore ficou pequena, até hoje não cresceu, mas alguma coisa você aprendeu. Você aprendeu a cavar o buraco, pelo menos, mesmo que a árvore não tenha crescido.

E: E você consegue perceber alguma coisa, influência neles? Ou não?

F: Aí já é mais complicado, saber o que mudou no Varjão é mais complicado, é hipocrisia falar assim 'Ah! Eu vi que o Varjão tá melhor com a presença da UnB, que as pessoas estão mais pró-ativas, que elas entendem a importância da comunicação'. É mais complicado. Eu não sei.

E: E cê consegue descrever, assim, como que era a oficina de rádio?

F: Eu tentei fazer isso já, mas não deu muito certo, não, cê viu, né? (risos) Mas a influência das pessoas, falando das pessoas, não só na oficina de rádio, mas você vê, sim. As pessoas que a gente trabalhou lá, elas tem um sonho de entrar na UnB. Não sei porquê, não sei se elas acham bonito o ônibus que chega lá, não sei porquê. Mas quase todas as pessoas que a gente conversava, desde o Juninho, um moleque que sempre tava lá jogando bola na frente, ou as meninas que participavam no grupo de, da oficina de computação, aquelas pessoas que participavam no Varjão e iam pra UnB, elas querem entrar, fazer faculdade, eles querem, eles almejam estar no lugar que eles viam os alunos da UnB. Talvez pra a gente que esteja na UnB, assim, fala 'Pô, deixa de ser estúpido, tá na UnB é uma porcaria'. Mas, pra eles, eles vêem como uma vantagem estar na UnB. Eles olha, assim, e falam 'Pô, bacana aquele cara é da UnB, tá aqui fazendo comunicação comunitária'. Eu acho que isso talvez essa um dos pontos positivos, sabe? A pessoa acreditar, assim, que quem tá na UnB. Sair daquele, daquela primeira impressão de que você realmente é um ser iluminado por Deus porque você chegou na UnB. Depois a pessoa começa a conversar com você e vê que você fala errado ou que você, sei lá, que você espirra, que você tosse, que você é normal, assim. E que se você chegou, qualquer um pode chegar, que essa é o maior benefício que o pessoal da UnB leva pra o pessoal do Varjão.

E: E você teria feito algo diferente em relação à oficina de rádio?

F: Com certeza, eu teria feito tudo diferente, assim.

E: Por exemplo?

F: Não sei. Teria feito tudo até o final, não ter desistido na metade, ter brigado mais, ter lutado mais, ter chamado a imprensa, ter brigado com político, alguma coisa que fizesse a diferença, que fizesse a gente ter uma rádio comunitária no Varjão. Mas, eu não. Apesar de achar que isso tem que ser feito, eu não gosto desses lados heróicos, não. Isso deveria ser, assim, não deveria partir da gente, entendeu? Não deveria partir de nenhum dos estudantes da UnB. Isso deveria partir da comun, isso deveria partir da comunidade do Varjão. Porque senão ia aquela velha história, o herói da UnB chegar, aí com certeza o nome da rádio vai ser em homenagem a ele, né? E aí, depois, nunca mais ia ser feito isso. Fazer diferente, era ter feito as pessoas acreditarem mais nelas, e não dependerem tanto da gente, da UnB. Porque sempre, pelo menos nas minhas experiências de Varjão, das minhas experiências como Comunicação Comunitária, as coisas só aconteciam quando o Paulino tava lá, quando a turma de Comunicação Comunitária tava lá, cê dava as costas, eles esperavam o outro sábado chegar para retomar da onde a gente havia parado no sábado passado. Durante uma semana inteira nada acontecia. Aí cê pode falar que era por problemas que as pessoas tinham que estudar, trabalhar e a família durante a semana. Só que eu particularmente não acredito nisso, não. É mais uma coisa assim de ausência neles de amor próprio, assim, de confiança, de auto-confiança, que em virtude de sempre ter pessoas lá para falar para eles como escovar os dentes, como usar camisinha, como fazer um rádio, como... construir bonequinhas com retalho, eles acabam assim, esperando muito, é um ponto negativo da nossa presença lá.

E: Falando em pontos negativos e tal, é cê consegue destacar pontos fortes e desafios dentro da oficina?

F: Um ponto forte da oficina

E: De rádio

F: Ponto forte da oficina eu acho que é a determinação dos alunos que estavam no projeto, sabe? Eram pessoas que estavam envolvidas com a situação. E a potencialidade dos jovens do local, da comunidade, do Varjão, que estavam dispostos a se capacitar pra tocar o rádio. E o ponto fraco é... a falta de estrutura pra levar isso a frente. Tanto econômica, quanto, quanto... Não sei se é pedagógica a palavra que a gente pode usar, mas, além de faltar recursos financeiros, faltava recursos didáticos ou pedagógicos, talvez, para ensinar as pessoas, 'Ó, eu estou aqui pra te ensinar, eu não to aqui pra fazer', entendeu? E as pessoas acabavam com essa concepção de que nós estávamos lá pra fazer a rádio, é isso.

E: É, e por que você deixou de participar da oficina?

F: Olha eu comecei a me envolver com outras coisas na universidade, que tomavam meu tempo, e estágio. Outras coisas na universidade que eu comecei me envolver foram esporte na universidade e estágio. Como eu não sou de Brasília, muitas vezes que eu poderia estar lá no Varjão acabava optando por

ir visitar minha família em Goiás. Ai foram questões pessoais mesmo e profissionais do estágio, que tomava o tempo e aí.

E: E no geral, quais fatores dificultam ou auxiliam no desenvolvimento de uma atividade de extensão?

F: Fator que mais dificulta o desenvolvimento de uma atividade de extensão é a falta de apoio que a universidade dá pra esse tipo de ação. Tanto pra ação de extensão, e ação como eu tava falando pra você, ação esportiva, o que não é ação é... docente, discente na universidade, ela não é muito...

E: Como assim ação docente e discente?

F: Saindo, saindo pra fora de sala de aula, não, não é apoiado pela universidade. Não sei se é assim em outras universidades, não sei se é assim em outras faculdades, eu to falando da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, que é minha experiência. Então, o principal limitador dessas ações é a falta de incentivo da universidade e da faculdade em questão, que é a Faculdade de Comunicação. Então, se você tivesse maiores incentivos, os alunos com certeza se engajariam, porque é quase assim, é quase um trabalho altruísta você acordar todo sábado às 8h da manhã, perder, perder entre aspas, toda a sua manhã de sábado para se envolver nesse projeto. Tem um projeto, assim, vai ser uma disciplina normal, como se tem com qualquer outra, como se tem com, por exemplo, com Campus, que é uma matéria da, da, da Comunicação pra o pessoal de jornalismo. Tem toda uma infra-estrutura para apoiar isso. Lá a gente dependia das nossas próprias pernas. 'Ah! Vamo fazer vaquinha, vamo por gasolina no carro de Fulano de Tal e vamo lá', sabe? Não tem o apoio da universidade pra isso. Eu to fazendo uma matéria agora na Faculdade de Educação, que chama Educação Ambiental, a gente consegue ônibus, a gente consegue recurso pra ir até pra fora de Goiás pra fazer a matéria. Na, nessa matéria, tipo, aqui do lado, muitas vezes não tinha ônibus, quando tinha ônibus, muitas vezes atrasava ou tinha algum problema. E a faculdade já é... E como eu já to te falando, a matéria era dada aos sábados, durante a manhã toda do sábado, né? E com muita luta e com muito sacrifício para poder se manter essa matéria. Um professor da aula, o outro assina a cadeira, é uma confusão danada. Nem sei como é que tá a situação agora, depois que o Professor Paulino saiu.

E: É, depois eu te falo (risos).

F: Então, eu acho que é o principal fator que dificulta e às vezes pode até chegar a inviabilizar é a falta de apoio da Faculdade de Comunicação, e por consequência da Universidade de Brasília.

E: E tem fatores que auxiliam?

F: Olha, aí eu vou falar da experiência que eu tive durante a disciplina, um fator que auxiliou muito essa disciplina foi a determinação das pessoas envolvidas, principalmente do Paulino e do Marcelo, que são, pelo menos pra mim são dois ícones. Que eu sempre lembro deles quando eu penso em Comunicação Comunitária, sabe? Se determinar desde a primeira turma e a última turma que eu acompanhei, eles estavam lá, todos os dias, independente de compromissos pessoais, independente de qualquer outra coisa."

(acréscimos)

"E: Você quer acrescentar alguma coisa, fazer sugestões, dúvidas, críticas, perguntas?

F: Ah... Então, perguntas, por que que você tá fazendo esse projeto? Qual é sua idéia buscando esse relato? Críticas, sugestões, dúvidas. Críticas, sugestões, ou dúvidas. Não, tenho essa dúvida e espero que você continue o que você fez quando a gente era colega nessa disciplina. E, não sei, pras próximas pessoas que pensarem ir no Varjão, que não vão despreparadas, que não cheguem lá achando que são salvadores da pátria, que não cheguem lá achando que tudo é sujo, fedido, imundo, que é um bando de pobre, que não cheguem lá se achando superior, que respeitem a realidade local, que não achem, por nenhum motivo qualquer, que a presença deles ali vai mudar a realidade. Se coloque no lugar deles, vão pra lá, e... Na medida do possível, sem forçação de barra nem nada, encarem a pessoa que tá lá de igual pra igual, sem esquecer as diferenças, porque não vai chegar lá, porque tem muita coisa lá que você nem sequer sonhou em viver no Varjão ou em qualquer outro local. Não adianta você chegar pra conversar com um catador de lixo, pegar na mão dele, olhar no olho dele e falar 'Ah! Agora eu sei exatamente o quê ele passa, sei exatamente o que ele sente'. Não pensa dessa jeito, não. Não pensa que é porque lá tem um monte de bar que é um monte de bêbado desocupado como eu já vii uma pessoa despreparada falar. A gente chegar lá e os bares tão lotados de gente jogando sinuca no sábado de manhã e o pessoal falar 'Pô, o pessoal aqui é tudo vagabundo, só joga sinuca e bebe cerveja'. Então, não acredite que é só isso mesmo, respeite e aceite as diferenças.

E: Tá, então, por que que eu to fazendo isso? Começo com uma coisa, acho que tá terminando com outra. Tinha que escolher um tema pra minha monografia, e aí eu comecei a pensar em fazer algo que fosse relacionado com meu cotidiano, com a minha, com o quê eu to fazendo, com minha realidade, em vez de ficar inventando coisa que não tem nada haver. E no início era uma coisa meio de ação e reflexão, enquanto eu to fazendo a oficina de rádio, eu to percebendo qual é a influência, qual é, o quê que ela tá

fazendo e aí... Tiveram muitas mudanças, tanto na Comunicação Comunitária, quanto na oficina e aí só vai retomar agora por volta de agosto e teve esse período agora de vamos respirar, vamos planejar, pesquisar e tal. E acabou que agora o meu projeto vai ser de avaliar como foi a oficina de rádio, que diferenças ela fez, se fez, qual é a dela, pra depois realmente usar tanto na disciplina quanto lá pro pessoal do Varjão também.

F: E o projeto que você tá fazendo de entrevista e de busca de resultado, e administração ou não das expectativas, é só do lado de cá, ou é do lado de lá também?

E: Eu to entrevistando 10 estudantes de comunicação e 10 participantes do Varjão. Mais a Elizena e mais o Paulino.

F: Bacana, já falou com a Mazé?

E: Já, falei hoje na hora do almoço.

F: Tá certo pra você.

E: Posso desligar?

F: Não sou eu que to fazendo o projeto.”

Edilmar J. Souza (17 anos) – 5 de junho

“Entrevistadora: Como você ficou sabendo da oficina de rádio?

Edilmar: Ah! Vou através da galera, porque eu trabalhava na AOPA, eu ia muito na AOPA e eu fiquei sabendo que ia ter umas oficinas lá.

Ent: Como é que as outras pessoas ficaram sabendo da oficina?

E: Ah! Eu acho que foi por causa da divulgação boca a boca. Tipo, a maior galera sabia e começou a falar pro outro e tal e... Hoje vai sair pior que aquela lá, Ju, na boa. (risos)

Ent: Qual seria a melhor forma de chamar gente pra oficina?

E: Ah! Tipo, a divulgação, tipo. Pô, eu acho que aqui numa comunidade pequena, eu acho que, tipo, a melhor maneira é uma pessoa falando pra outra, outras pessoas falando pra outras, e é. Isso.

Ent: E o que te motivou a participar da oficina?

E: Ah! Ju, porque eu gosto dessas paradas que mexem com som, tipo, computador, essas coisas.

Ent: Por que você gosta disso?

E: Ah! Sei lá, porque eu sou meio maluco por isso. Ah! Porque eu sou meio que, que, assim. Ah! Eu gosto muito de, de coisas que mexem com energia, eletrônica, essas coisas com aparelhos eletrônicos, essas coisas.

Ent: E quais foram suas primeiras impressões sobre a oficina?

E: Foi. Ah! No começo foi meio que chato.

Ent: Por quê?

E: Porque a gente a, a gente tipo não tinha uma prática, a gente tinha meio que, não é bem uma teoria. É uma teoria, mas não tão teoria assim, tipo eu to cansado.

Ent: Como que é uma teoria que não é bem uma teoria?

E: É tipo, porque era uma teoria, mas nem sempre essa teoria era sobre rádio, então, tipo...

Ent: Era sobre o quê?

E: Ah! Sobre um monte de coisa.

Ent: Por exemplo?

E: Ah! Não. Ah! Tipo, como fazer uma vinheta, por exemplo, tipo, essas coisas.

Ent: (risos) E essas suas impressões mudaram depois?

E: Mudaram, não, é. Porque depois, depois a gente começou a montar mesa de som, tipo, microfone, a gente já começou a tocar música, já chegou a fazer tipo umas entrevistas com o povo, e tipo ficou muito legal depois, tipo.

Ent: E por que você continuou participando sábado de manhã da oficina?

E: Ah! Tipo, porque eu gostava pra caramba.

Ent: E do quê você gostava?

E: De tudo.

Ent: É dessa parte de... Não, não é de tudo.

E: Ah! Ju, pô, vêi dessas coisas. Por que eu continuei participando? Tipo, porque eu gostava de ficar lá com a galera, tipo, não tinha nada pra fazer em casa. Nem, é só pelo fato de não ter nada pra fazer em casa, porque eu podia dormir, né? Mas, tipo, porque, tipo, eu gostava, assim, de ta com a galera que dava a oficina e com o resto do povo que participava da oficina também. Tipo, era um meio, assim, de descontração.

Ent: E o quê você gostava de tá com essas pessoas? Por quê?

E: Porque, tipo, são pessoas legais.

Ent: É, o quê que você fazia na oficina?

E: Ah! Pô, geralmente, o quê eu fazia era tipo. Ah! Quando começou rolar mesmo, o quê eu fazia era tipo ajudar a montar os equipamentos, tipo, uma vez a gente começou a tentar fazer transmissão pela net lá no orelha lá. Tipo, a gente tinha que configurar os programinhas. Então, tipo, eu gostava mais dessa parte de, tipo, de colocar a mão na massa.

Ent: E como que era a oficina?

E: Era legal.

Ent: Tenta descrever um pouquinho ela.

E: Ah! Meu Deus do céus, caracas. Eu não consigo, não. Na boa, Ju. Descrever como que era a oficina, né? Pô, era legal.

Ent: Tá, mas como é que era? A gente chegava da UnB...

E: Aí chegava e tipo, pô... Como que era? Eu esqueci. Ah! Tipo vocês chegavam da UnB e... Pô, e conversavam com a gente e quando a gente começou a montar o som para fazer aquele esqueminha de rádio mesmo, pô, a gente... Ficava uma galera perto montando o som, enquanto isso tinha o, o pessoal que não tava montando o som tava tendo uma conversa com os outros lá, tipo, explicando alguma coisa. Acho que era isso.

Ent: Você sabe o que era essa alguma coisa?

E: Não, não, não.

Ent: O quê que você mais gostava e o quê você não gostava na oficina?

E: Pô, tipo, o quê eu mais gostava? Ô, eu gostava de tipo assim, tipo. Ah! Eu gostava da oficina em geral, na boa. Não, na verdade de, a única coisa que eu não gostava da oficina, mas era meio que, não é preconceito assim, mas, eu não gosto muito. É porque era muito voltado para o pessoal do rap essa oficina de rádio na maioria das vezes, aí tipo, pô, aquilo me enchia o saco.

Ent: E por que que era mais voltado para o pessoal do rap?

E: Eu não sei. Isso é uma pergunta que eu não sei responder, tipo.

Ent: É, e que atividades, isso pensando cronologicamente, que atividades foram desenvolvidas primeiro e depois?

E: Pô, tipo, primeiro. Tá, quando a gente começou, a gente começou na escola, né? Aí, tipo, cê lembra. A gente começou, no primeiro dia a gente fez uma conversa. Aí, tipo, a gente fez uma, dividiu a turma em dois grupos, aí a gente fez uma, uma, uma peça, meio que uma peça de teatro falando, assim, meio que a idéia de montar uma rádio comunitária. Aí, tipo, pô, os dois grupos, cada grupo fez uma peça. E aí a gente apresentou essa pecinha lá mesmo para o pessoal, lá pra vocês. Tá. No segundo dia, a gente fez, no outro sábado, a gente fez uma vinheta. Foi, aí tipo nos outros a gente ficou trabalhando com essa vinheta, nessa vinheta, na construção dessa vinheta. E depois quando a gente começou a ter oficina na AOPA, a gente gravou a vinheta, aí depois a gente conversou, aí a gente conversava de novo. A gente, depois a gente começou a montar som essas coisas, e começou, tipo, aquele esquema de entrevista e começamos a rolar música também tentando transmitir a rádio pela web.

Ent: Quando conversava, conversava sobre o quê?

E: Como assim?

Ent: Você falou que teve um momento que ‘Ah! A gente voltou a conversar’.

E: Ah! pô, a gente conversava o quê que, qual que era o objetivo de uma rádio comunitária.

Ent: Beleza. E... a oficina de rádio teve alguma importância?

E: Teve sim.

Ent: Qual?

E: Ah! Porque, pô, pra mim ou como um todo?

Ent: Pra você e como um todo. Primeiro cê fala de você, depois cê fala do todo.

E: Pô, pra mim teve uma importância própria de, algumas coisas nova, assim, que tipo, só para ser novas eu não sabia.

Ent: Como o quê? (risos)

E: Ah! Tipo, eu aprendi a configurar os programinhas lá pra transmissão de rádio web que eu não sabia muito bem e...

Ent: E por que que isso é importante?

E: Ah! Porque vai que, tipo, eles precisam de alguém, que tipo. Não. É importante, assim, porque vai que algum dia eu queira montar uma rádio comunitária na minha casa, não (Francis ao fundo, na minha casa?). Na minha casa, é? Nada haver. Uma rádio comunitária, dá pra economizar cabeça pra chamar alguém que entenda. Pô, porque eu já vou saber que aquilo dali, pô, eu mesmo posso fazer.

Ent: E importante para o todo. Por que? Qual foi a importância para o todo?

E: Ah! Eu acho que, tipo, pra galera foi importante, tipo, porque a galera viu que, tipo, dava, dava pra eles, tipo, debaterem os problemas da comunidade, tipo, através de uma rádio, por exemplo, se eles quisessem, pô, falar, pô, a comunidade tá passando por um problema, e eles querem, pô, mostrar isso pras

peessoas, falar desse problema para as pessoas. Aí, eles podem, eles viram que tipo tem como fazer isso através de uma rádio comunitária.

Ent: E você usava a oficina de rádio pra quê?

E: Ah! Pra mim, pô. É eu nunca usei pra fazer nada, não. Eu gostava só, tipo.

Ent: E qual era a percepção de fora? Tipo, as pessoas que não estavam na oficina de rádio, o quê que elas falavam sobre a oficina?

E: Ué, eu achava mu. As pessoas que eu falava, que tipo, eu falava da oficina de rádio não era pra muita gente, assim. Elas gostavam, elas achavam legal a idéia, só que tipo. É elas achavam legal.

Ent: Por que elas achavam legal?

E: Porque... (risos) Caracas, véio. Eu não sei porque que elas achavam legal. (risos)

Ent: É, e qual que era o objetivo da oficina de rádio?

E: Ah! Pô eu acho que o objetivo, o objetivo da oficina de rádio é aquele que eu respondi na pergunta passada aí. Era, tipo, mostrar para as pessoas que elas podem, tipo, debater dos seus problemas, tipo, em uma rádio comunitária e também elas podem ajudar a população, tipo, do lugar onde elas moram. Tipo, se o carinha tem um mercadinho, aí ele pode muito bem, ir lá na rádio comunitária e falar, tipo, 'Pô, no meu mercadinho tem feijão a 99 centavos'. Tipo.

Ent: E como que foram as formas de financiamento da oficina de rádio?

E: Como foram as formas de financiamento?

Ent: É.

E: Não sei.

Ent: Algum momento teve alguma coisa pra ganhar grana?

E: Ah! S.. Tipo, pô, eu lembro que a gente fez bazar, a gente fez bazar. Pô, cara, é só isso. Não sei. Ah! É isso aí.

Ent: Foram prometidas bolsas pra quem participasse da oficina de rádio?

E: Não. No começo, não. E nem, na verdade, não. Porque, tipo, essas paradas das bolsas, eles, tipo, aproveitaram que já tavam tendo as oficinas e, tipo, já colocaram a galera que tava fazendo, a galera, que já que tá tendo uma oficina. Então, tipo, a gente já pega e coloca essa galera aí, tipo, aproveitar que eles já dão oficina e a gente dá o benefício pra eles. Não tinha essa pergunta aí, não. Eu não lembro dela.

Ent: Tinha sim. (Francis ao fundo, tinha sim)

E: Tinha, não, você não fez essa pergunta, ela não fez essa pergunta.

Ent: Era importante ter bolsa?

E: Pô, eu acho que, tipo, sei lá, era uma. Era importante, pra mim não, eu acho que tanto faz. Só que, é. O problema da bolsa era que, tipo, com esse lance da bolsa, muita gente começou a fa, freqüentar esse negócio só por causa do dinheiro, e não porque gostava. No começo, quando começou, foi mais porque a galera gostava. Então, tava a fim de fazer mesmo, sem dinheiro, sem nada.

Ent: É... Tiveram conflitos na oficina? Em algum momento? Entre vocês, entre vocês e a gente, entre a gente?

E: Não, não;

Ent: Cê quer acrescentar alguma coisa, comentários, dúvidas, perguntas, sugestões, críticas.

E: Nãooo."

Roselane da Cruz Silva (40 anos) – 5 de junho

"Entrevistador: Como você ficou sabendo da oficina de rádio?

Roselane: Pelos menino que freqüenta lá a AOPA.

E: Você sabe como é que ela surgiu?

R: Sei não, eu não sei.

E: Tá.

R: Eu só sei que foi um pessoal da UnB, que tava fazendo um curso aí, parece, era isso?

E: É.

E: Aí, tipo, você conhecia alguém que fazia parte da oficina? De rádio? Tipo, alguém que freqüentava.

E: A senhora falou de alguns meninos que você conhecia da AOPA, quem que eram?

R: Alexandre, o, per aí, Viviane, Cristina, Alex, quem era o outro? Como que era o nome do filho de Rosana? Tchê. O nome daquele do brincão, olha aí...

E: Zezinho.

R: Zezinho. Esses freqüentava a AOPA, entendeu? E Maguila

E: Mas, você sabe qual, o quê eles faziam lá dentro? O quê eles faziam? Ou Não?

R: Eles faziam informática, rádio, teatro, era... Eles faziam com o João Costa.

E: Ah! Então era rádio.

E: Então, o que você gostava da oficina de rádio?

R: Eu?

E: É, de você perceber o quê os meninos falavam, o quê você achava positivo?

R: De positivo, achava. Pra mim, como moradora daqui, do, do Varjão, era uma oportunidade dos meninos terem o conhecimento do que, que é, é comunicação, entendeu? Porque rádio não deixa de ser. Eu até falava pra eles, quem sabe vocês não saem um locutor, daí?

E: (risos)

E: O quê, tinha alguma coisa que você não gostava?

R: Da AOPA?

E: Da oficina.

R: Da oficina, não, eu não tenho, eu não posso dizer o quê eu gostava e o quê eu não gostava, porque eu só ouvi uma vez o quê eles fizeram, uma, uma entrevista até na rádio ali de cima no Lago Norte.

E: A Shekná.

R: No Lago Norte com o Edílson Brandão e Nelson Poptela, não me lembro, entendeu?

E: Mas, tinha alguma coisa que você não gostava dessa vez que você ouviu?

R: Não, pra mim foi ótimo, não tinha nada. Que eu não cheguei, que eu não cheguei a acompanhar mesmo a oficina, entendeu? Só o quê eles me falavam da oficina.

E: Você alguma vez participou da oficina direta ou indiretamente?

R: Não, não. Indiretamente só assim, sei da oficina que tinha, mas, pra mim ir lê ver como que é, não.

E: E o quê a oficina de rádio fazia?

R: Eu não sei, assim, de, de, de ver. Eu sei que ela fazia umas reportagens, entendeu? O João Costa uma vez pediu pra eu ler a reportagem que eles iam botar no ar, mas não cheguei a ler.

E: Então, pra você, ela teve alguma importância?

R: Sim, lógico que teve, o conhecimento pros adolescentes da minha comunidade, ué.

E: Ahum.

R: Pelo menos alguma coisa eles sabem que é rádio. Como se faz uma rádio, o quê que tem, o quê que tem por trás de uma rádio, como funciona.

E: E por que que é importante que eles saibam isso?

R: Porque aqui, aqui dentro eles aprendem o que tá na mão no dia a dia, o que um diz ou outro. Não vai lá conhecer, saber como funciona, o quê que é aquilo ali. Eles são jovens, nunca tinha visto o que tinha atrás do que eles estavam ouvindo. Eu mesmo não sei o quê que tem atrás de um, conheço vários radialistas, mas não sei como funciona, como é que é?

E: Pra quê servia a oficina de rádio?

R: Uma aprendizagem pra esses menino, não era, não?

E: E cê sabe quais os objetivos da oficina?

R: Não, cê pode me dizer?

E: Então, porque eu to fazendo essa pesquisa pra fazer uma avaliação da oficina de rádi.

R: Hum.

E: Aí tinham vários objetivos, um deles era estimular a criação de uma rádio comunitária aqui no Varjão, de ajudar, é... perceber novas formas de expressão através da comunicação, de debater os problemas da comunidade, são vários, assim.

R: Ah! Agora eu to sabendo. (risos) Eu sei, eu já ouvi, eu sei a respeito.

E: Ótimo, e você sabe se a oficina era só pra, pros...

E: Só para os que participavam dela, ou ela trouxe alguma coisa pra comunidade?

R: Ela trouxe alguma coisa pra comunidade, que alguém ficou com alguma coisa aqui e aprendeu. Alguém tem.

E: E esse aprendizado de alguém é importante pra comunidade por quê?

R: Pra comunidade, porque aí ele pode, ela pode voltar essa oficina e, e ela voltando, eu acho que os organizadores desse projeto, ele não vai trazer instrumentos de fora. Ele vai dizer 'Lá no Varjão tem gente que tá capacitado pra isso'.

E: É. E você sabe o quê as outras pessoas falavam da oficina?

R: Ótimo. Que era muito boa. Infelizmente não foi adiante, parou, não parou?

E: A gente tá parado, mas pretende voltar.

R: Ah! Eles, eles vem falar 'Pô, Dedé, tudo que vai começar, nunca termina, tudo para no meio do caminho'. Porque eu trabalho num projeto social lá da Secretaria de Segurança Pública aqui no Varjão, entendeu? Trabalhava com projeto 'Picasso não pichava'. Então, tudo aqui é assim, começa, não termina, não tem aquela, a, eu tenho esse certificado que aprendi com isso aqui de dentro da comunidade. Só eu acho errado nesses projetos é isso aí, uma qualificação pra esses meninos que não fica, que eles podem chegar na porta de uma rádio e falar 'Olha, eu entendo, eu to precisando de um emprego'. Acho que isso que faltou.

E: Você sabe que... As pessoas que faziam a oficina falavam da oficina?

R: Quem falava muito era o Zezinho, entendeu? Disso que eu falei, que era bom, que era ótimo, que era uma coisa que ele nunca tinha vivido, ele não tinha experiências, nem sonhava como é que funcionava, entendeu? Pra ele foi muito bom, porque ele fazia Picasso junto comigo e eu sempre perguntava e aí, Zezinho, como é que tá a oficina, como é que tá a AOPA.

E: A oficina fez diferença pras pessoas que faziam parte dela?

R: Pros participantes eu acho que sim, não é possível. Eu acho que fez alguma diferença, pelo menos, ele sabe o quê que é. O quê que ele fez, o quê que ele aprendeu. Eu acho que quem fez pode responder isso mais adequadamente. Né, não?

E: Eu fiz pra eles também. É um geralzão. Fechou? A senhora quer acrescentar algum comentário, sugestão, crítica, pergunta, dúvidas?

R: Não, a minha crítica é só isso, que esses menino fazem a oficina e não recebem um certificado de uma qualificação do quê eles fizeram pra, porque hoje nesse país tudo tem que ter um papel. Não adianta ele dizer assim, 'Eu entendo de rádio', se ele não tem como provar que ele aprendeu naquilo ali. Tem que ter o tal do certificado."

Marli Ribeiro de Souza (50 anos) – 5 de junho

"Marli: Se eu souber responder.

Entrevisador: Não, mas o quê não souber responder também não tem problema, não, é só falar que não sabe.

M: Hum.

E: É, como você ficou sabendo da oficina de rádio? Que existia.

M: Não, eu comentei na rua, eu vi comentando, que eu vi a oficina lá, eu não vi.

E: E, você sabe como ela surgiu?

M: Não.

E: Você conhecia alguém que fazia parte da oficina de rádio?

M: Também não.

E: Então, não tinha nada que você podia falar que era positivo ou negativo?

M: Nada.

E: Você também nunca participou de nenhuma oficina?

M: Não.

E: Também não sabe o que ela fazia, não?

M: A oficina?

E: É.

(interrupção)

E: A senhora sabe o que ela fazia? A oficina de rádio?

M: Não, na verdade, não fiquei sabendo de nada. Só ouvi um comentário que tinha uma oficina de rádio.

E: Uhum

M: Mas, eu nunca vi.

E: OK. Se sabe se ela trouxe alguma coisa para os participantes ou para a comunidade?

M: Não, não sei, não. O que eu saiba que tinha aí era curso de computação, essas coisas. Teve um curso aí um dia, um tempo aí, que eles, as crianças recebiam acho que 150 reais para fazer um cursinho aí, mas era só isso que eu sei."

Weiler Alves de Lima (18 anos) – 5 de junho

"Entrevistadora: Como que você ficou sabendo da oficina e rádio?

Weiler: Foi na divulgação que eles tavam fazendo. Não foi bem uma divulgação. Que era aquele negócio das bolsas, né? E a gente participava mesmo da AOPA, eu participava lá. Aí a gente ficou sabendo que ia ter aquelas oficinas, a de rádio, de vídeo e outras oficinas, né? Aí não foi bem a oficina que eu tinha escolhido, eu tava na área de, de, de

E: Informática?

W: Informática. Certo, e como deu problema, que eles falaram que não conseguiram professor e o Wilson se disponibilizou pra dar aula, mas só que não conseguiu espaço. Aí daí dividiram o grupo e perguntaram qual oficina a gente preferia ir, e eu tava no grupo que foi pra rádio. Aí foi bacana o tempo que a gente ficou na oficina, sabe?

E: E, deixa eu te falar, você falou das bolsas. É, foram prometidas bolsas pra todo mundo que participasse da oficina de rádio? E como você se sentiu quando não recebeu a bolsa?

W: Ah! Foi pouco injusto, porque a galera que freqüentava a AOPA sem, não ganhava dinheiro nenhum, e depois que colocaram essas bolsas, o pessoal da rádio, tá, foi legal, todo mundo participou da oficina, mas, sendo que foram garantidas essas bolsas, entendeu? O que o pessoal que chegou achou pouco injusto, porque trabalhou, digamos assim, a semana lá e não receberam por causa disso. Por isso muitos desistiram de freqüentar o espaço.

E: E, por que que era importante ter bolsa?

W: Era bom, era bom porque, assim, era, como eu posso falar? É, dava uma forcinha, porque a galera não trabalha, não trabalhava, servia como se fosse um primeiro emprego pra gente, porque a gente ia tentar se aperfeiçoar em uma área, entendeu? Aprendendo e ganhando pra isso.

E: Então a oficina que seria um primeiro emprego?

W: Isso, mais ou menos isso.

E: Tá, mais alguma coisa que você pensa que era importante?

W: Não.

E: Ganhar a bolsa? Não?

W: Não.

E: Certo, e como que as outras pessoas ficaram sabendo da oficina?

W: Pelos amigos mesmos, foi aquela coisa correndo de boca em boca, aí falavam 'Ah! tá tendo uma oficina de rádio na AOPA, de vídeo'. Aí o pessoal o pessoal foi se interessando e foi lá, procurando correr atrás e se inscrevendo no curso.

E: E qual que era a melhor maneira de chamar as pessoas pra oficina?

W: Divulgando.

E: Divulgando como?

W: Tipo, boca a boca mesmo que é mais fácil.

E: É o melhor?

W: E é o que mais dá resultado.

E: É, o que te motivou a participar da oficina? Porque você falou que era primeiro informática e depois foi pra rádio.

W: Curiosidade.

E: Cê, o que você pensava?

W: Eu tinha bastante curiosidade em conhecer como era de trás, entendeu? Porque a gente só via aquela coisa de rádio, só escuta, né? Eu queria ver por de trás das, como é a participação? Como eles faziam o som? Como que eles botavam música

E: E cê conseguia ver isso?

W: Bastante. Eu consegui descobrir, eu aprendi muita coisa. Eu gostei do tempo que teve ativo o curso, foi muito bom.

E: E quais foram as suas primeiras impressões sobre a oficina?

W: Impressões?

E: Primeiras, assim, tipo. Primeira, segunda aula.

W: Tipo, eu achei que ia ser um pouco complicado, entendeu? Um pouco complicado, mas depois com, com o tempo, que a gente fez até aquela primeira gravação como se fosse um rádio e tal. Aí eu vi que não era aquela coisa, aquele bicho de 7 cabeças que eu tava pensando, que fosse tão complicado assim. Sabe?

E: E por que você continuou participando da oficina todo sábado de manhã?

W: Bem, bom eu participei porque eu gosto veio, porque tipo é uma coisa assim que sábado geralmente eu não to fazendo nada. Então, em vez de eu ficar em casa não fazendo nada, eu vou, vou lá pra AOPA, eu vou aprender alguma coisa que vai me trazer melhoras pro futuro.

E: Cê disse que você gosta, gosta do quê?

W: Como assim, do quê?

E: Você disse que você gosta, mas o quê você gosta?

W: Do, deixa... É, porque tipo assim é legal porque cê, tipo assim, de aprender, você tá aprendendo, porque você vai pra um lugar, igual que lá na AOPA, que lá tem várias oficinas, entendeu? Se eu vou lá pra uma oficina de rádio, eu to sempre aprendendo, é por isso que eu gosto, entendeu? Porque se você perde um dia, você tá perdendo alguma coisa importante, então, você for sempre freqüente, você tá sempre aprendendo. E botando em prática aquilo que você aprendeu.

E: É, porque. O que você fazia na oficina?

W: Eu era, eu era o quê? Eu esqueci. É tipo como se fosse locutor, uma coisa assim.

E: O quê você fazia?

W: Eu anunciava, tipo, as músicas que iam entrar, as programação da, da rádio. É isso.

E: E como é que era a oficina, mais uma descrição.

W: Não, voltando a questão de, a gente é, buscava correr atrás de notícias, que eu lembrei agora, tipo, colocar notícias pra colocar no rádio, a gente corria atrás, entendeu? Eu mais um grupinho. Qual era a pergunta?

E: Como que era a oficina? Uma descrição mesmo? O quê acontecia lá?

W: Bom, a gente, a gente corria atrás dessas notícias, fazia um processo todo lá e... A gente se organizava e botava em prática aquilo que a gente aprendeu e se... E a gente formou tipo um programa de rádio, uma gravação lá, foi bem bacana.

E: E como que era esse programa de rádio?

W: Era, o nome dele era... Eu não to lembrado o nome do programa, ai meu Deus do céu.

E: Mas, como que ele era?

W: Era fo... A gente, a gente no programa tinha que falar, falava sobre esporte, músicas, assim do Varjão. Falava sobre músicas, assim, espaço do Varjão, o quê que tava rolando no Varjão, que era uma rádio específica só pro lugar, entendeu?

E: Uhum.

W: Aí tipo falava bastante coisa, falavam, o quê mais rolava, assim, era as músicas que o pessoal mais curti do Varjão, notícias sobre o Varjão, o quê tava acontecendo. Foi mais ou menos isso.

E: E o quê você mais gostava e o quê você não gostava na oficina?

W: O quê eu mais gostava?

E: E o quê não gostava.

W: Era dessa parte, assim, de correr atrás de notícia, de pesquisar. E o quê eu não gostava? Ah! Eu não gostava da minha voz fica... assim, fica diferente a minha voz no...

E: Gravada?

W: É gravada, só não gostei disso. Só.”

(fim da fita)

“E: O quê veio depois?

W: Tipo, primeiro, as primeiras atividades foram definir o quê que era uma rádio, o quê que tinha por trás daquilo tudo, aqueles equipamentos, as equipes que se dividiam pra organizar aquilo tudo. E depois foi as últimas, assim, foram que eles dividiram um grupo e botaram a gente pra, pra botar a mão na massa, praticar aquilo que eles foram, que eles passaram pra gente. Até sair a gravação do, do, a gravação que a gente fez.

E: E foi importante escutar a gravação depois?

W: Foi.

E: Por quê?

W: Foi bom que a gente aprendeu com os erros. A gente teve alguns erros tá, e a gente viu. Onde podia melhorar, a gente viu os lugares onde não tava legal e podia melhorar. Foi bom por isso.

E: E a oficina de rádio, ela teve alguma importância?

W: Teve.

E: Qual?

W: Nossa, tipo, a oficina de rádio, ela me ensinou de um jeito, assim, até no colégio, coisa, porque é um jeito novo de você correr atrás de notícia, vê o quê tá acontecendo na atualidade, entendeu? Agora, no momento. Tipo, lá tem várias técnicas, vários tipo de coisas que hoje em dia eu uso.

E: Como que você usa?

W: Tipo, nos trabalhos escolares mesmo. Agora eu faço o negócio e eu procuro bater de porta em porta na casa de alguém.

E: É?

W: É, às vezes eu faço assim. Ou então eu vou tipo no negócio do supermercado, eu procuro o gerente, quero saber disso, disso e disso. Entendeu? Aí eu faço aquela coisa todinha e chego em casa, pego a opinião de outras pessoas, tento ver o quê que elas acham. Então, o trabalho enriquece muito, entendeu? Então, disso eu peguei na oficina de rádio.

E: É, e você usava a oficina de rádio para o quê?

W: Tipo, pra div, assim, porque eu também tenho um grupo de dança e tal. Mais pra divulgar coisas que, como o Varjão tem vários grupos de dança, vários grupos culturais e não tem espaço pra essa galera. É uma boa, é uma boa janela que tava abrindo pra gente, porque era uma coisa que poderia ser divulgada, muitas pessoas iriam escutar, iriam gostar, entendeu?

E: É, qual que era a percepção das pessoas que estavam fora da oficina? O quê que elas falavam quando você contava da oficina?

W: Ah! Elas gostavam, pô, muito dos meus amigos entraram depois do quê eu falei, entendeu. Eles gostavam, ‘Pô, legal!’, ‘Faz isso, procura fazer uma matéria sobre esporte, vamo fazer uma matéria sobre

o deputado', entendeu? Fazer, eles mesmo participavam sem tá, eles deram as idéias, eles pegavam, ficavam participando, 'Então, dá um toque, melhora isso, não sei o quê'. E a gente sempre pegava a opinião dos outros e tipo encaixava lá e tentava fazer melhor, fazer o que o povo queria, digamos assim, né?

E: E qual que era o objetivo da oficina de rádio?

W: O objetivo da oficina de rádio? Eu creio que era assim botar uma rádio local aqui no Varjão, porque não tem e é uma coisa, que assim eu creio que deveria ter, que ajudaria muito na comunidade do Varjão.

E: E como seria essa rádio?

W: A minha rádio? Como que seria? Ah! Eu acho que a minha rádio é do povão, porque seria uma coisa misturada, um espaço que é pra todos, entendeu? Onde todo mundo deve dar sua opinião, não só pode, mas deve dar sua opinião, porque é uma coisa da comunidade, entendeu?

E: E o quê precisa pra isso acontecer?

W: Nossa, precisa de, acho que de pessoas, de quem queira ensinar, não falta. Às vezes falta, é... Algum tipo de equipamento, apoio, ou até da própria comunidade mesmo, entendeu? É isso, apoio, patrocínio, digamos assim pra ajudar, porque eu sei que equipamentos queimam, como vão e volta, entendeu? Assim, uma verba, sei lá. Mas, pessoas, força de vontade todo mundo tem, isso é o mais importante até.

E: E havia alguma forma de financiamento da oficina de rádio?

W: Até onde eu sabia, não. Eu sei que tipo o pessoal da UnB vinha lá de fora por pura e espontânea vontade deles pra ensinar a gente, entendeu? Trazendo equipamentos que são deles e ensinava a gente com o quê eles tinham.

E: E houveram algum conflitos, conflito durante a oficina?

W: Não.

E: Cê quer acrescentar alguma coisa? Dúvidas, perguntas, sugestões, comentários, críticas?

W: Não.

E: Nada?

W: Acho que foi bom enquanto durou.

E: É? (risos)"

Tatiana Jebrine (23 anos) – 6 de junho

"Entrevistadora: Então, como e por que surgiu a idéia da oficina de rádio? Você sabe? Cê lembra?

Tatiana: Cê já ligou? Como que surgiu...

E: Como e por que surgiu a oficina de rádio

T: Eu lembro? Então, na verdade quando eu entrei na matéria Comunicação Comunitária, a oficina já existia, né?

E: E o quê que era passado pra vocês?

T: Como assim?

E: Sobre o porquê dela existir, como é que ela surgiu?

T: Ah! Na verdade, tipo assim, porque havia um interesse do Varjão em ter uma rádio comunitária e que consequentemente integrasse a comunidade e divulgasse as ações e a cultura deles internamente, e toda a ajuda que até o Paulino e outros estudantes tavam correndo atrás até pra conseguir outra rádio comunitária. Então, a oficina de rádio partiu disso, de fazer com que os meninos já tivessem por dentro, e até conhecer mesmo, ter um primeiro contato com rádio.

E: E o quê você pensava da oficina de rádio antes de entrar no grupo?

T: Bom, na verdade, eu nem conhecia direito o trabalho no Varjão, né? E, e rádio é uma coisa que eu gosto bastante, então, assim, eu não fui com muitas expectativas, né? Eu fui aonde pra conhecer, pra ter um contato maior com, com o pessoal da comunidade, e consequentemente aliar uma coisa que eu gosto que é o rádio a, a, a essa participação social, assim, né? Vamos dizer. Então, assim, eu não esperava muita coisa, eu fui sem expectativa das coisas. Eu fui pra conhecer mesmo.

E: E o que você planejava fazer na oficina?

T: Muito mais do que passar conhecimento, é, é adquirir conhecimento também, então foi uma troca. E essa troca de tudo, de todos os tipos de experiência e, é, de informação, é, de afeto, é, eu consegui.

E: E por que que você entrou no grupo de rádio?

T: Porque eu acho que o rádio é um dos meios mais efetivos de comunicação e eu acho que, é onde se consegue expressar mais.

E: Você queria entrar em outro grupo?

T: Não. Não.

E: Quais foram as primeiras impressões que você teve da oficina?

T: Xô buscar lá atrás. É... eu não tive, eu não tive maiores impressões críticas. Eu tava lá pra ajudar e quere fazer o melhor, sabe? Eu não tava lá pra criticar, vê o que tava errado. Eu tava lá pra tentar colocar

algumas coisas que otimizassem melhor o tempo, o espaço, as idéias, assim, né? Eu acho que se precisassem de ter... Por exemplo, na primeira oficina foram 3 pessoas. Já é bastante válido, sabe? Porque a gente tava passando um conhecimento pra eles e a gente tava adquirindo outro.

E: É, então, assim. Você participou de algum planejamento?

T: Participei.

E: Como que eles eram? Como planeja o conteúdo e a atividade?

T: Bom, inicialmente, a gente se encontrava semanalmente, uma vez por semana, se eu não me engano, né? Pra gente tentar trazer coisas legais, coisas novas, todos os sábados. É, depois inclusive teve um planejamento que todo mundo fez parte, eu acho que a gente inclusive levou uma das participantes, uma das integrantes, que foi a Roninha, pra tentar ver o quê seria legal complementar, o quê que tava faltando.

E: E você modif, modificaria alguma coisa nesses planejamentos?

T: Não, eu não acho que o planejamento ele teja, esteja faltante, que esteja faltando alguma coisa assim. Acho que o planejamento ele tá indo de acordo com os participantes. Que não adianta a gente fazer um planejamento anual de tudo, sendo que infelizmente a gente não tem a certeza de que todos os participantes vão tá lá aos sábados, eles vão tá num nível que eles vão se prontificar a fazer os exercícios que a gente passa semanalmente. Esse é um dos maiores obstáculos que a gente tinha, porque planejar, a gente pode ter um cronograma, sim, de ações que a gente pode tá passando pra eles. Mas, o fato da gente não saber o quê ia acontecer sábado, quem ia participar, que o participante da semana anterior ia tá lá pra dar continuidade ao que a gente tinha começado. Então, a gente tinha que repetir uma coisa que a gente já tinha dado no sábado, porque outras pessoas vinham pra, pra oficina, e as que tinham vindo, tinham faltado. Então, assim, o, o planejamento mesmo da oficina se, é, é, o conteúdo não deve ser modificado, o quê eu acho que deve ser pensado é o, o, e isso em conjunto com os participantes também, essa, assim, o gás deles, o compromisso de realmente querer participar.

E: É, quais eram os objetivos da oficina de rádio?

T: Então, os objetivos eram múltiplos, cada um tinha vários objetivos ali, né? O objetivo maior era fazer com que eles, era uma inclusão mesmo do, é, do, da idéia do meio rádio para os participantes, assim. É, mostrar pra eles como é que, como é que funcionava tudo o processo, é, do rádio. Desde a criação da pauta até o próprio programa feito. E muito mais que isso, a troca mesmo de informações, a troca de conhecimentos, de emoção, de experiência mesmo, assim. Todos estavam ali pra aprender.

E: Mas, você acha que os objetivos mudaram em algum ponto?

T: Bom, eu sei, eu sei da oficina há uma 5 meses, 6 meses. Até onde eu tava lá, infelizmente, os objetivos tavam se esvaindo, mas acho que não por parte de nós estudantes que estávamos lá no início como você. Mas, por uma dificuldade dos próprios participantes de entenderem qual é o nosso objetivo nisso tudo. Infelizmente para algum deles, a maioria deles, assim, se não tinha o conteúdo certo do quê é rádio, como rádio funciona, a gente ter toda a prática mesmo, em mãos, eles não se interessavam por essa outra parte até, filantrópica, do, do, da oficina, sabe?

E: Qual é a parte filantrópica?

T: É justamente isso, manter na aula, a socialização deles mesmo, a inclusão social no nosso meio e que, pra ajuda-los a se integrarem mesmo, sabe?

E: Se integrarem entre eles, se integrarem com a gente, se integrarem com a universidade? O quê?

T: Sim, exatamente. Com a universidade, entre eles, com a gente, os estudantes com os outros. Assim, eu acho que é tudo assim, é uma série de fatores, assim. O contato com a universidade é uma coisa muito bacana porque eles poderiam ter a visão de um dia poderem tá aqui dentro como estudantes também. Então, de tá passando esse tipo de informação e tá mostrando pra eles que existe essa possibilidade se eles seguirem o caminho, tudo mais, e assim.

E: E pra gente se integrar com eles, tem o interesse?

T: Como assim?

E: Se a gente integrar com eles é importante pra gente?

T: Eu acho que sim, esse é um objetivo importante. Bom, a gente se integrar com eles, assim, eu acho que a gente tá expandindo o nosso conhecimento na área de comunicação, e também na área de, de, da socialização mesmo, de troca.

E: Como é que foi a expansão desse conhecimento na área de comunicação?

T: A partir do momento que a gente já tá expandindo o nosso conhecimento, por exemplo, de rádio para os meninos, já é uma forma, e a própria forma de se comunicar e interagir, né? Isso é a comunicação propriamente dita, assim, tipo, é literal, é troca mesmo.

E: E o quê a oficina de rádio fazia?

T: O quê que ela fazia? Bom, aos sábados a gente se encontrava pelas manhãs com o pessoal do Varjão. E aí a gente tinha um conteúdo, uma pauta que a gente tinha ao sábado, pra tá, pra tá passando pros meninos, pra gente ensinar como que se cria uma pauta, o que era uma pauta, a gente chegou a conversar sobre comunicação visual também, a gente, é, mais pro final até a própria prática, do Leyberson ensinar

até como se mexia na mesa de som e tudo mais. O quê a gente conseguiu uma experiência ótima pros meninos que foi um programa que eles faziam na arte Shekná. A rádio Shekná é na verdade uma rádio que inicialmente era pra ser educativa e acabou sendo evangélica, religiosa. Mas, pelo fato dela fazer até parte do, ela se encontrava no Lago Norte, mas ao lado do Varjão, né? E aí, eu não lembro, acho que foi o Dida que veio, que comunicou que a rádio já tava em funcionamento, que os, os diretores tinham interesse em fazer esse tipo de conexão com o Varjão, principalmente por saber desse interesse do Varjão em ter uma rádio comunitária também.

E: Mas, alguma coisa que a oficina de rádio fazia?

T: Era divertido.

E: E quais que eram, quais eram as influências da oficina de rádio em você, quanto nos participantes do Varjão?

T: Influência. Bom, neles eu acho que, que continuou aflorando a vontade deles terem rádio comunitária, estendendo um pouquinho mais deles se aprimorarem nessa área da comunicação. Pra alguns, né? Outros não se interessaram tanto assim. É, e, outros ainda, eles gostavam mais até da troca de, da, acho que mais até por causa da própria carência deles. Eles acabavam se envolvendo com a gente, não pelo interesse direto pela rádio, mas por tá fazendo alguma coisa, pelo contato com uma coisa nova e diferente, assim. Pra mim foi gratificante, é, aprendi também muita coisa de rádio. A experiência que eu tinha com rádio até então era com a Ralacoco (risos). Então, foi bastante legal e tal ver todos esses bastidores, assim, de rádio. E é claro, uma coisa que eu to sempre falando, a troca com o pessoal de lá, tudo o quê eu aprendi da luta deles, do quê eles pensam, o quê eles não almejam. É legal.

E: Você participou da Ralacoco?

T: Ai, no meu primeiro semestre.

E: Você fazia programa lá?

E: É, tem mais alguma coisa que você gostaria de falar de como era a oficina de rádio? O quê você teria feito de diferente?

T: Ah, eu acho que o quê eu teria feito de diferente não sou eu, é um grupo, sabe? Acho que, que o tempo inteiro a gente tava tentando fazer o melhor, acho que a gente podia se dedicar mais assim, todos podem. Mas, é inviável, a impossibilidade pelo tempo, por não ser uma atividade prioritária, assim de primeira prioridade, é, no nosso dia a dia, sabe? Eu acho que, por exemplo, se a gente fosse pra lá toda a semana, pelo menos, três vezes por semana, ao invés, de ser só aos sábados, ia ajudar muito mais na integração, os meninos iam acreditar mais, ia ser uma coisa muito mais certa pra eles. E a própria inviabilidade, porque era inviável mesmo é a gente realmente não ter os aparatos mesmos tecnológicos, tipo, os equipamentos mesmo, a gente ter uma rádio, uma rádio comunitária pra eles, assim. Então, eu acho que a luta tá a partir daí, assim. De ter essa rádio comunitária e continuar do lado deles, que dizer, não é só conseguir essa concessão da rádio, concessão da rádio e pronto, agora deixa eles. Porque eu não acho que eles estejam ainda preparados, acho eles têm que saber todo o conceito de que, porque a rádio comunitária. É rádio, é um poder assim, que se tem em mãos. Eu acho que eles têm que saber o porquê disso, porque senão, infelizmente, como acontece desde os primórdios, assim, um meio de comunicação pode se inverter completamente, e virar contra, contra a própria massa, contra o próprio público. Então, esse veículo é pra eles, assim, e, e, não, não deles. É, aí mexe com toda a manipulação, com toda a história de terceiro poder.

E: E por que você acha que eles não estão preparados?

T: Porque o quê, pela experiência que eu vi, alguns grupos queriam sempre, é, colocar só o interesse deles. Por exemplo, quando a gente fez a rádio Shekná, os programas da rádio Shekná, eram poucos que realmente queriam difundir, é, todas as informações, é, é, que não fossem atreladas aos seus próprios interesses, sabe? Então, por exemplo, a gente tinha o grupo que era focado, engajado no rap, e a gente teve um outro grupo de meninas que gostavam de baladas de músicas mais tranquilas, mais românticas. Quer dizer, a gente via que eles não conseguiam se, é, se socializar mesmo, se integrarem dessa forma, que um queria só tocar o rap, e os outros, as outras, “Tudo bem a gente toca o rap, mas vamos tocar isso também”. É o quê eu acho que é, é pra toda a comunidade, né? Por isso que eu acho que, pelo menos, os meninos que tavam fazendo eles tinham que sim desenvolver esse tipo de consciência. É, a, a consciência de que é pra todos, e não segundo seus próprios interesses, segundo o quê eles gostam, não que ache que seja malicioso, que eles já tenham essa idéia de, ó, manipulação de massa, ou de, ou de detenção do poder assim, não. Mas, eles não têm a consciência da coletividade

E: É, quais os pontos forte e desafios você acha dentro da oficina?

T: Os pontos fortes... A Juliana (risos). Não, mas é sério, eu acho que é, tipo, uma das pessoas que dá a continuidade a todo o trabalho, que, que ainda assim acredita. Que acredita e continua com isso, assim.

E: Outro ponto forte?

T: Os objetivos, os objetivos são bastante legais, são bastante fortes.

E: E desafios?

T: Acho que inicialmente é a concessão da rádio. É lutar por essa rádio comunitária tão esperada, importante pra eles. E o segundo desafio é dar continuidade mesmo depois que essa rádio tenha iniciado.

E: Por que que você deixou de participar da oficina?

T: Ah! Primeiro foi porque, assim, problemas mesmos. Não problemas, não eram problemas, mas compromissos que eu comecei a assumir com a minha família, e tal, assim, eu acho que é uma questão de prioridade. E a minha família vem em primeiro lugar, eu tive que, eu não podia mais porque os compromissos eram às 10h da manhã de sábado, ou às 11h, às vezes sim, às vezes não. Então, eu não acho que seria efetivo eu aparecer uma vez por mês no Varjão, assim. Se nos outros três eu faltasse e eu não tava dentro, integrada, assim, completamente, né?

E: Que fatores dificultam ou auxiliam o desenvolvimento de uma atividade de extensão?

T: Bom, eu acho que, inicialmente, o que auxilia é a vontade do grupo, é, um grupo, eu acho que tem muita força.

E: Cê tá falando um grupo lá ou um grupo aqui?

T: Inicialmente eu to falando do grupo aqui, na universidade. E depois com certeza é um grupo lá. Se não tem um grupo fixo lá, e nem um grupo, que tem objetivos fixos, que vai até o final, sabe? Vai se esvaindo toda a idéia do rádio, da oficina, todo o objetivo dessa atividade. Tem que ser um, ambos os grupos, se me perguntar, tem que ser assim bem engajados, sabe? Em prol de um objetivo comum, e que os dois tenham a consciência de que, qual é esse objetivo e discutam, debatam, mesmo que, que esses objetivos vão mudando com o tempo, assim. Sempre um em contato com o outro então.

E: E o quê dificulta?

T: Bom, o quê que dificulta, inicialmente, querendo ou não, é o, é a nossa, é a diferença social, de, de, do histórico mesmo. A gente já tem um outro tipo de pensamento, porque a gente já foi condicionado a pensar de outra forma, porque a gente já tem um histórico, a gente tem um histórico acadêmico, a gente tem um histórico, que vai pra escola, escolar. É aquele compromisso. E eles têm um outro tipo de, de, de, não só de pensamento, é cultural também, sabe? É cultural, é social, assim. Então, enquanto eles pensam de uma forma, a gente pensa de outra e é tentar atrelar isso pra gente conseguir chega a um equilíbrio, sabe? E, o que eu percebi também é que eles querem muita prática, eles querem colocar a mão na massa, eu acho que a gente podia inserir, tentar, né? E isso era um dos pontos maiores, assim. A gente tentava colocar a teoria, eles queriam só a prática, sabe? Se interessavam mais pela prática, enquanto a gente tentava mostrar a importância da teoria, e os dois caminham juntos. E o quê dificulta é que infelizmente a gente não tem uma rádio lá, sabe? E o pensamento deles de que essa prática é a mais relevante, e a gente como, como, principalmente, estudantes da UnB, a gente dava muita importância também pra teoria, não só pra prática.”

Professores de Comunicação Comunitária:

Professor Fernando Paulino

Histórico da oficina

- Como surgiu a oficina de rádio?

(Para mim, a questão inicial é como "surgiram as oficinas de comunicação comunitária?") Surgiu em consequência a criação da Ralacoco como uma experiência de extensão as atividades de Comunicação Comunitária que está diretamente relacionada a demanda histórica por criação de uma rádio universitária e por atividades de Educação para e pela Mídia.

- Quais foram os primeiros participantes?

Para que disciplina de Comunicação Comunitária fosse criada, o então diretor da FAC prof. Murilo César Ramos solicitou a necessidade de práticas de extensão que a justificassem. Como eu já havia atuado como responsável por uma oficina de com. comunitária no Varjão (em 1999), era assessor de comunicação do Programa Universidade Solidária (unisol.org.br), e como já existia o projeto de extensão "Saúde e Qualidade de Vida dos Adolescentes do Varjão", realizado em parceria com associações locais, viabilizamos parceria com a AOPA e outras ongs e "multiplicadores locais" de atividades que fossem realizados não só na comunidade como na UnB por acreditarmos nos princípios de troca de conhecimentos (Paulo Freire).

- Como foi o chamamento no Varjão? Como se desenvolveu a oficina?

Via Aopa, que à época era a entidade responsável por estimular o Fórum de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável do Varjão (Fórum DLIS, Programa Comunidade Ativa), começamos a conhecer as "lideranças locais" e propor atividades, dentre elas a participação destes representantes na oficina de comunicação comunitária que realizamos na Semana de Extensão da UnB de 2002. Coincidentemente a

Coordenação de DST/Aids da Secretaria de Saúde nos propôs uma parceria e contamos com os representantes do Varjão e de outras regiões do DF na capacitação previa a elaboração dos CDs "Proteja-se, use camisinha", "Aconteça o que acontecer, use camisinha" e "Tuberculose e Hanseníase tem cura, procure se informar". (todos com raps e spots de promoção da saúde).

A partir de 2002, creio que com a repercussão das ações da Ralacoco (boca-a-boca, imprensa etc.), algumas outras entidades como escolas e ongs passaram a procurar a mim ou a FAC para desenvolvermos atividades de comunicação e mobilização social.

Dentre estas parcerias, uma que considero de extrema importância ocorreu com a Fepecs, quando realizamos oficina aos estudantes de medicina de Comunicação, Saúde e Mobilização Social. Com o passar dos semestres, dentro do trabalho prático na disciplina Comunicação Comunitária, organizaram-se grupos que buscaram atuar a partir do interesse que os moradores tem por uma rádio comunitária, estabelecendo oficinas de produção de programas de rádio.

- Foi um processo linear ou de constantes mudanças?

Creio ser difícil falar em "linha" com relação as atividades de extensão porque tudo tem que ser feito levando em conta o tempo das comunidades onde atuamos. Creio que no caso específico do Varjão sempre procuramos nos adaptar as adversidades comuns a um trabalho de extensão como mudanças de participantes e dificuldades estruturais. Creio que a palavra-chave dever ser sempre adaptação e flexibilidade porque o resultado tem sido satisfatório em nossa ação comunitária e no impacto do trabalho na formação dos estudantes que dela participam, muitos deles atuando profissionalmente direta ou indiretamente em organizações que promovem ou estimulam a Comunicação Comunitária.

Objetivos da oficina de rádio

- Por que surgiu a oficina de rádio?

- Quais eram seus objetivos? O que motivava os habitantes do Varjão e os estudantes de Comunicação Comunitária a continuarem com a oficina?

Simplificadamente, surgiu a partir das atividades praticas dos estudantes de Comunicação Comunitária e do interesse da comunidade em fortalecer as condições para a criação de uma rádio comunitária no Varjão. Creio que os moradores e estudantes participam pela oportunidade de aprendizagem e claro, alguma capacitação profissional por parte dos moradores do Varjão e credito acadêmico por parte de alguns estudantes já que a disciplina é optativa e realizada aos sábados.

Planejamento e apoio nas atividades

- Como a oficina de rádio se inseria na disciplina Comunicação Comunitária?

Como um dos grupos de trabalho em que os estudantes têm autonomia para propor e acompanhamento na execução do trabalho, pondo em prática os conceitos desenvolvidos na parte inicial da disciplina.

- Como eram feitos os planejamentos da atividade?

Enquanto os alunos de Comunicação Comunitária 1 estão em sala de aula na fase inicial da disciplina, os estudantes de comcom2 tem como tarefa principal o planejamento e a execução das atividades práticas.

- Quais os apoios que a UnB oferecia à oficina?

Estruturalmente: Transporte para a comunidade e "amparo local" (luz e água) quando da realização de ações na Ralacoco.

Estudantes de Comunicação Comunitária

- Como era a frequência e a continuidade dos estudantes de Comunicação Comunitária na disciplina?

Em geral, creio que a participação dos estudantes tem superado minhas expectativas pois mesmo sendo uma disciplina optativa e realizada aos sábados, há uma média aproximada de trinta alunos por semestre que completam Comunicação Comunitária 1 e sete em Comunicação Comunitária 2, atuando de maneira pro ativa.

- Qual o interesse que demonstravam na disciplina?

Pela avaliação que fiz ao longo dos nove semestres em que fui um dos responsáveis pela matéria, quase a totalidade dos alunos que participavam da disciplina enfatizavam a oportunidade de conhecer uma realidade de Brasília que não tinham acesso e a possibilidade de realizar atividades práticas em contato real com uma comunidade.

De alguma maneira, creio que isto afere um alto grau de satisfação e aprendizagem. Até porque muitos manifestavam interesse em participar de Comunicação Comunitária 2 no semestre seguinte. Vale destacar

que Comunicação Comunitária 2 surgiu por sugestão estudantil e se constitui como um aperfeiçoamento importante para o trabalho.

- Como eram selecionados para os grupos de trabalho de campo? O que os motivava para o trabalho e para se matricular na disciplina?

A partida das identificações de necessidades apontadas pelos moradores do Varjão e identificadas pela equipe universitária, organizamos os grupos de trabalho e com isso dividíamos a turma. Creio que a motivação está relacionada a uma oportunidade de fazer um trabalho de pesquisa, ensino e extensão de maneira reconhecida em créditos acadêmicos e aperfeiçoamento pessoal.

Influência da oficina de rádio

- Que diferenças eram notadas com a oficina de rádio?

- Que tipo de influência e impacto você percebe da oficina nos participantes do Varjão?

Creio que tanto os estudantes, como os moradores ao longo da realização das oficinas foram aperfeiçoando a sua comunicação, desinibindo-se no contato com o microfone e com a repercussão do trabalho, já que parte dos programas realizados e os spots produzidos alcançaram veiculação radiofônica. É difícil fazer uma avaliação plena de impacto no Varjão, mas o fato de alguns participantes como João Costa, ter sido convidado para uma experiência como locutor em rádio e os integrantes de grupos de rap continuarem acreditando e lutando pela possibilidade de êxito artístico, ao meu ver, são sinais de que se pode falar em capacidade de transformação.

- Ela tinha alguma influência nos estudantes de Comunicação Comunitária? Qual?

Creio que os estudantes que tem a oportunidade de atuar na oficina, conquistam uma experiência muito importante para a sua atuação profissional, principalmente no que se refere as iniciativas de comunicação e promoção do desenvolvimento sustentável. Creio que as oficinas de com. Comunitária como um todo, ao longo destes quatro anos, também tem contribuído para por em prática a responsabilidade social da Faculdade de Comunicação e da UnB com as comunidades que estão em nosso entorno.

- A oficina gerou algo diferente ou alguma modificação desde seu início? Qual foi essa diferença e modificação?

Creio que todas as oficinas realizadas no âmbito da disciplina de Comunicação Comunitária, seja via Ralacoco, seja via oficina de rádio, devem estar em permanente adaptação ao público que participa da iniciativa e as condições estruturais que existem. Assim, creio que houve especificamente um momento de grande "excitação" quando da veiculação dos programas na Shekná FM, que teve que ser reordenada com as experiências on line.

Enfim, para mim, o principal será sempre buscar viabilizar a continuidade do trabalho, avaliando-o permanentemente e buscando modificar o que for preciso para superar as dificuldades que surgirem, pois afinal de contas devemos nos lembrar que como já apontava o poeta "cada nova tentativa, um fracasso diferente".

Professora Elizena Rossy

Histórico da oficina : Não tenho como falar do histórico, pois só tive contato com a disciplina há dois anos

- Como surgiu a oficina de rádio?

- Quais foram os primeiros participantes?

- Como foi o chamamento no Varjão?

- Como se desenvolveu a oficina?

- Foi um processo linear ou de constantes mudanças?

Objetivos da oficina de rádio (vou emitir uma opinião pessoal, pois, como falei anteriormente, só tive contato com a disciplina, recentemente)

- Por que surgiu a oficina de rádio?

Acredito, que em função da linha adotada pela disciplina, ou seja, da necessidade de uma integração mais efetiva entre a Academia e a comunidade.

- Quais eram seus objetivos?

Acredito, que a oficina de rádio representava o elo necessário para que a disciplina “Comunicação Comunitária” tivesse penetração junto à comunidade do Varjão, além disso, a ferramenta “rádio”, por si só, exerce um grande apelo, principalmente entre jovens, além do que, representa uma grande ferramenta de democratização da informação, principalmente, se levarmos em conta o perfil sócio-econômico da comunidade atendida.

- O que motivava os habitantes do Varjão e os estudantes de Comunicação Comunitária a continuarem com a oficina?

Acho que ambos eram movidos por expectativas distintas. Se por um lado, os estudantes eram motivados por uma disciplina totalmente inovadora que os levava para fora do campus e, não apenas para fora do campus, mas, para uma realidade totalmente desconhecida para a maioria, por outro lado, os jovens do Varjão, que participavam da oficina, tinham ali a oportunidade de se integrarem a uma comunidade acadêmica, tinham a oportunidade de se engajarem em um projeto que poderia vir a lhes apresentar uma nova perspectiva de vida. Há também a questão econômica, alguns jovens recebiam, por intermédio da AOPA, uma Ong que atuava na comunidade, bolsas, referentes à participação em projetos.

Planejamento e apoio nas atividades

- Como a oficina de rádio se inseria na disciplina Comunicação Comunitária?

A meu ver, a oficina de rádio era o carro-chefe das atividades que eram desenvolvidas em campo. Principalmente, pelo caráter de difusão e atratividade do veículo “rádio”

- Como eram feitos os planejamentos da atividade?

Havia um grupo de monitores responsáveis pela operacionalização da oficina.

- Quais os apoios que a UnB oferecia à oficina?

Transporte dos alunos da disciplina, ao Varjão / Utilização dos equipamentos da rádio comunitária da universidade.

Estudantes de Comunicação Comunitária

- Como era a frequência e a continuidade dos estudantes de Comunicação Comunitária na disciplina?

Se levarmos em consideração o dia e o horário da disciplina – sábado pela manhã – era surpreendentemente alta.

- Qual o interesse que demonstravam na disciplina??

Talvez, pela própria dinâmica que o professor Paulino imprimia à disciplina, os alunos, em sua maioria mostravam-se bastante motivados. Porém, percebia-se claramente, talvez em função das restrições em relação à infra-estrutura disponível, que, após um certo período de expectativas de ambas as partes (alunos e jovens da comunidade), restava uma certa frustração, principalmente em função dos resultados esperados.

- Como eram selecionados para os grupos de trabalho de campo? O que os motivava para o trabalho e para se matricular na disciplina?

A seleção ocorria de acordo com a aptidão ou a disponibilidade dos alunos para colaborar com o leque de tarefas disponíveis. A motivação, acredito que se dava em função da especificidade do trabalho que era desenvolvido, ou seja, um trabalho de campo com uma perspectiva de integração e auto-conhecimento e, o mais importante: a certeza de estar contribuindo, de alguma forma, para a formação de dezenas de jovens que não dispunham de muitas oportunidades.

Influência da oficina de rádio

- Que diferenças eram notadas com a oficina de rádio?

Maior integração entre alunos e comunidade do Varjão, além de um maior interesse da comunidade pelo trabalho desenvolvido pelos alunos da UnB, junto à comunidade.

- Que tipo de influência e impacto você percebe da oficina nos participantes do Varjão?

Acredito que essa oficina favoreceu o reconhecimento de que os alunos e professores da UnB não estavam ali para fazer assistencialismo, mas sim, para, em conjunto com a comunidade, se propor a desenvolver um trabalho que despertasse o interesse e propiciasse a integração dos jovens em torno de um projeto comum, e que de alguma maneira a própria comunidade fosse beneficiada.

- Ela tinha alguma influência nos estudantes de Comunicação Comunitária? Qual?

Acredito que essa oficina tenha sido uma ferramenta fundamental para que os alunos de comunicação comunitária percebessem a comunicação no sentido lato, expandindo sua visão de mundo e adicionando conhecimentos que com certeza lhes serão úteis, seja qual for o campo profissional ao qual se dediquem.

- A oficina gerou algo diferente ou alguma modificação desde seu iniciou? Qual foi essa diferença e modificação?

Acredito que a maior modificação foi no fato de a disciplina ter conseguido juntar um número considerável de jovens estudantes não apenas de comunicação, mas de outras áreas, em torno de um projeto comum em que todos sabiam que não seria um trabalho para ser desenvolvido em 1 ou 2 semestres e que não traria um retorno a curto prazo, mas, mesmo assim conseguiu o engajamento de um grande número de estudantes.